

FICHA TÉCNICA

Título	SAUDADES DA TERRA – Livro VI
Autor	DOUTOR GASPAR FRUTUOSO
Edição	INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
Revisão de texto e reformulação de índices	JERÓNIMO CABRAL

Catlogação Proposta

FRUTUOSO, Gaspar, 1522-1591

Saudades da terra : livro VI / Doutor Gaspar Frutuoso ; [Palavras prévias de João Bernardo de Oliveira Rodrigues ; Do livro VI das «Saudades da Terra» por João Bernardo de Oliveira Rodrigues] - Nova ed. - Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

Ass: ACORES / HISTÓRIA / HISTORIOGRAFIA ACORIANA. séc. 15 -16

PALAVRAS PRÉVIAS

João Bernado de Oliveira Rodrigues

Ponta Delgada, 23 de Março de 1963

Ao iniciar-se finalmente a edição há tanto desejada das «Saudades da Terra», com base no manuscrito original, justifica-se uma palavra de esclarecimento ao leitor e de justiça a quem a merece.

É de todos sabido o prolongado e inexplicável sequestro a que o precioso códice frutuosiano esteve submetido, por parte da família que desde 1840 o possuía, com manifesto prejuízo dos estudiosos da História e Genealogia dos Açores, para citar apenas as facetas que da enciclopédica personalidade do seu autor mais evidenciadas têm sido.

Só depois da morte da sua última possuidora em linha hereditária, é que foi possível ao Sr. Marquês da Praia e Monforte, actual representante daquela família, adquirir o celebrado manuscrito e oferecê-lo à Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, que, por sua vez, o depositou na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital desta cidade.

Com tamanho acto de benemerência e rara elegância intelectual, o Sr. Marquês da Praia e Monforte tornou-se credor do reconhecimento de todos os açorianos e, mui particularmente, dos micaelenses, que têm no Doutor Gaspar Frutuoso um dos seus mais notáveis conterrâneos e um dos homens que mais lustre deram à ilha de S. Miguel.

Sem de qualquer forma pretender ofuscar, a Grandeza desta dádiva, pela qual aquele titular restituiu à terra dos seus antepassados o valiosíssimo manuscrito, indiscutivelmente o mais importante de toda a bibliografia dos Açores, seja-me lícito destacar igualmente os nomes do Sr. Dr. Humberto de Bettencourt e do falecido Dr. José Bruno Carreiro, então, respectivamente, presidente e vogal da Direcção do Instituto Cultural de Ponta Delgada, que, conhecedores do espírito desempoeirado e esclarecido do Sr. Marquês da Praia e Monforte, com ele estabeleceram os primeiros contactos para que se convertesse em realidade o que, de há muito, era uma aspiração do escol dos intelectuais açorianos.

Parece-me escusado acentuar a importância dos passos que, então, se deram para atingir tão almejado objectivo, de tal forma é relevante para a cultura portuguesa a existência numa biblioteca pública de um monumento literário do valor das «Saudades da Terra». Assim o entendeu o Instituto Cultural de Ponta Delgada, que em sessão solene no palácio do Governo Civil a 3 de Agosto de 1950, sob a presidência do Governador do Distrito, que era, então, o falecido Dr. Agnelo Casimiro, quis dar todo o relevo ao acto da entrega do famoso manuscrito à Junta Geral, convertendo-o ao mesmo tempo em justa homenagem ao seu generoso doador. Nos discursos que ali foram pronunciados, não só se exaltou o gesto altruista do Sr. Marquês da Praia e Monforte, como se pôs em evidência a sua coragem em romper com uma tradição de família, que, embora secular e digna de respeito, não se compadecia com o pensar do nosso tempo, que acima das considerações de ordem individual e familiar coloca os interesses da cultura nacional. Aliás, a própria legislação reconhece que preciosidades artísticas e bibliográficas devem constituir património do Estado e de modo algum podem ser sonegadas aos benefícios que delas resultam para a colectividade.

Uma vez depositado o inestimável códice na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, impunha-se a sua imediata impressão tipográfica, mas a iniciativa só foi tomada em 1957, isto é, quando o Dr. Martim Machado de Faria e Maia, primeiro, e a seguir o Dr. António Augusto Riley da Motta sugeriram na imprensa micaelense a urgência da edição integral da obra, indicando o segundo destes publicistas o nome de quem escreve estas linhas para a árdua tarefa de a orientar e dirigir.

Em hora feliz — só o não foi na escolha desse nome — o apelo daqueles nossos conterrâneos foi ouvido pelas estâncias oficiais, que, movimentando-se num admirável conjunto de boas vontades, tomaram as necessárias providências para que a empresa pudesse ser levada a cabo. Desde a Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, da presidência do Sr. Eng.º Pedro de Chaves Cymbron Borges de Sousa, que abraçou entusiasticamente a ideia e dela se tornou o seu mais activo e dinâmico propulsor — a sua política do espírito na gerência daquele corpo administrativo foi em todos os aspectos verdadeiramente notável — até ao Governador Civil, Dr. Carlos José Botelho de Paiva, e ao Ministro da Educação Nacional, Prof. Francisco de Paula Leite Pinto, que no cimo da escala hierárquica superiormente autorizou uma equiparação a bolseiro do Instituto de Alta Cultura, com dispensa do serviço docente por espaço de um ano, a quem subscreve estas «Palavras Prévias», todos foram unânimes em reconhecer o interesse da publicação, determinando-se em última análise que dela se encarregaria o Instituto Cultural de Ponta Delgada, com o apoio financeiro da Junta Geral do Distrito.

Fica, pois, sendo esta edição mais um testemunho da eficiência do regime de autonomia administrativa por que se regulam as Ilhas Adjacentes e das enormes vantagens que dele advém para os distritos insulanos, pois que sem o auxílio do nosso primeiro corpo administrativo jamais seria possível ao Instituto Cultural de Ponta Delgada abalançar-se a esta como a outras empresas de publicidade literária, que pelo seu elevado custo só podem ser levadas a efeito com o amparo dos dinheiros públicos.

* * *

Causará certamente estranheza que, compondo-se as «Saudades da Terra» de seis livros, se dê começo à edição precisamente pelo último, não seguindo no trabalho tipográfico, como seria lógico, a ordem que o Doutor Gaspar Frutuoso lhes deu. Entendeu-se, porém, que, sem prejuízo da unidade da obra e do conveniente arrumo dos volumes, haveria vantagem em iniciar-se a publicação com os dois livros que, no rigor da palavra, podem muito bem considerar-se inéditos: o quinto, ou «História dos Dois Amigos», de que apenas se conheciam os nomes dos capítulos, pois que do respectivo texto não me consta haver-se produzido na íntegra qualquer cópia, e o sexto, que trata das ilhas dos grupos Central e Ocidental do Arquipélago, tombado, ainda que de forma incompleta, pelo falecido escritor faialense António Ferreira de Serpa nas revistas «Arquivo da Universidade de Lisboa», «O Instituto» e «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa», para o que se serviu do apógrafo, aliás bastante deficiente, que existe na Biblioteca da Ajuda, ficando por conseguinte fora do alcance da grande massa do público.

Tratando-se de um empreendimento, por sua natureza, demorado e longo e sabendo-se do interesse com que era aguardada esta parte desconhecida ou pouco divulgada da crónica, resolveu a Direcção do referido Instituto satisfazer, desde já, a curiosidade do leitor, escolhendo para início do presente trabalho o livro que se dá agora à estampa e tem a recomendá-lo o alto interesse de que se reveste, tanto mais que, quanto aos livros já publicados e exceptuando o Livro II, na edição dirigida pelo Prof. Damião Peres, se verificara não existirem no respectivo texto falhas ou erros substanciais que os afastem consideravelmente do teor do manuscrito original.

* * *

Um último esclarecimento se deve ao leitor.

Parecerá igualmente estranho que ao publicar-se uma crónica do século XVI se não respeite o texto tal como saiu das mãos do cronista, no que se prende com a ortografia e a pontuação, em obediência à rigorosa observância dos cânones que a ciência diplomática impõe. Porém, a Direcção do Instituto Cultural considerou que, tratando-se de uma obra que não interessa apenas a eruditos, porquanto em vários sectores da população destas ilhas é inequívoco o gosto que hoje despertam os assuntos históricos e designadamente os que se relacionam com os Açores — dos livros de Frutuoso já publicados, apenas um volume ainda se não esgotou —, seria de toda a vantagem fazer-se uma edição de cultura acessível e convidativa, embora estritamente respeitadora do texto no que se refere a vocabulário e a sintaxe.

Foi este um assunto que, confesso, se pôs demoradamente à minha consciência, dada a responsabilidade que uma edição desta natureza envolve para quem tem o encargo de a preparar. Compreende-se que, atendendo apenas às exigências dos estudiosos, não só seria curial, mas até bastante cómodo, reproduzir fielmente o texto em todas as suas variantes ortográficas, sem as preocupações de ordem interpretativa que resultam da forma antiquada de pontuar, em si mesma imperfeita e defeituosa, sobretudo se a letra é de algum dos vários copistas que intervieram na compilação do manuscrito, como, aliás, se verifica neste livro (crie saí agora do prelo. Dessa circunstância — a das diversas caligrafias que figuram no códice e não se identificam como sendo do autor — decorre a impossibilidade de se estabelecer com exactidão em muitas das suas páginas o texto primitivo, isto é, aquele que saiu do punho de Frutuoso. Isto me convenceu de que, encarando o problema à luz da maior ou menor autenticidade do que está escrito, se não justificava uma edição rigorosamente diplomática, que, no fim de contas, não interessaria a ninguém, por ignorarmos se, de facto, representava ou não textualmente o pensamento do escritor.

E, assim, de acordo com o desejo formulado pela Direcção do Instituto, elaborou-se a presente edição, aliás, extremamente facilitada pela magnífica legibilidade do manuscrito, que, tanto na tinta como na letra, não oferece qualquer escolha de natureza paleográfica.

Utilizando a ortografia oficial, e modificando a pontuação sempre que disso não resultasse deturpamento da ideia — nos casos duvidosos ela foi escrupulosamente seguida — adoptou-se o critério de reproduzir os vocábulos nas formas e variantes com que são enunciados, jamais substituindo por linguagem moderna ou actualizada os que pelo seu sabor arcaico nos podem transportar para a época, emprestando ao ambiente aquela cor do tempo imprescindível para uma boa inteligência do facto histórico.

Nesta tarefa, não isenta de dificuldades, que nem sempre a minha inexperiência soube contornar, diligenciei proceder com aquele escrúpulo e rigor que nunca são demais em historiografia e devem ser timbre de quem se propõe pôr em letra de forma os escritos de outrem.

Desde a cópia integral que directamente se extraiu do códice e em que foram minuciosamente anotados todos os aditamentos e emendas da pena do autor — tarefa indispensável para a reposição do texto que ele definitivamente adoptou — até às suas frequentes conferências com o original e com as versões dos capítulos publicados por António Ferreira de Serpa e dos existentes no apógrafo do Morgado João d'Arruda, passando pelas consultas que tive a oportunidade de fazer nas bibliotecas da Ajuda e da Casa Cadaval, houve o máximo cuidado de reproduzir com toda a fidelidade o manuscrito, num trabalho exaustivo, em que a colaboração do Sr. Nuno Álvares Pereira foi a de um precioso auxiliar, que muito prezamos aqui referir como de grande valia. Ao mesmo senhor ficou-se devendo a confecção

dos índices onomástico e toponímico, encargo de que se desempenhou com a competência do seu interesse pelos assuntos históricos, de que é devotado investigador.

Não quero terminar estas «Palavras Prévias» sem dirigir ao Sr. Alfredo Machado Gonçalves, director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, o meu agradecimento pelas facilidades que amavelmente me tem concedido durante o longo período em que quase todos os dias venho frequentando a instituição que zelosamente dirige, e ainda pelas valiosas diligências com que, na sua qualidade de funcionário superior da Inspeção das Bibliotecas e Arquivos, me auxiliou ao pretender solucionar problemas que se prendiam com a identificação do códice.

Igual reconhecimento me merece todo o pessoal daquela prestante repartição do nosso distrito, cuja amabilidade no serviço muito contribui para o bom ambiente de trabalho que sempre ali tenho encontrado.

Resta-me, finalmente, agradecer a todas as entidades que me honraram com a sua confiança, associando o meu nome a empreendimento de tamanha magnitude, como é este de publicar uma obra do valor e da categoria das «Saudades da Terra». Dele procurei desempenhar-me com honestidade, é certo, mas também com a consciência de que me não faltavam a boa vontade e a dedicação necessárias para que resultasse trabalho, tanto quanto possível, isento de imperfeições e digno dos organismos culturais que o patrocinaram.

Tranquiliza-me, porém, a ideia de que, com as deficiências que certamente contém, muitas inevitáveis, por inerentes, afinal, a tudo quanto sai da mão do homem, esta edição, de qualquer maneira, não deixará de constituir um serviço que presto aos meus conterrâneos e à cultura literária do meu País.

Ponta Delgada, 23 de Março de 1963

João Bernardo de Oliveira Rodrigues

DO LIVRO VI DAS «SAUDADES DA TERRA»

O Livro VI das «Saudades da Terra» ocupa a parte final do códice frutuosiense, que é um grosso volume in-fólio, presentemente de 583 folhas ⁽¹⁾, numeradas no recto e reunidas em cadernos de marcas e tamanhos diversos, mas medindo no seu conjunto O,m35xO,m23.

Quando o Dr. Ernesto do Canto o examinou e depois o descreveu na Biblioteca Açoriana, o autógrafa estava protegido por uma capa de couro bastante forte, que não conhecemos, pois que, ao manuseá-lo, já os livros que o compõem se encontravam separados e cada um dentro da sua pasta, embora pela numeração das folhas, toda do mesmo punho e em algumas páginas avivada, se reconhecesse que faziam parte de um único volume. Essa mesma numeração, que apresenta certas irregularidades e não há razões para supor seja posterior a Frutuoso — antes acreditamos ser da sua própria mão — indica que os livros se dispõem tal como ele destinou e estabeleceu, isto é, o códice abre com o Livro I e fecha com o Livro VI, ordenando-se os restantes pela sequência dos seus números ⁽²⁾.

Fica, pois, sem efeito a suposição formulada por João de Simas de que o Livro V, que contém a «História dos Dois Amigos», estivesse primitivamente no fim de todo o volume ⁽³⁾, a qual, aliás, não se acordaria com os dizeres do cronista ao encerrar aquele livro, quando põe na boca da Verdade, dirigindo-se à Fama, que a narrativa que vai seguir-se versará sobre as «Ilhas de Baixo». É de notar que o final do apógrafo da Biblioteca da Ajuda, em que se fundamentou aquele bibliófilo para uma tal suposição, tem todo o aspecto de ter sido forjado com o propósito de dar por findo um trabalho histórico, para o qual não havia interesse em transcrever o ingénuo e singelo romance de cavalaria com que a fantasia de Frutuoso, a modo de devaneio, quis amenizar a gravidade das matérias de que a sua obra se ocupa. Daí o copista julgar-se dispensado de copiar a História dos Dois Amigos, escusando-se com o enfadamento que uma tal narrativa, feita pela Verdade, poderia causar à Fama.

O papel utilizado neste livro, que agora se publica e se compõe de 105 folhas escritas dum lado e doutro, com começo na página 486 do manuscrito, é não só de marca diferente, mas mais encorpado do que aquele que Frutuoso empregou para a composição da maior parte da sua obra. Aliás, esta é um conjunto bastante heterogéneo de caligrafias e cadernos, com variados tipos de letra e papel de diversas marcas e espessuras, se bem que a escrita de Frutuoso apareça em todos os livros e chegue a preencher totalmente o Livro I e o Livro V.

No estudo das filigranas e restantes marcas de água a que procedemos, e para o qual foram muito úteis as informações gentilmente prestadas pela Inspeção das Bibliotecas e Arquivos, através da consulta que a nosso pedido lhe formulou o actual Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, ficamos com a suspeita de que o papel usado na confecção deste livro seria possivelmente de proveniência francesa, dos meados do século XVI, pois que a filigrana, que apresenta, consta de um escudo corado, tendo no campo um coração, o qual, segundo Briquet, é uma marca característica da França, muito usada pelos seus fabricantes ⁽⁴⁾.

Todo o livro está escrito por mão que não é a de Frutuoso, a mesma, sem dúvida alguma, que no Livro II escreveu os capítulos referentes a Tristão Vaz da Veiga e o que, com a numeração de XXX, se intitula «Dos filhos e filhas que teve o primeiro Capitão do Funchal, João Gonçalves Zarco», a qual talvez se possa atribuir ao Padre Simão Tavares, beneficiado na Matriz da Ribeira Grande, que a partir de 1587 lavrou numerosos termos do respectivo registo paroquial. Não só a letra empregada naqueles capítulos se assemelha extraordinariamente à do Livro VI, mas também a ortografia, que em muitos pontos difere da do cronista.

De resto, como se disse, não são estas as únicas ocasiões em que no códice aparecem caligrafias diferentes da do autor, por vezes em cadernos de formato também desigual, que nele foram introduzidos com o Manifesto Propósito de substituir outros, que convinha passar a limpo, o que provavelmente, o cronista à não pôde fazer com a sua própria mão. E seríamos levados a admitir a tentativa de fraude ou intencional atentado à autenticidade do texto, se a provar o contrário lá não estivessem as numerosas colecções e aditamentos com que Frutuoso pelo seu punho, procurou até ao fim da vida limar esta obra, numa constante preocupação de aperfeiçoamento, quer corrigindo-a na forma, quer rectificando ou actualizando a informação.

Mas, ao passo que a autoria dos capítulos respeitantes a Tristão Vaz da Veiga de modo algum pode ser atribuída a Frutuoso, tão diferentes se nos afiguram a linguagem e o estilo com que estão redigidos — bastaria para de tal nos convencermos a maneira forçada como foram introduzidos na crónica — o Livro VI é, indiscutivelmente, produto do labor e da redacção do nosso cronista, aparte um ou outro capítulo referente à conquista das ilhas pelo Marquês de Santa Cruz, em que a fonte testemunhal, que o informou, deve ter sido transcrita quase na íntegra. Tudo indica esse cunho frutuosiano, desde a forma literária, que é a dele, tão característica e pessoal que não há modo de a confundir, até às inúmeras emendas e interpolações que nas entrelinhas e nas margens, ou em qualquer outro espaço disponível, ele após com o seu elegante e bem delineado cursivo, por vezes extremamente miúdo, mas sempre revelador das notáveis qualidades de calígrafo que possuía.

Porque do exame do códice se conclui com segurança que Frutuoso, ao escrevê-lo, usou de duas variantes do mesmo tipo de letra, ambas bastante legíveis e harmoniosamente traçadas, mas de talho muito parecido: uma mais larga, de que é constituído o corpo do texto, talvez empregada quando o passou a limpo, primorosa de grossos e tinos e de uma regularidade perfeita, que, no parecer do Dr. Ernesto do Canto, em alguns passos faz lembrar letra de imprensa; a outra, de uma pequenês assombrosa, usada, como é óbvio, nas marginais e entrelinhas, mas sempre admirável de clareza e legibilidade.

O Morgado João d'Arruda não considerou que esta última variante fosse do punho de Frutuoso, porquanto nos comentários que deixou exarados na sua cópia, hoje existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, acerca das alterações que encontrava no autógrafo das «Saudades da Terra» à medida que o ia trasladando, expressamente se refere aos aditamentos em letra miúda como introduzidos por outrem. Já assim o não entendeu o Dr. Ernesto do Canto, que compulsou o manuscrito original em 1876 e dele fez cuidadoso estudo, como o afirma na sua «Biblioteca Açoriana». É dele a seguinte passagem: «Quem ler desprevenido esta cópia (refere-se à do Morgado João d'Arruda) julgará que o autógrafo do Doutor Gaspar Frutuoso está muito viciado por aditamentos, entrelinhas e adulterações feitas por mão estranha. O Sr. João d'Arruda anotou na sua cópia todas as alterações que encontrou e com muita acrimónia se exprime a respeito delas e de quem as fez. Pede, porém, a justiça se diga que muitas das entrelinhas são da própria letra do Doutor Frutuoso, que, não tendo margens suficientes para lançar as suas correcções, as escreveu em letra muito miúda nas entrelinhas. A observação cuidadosa do autógrafo, que fizemos, inclina-nos a julgá-las do próprio autor e levou-nos a este resultado a comparação da letra delas com uns apontamentos, que se acham no fim do volume original do Livro VII com o título «Apontamentos para as Saudades do Céu», escritos em letra muito miúda e semelhante à das emendas, que se encontram nos livros anteriores» ⁽⁵⁾. Diga-se de corrida que tais apontamentos, a que neste passo da «Biblioteca Açoriana» se refere o douto historiador micalense, já não se encontram no manuscrito original das «Saudades do Céu», de que apenas restam, e em letra muitíssimo apagada, doze folhas.

O erudito e já citado bibliófilo João de Simas, na sua importante «Notícia Bibliográfica das Saudades da Terra», tende para a opinião do Morgado João d'Arruda, com fundamento na «sua grande familiarização com o original, do qual leu todas as páginas, notas e acrescentamentos no extenuante trabalho de cinco anos, que tanto levou a fazer a sua cópia» ⁽⁶⁾ Invocando a meu ver infundadamente, a circunstância de no capítulo I deste Livro a Verdade declarar que falará «da Ilha Terceira no estado em que estava antes de ser tomada e saqueada», chega a aventar a hipótese de não pertencerem a Frutuoso os capítulos que tratam dos sucessos do Prior do Crato e de outros factos posteriores ⁽⁷⁾. Porém, lembremo-nos de que o falecido director da Biblioteca Pública de Ponta Delgada, ao escrever aquela «Notícia», não conhecia ainda o autógrafo das «Saudades da Terra», que só em 1950 ficou à sua guarda, isto é, muitos anos depois da Edição Centenária, onde foi publicada.

Numa série de artigos aparecidos, então, no «Correio dos Açores», com que pretendia fazer um estudo sobre o famoso códice, que infelizmente não concluiu, pois que dele resultaria, por certo, trabalho de grande relevância, dada a sua reconhecida cultura bibliográfica, não há qualquer referência ao problema das letras e aditamentos, pelo que ignoramos se veio a modificar o parecer que emitira sobre o assunto, com base nas observações do Morgado João d'Arruda. Tenho, contudo, a impressão, pelas conversações que a esse respeito travámos, de que nem chegaria a abordar o seu estudo, tamanha foi a inércia em que a doença o prostrou e o tornou incapaz, no fim da vida, para trabalhos de maior monta.

Do exame paleográfico a que procedi durante as longas horas em que manuseei o curiosíssimo manuscrito, que várias vezes percorri, ficou-me a convicção de que o Dr. Ernesto do Canto não errara ao afirmar que não passava de acrescentamentos ou emendas do próprio punho do autor, com o único fim de melhorar o seu trabalho, aquilo que o Morgado João d'Arruda considerava fraude ou intromissão estranha. A corroborar-me nesta certeza está o estudo comparativo que fiz entre o manuscrito das «Saudades da Terra» e os termos do registo paroquial da Matriz da Ribeira Grande, lavrados pela mão do seu autor. Nos Livros II, III e IV de baptizados (1563 - 1603) e no I de casamentos (1542 - 1582), que, juntamente com outros padres, Frutuoso escreveu, como vigário que foi dessa paróquia durante vinte e seis anos, figura frequentes vezes o seu inconfundível cursivo, traçado despreocupadamente e sem qualquer intenção de fazer caligrafia esmerada, em tudo extremamente semelhante ao que usou em todos os livros da sua obra para o lançamento das referidas corrigendas e aditamentos⁽⁸⁾. E diga-se de passagem que até ao fim da vida ele acusa uma firmeza de mão e uma acuidade de vista admiráveis, pois que jamais se regista qualquer tremulência na letra, e esta, sempre perfeitamente inteligível, assume, por vezes, uma tal pequenês ou miudeza de tipo, que não dispensa aos olhos mais cansados o auxílio de uma lente.

E, ainda no prosseguimento deste assunto, quero acrescentar que, com respeito às substituições, de letra indubitavelmente diversa, que atrás citei e a que o Dr. Ernesto do Canto também se refere, atribuindo-as presumivelmente aos Jesuítas, possuidores do manuscrito durante quase dois séculos, estou convencido, pelas razões que na devida oportunidade se dirão, de que foram introduzidas com a aquiescência do autor, inclusive os capítulos que outrem redigiu e versam os panegíricos de Tristão Vaz da Veiga e do Bispo do Funchal, D. Luís de Figueiredo e Lemos.

Assente, como me parece, que o Livro VI é todo da autoria de Frutuoso, independentemente da mão que o escreveu, é de presumir que ele tivesse concluído a sua redacção pelas alturas de 1589, e isto pelo que pude observar no capítulo XVIII, que trata «Dos trabalhos que padeceram os padres do Colégio da Companhia de Jesus na cidade de Angra». Nesse capítulo, em cuja epígrafe menciona o ano de 1589 e onde o corpo do texto, todo por mão estranha, vai até a essa data, há aditamentos do punho de Frutuoso, em letra extremamente miúda, a ocupar o espaço em branco que se segue ao parágrafo final, abrangendo a respectiva margem direita. Com o fim de actualizar a informação, e enumerando os padres que, depois de ter concluído o capítulo, tinham vindo de Lisboa para prestar serviço naquele Colégio, cita a data de 24 de Julho de 1590, isto é, praticamente um ano antes do seu falecimento. Daqui se conclui que até ao fim da vida o cronista se preocupou em, sempre que possível, actualizar ou corrigir a parte informativa dos seus relatos, como toda a obra revela. Está isto bem patente em todo este livro, em especial quando se refere aos principais centros Populacionais, onde, nas entrelinhas e nas margens, com a sua letra descreve a igreja respectiva, acrescenta o nome do pároco e o número de fogos e de almas de comunhão e de confissão.

Não nos repugna, portanto, aceitar que o cronista, depois de redigir o livro sobre as Ilhas de Baixo, como geralmente as designa, tivesse encarregado alguém de o passar a limpo, a mesma pessoa que havia já escrito — ou também copiado — os capítulos já citados, entre os quais os do Livro II, referentes a Tristão Vaz da Veiga, talvez por lhe ser impossível na sua avançada idade proceder a trabalho tão penoso e fatigante. E, nesta ordem de ideias, é fácil supor que, uma vez concluída a cópia, de que se tivesse encarregado o Padre Simão Tavares, beneficiado na Matriz onde paroquiava, como atrás referimos, Frutuoso reservasse para si a tarefa de actualizar a narrativa, com informações posteriormente recebidas, e ainda a de lhe introduzir as emendas e rectificações que se impunham, muitas vezes ditadas pelo empenho de melhorar a forma literária.

Outro problema — este de difícil solução, visto que apenas nos podemos limitar a conjecturas — é o das mutilações que o livro sofreu nos capítulos que tratam das ilhas Graciosa e das Flores, bem visíveis na falta, que no original se observa, das folhas 586 e 587 e de que resultou terem desaparecido a maior parte do capítulo XLIV, «Da descrição da Ilha Graciosa pelo meio da terra», de que só restam as primeiras vinte linhas no verso da folha 585, todo o capítulo XLV — que, presumimos, trataria do descobrimento da ilha das Flores — e o começo do XLVI, do qual ainda se conservam três páginas, todas respeitantes à descrição desta última ilha.

Sem me referir, por enquanto, às inúmeras mutilações que o códice sofreu e de que restam evidentes vestígios, com o propósito bem claro de introduzir novos capítulos ou de substituir outros, que convinha renovar, pois que, com este último objectivo, se encontram vários cadernos de papel e letra diferente dos usados e escritos por Frutuoso, limito-me apenas a aludir a estas que se verificam no Livro VI e são das mais graves que se contam, juntamente com uma supressão de quatro folhas que também se regista no capítulo LI do Livro IV. E isto, porque para sempre ficaram tais capítulos irremediavelmente truncados ou desaparecidos. Pergunta-se, pois: tais folhas foram retiradas do códice em vida de Frutuoso, ou já após o seu falecimento, quando, juntamente com a sua livreria, o mesmo entrou na posse do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada ?

O Padre António Cordeiro na «História Insulana», ao referir-se à falta destas folhas, inculpa o decorrer dos anos, na sua acção demolidora, dizendo: «Para consumir a tudo o tempo até aos livros consome, para que nem memória do passado haja; e assim sucedeu em algumas partes do livro do eruditíssimo Doutor Gaspar Frutuoso, em cujo Livro VI sumiu os capítulos XLV e XLVI, em que tratava do princípio das Flores e do Corvo, de que poderemos dizer muito mais»⁽⁹⁾.

Nesta citação o jesuíta terceirense dá a entender que falta todo o capítulo XLVI, quando não é assim, como já foi dito, e esqueceu-lhe mencionar o XLIV, que também está truncado e de que só existem as primeiras vinte linhas.

João de Sitnas, que escreveu a sua «Notícia Bibliográfica» sem ter tido a possibilidade de examinar o manuscrito original, atribui as alterações e vícios, que ele padeceu, aos jesuítas durante o largo período de 169 anos que esteve na sua posse⁽¹⁰⁾.

Parece-nos que um e outro não têm razão.

Quanto à hipótese do Padre António Cordeiro, afigura-se-nos sem consistência, pelo motivo seguinte: É sabido que o apógrafo existente na Biblioteca da Ajuda, que foi escrito certamente poucos anos depois da morte de Frutuoso, visto que pertenceu ao célebre jesuíta, Padre Martim Gonçalves da Câmara, valido de D. Sebastião, que morreu em 1613, já é portador das mesmas omissões, donde se conclui que não foi o tempo que as provocou. Admitindo que tal cópia fosse produzida já depois da morte do autor e aceitando a versão da referida «Notícia bibliográfica», de ter sido mandada fazer pelos jesuítas do Colégio de S. Miguel para oferta àquele destacado membro da família dos Câmaras da ilha da Madeira, não é de considerar que o manuscrito se achasse já em tal estado de deterioração, que lhe faltassem nada menos do que seis folhas.

Quanto ao parecer de João de Simas, o exame minucioso do códice, em que a todo o momento se nos deparam os aditamentos e emendas com letra de Frutuoso, mesmo nos cadernos escritos por outrem, só nos conduz à convicção de que todas as intromissões e substituições, que tanto chocaram o Morgado João d'Arruda e à primeira vista nos levam a pensar numa adulteração grosseira do texto original, foram cometidas pelo próprio autor ou, pelo menos, com o seu consentimento.

As folhas que se perderam teriam sido arrancadas por ele mesmo, com o fim de as substituir, como o fez em tantas partes da obra, e a doença e a morte, sobrevindo-lhe inesperadamente, não permitiram reparar a falha?

Não nos esqueçamos de que Frutuoso faleceu quase repentinamente, pois que no dia da morte ainda disse missa na sua igreja paroquial, como relatam Fr. Agostinho de Monte Alverne e o Padre António Cordeiro e também nos dá a perceber o respectivo termo de óbito, em que se declara não ter feito testamento «por Nosso Senhor o chamar depressa e não ter tempo»⁽¹¹⁾. O seu estado de saúde, bastante precário, de que dá notícia o Padre António Cordeiro, pode tê-lo inibido de proceder à substituição daquelas folhas desaparecidas, as quais,

separadas no manuscrito, facilmente se extraviaram por incúria dos que tiveram o encargo de dar destino aos seus papéis.

A parte final do Livro VI corresponde, como é lógico, ao fim do códice, que em certos pontos, presentemente, está de tal forma deteriorado, que não é possível reconstituir-se o texto original. Aí, com certeza, é que houve destruição causada pelo tempo e pela falta de cautela em preservar convenientemente as últimas folhas do manuscrito, que, segundo consta, foi muito manuseado por curiosos de genealogia, enquanto esteve na posse dos jesuítas. O Morgado João d'Arruda, nos comentários que introduz na sua cópia, já acusa tais estragos, pois que, referindo-se ao capítulo XLIX, que trata «Das ilhas que no Oceano Atlântico ainda estão por descobrir», diz: «E com este capítulo creio que acabava o Livro VI do Doutor Gaspar Frutuoso, do qual faltam algumas folhas» etc. Refere ainda que ele começa a páginas 592 verso, contrariamente ao índice publicado na — Biblioteca Açoriana», que o coloca na página anterior, o que, de facto, assim é.

Porém, o Padre António Cordeiro na «História Insulana», ao reproduzir este capítulo, que resumiu ou decalcou, como fez à maior parte da obra de Frutuoso, comenta nos termos seguintes: «O certo é que com esta fatal ilha de Santa Cruz acaba o Dr. Frutuoso o VI Livro da sua história e o capítulo XLIX, último dela; porque, ainda que deixou começar outro tomo que intitulou «Saudades do Céu», para o Céu se foi quando compunha o capítulo IV» ⁽¹²⁾.

Destes dizeres depreendemos ser de pequenas proporções o estrago que hoje se verifica na parte final do livro, visto que nela ainda se encontra a referência àquela ilha de Santa Cruz. Como a deterioração atingiu sobretudo a margem inferior da última folha do códice, impedindo a leitura das linhas finais, quase chegamos a acreditar que terminaria aí a narrativa das «Saudades da Terra» e que, portanto, não houvera prejuízo de maior monta.

Porém, pelo que observei no apógrafo pertencente à Biblioteca dos Duques de Cadaval em Muge ⁽¹³⁾, o qual me foi dado consultar por amável aquiescência da Senhora Marquesa do mesmo título e me permitiu reconstituir as passagens do original que mais atingidas foram pelo desgaste do tempo ou pela incúria dos homens, convenci-me de que o manuscrito de Frutuoso não ficava por ali, iria um pouco além daquela folha.

Porque, lendo o último período da dita cópia, que se encontra admiravelmente conservada e me pareceu remontar aos meados do século XVII — deve ser uma das mais completas das «Saudades da Terra», tanto que inclui os primeiros nove capítulos da «História dos Dois Amigos», caso único entre os apógrafos desta obra — obtem-se a impressão de que a frase, incompleta no seu sentido, ficou como que interrompida, embora o copista a desse por finda com um ponto final.

Isto leva-nos a crer que já na segunda metade do século XVII desaparecera do autógrafo a última folha (ou últimas folhas), porque só assim se explica que os dizeres finais daquela cópia coincidam em parte com o que ainda se pode ler nas linhas de baixo da página n.º 593, verso, que é a derradeira, hoje existente, do original.

A corroborar esta suposição, vem em nosso auxílio o Padre António Cordeiro, quando estranha que, ao dar uma daquelas ilhas perdidas como povoadas, Frutuoso não dissesse a que religião pertenciam os seus habitantes.

Ora, o que é certo é que no texto das «Saudades da Terra», tal como hoje se apresenta, não há qualquer referência a populações nas ditas ilhas, e por isso só em folha ou folhas que se perdessem poderia o Padre Cordeiro ler a passagem que motivou aquele comentário.

Não constando existir do Livro VI outras cópias, além dos apógrafos, aqui mencionados, da Casa Cadaval, do Morgado João d'Arruda e da Biblioteca da Ajuda (estes últimos não trazem o capítulo a que nos estamos referindo), ficamos na ignorância de como Frutuoso rematou a sua obra, se acaso chegou a fazê-lo.

Porque deveria seguir-se-lhe as «Saudades do Céu», que, pela diferente numeração das páginas nos seus primeiros quatro capítulos, únicos que compôs e chegaram até nós, supomos constituiria um outro volume, embora preso ao antecedente pelas referências que faz à Verdade e à Fama. Fica-se, assim, com a suspeita de que a doença ou a morte quase repentina do autor não consentiram que levasse a bom termo o monumento que architectara e do qual aquelas figuras míticas eram como que a cúpula, a servir-lhe de pretexto para as divagações literárias de natureza moral em que o seu gosto tanto se comprazia.

Dessa circunstância pode ter-se ressentido o Livro VI das «Saudades da Terra», que, como último a ser redigido e pelas numerosas correcções e acrescentamentos que contém, se apresenta com o aspecto de um texto definitivamente estabelecido em muitas das suas páginas, é certo, mas em outras ainda susceptível de ser emendado.

E para conclusão do breve exame crítico que vimos fazendo ao códice, na parte que interessa a este livro, resta-nos dizer uma palavra sobre o título que o Dr. Gaspar Frutuoso deu à sua obra, problema que tanto preocupou João de Simas, por virtude da discordância que sobre tal matéria se nota entre Fr. Agostinho de Monte Alverne, Padre António Cordeiro, Francisco Afonso de Chaves e Melo, o Morgado João d'Arruda e outros ⁽¹⁴⁾.

Parece-me poder considerar-se resolvido agora este assunto, como passo a expor.

Cada livro, no original, apresenta invariavelmente o respectivo título no alto da página que dá começo à narrativa, bem a meio, onde, após a indicação por extenso do numeral competente, vêm sempre mencionadas as palavras «das Saudades da Terra», seguidas do nome do seu autor e da súmula dos assuntos que nele se vão tratar. Aliás, assim se demonstra na página de abertura do presente volume, que transcreve na íntegra os dizeres que formam a epígrafe desta última parte da crónica. Daqui se conclui que, sendo comum a todos os livros o nome de «Saudades da Terra», não há razão para crer que o cronista intitulasse de outra maneira o conjunto por eles constituído, tanto mais que nem o Morgado João d'Arruda, nem o Dr. Ernesto do Canto, que conheceram o códice no seu revestimento de couro, acusam a existência de qualquer frontespício com designação diferente, a qual, se lá estivesse, com certeza lhes não passaria despercebida.

As expressões «História Insulana», «História das Ilhas» e «Descobrimento das Ilhas», com que os autores dos séculos XVII e XVIII se referiam à obra de Frutuoso, não passam, a meu ver, de formas vulgares e correntes de a nomear, para melhor esclarecimento da natureza dos assuntos nela versados, os quais dificilmente podem ser entrevistados através da denominação fantasiosa que lhe deu o autor.

A este respeito, julgo convincente o testemunho do Padre António Cordeiro, quando diz que Frutuoso «deixou um grande tomo chamado comumente «Descobrimento das Ilhas» e a que ele intitulou «Saudades da Terra» ⁽¹⁵⁾.

* * *

No admirável conjunto dos seis livros que constituem as «Saudades da Terra», o Livro VI é indiscutivelmente um dos que maior interesse oferecem ao leitor. Nele pode dizer-se com verdade que Frutuoso põe à prova as suas notáveis qualidades literárias, bem patentes, por exemplo, no capítulo que trata da cidade de Angra, de um colorido e pitoresco fora do vulgar, que o colocam, sem favor, ao lado dos bons escritores do seu tempo.

É inegável que ao lermos com ânimo desprevenido as «Saudades da Terra», nos deixamos facilmente impressionar pela complacência com que o cronista parece ter aceitado o usurpador, por cuja realza não aparenta a menor sombra de antipatia ou má vontade nas frequentes referências que lhe faz, chegando mesmo a considerá-la como legítima. Contudo, quem percorre o manuscrito, onde, pela sua própria letra, tantas vezes vem citado D. António, Prior do Crato, com a respeitosa qualificação de «Senhor,» ⁽¹⁶⁾, que lhe competia, aliás, como neto bastardo do rei D. Manuel, e jamais a ele se refere em termos desprimorosos antes o apresenta como figura popular e mesmo bondosa, não obtém a sensação de estar em frente de um fervoroso defensor do domínio espanhol. Pelo contrário, neste Livro VI das «Saudades da Terra» dá-nos de D. António um retrato todo feito de pinceladas de simpatia, as quais tão naturalmente lhe brotam da pena, que sem dificuldade reconhecemos serem sinceras. E com as mesmas cores nos apresenta alguns dos seus partidários, sobretudo D. Violante do Canto, a celebrada dama terceirense, que, com admirável coragem e independência de ânimo, tomou ostensivamente o partido do candidato nacional e a ele se dedicou até ao sacrifício da própria liberdade. A chegada de D. António à Terceira e a recepção que lhe fizeram os habitantes, em

que acentua o ardor com que o aclamaram as classes populares, estão descritas com a singeleza que lhe é peculiar, mas que não exclui uma mal velada vibração patriótica. E repare-se que jamais se faz eco das calúnias, com que os inimigos do pretendente mordiam na reputação dos que se diziam seus adeptos, às quais nem sequer escaparam as freiras do Mosteiro da Esperança da cidade de Angra, cuja devoção pelo rei português não conhecia limites ⁽¹⁷⁾.

No final do capítulo XX do Livro II, ao referir-se à vacatura da capitania do Machico, por virtude da morte na batalha naval de Vila Franca do infeliz Conde de Vimioso, acérrimo e dedicadíssimo partidário de D. António, Frutuoso evoca as desventuras que, então, afligiram o País nos seguintes termos: «Toda esta monarquia se converteu em pobreza e foi um sonho passado para os trabalhos que depois padeceram toda a gente desta tão nobre geração e tão próspera capitania, e se tudo sobejou aos progenitores, bem o pagaram depois os descendentes, que estão postos no extremo grau de pobreza, porque nunca foi coisa sobeja que por tempo não faltasse. Estas voltas dá o mundo em que tanto confiamos, sem jamais nos acabarmos de desenganar de seus enganos» ⁽¹⁸⁾.

Há aqui como que um amargurado desabafo em tão sibilinas palavras, nas quais podemos descortinar, através das alusões às infelicidades que caíram sobre a capitania do Machico, a «apagada e vil tristeza» em que se afundara a Nação.

Com iguais lamentações deparamos no final do capítulo L daquele livro, um dos muitos que foram escritos pelo próprio punho do autor, quando diz, referindo-se ao segundo Conde da Calheta, João Gonçalves da Câmara, que morreu antes da conquista de Portugal por Filipe II. «Oh! três e quatro e cem mil vezes bem aventurados aqueles que em tempo de tanta angústia do reino intempestivo morreram, como este capitão conde, escaparam dos revoltosos trabalhos da breve e miserável vida e como ele mesmo foram gozar na eterna dos descansos eternos», ⁽¹⁹⁾. É de notar que este capítulo é de 1582, como lá vem expressamente mencionado, e portanto muito próximo ainda dos acontecimentos a que tão amargamente o autor se quere referia..

Não há, pois, na narrativa de Frutuoso, aliás, feita com invulgar isenção, qualquer sintoma de mal contida hostilidade contra os patriotas que, com indomável bravura, fizeram da ilha da Terceira o último reduto independência nacional. Condena, é certo, as violências que se cometeram, sobretudo os desatinados movimentos do povo contra os jesuítas, mas nunca de molde a revelar-se, mesmo de forma disfarçada, partidário intransigente dos direitos de Filipe II.

Poderia aduzir-se contra esta opinião o facto de no mesmo livro, em nove capítulos, se exaltar Tristão Vaz da Veiga, o famigerado defensor da fortaleza de São Julião da Barra, que, com armas e bagagens, intempestivamente e com a maior facilidade, se passou para o campo inimigo, infeliz proeza de que foi generosamente compensado pelo usurpador com o governo militar da ilha da Madeira e a capitania do Machico. Mas, lembremo-nos de que tais capítulos não são da autoria de Frutuoso, como já acentuámos, nem fizeram parte do corpo primitivo da obra, antes foram incluídos já depois daquele livro estar escrito e ordenado, como se prova pelo papel, que é de marca diferente do usado pelo cronista, pela letra, que não é a deste, e por outros vestígios bem evidentes, como rasuras e emendas na numeração dos capítulos, substituição de cadernos arrancados, cópia de páginas visivelmente destruídas e evidente desacordo nas datas que lá vêm mencionadas, algumas delas corrigidos com o manifesto intuito de iludir o leitor. Tudo isto parece-nos bem demonstrativo de que, após a conclusão do livro, houve, embora com o consentimento do autor, o claro propósito de nele introduzir à força, e bem descabidamente, o exagerado e fastidioso panegírico de um homem, que, por sentir a consciência molestada e o prestígio gravemente atingido, considerou que, com a presumível publicação das «Saudades da Terra», lhe surgia uma boa oportunidade de se engrandecer perante os vindouros, que um dia haviam de julgar o seu procedimento.

Que, ao redigir esse Livro II, Frutuoso não sentiria admiração especial pelo traidor, prova-o a circunstância de no citado capítulo XX, sobre os capitães do Machico, que é do seu punho, nem sequer lhe citar o nome, quando em 1582 já ele sucedera ao Conde de Vimioso, atrás referido, no governo da capitania daquela ilha. É de estranhar a omissão, a não ser que se admita que o mencionado capítulo já estivesse concluído àquela data, o que, mesmo assim, não nos parece razão suficientemente justificativa, visto que não lhe escasseou o tempo para o actualizar, como o fez a tantos outros passos do seu manuscrito.

Aceitando, como temos todas as razões para crer, que a introdução de tais capítulos, e bem assim aquele que figura no mesmo livro com o número XLII e diz respeito a outro partidário do rei de Espanha, o Bispo do Funchal, D. Luís de Figueiredo e Lemos, fosse consentida por Frutuoso, presumimos que ela se fizesse a instâncias da Companhia de Jesus, a quem o cronista era sinceramente devotado, e, possivelmente, por incumbência dos jesuítas dessa cidade, de cujo colégio o novo capitão da Madeira era assíduo e estimado frequentador. Já, então, o nosso cronista estaria no fim da vida — 1591 é o ano da sua morte e 1590 a data em que foi redigido o panegírico de Tristão Vaz da Veiga —, isto é, na época em que deu, como supomos, a última demão à sua obra e em que, pelo desgaste do tempo, se havia já consideravelmente esbatido o ressentimento que talvez lhe ficara dos tristes acontecimentos a que tinha assistido. Nessa altura, ter-se-ia decerto avolumado no seu espírito a convicção de que a vitória dos espanhóis nos Açores sobre um pretendente, que, embora nacional, se conluiou com nações onde o protestantismo parecia triunfante, se prejudicaria irremediavelmente a independência de Portugal, viera servir os interesses da Igreja Católica, de que Filipe II era, ao tempo, o mais ardoroso paladino.

Note-se que depois de narrar a batalha naval de Vila Franca ele se refere expressamente à liga que D. António pretendia fazer com «a França, Inglaterra e Flandres para dar guerra a El-rei Filipe, a qual liga dizem ter concertada com a Rainha Mãe ⁽²⁰⁾ em grande segredo, para se pôr em efeito acabando de fazer esta jornada» ⁽²¹⁾.

E é de observar que este passo, onde com tanta claridade se fala da aliança do Prior do Crato com os países inimigos da católica Espanha, pertence a um capítulo que, como tantos outros respeitantes à conquista dos Açores, não está pela letra de Frutuoso, figurando, por conseguinte, naqueles cadernos que introduziu na obra e tanto podem ser produto de um trabalho de revisão feito por ele próprio, como e talvez seja esta a melhor hipótese — depoimento redigido por outrem, presente aos acontecimentos, que, pelo seu inegável valor testemunhal, achou útil aproveitar.

Seja como for, o que importa é saber que não foram do desconhecimento de Frutuoso os manejos políticos de D. António, os quais consideraria absolutamente defensáveis dentro do campo da independência nacional, mas susceptíveis de discussão quando entrevistados através do prisma da segurança do catolicismo.

* * *

E a propósito, seja-me lícito abordar aqui, ainda que ligeiramente, um assunto da História de Portugal, que me parece não ter ainda atraído a atenção dos historiadores nas suas relações com os grandes problemas internacionais daquele momento histórico, e sobre o qual este livro das «Saudades da Terra», a meu ver, vem lançar alguma luz, reflexo daquilo que através da sua leitura pressentimos ser o pensamento do autor e converte esta obra numa valiosa fonte documental para o estudo de tão conturbada época ⁽²²⁾.

Refiro-me à atitude pro-filipina, que em hora de tão grave emergência para a vida nacional assumiram muitas das mais ilustres figuras do clero português, geralmente atribuída pela historiografia do nosso tempo à acção corruptora dos agentes do soberano espanhol.

Desde Rebelo da Silva, na «História de Portugal dos Séculos XVII e XVIII», até ao Dr. Francisco Caeiro, no seu magnífico livro «O Arquiduque Alberto, vice-rei de Portugal», publicado recentemente em Lisboa, e passando por historiadores notáveis, como Lúcio de Azevedo, Queirós Vellozo, Padre Francisco Rodrigues, Padre José de Castro e J. Veríssimo Serrão, para citar os que mais se salientaram com os seus trabalhos de investigação, dando valiosíssimo contributo para o conhecimento que hoje temos das condições em que se registou o colapso de 1580, o favorável acolhimento, que, salvo raras e honrosas excepções, como a do Bispo da Guarda, a classe eclesiástica dispensou a Filipe II, é geralmente apontado como mais uma prova da decadência moral que minava os alicerces da sociedade lusiada dos fins do século XVI, sobretudo nas suas classes mais elevadas, de que a abundante documentação recolhida dá testemunhos iniludíveis. E faço esta observação, porque não consta que no

estudo das reacções dos membros do clero em momento tão crítico da nossa existência se tenha tomado em linha de conta o melindre da sua dupla qualidade de súbditos da Nação Portuguesa e de representantes da Igreja Católica Universal.

O suborno, de que tão habilmente se serviu Cristóvão de Moura para conquistar apoios e cumplicidades dentro do País, ainda estamos em crer que não atingiu homens da envergadura intelectual e moral dos padres da Companhia de Jesus e de prelados da respeitabilidade de um D. Frei Bartolomeu dos Mártires e de um D. Jerónimo Osório, para lembrar apenas dois nomes dos que, com maior relevo naquela classe, ostensivamente se colocaram ao lado do soberano espanhol. Pessoas desta categoria não se vendem e, se tão deliberadamente tomaram uma posição classificada de antipatriótica, é porque ao seu espírito de homens da Igreja acudiram motivos muito de ponderar que até certo ponto podem explicá-la. Só transportando-nos para a época e analisando os factos através das ideias que sobremaneira preocupavam os seus vultos mais representativos é que poderemos penetrar em atitudes e procedimentos que, observados isoladamente, nos parecem insólitos, contraditórios e sem justificação plausível.

É preciso não perder de vista que para a mentalidade desses homens a luta que se travou nos Açores e teve o seu desfecho na batalha naval de Vila Franca e na conquista do Arquipélago pelo Marquês de Santa Cruz não poderia ser encarada apenas sob o ângulo restrito e exclusivo do interesse português. Para a compreender em toda a extensão do seu significado, impunha-se integrá-la no plano mais vasto das conveniências espirituais do mundo católico, então, seriamente ameaçado pelos progressos cada vez mais assustadores do protestantismo, representado nas nações, onde D. António fora procurar apoio, quando, derrotado em Alcântara, se viu obrigado a sair do País. Desde o momento em que o Prior do Crato, para realizar seus patrióticos desígnios, transpôs para o plano internacional a luta que até aí conduziu sozinho no continente português, deslocando o campo de batalha para posições chaves do Atlântico, onde de há muito já colidiam os interesses europeus, era inevitável a reacção que se operou na parte mais culta e inteligente do clero, que, com a faculdade que lhe é peculiar de ver ao longe, receava já a ruína, senão a derrocada completa do catolicismo, na presumível vitória dos países favoráveis à heresia protestante.

Porque, não tenhamos dúvida, o duelo, que nos fins do século XVI punha frente a frente, dum lado, o imperialismo espanhol, com o seu vasto domínio de mares e territórios, e do outro, as nascentes ambições marítimas e coloniais da França e da Inglaterra, a primeira ainda bastante indecisa em matéria de fé e parecendo querer resvalar para o calvinismo, e a segunda já resolutamente ostentando o estandarte da defesa do protestantismo, devia, com certeza, ser olhado pela Igreja Católica como acontecimento de que não podia alhear-se pelas profundas repercussões que no seu seio um dia se fariam sentir. Aos olhos dos homens da Igreja, a Espanha simbolizava a ideia da unidade e do universalismo do espírito católico, que a heresia protestante tendia a fragmentar no seu estreito particularismo, tão oposto à estrutura moral do génio latino, de que Roma se considerava a depositária, e no lamentável cortejo de perseguições e guerras civis, cujas terríveis consequências a Europa iria sofrer muito em breve.

Que a Santa Sé, desde o começo da crise sucessória assim o entendeu, prova-o a sua atitude francamente favorável a Filipe II, já no reinado do Cardeal D. Henrique, bem manifesta na resistência que sempre opôs às pretensões do soberano português no sentido de lhe serem anulados os votos e autorizado o casamento, numa última e desesperada tentativa de assegurar a sucessão do trono, e também nas recomendações que, através do Geral da Companhia de Jesus, fez ao velho monarca para não permitir que o Padre Leão Henriques, seu confessor e um dos jesuítas mais categorizados da província portuguesa, além disso pouco simpatizante com Filipe II, se ingerisse nos negócios políticos e em outros alheios ao instituto a que pertencia⁽²³⁾.

Sabedor de como os religiosos da Companhia, pela notória e profunda estima que o Cardeal sempre lhes dedicou, estavam em condições excelentes de o influenciar na controvérsia da sucessão, o mesmo Geral, a pedido de Filipe II, que os sabia inclinados à causa de D. Catarina, Duquesa de Bragança, tempos depois expressamente lhes proíbe imiscuirem-se no problema em jogo, obrigando-os a uma posição de cautelosa reserva, que alguns não puderam observar e outros só a muito custo conseguiram manter⁽²⁴⁾. Tal atitude, por parte da Companhia de Jesus em Roma, não nos deve surpreender, porque, instituição criada para o combate às heresias de Lutero e dos seus discípulos, não se compreenderia que ficasse de braços encruzados perante a luta de predomínios que, já então, se desenhava no

horizonte entre o católico Filipe de Espanha e a protestante Isabel de Inglaterra, de cujo desenlace dependia o desenvolvimento da Contra Reforma, pela qual com tanto denodo se vinham batendo os filhos de Santo Inácio de Loiola ⁽²⁵⁾.

Para os jesuítas portugueses é que o problema se apresentava como um doloroso dilema a atormentar cruelmente a sua consciência de patriotas. Por natureza unidos ao torrão natal, que desejariam vê-lo prosseguir uno e próspero nos seus destinos de país livre, eram forçados a sufocar sentimento tão nobre e humano em obediência a imposições de ordem espiritual que decorriam da própria essência do ministério que desempenhavam. Que semelhante conflito afligisse uma grande parte do clero português e sobretudo os padres da Companhia, não nos repugna acreditar, para mais sabendo-se — e nisso são unânimes os historiadores — que os jesuítas, de começo, foram manifestamente desafectos à junção das duas coroas na pessoa de Filipe II e mesmo se propunham favorecer, como dissemos, as pretensões da Duquesa de Bragança, pois que, na sua opinião, nem a justiça, nem as boas qualidades recomendavam D. António para rei de Portugal.

Mas os mesmos historiadores aceitam que, uma vez consumada a união de Portugal com a Espanha e em vista da insignificante e quase nula resistência oferecida pelo País às tropas do Duque de Alba, os mesmos religiosos se decidiram a contemporizar com o novo regimen, o que, de facto, se verificou, aparte um ou outro gesto individual de protesto, que, partindo de algum mais exaltadamente nacionalista, deve tomar-se como excepção e não em observância de directrizes vindas de cima. E atribuem a mudança de atitude, unicamente, ao receio de possíveis represálias, considerando que seria grave imprudência impugnar de qualquer modo a posse do território nacional pelo monarca espanhol. A este propósito, o Padre Francisco Rodrigues, que foi, segundo me consta, quem com maior cópia de documentos desenvolveu este tema, reconhece que os jesuítas procederam, nesse momento, «como a sua profissão lhes prescrevia, como a prudência lhes aconselhava e como o exigia o bem da Nação», e esclarece: «esboçar qualquer oposição, ou deixar sequer entrevê-la, seria a destruição da Companhia e de suas obras de apostolado espiritual no reino e nas missões» ⁽²⁶⁾.

No entanto, parece-nos que a Companhia, ao aceitar a nova ordem no nosso País, o fez sem constrangimento de maior vulto, porquanto em 1588 o Padre Pero da Fonseca, em memorial apresentado ao rei, tomava a liberdade de lhe lembrar «quão leal e dedicada ao serviço de Sua Majestade foi e é aquela província (Portugal) no negócio da sucessão do reino» ⁽²⁷⁾. De resto, estando ainda Filipe II em Badajoz, a preparar-se para entrar em território português e com o reino já submetido ao seu ceptro, fez propositadamente viagem àquela cidade, quando ia a caminho de Roma, o provincial Sebastião de Moraes e, não muito depois, apresentou-se ao soberano o Padre Miguel de Sousa, vice-provincial, que foi recebido com evidentes sinais de benevolência e contentamento. Parece que Roma insinuara aos padres que não deixassem de saudar o rei em nome da província ⁽²⁸⁾. No regresso a Portugal o referido jesuíta, Sebastião de Moraes, mais uma vez o visitou e da parte do Geral da Companhia lhe beijou a mão, tendo-lhe o monarca significado o prazer que lhe causara o procedimento dos religiosos ⁽²⁹⁾. Disto se conclui o empenho que a Santa Sé manifestava pela submissão dos jesuítas portugueses à realeza de Filipe II, e também a facilidade com que estes lhe obedeceram, nas suas figuras mais em evidência.

Ora, o que ressalta da leitura de Frutuoso — e o seu depoimento não deve desprezar-se, por muito próximo dos acontecimentos e resultar da estreita convivência que no fim da sua vida manteve com os padres da Companhia —, é o decidido e corajoso apoio que os jesuítas da Terceira deram à causa de Filipe II, precisamente no momento em que a população da ilha, contagiada pelo entusiasmo patriótico do corregedor Ciprião de Figueiredo, exultava com a realeza de D. António. A aclamação de Filipe II nas ruas da cidade de Angra pelo fidalgo João de Bettencourt de Vasconcelos, íntimo da Companhia, que o povo atribuiu à influência dos padres, pois que do respectivo Colégio saiu a cavalo num desafio imprudente ao sentimento popular, que já desassombradamente tomara a voz por D. António; as viagens que fez a Lisboa em Março e Dezembro de 1580 o irmão Baltazar Gonçalves, por ordem do Reitor do Colégio daquela cidade, Padre Estêvão Dias, com objectivos que Frutuoso disfarça sob a designação de negócios, mas que tudo leva a crer fossem políticos, pois que, uma vez na capital, foi o dito irmão recebido pelo Duque de Alba e outras autoridades, regressando depois na armada que trouxe para os Açores o governador Ambrósio de Aguiar Coutinho, recentemente nomeado ⁽³⁰⁾; as terríveis revindictas de que os padres foram vítimas na sua residência na Terceira, por parte do governo que nesta Ilha se estabeleceu em nome de D. António, e de que resultaram o

encerramento do Colégio e o degredo a que foi condenada a maioria dos seus habitantes — são tudo factos narrados pelo cronista açoriano, garantidos por documentos ⁽³¹⁾, que consideramos indício irrefutável ou, pelo menos, bastante suspeito da íntima convivência que parece ter existido entre os jesuítas de Angra e o governo espanhol no momento em que os franceses, a convite de D. António, se dispunham à conquista dos Açores.

Conhecedores, melhor do que ninguém, da importância estratégica do Arquipélago relativamente ao domínio do Atlântico ⁽³²⁾ — Frutuoso por mais de uma vez alude à sua excelente posição na rota obrigatória das Índias Orientais e do seu não menor valor para a das Índias Ocidentais —, aos jesuítas aqui residentes não deve ter escapado o jogo de interesses políticos e económicos, que por detrás do problema da sucessão se escondia, e de que estas ilhas constituíam uma das pedras que mais convinha assegurar como fundamental para o domínio dos mares, que o mesmo é dizer para a vitória do catolicismo no Mundo.

Em face destes dramáticos acontecimentos, a que, de modo algum, podia ficar alheia a população açoriana, sobretudo a das suas classes mais influentes, que o partidarismo político, a violência das paixões e interesses e até as próprias rivalidades pessoais e familiares contribuía para dividir, não será difícil descortinar a atitude que assumiu o cronista, naturalmente indicada pela ponderação e gravidade do seu espírito deveras esclarecido, e pelas circunstâncias muito especiais do meio em que vivia e de que era, sem dúvida, uma das figuras de maior relevo.

Residindo numa ilha, que cedo se pronunciou favorável a Filipe II e onde o portuguesismo do seu povo não teve ensanchas de se desentranhar em manifestações patrióticas, com a vibração e o entusiasmo que se registaram na Terceira e ficaram na História como o mais ilustre título de nobreza de que os seus habitantes se orgulham, era este também um motivo para que o procedimento de Frutuoso se pautasse por razões de justa moderação e superior conveniência, que, presumimos, seriam as mesmas que levaram a Santa Sé a ordenar aos jesuítas portugueses o respeito pela soberania do rei de Espanha. Para semelhante atitude o inclinava, pois, o múnus espiritual do seu sacerdócio, e até a sua avançada idade, que se não compadecia com as espontâneas demonstrações de sentimento, por que se deixava arrastar uma boa parte dos espectadores do drama que a seus olhos se desenrolava. Na maneira reservada, pouco expansiva e despida de facciosismos, a que, sobre esta matéria, no decurso das «Saudades da Terra» o cronista parece remeter-se, julgamos pressentir a luta que na sua consciência se travou, igual à de tantos outros da sua classe, que tiveram de sujeitar o seu compreensível nacionalismo às pressões que emanavam da instituição que lhes competia defender.

Que tudo o que se relaciona com a pureza da Fé preocupava-o sobremaneira, sentimo-lo no horror que lhe causa a heresia, de que repetidas vezes na sua obra faz cabal demonstração, a ponto de, para bem o acentuar e sem qualquer propósito aparente que o justifique, incluir no final do capítulo XVI deste Livro a trágica narrativa do martírio do Padre Iizácio de Azevedo e de seus companheiros, quando, a caminho do Brasil, foram vítimas da sanha herética dos calvinistas franceses, que em guerra de corso circulavam no Atlântico. Expondo com pormenor e viva repulsa os actos sacrílegos que estes, então, cometeram, conclui: «e assim fizeram outras coisas horrendas em desprezo da nossa santa Fé Católica e da Igreja de Roma». De resto, as referências aos corsários protestantes são muito frequentes e numerosos os capítulos em que descreve com vibrante indignação as depredações a que se entregavam, nos assaltos que faziam às ilhas Atlânticas no seu tempo e que foram um dos mais terríveis flagelos que os respectivos habitantes sofreram em toda a sua existência.

Ao descrever a justiça do Marquês de Santa Cruz na ilha Terceira, uma vez concluídas as operações militares, enumera entre os motivos que condenaram à morte Manuel da Silva, governador da ilha em nome do rei D. António, «a de aceitador de hereges». Neste mesmo livro, e no fim do capítulo IV, apelida Filipe II de «defensor da Fé» e em toda a obra muitas vezes o designa pelo seu título de «Rei Católico», como que a frizar a importância do papel que, então, desempenhava na perigosa conjuntura que a Europa cristã ia atravessando. E, como este, outros exemplos poderia referir para reforçar a presunção em que estou de que Frutuoso, como padre, não se alheava dos superiores interesses do catolicismo, quando no seu espírito se punha o intrincado problema da sucessão.

Para o juízo que formulou acerca dele, deverá ter influído a sua convivência com um dos mais fervorosos adeptos de Filipe II, o bispo de Angra, D. Pedro de Castilho, que residiu em S.

Miguel desde Setembro de 1580 a Agosto de 1582 e com a sua enérgica intervenção não pouco contribuiu para o movimento que sujeitou esta ilha ao domínio espanhol.

Dada a elevada categoria intelectual do cronista, é de aceitar que o prelado o admitisse na sua privança, tanto mais que em 9 de Abril de 1581 esteve na vila da Ribeira Grande, onde Frutuoso paroquiava, desenviando, a seu pedido, o adro da respectiva Matriz e sagrando o novo altar-mor do mesmo templo.

Devem também datar desta época os seus contactos com os jesuítas da Terceira, Padre Francisco de Araújo e irmãos Domingos de Góis e Baltazar Gonçalves ⁽³³⁾, que acompanhavam o bispo na visita à diocese, quando ainda se não havia fundado o Colégio de Todos os Santos em Ponta Delgada, a quem mais tarde o cronista legaria a sua importante biblioteca, incluindo o códice das «Saudades da Terra».

A sua admiração pela Companhia de Jesus, de que este gesto é incontestavelmente prova iniludível, vinha dos tempos de estudante na Universidade de Salamanca, em que se familiarizou intimamente com o Padre Miguel de Torres, fundador do Colégio daquela cidade, amigo e companheiro de Santo Inácio de Loiola, e também dos anos que viveu em Bragança, como coadjutor do bispo D. Julião de Alva, onde teve a oportunidade de reger algumas disciplinas no instituto similar ali existente.

Dizem os seus biógrafos que, uma vez nesta ilha de S. Miguel, foi quem mais se distinguiu nas diligências para a instalação dos jesuítas em Ponta Delgada, convencido da «urgente necessidade de se educar e instruir uma sociedade, que, contando sómente um século de existência, nunca tratara da sua cultura moral e mental, apenas absorvida pela árdua tarefa do arroteamento dos terrenos virgens e da construção dos centros da população» ⁽³⁴⁾.

No decorrer das «Saudades da Terra», depara-se com frequentes alusões à Companhia, aliás, sempre encomiásticas, muitas vezes para acentuar os laços de amizade entre os seus membros e algumas figuras marcantes da Espanha ou do partido espanhol em Portugal, como D. Pedro de Castilho, por exemplo, cuja formação jesuítica, adquirida em Coimbra, refere elogiosamente no capítulo dedicado aos bispos da diocese.

Ora, semelhante convivência com elementos tão favoráveis à causa Filipina, precisamente no momento em que o odioso dessa causa quase se esbatia perante o receio das complicações internacionais que se avizinhavam, tinha forçosamente de influenciar o espírito de um homem, que, como Frutuoso, de alma e coração se entregara ao serviço da Igreja, como o atestam a sua reconhecida piedade e o desprezo que sempre votou às honras e bens deste mundo.

Mal se compreende que acontecimentos tão graves, como eram aqueles que, então, se repercutiam nos Açores e punham em compreensível sobressalto os seus habitantes, não fossem objecto de demoradas conversações, na presença do cronista, entre o prelado de Angra e os familiares da sua comitiva, em que os problemas decorrentes de tais sucessos seriam discutidos nas suas variadas facetas e nos aspectos que mais interessavam à religião de que eram ministros.

Dir-me-ão que se as verdadeiras razões determinantes da sua presumível simpatia pela causa filipina foram, de facto, estas que acabo de apontar, porque motivo tão ciosamente as ocultou, quando, em mais de um passo da sua obra, não lhe faltaria oportunidade para as expor, mesmo como argumento justificativo de uma atitude que muitos, sobretudo da classe popular, terão acerbamente reprovado? Lembremo-nos, porém, de que, destinando-se as «Saudades da Terra» à publicidade, como numerosos sinais existentes no manuscrito o indicam, ⁽³⁵⁾, não seria de boa política fazê-lo, e nem mesmo talvez o permitisse a censura do Santo Ofício, uma vez que Filipe II jamais consentiu que se pusesse em diúvida a legitimidade dos seus direitos ao trono de Portugal e sobre tal princípio fundamentou a conquista que dele fez ⁽³⁶⁾. Quando, já depois da morte do Cardeal — Rei, Roma propôs ao soberano espanhol, no intuito de evitar uma guerra entre as duas monarquias, que submetesse o litígio à decisão dos tribunais, a recusa foi terminante, com a alegação de que estes nunca poderiam julgar uma causa que não discussões ⁽³⁷⁾. De resto, é de todos sobejamente conhecida a atitude de teimosa intransigência a que Filipe II se remeteu, sempre que se alvitrou colocar o pleito num plano superior de justiça, em que fossem à luz da jurisprudência e da razão devidamente sopesados os direitos de cada um dos pretendentes. Não nos deve, pois, admirar que, relatando por 1587 ou 88 a aclamação daquele rei na ilha de São Miguel, quando já eram

volvidos alguns anos sobre a conquista dos Açores e estava bem patente a benignidade real para com os seus habitantes, Frutuoso, num desculpável espírito de lisonja, se não esquecesse de sublinhar que Filipe II era o soberano legítimo e só nesta qualidade se podia aceitar a sua realeza.

* * *

Ao finalizar estas já longas considerações, muito aquém do prefácio que o autor e a sua obra requeriam, cumpre-nos dizer que jamais pretendemos tentar, sequer uma biografia do nosso primeiro cronista. Hemos de convir que depois da notável notícia biográfica publicada por Rodrigo Rodrigues no Livro III da Edição Centenária das «Saudades da Terra», poucas ou nenhuma são as achegas, de que dispomos, para um conhecimento mais completo da vida do Doutor Gaspar Frutuoso, pelo que se justifica que, no prosseguimento da presente publicação, aquele importante trabalho, que nas suas linhas mestras se mantém de pé, mereça as honras de ser reeditado.

Ao focar a personalidade de Frutuoso numa das suas facetas mais obscuras e que melhor se prestam a julgamentos precipitados, mesmo da parte dos que lhe não regateiam louvores e admirações, visei apenas defendê-la de uma acusação que, depois de demorado e repetido estudo da sua obra, me pareceu injustificada e, portanto, merecedora de exame mais atento. E nesta ordem de ideias fui conduzido, embora com cautela, a levantar o véu que a meu ver encobre uma das mais difíceis incógnitas da crise nacional de 1580, sem que essa tentativa represente quebra do respeito que me merece o prestígio de que justificadamente gozam os autorizados escritores que têm tratado do assunto e para o seu estudo carream imponentíssimos materiais, embora encarando-o sob um ponto de vista unilateral, que me parece não se coadunar com a amplitude do problema e dos seus reflexos internacionais. Que me conste, e já depois de formuladas estas observações, que, de há muito, trazia em meu espírito, apenas o Dr. Domingos Maurício o entreviu em moldes que se aproximam, quando no prefácio à obra de Queirós Veloso, «O Interregno dos Governadores do Reino e o breve reinado de D. António», escreveu que «na miragem de um grande império federativo a contrapor a sua importância às ameaças turcas e ao nascente poderio herético e expansionista da Inglaterra isabelina, bem como dos Países Baixos, uma boa parte (dos Portugueses) deixou-se iludir»⁽³⁸⁾.

Espero, porém — e é o voto com que finalizo — que este tema, apenas esboçado em suas linhas gerais, consiga atrair a atenção de algum jovem investigador, pelo interesse que inegavelmente possui, levando-o a abalar-se a estudo mais vasto e profundo, com as indispensáveis buscas e respigos nos arquivos para um fundamento documental que estruture a sua consistência histórica e a torne, de qualquer modo, indiscutível.

Março de 1963.

João Bernardo de Oliveira Rodrigues

O mesmo se poderá afirmar do que escreve sobre os «alevantamentos» de D. António, Prior do Crato, e a estadia deste infeliz monarca na Terceira, páginas que se lêem num crescendo constante de curiosidade, com tal vigor através delas se sente palpar o entusiasmo patriótico dos seus habitantes e se vive o entroscho de sentimentos e paixões que agitaram a Ilha heróica nessa época lamentavelmente acabrunhante da nossa História.

Nas descrições topográficas das diferentes ilhas, tão cheias de pormenor, que quase acreditamos serem o resultado da própria e directa observação, Frutuoso mantém-se o cronista metuculofo e observador atento dos fenómenos da Natureza, que já admiramos nos livros anteriores e dele fazem um autêntico homem do Renascimento, no enciclopedismo da sua cultura.

Da rigorosa fidelidade dos seus relatos, que os biógrafos elogiosamente apontam, podemos ajuizar, confrontando os capítulos que escreveu sobre os jesuítas na Terceira com a valiosíssima documentação reunida pelo Padre Francisco Rodrigues na sua monumental «História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal». A igual conclusão chegamos ao notar o estreito paralelismo que existe entre a descrição da conquista do Arquipélago pelo Marquês de Santa Cruz e as narrativas congêneres e da mesma época que o Dr. Ernesto do Canto publicou no «Arquivo dos Açores», por vezes tão semelhantes, que quase nos convencemos de que Frutuoso as aproveitou tal como vieram da mão da testemunha que as redigiu.

O historiador, o naturalista, o etnógrafo, em suma, todas as facetas do seu cultivado espírito transluzem de forma invulgar neste livro cheio de interesse, que se dá agora à estampa e em nada desmerece dos que já foram publicados.

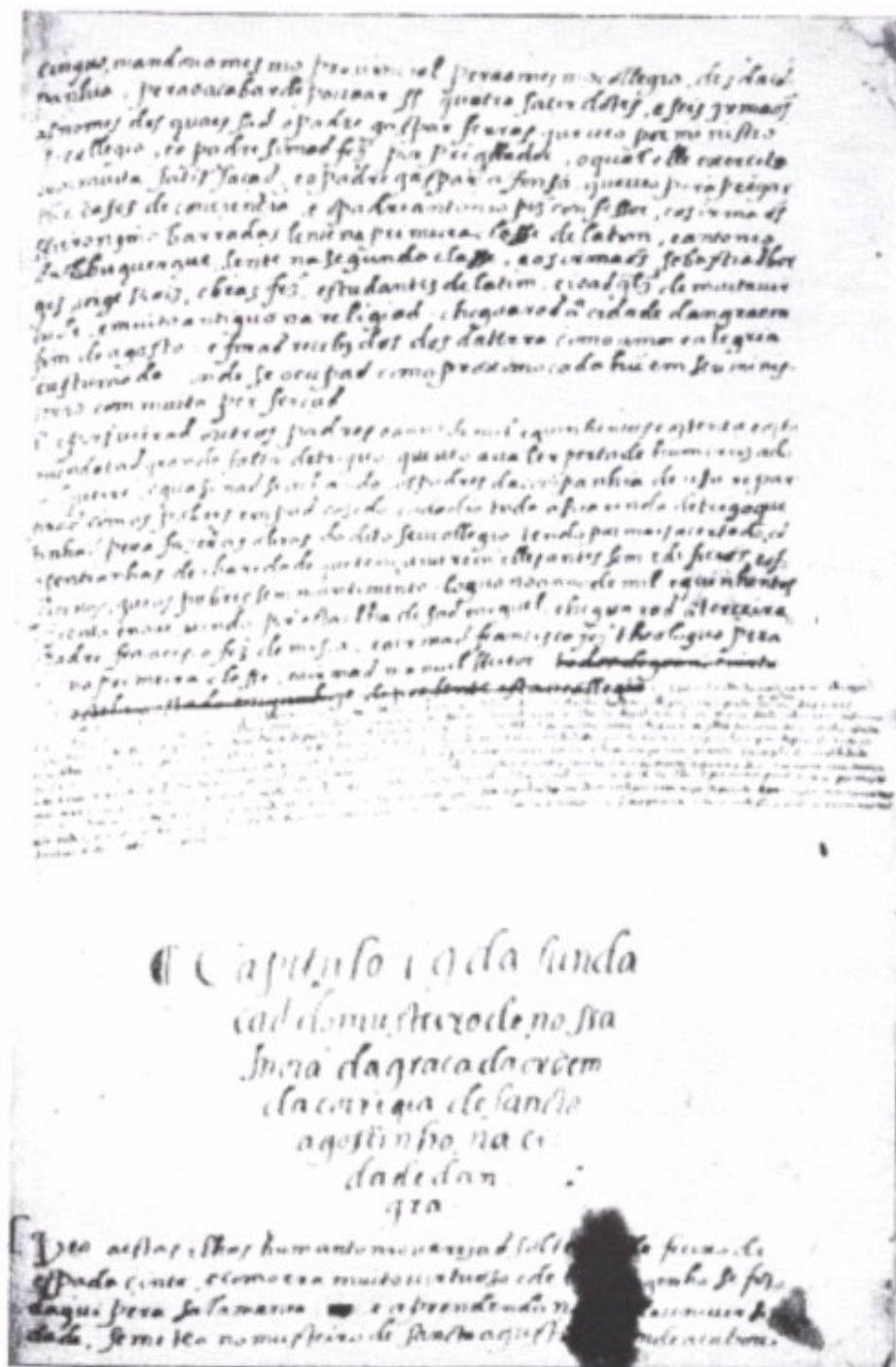
Em assunto tão melindroso, como são os infelizes acontecimentos que envolvem a subida de Filipe II ao trono de Portugal, e, pela sua particular relevância nos Açores, foram aqui mais intensamente vividos do que em qualquer outra parte do mundo português, Frutuoso revela-se o historiador imparcial e justo e, ao mesmo tempo, avisado e cauteloso, que Rodrigo Rodrigues acentuara na «Notícia Biográfica» que acompanhou a Edição Centenária das «Saudades da Terra»⁽³⁹⁾.

Porque, testemunha ocular de muitos deles, que decerto feriram a sua sensibilidade de patriota, o cronista diligencia relatá-los imparcialmente: mantendo sempre respeitoso acatamento da ordem estabelecida por Filipe II, a quem costuma referir-se com a reverência devida à majestade real e o reconhecimento dos seus direitos ao trono, jamais se deixa arrastar por diatribes ou palavras acerbadas e acrimoniosas contra a facção contrária. Tal atitude, sem dúvida prudente e sensata, como, aliás, convinha à sua condição de sacerdote e se acordava com uma idade já avançada, em que o poder de análise crítica e serena facilmente se sobrepõe à violência das paixões, tem-lhe merecido a grave acusação de partidário do domínio espanhol.

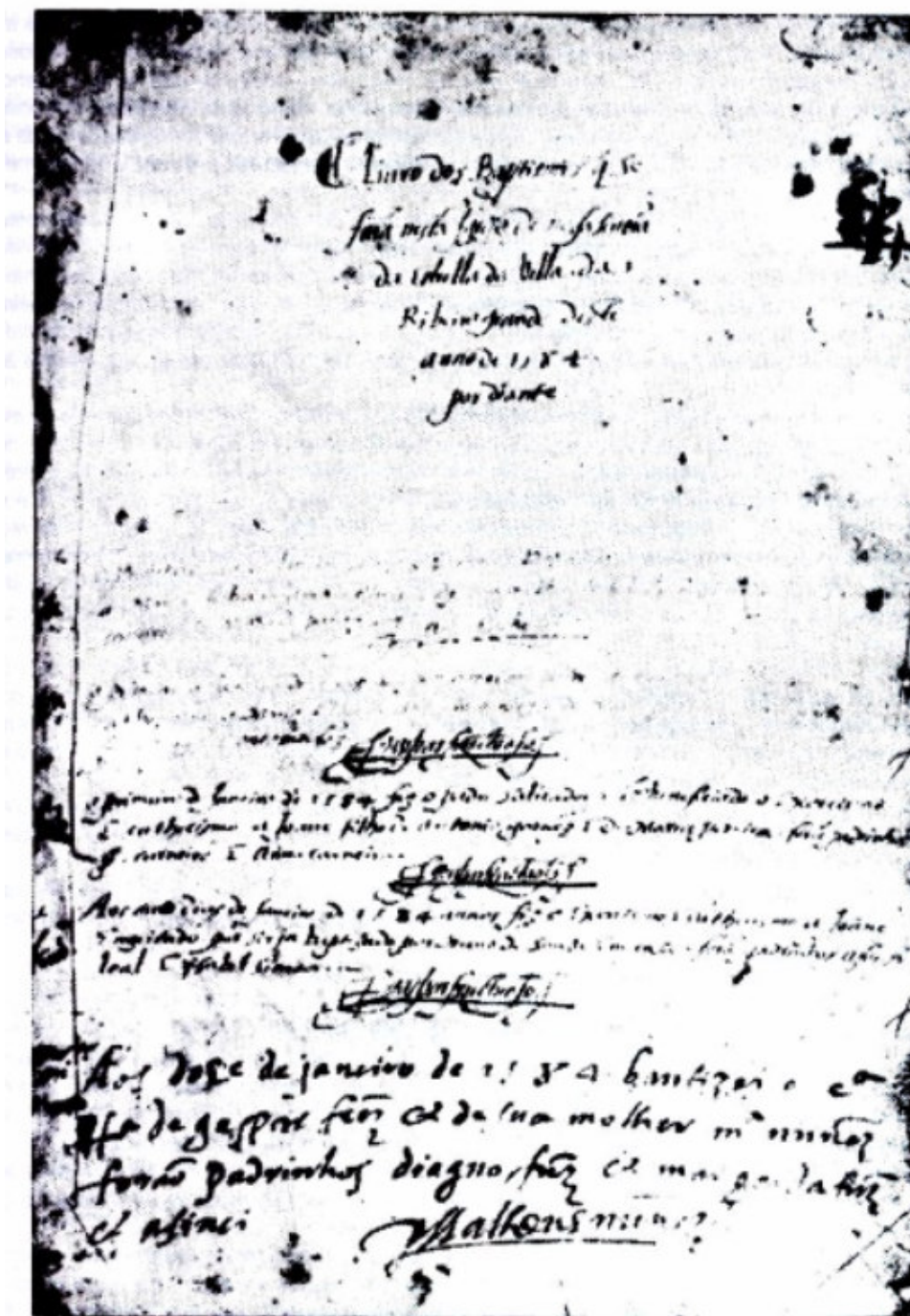
Porém, da leitura atenta e demorada das «Saudades da Terra» e sobretudo deste Livro VI, onde, em mais de um passo, alude amarguradamente às infelicidades que desabaram sobre o seu país em 1580, ficamos com a impressão de que o seu «filipismo» mais aparente do que real, não significou indiferença pelos destinos da Pátria, que queria ver livre e independente, como até aí, se razões de ordem ponderosa para a sua qualidade de padre o não forçassem a uma tal atitude.

Reconhecemos que o assunto se reveste de especial melindre para ser focado de ânimo leve e num campo, que, como o histórico, exige, para que se dê um passo em frente, bases documentais que nos faltam por completo. Penetrar no fundo da consciência de um homem, que só conhecemos através da obra que escreveu e nela não se deixou revelar inteiramente, descobrir-lhe o segredo que, com prudência, procurou ocultar sobre matéria de tamanha gravidade, como era o pleito que dividia os portugueses, constitui operação de extrema delicadeza, que apenas consente presunções, mais ou menos verosímeis, e estas, mesmo uma vez aceites, só depuradas pelo rigor da crítica.

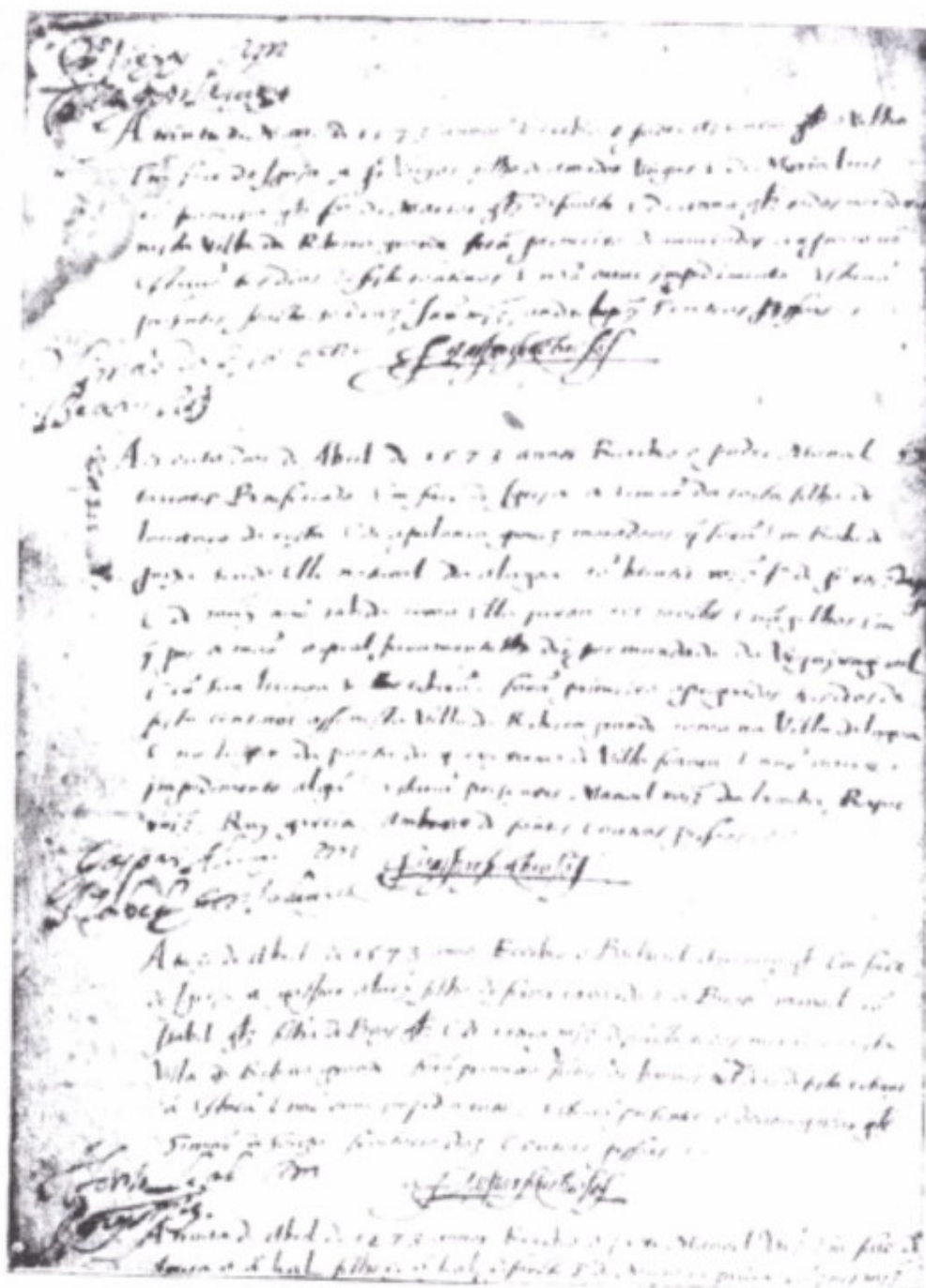
Todavia, atrevemo-nos a formular um juízo sobre o que poderia ser o pensamento de Frutuoso acerca desta matéria e as razões plausíveis que o determinaram, não esquecendo, porém, que em terreno tão escorregadio, como é este de fazer história sem documentos, é fácil resvalar para o campo da ficção ou da fantasia. Com todas as reservas e reticências que se impõem, como o recomenda o mais comezinho bom senso, aqui o apresentamos.



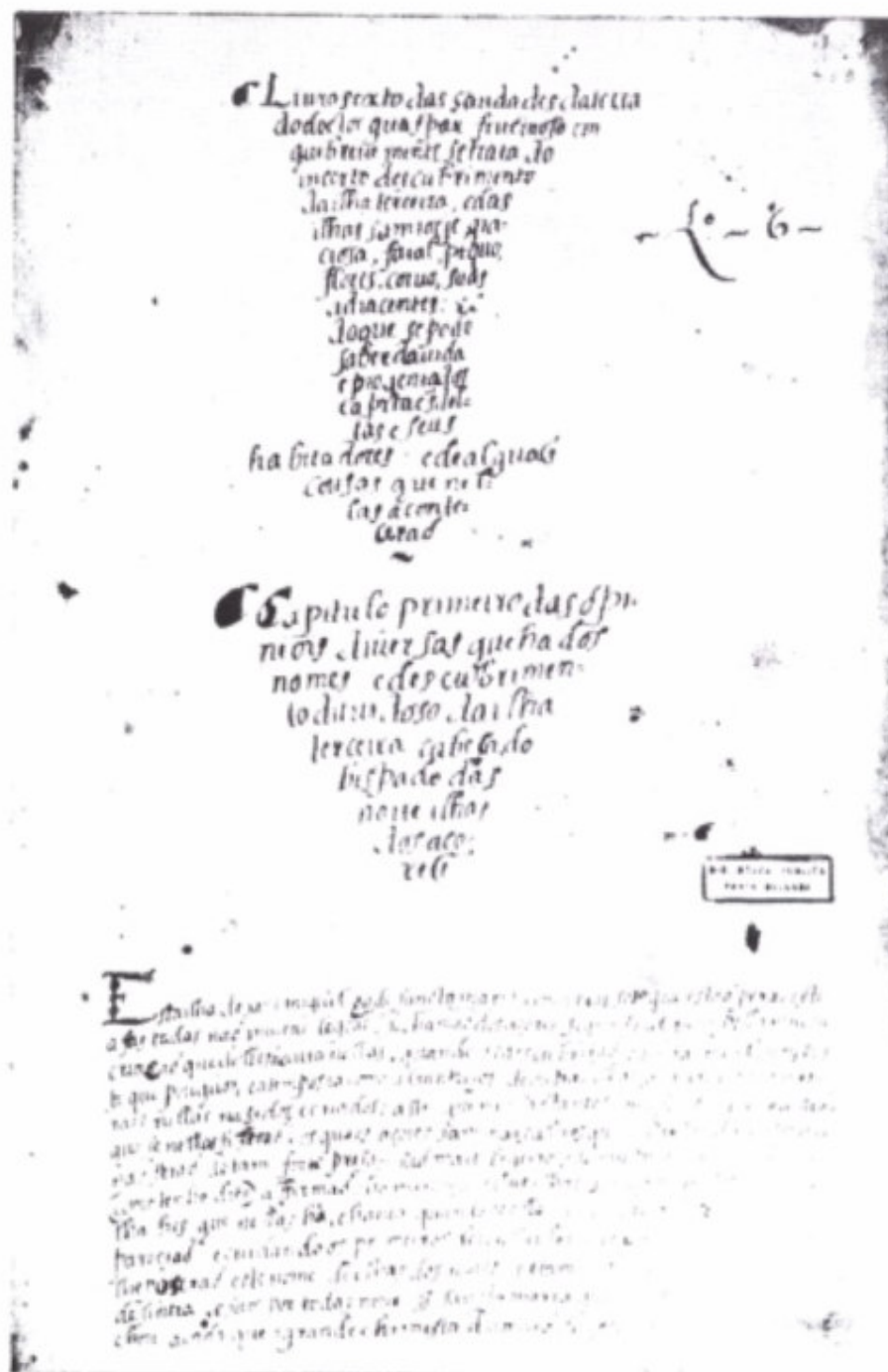
FOTOCÓPIA DA PARTE FINAL DO CAP.º XVIII DO LIVRO SEXTO DAS SAUDADES DA TERRA, EM QUE SE PODEM VER OS ACRESCENTAMENTOS DO PRÓPRIO PUNHO DO DR. GASPAR FRUTUOSO, A QUE SE FAZ REFERÊNCIA NAS PÁG. IX e X.



FOTOCÓPIA DA PRIMEIRA PÁGINA DO LIVRO III DE BAPTISMOS DA MATRIZ DA RIBEIRA GRANDE (1584-1590), EM QUE A EPÍGRAFE E OS PRIMEIROS QUATRO TERMOS SÃO DO PUNHO DO DR. GASPAR FRUTUOSO



FOTOCÓPIA DE UMA PÁGINA DO LIVRO I DE CASAMENTOS DA MATRIZ DA RIBEIRA GRANDE (1542-1582), COM TERMOS LAVRADOS PELO DR. GASPAR FRUTUOSO



FOTOCÓPIA DA PÁGINA N.º 486 DO MANUSCRITO ORIGINAL DAS SAUDADES DA TERRA, EM QUE SE DÁ COMEÇO AO LIVRO SEXTO

LIVRO SEXTO DAS SAUDADES DA TERRA

DO DOCTOR GASPAR FRUCTUOSO EM QUE BREVEMENTE SE TRATA DO INCERTO
DESCOBRIMENTO DA ILHA TERCEIRA E DAS ILHAS SAM JORGE, GRACIOSA, FAIAL,
PICO, FLORES, CORVO, SUAS ADJACENTES, E DO QUE SE PÔDE SABER DA VIDA E
PROGÊNIA DOS CAPITÃES DELAS E SEUS HABITADORES E DE ALGUMAS COISAS QUE
NELAS ACONTECERAM ⁽⁴⁰⁾

CAPÍTULO PRIMEIRO

DAS OPINIÕES DIVERSAS QUE HÁ DOS NOMES E DESCOBRIMENTO DUVIDOSO DA ILHA TERCEIRA, CABEÇA DO BISPADO DAS NOVE ILHAS DOS AÇORES

Esta ilha de São Miguel e a de Santa Maria com outras sete que estão pera oeste afastadas não muitas léguas, que são per todas nove, se chamam dos Açores, segundo alguns, pela muita criação que deles havia nelas, quando as descobriram, e ainda há alguns, posto que poucos, e a tempos já como adventícios de outras ilhas ou terras, e não naturais nelas, nascidos e criados; assi que não são tantos como soíam, o que causam as povoações que se nelas fizeram; os quais açores são mais alvos que os de Irlanda, posto que não sejam de tão forte presa; são mais ligeiros e de muito melhor relé ⁽⁴¹⁾. Outros (como tenho dito) afirmam chamarem-se estas ilhas dos Açores, pelos muitos bilhafres que nelas há e havia, quando se elas descobriram, que com eles se pareciam; e, cuidando os primeiros descobridores serem açores os bilhafres, lhe puseram este nome de ilhas dos Açores. Estão estas ilhas leste oeste da rocha de Sintra e são por todas nove, sc. Santa Maria, que foi a primeira que se achou, ainda que o grande cronista Damião de Góis com erradas informações escreva o contrário; e após ela está a de São Miguel, em que estamos, e depois a Terceira, que se chama de Jesu Cristo, e logo São Jorge, Faial, Pico, Graciosa, Flores e Corvo, as quais são mui temperadas de inverno e verão e mui viçosas de fontes e ribeiras de muito boas águas e frutas, especialmente de espinho, de toda sorte. São tão abundantes de pão, que logo no princípio de seu descobrimento dava cada moio de terra semeada de trigo ou cevada (quarenta ou cinquenta e sessenta moios, e ainda agora muitas vezes recolhem os lavradores de um alqueire de semente de vinte e trinta, de que se fazem carregações pera o reino e outras partes; fazem nelas muito pastel, que se leva pera Frandes ⁽⁴²⁾, Inglaterra, Castela e outras províncias. São muito bastecidas de carnes, pescados e criações de gados; há nelas muitas matas de cedros, loureiros e faias, e um pau branco e outro amarelo, a que chamam sanguinho, e outro vermelho, chamado teixo, que se estimam muito por serem secos e pouco húmidos pera escritórios e obras marchetadas. Afora estas duas ilhas, São Miguel e Santa Maria, às outras sete alguns chamam ilhas de Baixo, por estarem abaixo destas pera o ocidente; e todas nove, juntamente, de outros graves homens e cronistas são chamadas ilhas Terceiras. A razão ou razões de serem assi chamadas deve ser porque as ilhas do Cabo Verde, que competem à coroa de Portugal, foram primeiro achadas, e secundariamente as ilhas do Porto Santo e da Madeira com suas adjacentes, e depois, no terceiro lugar ou tempo, se acharam estas dos Açores, pelo que lhe chamam ilhas Terceiras. Ou, se queremos começar das Canárias, que também foram de Portugal, elas foram as primeiras, e a ilha da Madeira e suas adjacentes as segundas, e estas dos Açores as terceiras, ainda que sempre na realidade desta verdade ficam quartas e não terceiras, porque as primeiras que no ponente se acharam, como atrás tenho dito, no princípio, foram as Canárias, as segundas as do Cabo Verde, as terceiras o Porto Santo, ilha da Madeira e suas vizinhas, as quartas estas ilhas dos Açores, falando no número plural como gramáticos, mas no singular têm outra conta ante si, somente, estas ilhas Terceiras, ou Quartas, ou dos Açores, porque a primeira delas que se achou (como tenho contado) foi a ilha de Santa Maria, a segunda a de São Miguel e a terceira foi aonde está situada a cidade de Angra, cabeça do bispado de todas nove, pelo que os naturais dela a chamam Terceira, em respeito das duas que primeiro foram achadas; e os do reino e outros estrangeiros, não tendo conta com esta particularidade, senão com o geral das ilhas de Portugal, sem começarem das Canárias, que são de Castela, chamam a todas estas nove ilhas dos Açores ilhas Terceiras, parece que a respeito das ilhas do Cabo Verde, que foram as primeiras de Portugal, e das ilhas do Porto Santo e da Madeira e suas vizinhas, que são as segundas que se descobriram, e se esta não for bastante razão, folgarei de ouvir outra de quem melhor m'a quizer e souber dizer e ensinar; ou, se por ventura o que os naturais destas

ilhas dizemos de uma delas, a que chamamos Terceira, a respeito das duas que primeiro se acharam, dizem por erro os moradores de Portugal e de outras partes de todas elas juntas chamando-lhe Terceiras.

E quanto à razão de outro nome com que à ilha Terceira uns lhe chamam ilha de Jesus, por dizerem ser achada o primeiro dia de Janeiro, em que se celebra a festa deste santo nome, pelo que os do Cabido têm por armas e selo um Menino Jesus, pode ser que se chamou de Jesus, ou de Jesu Cristo, porque é ela do mestrado de Cristo, ou, como outros dizem, por se achar em dia de Corpo de Deus ou em quinta-feira da Ceia, sem se saber o ano em que foi, ou, como outros afirmam por mais verdade, em sexta-feira da Somana (sic) Santa, em que Cristo foi por nossos pecados e redenção do mundo posto na Cruz; o que parece ser assi achada em tal dia, pois os da mesma terra lhe chamam ilha de Jesu Cristo e trazem também por armas dela um crucifixo ou a figura de Cristo crucificado, ou por ser a Sé da cidade de Angra da advocação do Salvador; e, se andamos pelos tempos mais seguros da navegação, parece (se não se achou esta ilha por alguma arribação ou tormenta, vindo alguns desgarrados com tempestades ter a ela) que nem no primeiro dia de Janeiro, nem na Somana Santa, devia ser achada, pois ainda neste nosso tempo, em que há tantos e tão experimentados e atrevidos navegantes pera a navegação, poucos ou nenhuns navios navegam na força do inverno, quanto mais no tempo antigo, em que (como diz João de Barros) somente navegavam os homens ao longo da costa, sem ousar de se engolfar no grande mar oceano; e parece mais conforme à razão ser achada em dia de Corpo de Deus, que era já tempo mais quente e em que melhor se podia navegar e cometer seu descobrimento. Seja o que for, pois não sei adivinhar o dia nem ano, nem pude achar certeza disso. Somente, pelo que diz João de Barros, acima alegado, que nas lembranças do Tombo e nos livros do Rei, sem ordem de anos, achou que no ano de mil e quatrocentos e quarenta e nove deu el-rei Dom Afonso licença ao infante Dom Anrique que pudesse mandar povoar as ilhas dos Açores, as quais já naquele tempo eram descobertas e nelas lançado algum gado por mandado do mesmo infante, por um Gonçalo Velho, comendador de Almourol, junto da vila de Tancos; e, pois, a ilha de São Miguel (como tenho contado) foi descoberta no ano de mil e quatrocentos e quarenta e quatro, e na era de mil e quatrocentos e quarenta e nove se deu a licença pera que se povoaassem as ilhas dos Açores, já em tal tempo achadas, parece que antre o ano de 1444 e o de 1449, que são espaço de cinco anos, dentro no dito espaço foi achada a ilha Terceira e algumas outras dos Açores junto dela, ainda que não se sabe precisamente o número do ano, nem dia certo, pelo grande descuido dos antigos descobridores portugueses, que não tiveram curiosidade de o pôr em escritura, ou, ao menos (como costumam algumas nações estrangeiras), não alevantaram um padrão de pedra no porto onde saíram, com letras esculpidas que declararam o dia, mês e ano em que estas ilhas foram achadas e nelas desembarcaram. Mas terão os antigos alguma escusa, porque, se nos não puseram nas ilhas que descobriram esta curiosidade, puderam dizer que nos deixaram nelas grande utilidade, que alguns, menos amigos das coisas do entendimento, mais presam e estimam.

Da ilha Terceira e Graciosa e dos Açores, no capítulo primeiro do livro segundo da primeira Década da Ásia, de João de Barros, diz ele mesmo que o que escreve de el-rei Dom Afonso, quinto do nome, não são mais que algumas lembranças que achou no Tombo e nos livros de sua Fazenda, sem ordem de anos, somente uns fragmentos deste descobrimento; nas quais lembranças achou que no ano de mil e quatrocentos e quarenta e nove deu el-rei licença ao infante Dom Anrique que pudesse mandar povoar as ilhas dos Açores, as quais já naquele tempo eram descobertas e nelas lançado algum gado, por mandado do mesmo infante, por um Gonçalo Velho, comendador de Almourol, junto da vila de Tancos; e no ano de mil e quatrocentos e cinquenta e sete fez el-rei mercê ao infante Dom Fernando, seu irmão, de todas as ilhas que até então eram descobertas, com jurisdição (sic) de cível e crime e com certas limitações; e no ano de mil e quatrocentos e sessenta fez o infante Dom Anrique doação ao infante Dom Fernando, seu sobrinho e filho adoptivo, destas duas ilhas, Jesus e Graciosa, reservando somente pera si a espiritualidade, que era da Ordem de Cristo, que ele governava, a qual doação confirmou el-rei em Lisboa a dois de Setembro do mesmo ano.

Muitos cuidam que o infante Dom Anrique adivinhava, mas, segundo se pode coligir e conjecturar do que escreve João de Barros nas suas Décadas, parece que se perderam alguns papéis e informações que o mesmo infante tinha dos que mandava descobrir aquela grande costa de África, pois não pôs João de Barros senão o que pôde alcançar e achar; e (salvo melhor juízo) parece que alguns dos que o infante mandou descobrir aquela costa, com os tempos que ali cursam (como hoje em dia fazem os que vêm da Índia Oriental e de São Tomé,

da Mina, de Arguim e do Cabo Verde), vieram pelo rumo destas ilhas demandar estas frieiras ou frescuras que nelas há, com que chamam assi os ventos e monções daquela parte, que ao longo da costa de África não há tão comuns, nem cursam tanto, servindo mais à ida que à tornada, em que se afastam da terra e vêm descaindo no mar largo pera estas ilhas, e dariam informação ao infante Dom Anrique, além de alguma notícia antiga que teria, como se pode coligir do que atrás tenho dito e conjecturado, de seus mais antigos descobridores; e, assi, não adivinhando, mas sabendo com conjecturas do engenho e informações de seus súbditos, de que não se acham escritura nem memória alguma, que estavam estas ilhas dos Açores neste grande mar, os (sic) mandou descobrir já como coisa certa (pois sempre os antigos destas ilhas disseram que, mandando ele descobrir esta ilha de São Miguel e não se achando, tornou a mandar os mesmos descobridores, dizendo-lhe que navegassem pera o norte da ilha de Santa Maria e que achariam esta ilha de São Miguel), pelo que já saberia da informação dos da ilha de Santa Maria e do mesmo capitão Gonçalo Velho, ajudado do que dissera o negro fugido que, andando na serra da parte no norte, a vira. Dizem também que, indo os descobridores destas ilhas ao infante, lhe perguntara pelas coisas e qualidades delas, e, antre outras, perguntou se as árvores tinham altas suas raízes na terra, e dizendo-lhe eles que não, senão somente à frol ⁽⁴³⁾ da terra, respondeu ele, quase como profetizando, o que agora vemos cumprido, sem faltar ponto: que os primeiros povoadores destas ilhas dos Açores roçariam e trabalhariam, e seus filhos semeariam e comeriam, e os netos venderiam, e os mais, pôsteros e descendentes, fugiriam, como vemos hoje claramente, que nossas heranças estão convertidas aos alheios e estrangeiros, que as possuem e logram, pelas comprarem e tirarem das mãos dos naturais que dantes as possuíam.

Afirmam os povoadores antigos da ilha Terceira que fora primeiro descoberta pela banda do norte, onde chamam as Quatro Ribeiras, em que agora está uma freiguesia (sic) da advocação de Santa Breatis, que foi a primeira igreja que houve na ilha, mas não curaram os descobridores de viver ali por ser terra muito fragosa e de ruim porto e, rodeando a terra pela costa, acharam outro melhor em uma angra mui fermosa da parte do sul, onde começaram a fazer outra povoação de pobres casas de pedra e barro, cobertas de uma erva chamada carrega, que nasce nas grotas e ribeiras, por ainda então não haver palha, nem trigo, nem telha, a qual, pelo tempo em diante, veio a ser vila e depois muito lustrosa cidade, como é ao presente. Isto dizia uma Bartoleza Roiz Columbreira, mulher de Gonçalo Mendes de Vasconcelos, pai e mãe de Breatis Mendes de Vasconcelos e de Ascenso Mendes, Pero Mendes, Joane Mendes e António Mendes de Vasconcelos (que foi um extremado cavaleiro e fez boas coisas na Índia, em serviço de el-rei) e de Dona Maria, mulher de João de Betancor, que degolaram na mesma Terceira, por sair pelas ruas da cidade de Angra em cima de um cavalo, dizendo: «Real, real, viva el-rei Filipe, rei de Castela e de Portugal». Afirmava mais esta Bartoleza Roiz que se acordava no princípio da povoação da ilha Terceira não haver mais que duas povoações de muito pouca gente, uma na banda da Praia, onde se chama o Paúl de Beljardim, que fica antre a vila, que agora é da Praia, e o Cabo da mesma Praia, e outra, onde agora é a cidade de Angra, que era a vila em que estava a jurisdição de toda a ilha, sem haver outra. Eram tão poucos os moradores em toda a ilha naquele tempo, que um quarto de azeite abastava um ano a toda a gente dela, aonde não iam passagens senão no verão, uma até duas, as quais levavam muito pouca mercadoria, por não haver quem a gastasse na terra, mas traziam gente que a ia povoando; e havia uma postura na Câmara que nenhuma pessoa passasse do Outeiro das Pedras pera cima, com pena de dois tostões, contia tão grande como agora é de duzentos cruzados, por causa da muita pobreza da terra, e a razão (sic) da pena era por não se perder a gente embrenhando-se no mato, que dali por diante, pera dentro da serra, era muito espesso e sombrio. Ainda neste tempo havia guerras antre Portugal e Castela, donde vinham armadas de castelhanos, e tanto que apareciam à vila, escondia cada um suas pobreza por antre o mato e as searas do trigo. Uma vez escondeu um homem, que vendia, um quarto de azeite, soterrando-o em uma cova defronte da porta, e, entrados os castelhanos, a que não havia resistência dos poucos moradores, e saqueando a terra e roubando-a, foram ter à casa deste vendeiro; ali, vendo a terra fresca diante da porta, cavaram com as chuças, partezanas e lanças que levavam, armas daquele tempo, em que não havia senão algum tiro de fogo por maravilha, e, quebrando com as mesmas armas o quarto e roubando a pobreza que acharam na terra, se embarcaram e foram ter à Praia, e cometendo o lugar e freiguesia, os freigueses, por não terem armas com que se defender e serem poucos, se esconderam pelo mato; indo, então, os castelhanos por um abobral (sic) e meloal, apanhando a oito e pondo as abobras (sic) e melões em um monte, antes de chegarem ao lugar, se subiu um dos escondidos sobre uma árvore, por ver o que faziam. Este, sem ser visto deles, vendo-os andar

assi ocupados, quis subir mais acima, ao cume da árvore, pelos ver melhor de mais alto, e, em subindo mais, quebrou um ramo, com ele fazendo grande estrondo, o qual ouvindo os castelhanos, cuidando ser tiro de fogo, largaram logo tudo, pondo-se em fuga para os barcos que os esperavam na areia, o que vendo a atalaia da terra, com que caiu o ramo, e dizendo-o a seus companheiros, saíram todos do mato correndo e bradando «mata, mata», em alcance dos contrários, que, com a pressa, largaram a fruta colhida e as armas, que os portugueses de caminho iam tomando contra eles. O que vendo os dos batéis, fugiram com medo, com o qual também os que pela terra fugiam se deitavam ao mar, onde alguns morriam afogados, e outros foram mortos à borda de água. Esta nova mandaram logo os vitoriosos à vila de Angra, onde morava Bartoleza Roiz, que, quando contavam isto, dizia com grande mágua: «uns maus castelhanos, que não se contentavam com o que levavam, senão quebrar-nos ainda o quarto de azeite que tínhamos na terra para comermos aquele ano»; e logo tornavam a dizer com muita alegria: «mas os da Praia nos vingaram, que lhe tomaram as armas e os mataram».

Um homem muito antigo, chamado Gil Fernandes, antre outras coisas, contava que, quando fora à ilha Terceira, não havia nela mais que dez ou doze moradores e que nesse tempo não estava prantado nela senão uma figueira cotia, da qual ainda hoje está o tronco do pé verde e deita vergontas (sic), e há menos de quinze anos que dava figos, que algumas pessoas ao presente vivas comeram dela muitas vezes; tem o pé muito grosso e nele muitas gaivas, e serviu de portal de um chiqueiro de porcos muitos anos, dando fruto. Era muito nomeada, chamando-se a figueira de Branca Afonso, mulher conhecida, de grande idade, que faleceu há menos de vinte e cinco anos, na qual figueira costumavam todos os homens, que iam de fora, a cavalo, à vila de Angra, prendê-lo, enquanto iam negociar pela vila, antes que fosse cidade, e por isso era lembrado seu nome na boca de todos. Este mesmo velho, Gil Fernandes, afirmava que as primeiras duas laranjeiras que se prantaram na ilha Terceira são umas que estão detrás das casas que agora são de Álvaro (sic) Pires Ramires e foram de seu pai Melchior Alvres Ramires, filho de seu bisavô (sic) Pedreanes, que foi dos primeiros povoadores da ilha Terceira. O qual Pedreanes, pela conta que se lança da idade que morreu e do tempo que há que que é morto, há mais de cento e vinte e cinco anos que veio às ilhas, porque há perto de oitenta e cinco que é falecido, e, segundo afirmaram alguns antigos, faleceu homem quase de oitenta anos e não foi velho àquela terra, antes mancebo, já casado.

Dizem homens antigos que mandaram descobrir a ilha Terceira os infantes Dom Anrique e Dom Fernando, filhos de el-rei Dom João, de Boa Memória, primeiro do nome, mas não sabem dizer por quem, senão que devia ser por homens doctos e experimentados na arte de marear, e que, depois de achada, esteve por povoar vinte ou trinta anos. O que eu pude alcançar, na verdade, é que no ano de mil e quatrocentos e cinquenta fez o infante Dom Anrique doação da ilha Terceira a um homem fidalgo e rico, natural do condado de Frandes e framengo de nação, chamado Jácome de Bruges, pera que a viesse povoar de qualquer gente que quisesse, com condição que fossem católicos; a qual doação lhe fez, por ele ser rico, pera logo a poder povoar, e por respeito de muitos serviços que dele tinha recebido; e este a veio povoar depois de estar alguns anos erma, pela pobreza no reino naquele tempo ser tal, que o não podiam fazer os infantes; e o mesmo Jácome de Bruges foi o primeiro capitão, como se crê que fosse ele seu primeiro descobridor. Isto é, Senhora, o mais antigo que soube do descobrimento da ilha Terceira e das outras além, sem alcançar precisamente o tempo em que e como e de quem foram achadas, o que pode ser que vós, inquirindo e examinando, achareis e descobrireis despois que lá fordes. Direi somente algumas coisas delas, e principalmente da ilha Terceira, no estado em que estava antes de ser tomada e saqueada.

CAPÍTULO SEGUNDO

DA DESCRIÇÃO DA ILHA TERCEIRA, DA PONTA DA SERRA DE SANTIAGO OU DE
JOÃO DE TEVES, DA PARTE DO ORIENTE, PELA BANDA DO SUL, ATÉ À CIDADE DE
ANGRA ⁽⁴⁴⁾

A ilha Terceira, universal escala do mar do ponente, é celebrada por todo o mundo, onde reside o coração e governo de todas as ilhas dos Açores, na sua cidade de Angra, cujo porto está em trinta e nove graus da banda do norte. É de figura oval, quase redonda; tem sua compridão de leste a oeste, que começa da ponta da serra de Santiago, por outro nome chamada também de João de Teves, porque foi senhor quase de toda ela, que está junto da vila da Praia, e acaba na Serreta, que também se chama a ponta da Baleia, além da freiguesia de Santa Bárbara (sic), que são sete léguas de comprido, e sua largura de norte a sul, sc., do biscoito que se diz da Alagoa do Pampalona (sic), da banda do norte, chamado porto da Casa da Salga do Pampalona, ao Brasil da cidade de Angra, que está ao sul, que podem ser até quatro léguas; e terá toda em circuito catorze, pelo caminho e estrada pública, que se anda toda em roda, que pela costa serão dezasseis ou dezassete, e muito mais por mar, por causa das pontas e enseadas. Começando da ponta da serra de Santiago, pela costa da banda do sul, junto a ela, ao pé da rocha, está uma fortaleza, que se fez agora novamente para resguardo da terra (a qual não vêem os navios que vão da banda do leste, senão quando vão dar debaixo dela), com algumas peças de artilharia, e logo se faz uma grande enseada, que é o porto da vila da Praia, por ter uma praia de areia branca em toda ela, que será, em redondo, de comprimento de meia légua. Da ponta da qual serra, que é alta rocha, corre primeiro a costa rasa, de calhau, tanto como dois tiros de besta; e, logo, expedindo este calhau, na ponta dele, onde se começa a areia e se carregam os navios de trigo e pastel e de quanto há na terra, por não se poder carregar nada em outra parte do areal de toda a baía, por serem bancos de areia, está também outra fortaleza bem provida de artilharia, e dela, por todo areal, até o calhau de Santa Caterina, que está adiante, no fim da baía, entre as fortalezas e o mar todo está atrincheirado de trincheiras de pau pique de uma banda e de outra, atupido por dentro de rama e areia de quantidade de quinze até dezoito palmos de largo, com suas ruas abertas de serventia para o mar, onde estão postos seus tiros de campo; e na ponta do calhau, que é o desembarcadouro e serventia desta vila, todo o espaço que o mar dá lugar a desembarcarem batéis, que será meio tiro de besta, dali até chegar às trincheiras está provido de muito número de brolhos pregados em távoas, que se põem e tiram a seus tempos necessários; e logo na ponta deste calhau, onde está o porto da vila, correndo o areal um tiro bom de besta, estão as duas fortalezas velhas, que se fizeram quando se amurrou a vila, as quais têm muita artilharia grossa de bronze (sic), a melhor que há na ilha, como é uma águia e uma fermosa esfera, e muitos pedreiros, e falcões pedreiros e de dado, e berços. No princípio da areia está situada a vila, entre a qual e a casaria está uma grande alagoa, que vem das enchentes, da compridão de dois tiros de besta e um de largo, onde os moradores daquela comarca alagam seus linhos e bebem também os gados, na qual se criam tantos e tão grandes eirós, que, secando-se uma vez e recolhendo-se as águas, ficaram em espaço de três alqueires de terra tantos deles, que pareciam canas que se roçaram de algum canavial, em tanta quantidade, que, vindo-se a corromper, vieram a cheirar muito mal. E também se criam nela muges, por estar tão perto do mar, que, quando enche muito, rompe para o mesmo mar como ribeira e faz entrada, por onde as tainhas sobem a ela. No meio desta alagoa está um ilhéu, de quantidade de meio alqueire de terra, em que está um pombal de pombas, e da terra estão postos penedos como passadouro, por onde vão de um e outro até o pombal, e logo está a vila da Praia, nobre e sumptuosa e de bons edifícios, edificadas por muito bom modo, cercada de boa muralha, com seus fortes e baluartes toda em redondo, povoada de nobres e antigos moradores, como uma das mais antigas povoações da ilha, rodeada de fermosas e ricas quintas de nobres e grandiosos fidalgos, com uma freiguesia e sumptuosa igreja de três naves, com a capela mor

de abóboda e portais e pilares bem lavrados de pedra mármore, toda cercada de capelas de grandes morgados, e haverá nesta jurisdição da capitania da Praia até vinte morgados; sua invocação principal é de Santa Cruz, cuja festa se celebra a catorze dias de Setembro, igreja sagrada e colegiada com vigairo (sic) e um cura e oito beneficiados e salário (sic) pera pregador, onde, além do vigairo e beneficiados, há quinze ou desasseis clérigos que ordinariamente vivem por suas ordens, e são tantas as missas naquela vila, que as não podem dizer, afora as que dizem dez ou doze frades que há no mosteiro de São Francisco. Haverá em toda a capitania da vila da Praia da ilha Terceira duzentos homens de cavalo, mui gentis cavalgadores, e com os moradores de suas quintas tem passante de setecentos vizinhos; onde há casa de Misericórdia e hospital, com duas igrejas, uma do hospital do Espírito Santo e outra de Nossa Senhora, com uma nave pelo meio, de obra nova de macenaria (sic), dotado quase de cem moios de renda; e um fermoso mosteiro de São Francisco, em que continuamente residem dez ou doze religiosos, onde há muitas capelas de morgados semelhantes aos acima ditos; três mosteiros de freiras, o mais principal dos quais é de Jesus e da obediência do ordinário, de quarenta freiras de véu preto, e os dois, um de Nossa Senhora da Luz e outro das Chagas, da obediência e da observância de São Francisco, em que há menos religiosas. Dentro em si tem esta vila, e ao redor, treze ermidas, algumas muito ricas e lustrosas; antre estas está, junto onde se chama a Casa da Ribeira, uma da invocação de São João de Latrão, em a qual, per uma bula apostólica, há muitas indulgências plenárias aos que a visitam e aos que nela se sepultam, e um hospital de Lázaros, com muita renda; duas das quais ermidas, do Salvador e de Nossa Senhora da Graça, têm cinquenta moios de renda, que se despendem em missas e obras pias; e no caminho que vai pera a cidade de Angra, saindo da vila da Praia, está uma ermida de Santo Antão, pegada na rocha, junto à qual igreja de Santo Antão está uma fortaleza, novamente feita, pegada com o mar e caminho do concelho, das trincheiras pera dentro da terra, também guarnecida de sua artilharia e bombardeiros; e junto da mesma ermida está outra grande alagoa, que seca no tempo do estio, a qual se faz de congregação de águas de chuva. Nesta vila havia antigamente mais de duzentos poços de água doce, de que bebiam todos os moradores, deles baixos, deles altos, e não havia casa que tivesse quintal, fora da vila ou dentro nela, que não tivesse pera si poço, até que haverá menos de vinte anos se acordaram trazer à vila uma água perenal, que estava fora dela meia légua, somente, arriba donde se chama a Casa da Ribeira, com a qual fizeram seis chafarizes dentro na vila, de que agora se servem, e é coisa notável ver o descuido dos moradores, como tendo tanta e tão boa água tão perto da vila, a não trouxeram mais cedo, pois custou muito pouco trazê-la. No porto, que é bom desembarcadouro pera batéis e seguro encoradouro (sic) pera navios, se mata com redes muito pescado; tem um chafariz no princípio e outro no meio, e outro no cabo da vila, enobrecida com nobres fidalgos e bons cavaleiros, de nobres e antigos apelidos: Teves, Noronhas, Câmaras, Pains, Homens, Coresmas, Costas, Ferreiras, Betancores, Melos, Pampalonas, Dornelas, Fagundos, Vasconcelos, Mendes, Vieiras, Godinhos, Barcelos, Borges, Mendonças, Furtados, Freitas, Cantos, Cunhas, Barradas, Valadões, Barcelos (sic), Cordelos (sic), Aguiares e Borbas, os quais todos são liados uns com outros e têm seus braços, tirando os Borbas, que o não têm enquanto Borbas, se não o tiveram dos Curvos de Alentejo, donde veio à ilha Terceira um Gil de Borba, cujo nome era Gileanes e, segundo se soube da capitão do Faial, que, praticando com Domingos Homem, filho do capitão, que casou no Faial com uma filha desta capitão, e perguntando-lhe pelos nobres da terra, nomeou este Gil de Borba por Gileanes e contou como viera às ilhas, por ele e seis ou sete primos seus irem à vila de Arraiolos e, fechadas as portas, entraram por força com um fidalgo, João Malheiro e, cortando-lhe a cabeça, a levaram a Dona Branca, sua mãe, que vivia na vila de Borba, e dizendo-lhe uma pessoa isto, ao Gil de Borba, disse ele em segredo: «eu sou esse mal aventurado», já arrependido de seu pecado, e nunca a outrem disse quem era, nem seus filhos o ouviram dele. Somente se soube por esta capitão e por um Rui Lopes, seu natural, que conheceu a ele e a seus parentes em Alentejo. E destes Borbas, que são Curvos, está perdido o brasão, sem eles o terem, por não saberem de seus avós e viverem nobremente e ricos na terra. Na qual vila está o principal assento e cabeça da capitania da Praia, rica e abundantíssima de terras de pão e criações de gado, acompanhada com ricos mercadores de grosso trato, com sua alfândega e seu porto pera todas as entradas e saídas, donde saem cada ano ordinariamente três mil moios de pão e às vezes quatro e cinco mil pera outras partes.

Da vila corre (deixando o porto do norte, nordeste e sudoeste) a praia muito aprazível por espaço de meia légua até a ponta de Santa Caterina, e em toda esta praia morre muito peixe de toda a sorte com redes alvitanadas em verão e inverno, e no meio do ano se toma muito pescado, sargos, salemas, salmonetes e muitas sardinhas, onde está uma ermida de São

João, que antigamente foi de Santa Caterina, pela mudarem pera uma freiguesia do mesmo orago, que está acima pela terra dentro pouco mais de um tiro de besta, na qual há cem vizinhos da mesma laia que os da vila da Praia, onde agora é vigairo um João Fernandes. Da ponta de Santa Caterina, onde está uma fortaleza, corre a costa rasa de calhau pouco espaço, fazendo mais adiante uma pequena baía, que se diz o Porto do Martim, distante da ponta de Santa Caterina um terço de légua, onde está uma grande fazenda e morgado, que ficou de um João Dornelas ao capitão da mesma Praia, e uma ermida de São Bento e outra de Santa Margarida, onde se chama os Graneis.

Do Porto de Martim corre a costa da mesma maneira, rasa e de calhau grosso, por espaço de dois terços de légua até à Ribeira Seca, que somente é de enchentes, pela qual se começam de partir as capitánias desta ilha, que vai sair no mar ao sueste; todos estes dois terços de légua da costa são de biscoito, todo prantado de pomares e vinhas, com algumas moradas, e quase junto da Ribeira Seca está um porto, onde varam barcos, que se chama de Gaspar Gonçalves Machado, africano, que foi o melhor cavaleiro que em seu tempo se achou em África, de que procedem os Machados, por estar junto de sua fazenda e morada. No cabo destes biscoitos, da banda da serra, pelo sertão dentro mais de meia légua do mar, fica uma freiguesia de Santa Bárbara, antiga, que tem quarenta moradores, também de nobre gente, onde estão as ricas quintas de João de Betancor e João Cardoso, e de Cristóvão Paim e de António da Fonseca. Na ponta da Ribeira Seca, da banda da capitania da Praia, onde está um calhau raso, está feita uma nova fortaleza pequena, que responde a outra fortaleza grande e antiga, que está adiante, na capitania de Angra, na jurisdição da vila de São Sebastião, a qual nova fortaleza se fez por razão (sic) de poder pescar qualquer navio que passasse da fortaleza grande pera dentro, por estarem ambas em a grande baía e perto da vila de São Sebastião, defronte uma da outra, e na própria Ribeira Seca, onde ela sai ao mar, ou vai beber nele, está a dita grande baía, que se chama o porto da vila de São Sebastião, com muito bom desembarcadouro, em que podem ancorar muitos navios; onde começa a capitania de Angra, na qual está a grande fortaleza, guarnecida de muita artilharia, acima da costa pela terra dentro, posta no sertão por razão das guerras com Castela. Quase meia légua, está em um baixo, antre uns picos situada, a vila de São Sebastião, com uma grande igreja de três naves de sua invocação e três ou quatro capelas, com um vigairo e três beneficiados, que tem quinhentos moradores, de nobre gente, onde se ajuntam as Câmaras da ilha toda, que são três, por ser a mais antiga e por expressa provisão que tem de el-rei. Tem uma casa de Misericórdia e três ermidas, duas de Nossa Senhora e uma de São João, e um chafariz de mais e melhor água, e nascida antre duas pedras, que quantas há em todas as ilhas, com a qual moem de represa três moinhos na dita vila; na qual e seu termo há gente nobre, de diversos apelidos, como são Machados, Coelhoos, Leonardos, Gatos, Francos, Borbas, Barcelos, Ramos, Galegos, os de Pedreanes do Mato, Manoris (sic), Linhares, Ferreiras, os Matias, Toledos, Aguiars, Pitias, que procedem dos de Ponte de Lima, Feijós e outros. Há nela muita lavoura de pão e muitas criações de gado.

Além do porto da Ribeira Seca vai cortando a costa, fazendo uma grande ponta ao mar, que se chama Ruiva, e, logo adiante, faz uma enseada pequena, correndo pouco espaço com alta rocha até uma calheta, onde se chama a Casa da Salga, em que novamente se fez um forte, com sua corredice (sic) pera a banda de oeste e de leste, e se fez uma ermida de São Tiago por razão da batalha dos castelhanos da armada de Dom Pedro Baldez (sic) a vinte e cinco de Julho da era de 1581 anos, que no mesmo lugar saíram esse dia de São Tiago. Da qual se vai continuando a costa rasa um terço de légua até o porto do Judeu, que também se chama porto de Santo António, por estar ali junto uma freiguesia do orago do mesmo santo, de oitenta moradores, com uma ermida de Nossa Senhora da Esperança, de muita romagem, onde há terras de muito pão e muitas criações. E neste porto do Judeu, que é muito pequeno e fica debaixo de uma rocha vermelha, muito alta, sem ter mais serventia que quanto cabe um carro, ao longo da rocha pera baixo está feito um cubelo cercado de muro, com suas portas muito fortes, chapeadas de ferro, provido dentro de artilharia e bombardeiros, junto do mar, onde estão três ou quatro poços de água salobra, de que bebe a gente da freiguesia e seus gados. Em cima desta rocha está arvorada uma cruz de pau muito alta, e, à borda da rocha, parede feita pera amparo da gente, com suas seteiras e muitas pedras de mão pera sua defesa. Arriba deste lugar, entrando pelas terras de criação tanto como uma légua do mar, está uma ermida de Santa Ana, a qual foi já freiguesia, onde houve um lugar de trinta moradores, que se dizia Portalegre, por razão de haver nele muitos impérios e folgares. Este lugar se destruiu de

todo, ficando só um morador, chamado Rodrigualvres, e algumas casas derrubadas, com alguns pomares ao redor, por memória de suas ruínas, onde há três poços de água muito boa.

Correndo do Porto do Judeu pera a cidade de Angra, com rocha alta e costa de grosso calhau e penedia, um terço de légua, está um grande biscoito prantado de vinhas e pomares, defronte do qual estão dois ilhéus, um de três moios de terra, outro como ametade (sic) deles, divididos um do outro tanto espaço, que poderão antre ambos passar navios, e antre eles e a terra naus da Índia, que distam uma légua do Brasil, fronteiras ao porto de Angra e afastados do pé da costa tanto como meia légua, muito abundantes de pescados e marisco, onde há cracas, por serem de pedra de tufo, e os barcos fazem grandes pescarias. Nos quais houve também muitos coelhos, e agora, em seu lugar, há matos e muito barcéu, que vão lá buscar pera os bois, e criam neles pombas e muitos pássaros do mar, como são estapagados, garajaus e gaivotas, de que se acham muitos ovos. São estes ilhéus altos, mas pequenos, e, além do barcéu, têm feno e mato de louros carrasquinhos; dos quais ao mar, pera o leste, estão uns baixios altos, que são duas pontas agudas indo por baixo de água, muito perigosas pera a navegação, ainda que proveitosas com seu muito marisco, defronte dos quais, onde está o Porto do Judeu dito, um quarto de légua da vila de São Sebastião, de cujo limite é, ficam outros ilhéus de pedra, altos, que se chamam da Mina ou dos Frades, onde há também muitos pescados, sem criarem neles pássaros senão no verão, por serem no inverno rociados e lavados das ondas, onde há muito perrexil do mar e infindas cracas. Destes ilhéus, que também chamam ilhéus Pequenos, pera o mar, ao sueste, direito a esta ilha de São Miguel vai correndo um baixo por debaixo do mar, em partes altura de quatrocentas braças até comprimento de meia légua dele pera o mesmo sueste, e quanto mais vai pera diante pela mesma esteira ao sueste, acham sempre aquela rocha e penedia, que vai por debaixo do mar, e quanto mais vem pera fora, por este mesmo rumo, cada vez mais baixo se vai achando e menos braças de alto, de modo que têm sondado até cinco léguas dos ditos ilhéus por esta mesma esteira sessenta braças de fundo, que parece ser algum pico alto da mesma penedia que está ali debaixo daquele mar, e dali adiante não têm sondado mais, mas presume-se que não haverá mais baixo das sessenta braças; e assi dizem pilotos, e têm pera si, que vem este braço e restinga de penedia correndo por debaixo de água até chegar a esta ilha de São Miguel, com que estão estas ilhas abraçadas; e dão por rezão estes pilotos de ser isto assi, porque têm achado muitos cardumes de cavalas no meio deste canal antre a Terceira e esta ilha de São Miguel, por este mesmo rumo, o qual pescado não anda senão em pouco fundo e onde há penedia chegada à costa da terra. Há neste baixo e restinga, até onde tem tomada a altura dele pelo espaço das ditas cinco léguas, afora as cavalas, muito pescado de peixes grandes, como são chernes, congros, albafores, que é pescado que não se come e por ser grande e o não poderem matar dentro nos barcos de pescar, o matam a bordo e, abrindo-o, lhe tiram somente os fígados, de que têm muito proveito no azeite dele, e outras sortes de pescado, pargos, cações, marraxos, pescado grande de três ordens de dentes enviesados, e entrevados (sic) uns pelos outros, e que costumam cometer os homens no mar, e tão terribes (sic) e furiosos, que, estando no batel pescando um pescador por nome Gaspar Lopes, natural desta ilha de São Miguel, assentado na popa do batel, um destes marraxos saltou do mar pera o levar donde estava e passou à outra banda do barco, escapando o dito pescador por se abaixar quando lhe sentiu a sombra. Há também neste baixo outros peixes quase da sorte destes marrachos, que se chamam anequins, pescado que se come, gatas, meros, gorazes, rocazes, chernes, que têm umas peles como de gatas, muito presadas, de que se fazem bainhas de bacamartes e maças e punhos de espadas.

Destes biscoitos e ilhéus corre a costa de alta rocha e penedia tanto como uma légua, até junto da fortaleza da cidade de Angra, onde está uma enseada pequena e praia de areia branca, sobre a qual rocha ficam terras de pão de largura de terço de légua, no meio das quais fica uma freiguesia da invocação de São Pedro, de quarenta moradores, e o lugar se chama da Ribeirinha, com uma ermida de Santo Amaro, de muita romagem. Debaixo desta ermida de Santo Amaro, espaço de um bom tiro de arcabuz pera o mar, fica uma rocha das mais altas que há na ilha, com uma ponta ao mar, que se chama a ponta Ruiva, e tem uma enseada de calhau, onde o vão buscar pera lastro dos navios, e na terra, na borda da rocha, em baixo no calhau, antre ela e o mar, está uma vinha brava e grande que dá muitas uvas de toda sorte, e tem muitas figueiras que dão muitos figos e bons, e muitas fontes de boa água, com muitos agriões e rabaças e aipo, onde vão em batéis da cidade muitas pessoas a folgar no verão e matar muitas pombas, que há naquela rocha, e a pescar e a apanhar muito marisco; e também

pela terra tem um passo, em que descem à vinha por uma corda, e podem também ir a ela ao longo do mar, quando está manso, de maré vazia.

CAPÍTULO TERCEIRO ⁽⁴⁵⁾

DA DESCRIÇÃO DA NOBRE E POPULOSA CIDADE DE ANGRA, CABEÇA DO BISPADO DE TODAS AS ILHAS DOS AÇORES, E, DAÍ POR DIANTE, DA COSTA DA ILHA DA BANDA DO SUL, ATÉ À SERRETA, CABO OCIDENTAL DELA

Na ponta da baía do porto de Angra, da parte do oriente, está uma grande fortaleza, chamada de São Sebastião, com uma grande cisterna dentro, que levará quinhentas pipas de água, com seus baluartes e um cubelo em baixo, quase raso com o mar, onde está assentada a artilharia, do qual sobem arriba por uma comprida abóboda por debaixo do chão, fechada com suas portas chapeadas de ferro, e em cima com casas de munição e bombardeiros, com outra porta principal de serventia da terra, guarnecida de muita e grossa artilharia. Pegado com esta fortaleza, espaço de um tiro de besta pera a banda da cidade, está um porto, fechado de alto e largo muro pela banda da terra, que não tem mais que uma porta muito pequena, por onde não cabe senão uma só pessoa, que se chama o porto das Pipas, no qual se recolhem cinco e seis navios, posto que sejam de setenta e oitenta toneladas, e ali varam arriba e invernam e consertam, e, ainda que haja tormentas grandes, não recebem dano; no qual porto também se fizeram e fazem navios grandes e pequenos, como foi um Bastião Merens, dos nobres da terra, que fez nele duas naus muito grandes, e João de Betancor, Nicolau Dias, João Cordeiro, João Martins, do Porto do Judeu, e outros muitos fizeram naus e navios grandes e pequenos e barcos de toda a sorte; neste porto está um cais novo, que mandou fazer João da Silva do Canto, grande parte à sua custa, que foi grande bem pera a salvação dos navios. Da ponta desta fortaleza se vai fazendo uma grande baía, de um quarto de légua, até outra ponta, que se chama do Brasil, que é um morro grande, alto, comprido, a modo de ilhéu, largo na ponta que sai ao mar; é estreito onde está pegado na terra, tanto como um tiro de besta da terra e até começar a subir ao alto, onde está outra fortaleza, que se chama de Santo António, com fonte ⁽⁴⁶⁾ de água que nasce na mesma fortaleza, e casas do capitão e bombardeiros; antre as quais fortalezas se faz uma boca de um tiro de espingarda de largo, com que fica seguro aquele porto pera não poderem entrar nele, com uma fermosa e soberba entrada, da qual está aparecendo a nobre e afamada cidade de Angra, situada no mais curvo da baía, cercada de rocha pela parte mais alta, e de forte muro pelo mais baixo, com sua artilharia por cima dos muros, fechada com duas portas, uma que vai pera um grande cais de cantaria que sai ao mar, e outra que sai pera uma pequena praia, chamada a Prainha, em que se fazem muitas naus, navios e galés, que estão da outra banda. Dentro deste cais grande se recolhem todos os batéis de pescar e de serviço da terra, antre o qual e a fortaleza, que está da banda do oriente, fica o outro cais de cantaria, que se chama, como disse, o porto das Pipas, baía da areia, onde se recolhem e fazem também muitos navios, que no inverno é o melhor abrigo da baía, a qual faz muito fermosa o grande e alto monte chamado Brasil, já dito, parte todo coberto de erva de pasto, parte de lavoura (e dantes era todo povoado de arvoredos), que cerca toda a baía em comprido da banda do ponente, no cabo da qual está a segunda fortaleza, já dita; em cima dele está uma casa de atalaia, com doze mil réis de mantimento com o facho que vigia todo mar. Neste monte estão dois montóis, ou fachos de pedra e cal, à maneira de África, nos quais assina o atalaia as velas que vêm daquela parte, até três, com bandeiras pequenas por esta ordem: no montão e facho do oriente põem somente o número das bandeiras igual ao dos navios que vêm daquela parte até três, e, passando os navios de três, põem uma bandeira grande de campo, e o mesmo sinal faz no montão e facho do ocidente, quando da mesma parte aparecem os navios; e quando são caravelas pequenas, que servem de umas ilhas pera as outras, arvora as bandeiras mais baixas. Pela costa, ao redor deste Brasil, onde podem sair os barcos nela, há muito marisco e muitas cracas, por ser todo de pedra de tufo, mas agora está tudo cortado ao picão de grande altura. Logo abaixo da casa, cercada de quatro outeiros, dois maiores e dois menores, está uma muito funda caldeira, e redonda como o mesmo monte, quase ao nível com o mar em sua fundura, que se semeia de novidade de trigo, pastel e outras

coisas, a qual (segundo a experiência de agora mostra) foi pico mui alto e todo se derreteu em fogo e terremoto, como outros da mesma ilha, de que dão sinal os aliceces (sic) que se abriram pera a Sé nova, onde, cavando duas braças debaixo do chão, se achavam esculpidos no tufo que tiravam os ramos e folhas do louro e de outras árvores. O topo deste Brasil, pela banda do mar, é uma altíssima testa de alta rocha talhada.

Está esta cidade situada ao modo circular, quase redonda, em um baixo vale e nos outeiros que a cercam, em um dos quais, mais alto da banda do norte, está como amparo dela um forte castelo com munições e artilharia, novamente renovado e provido, sendo dantes mais fraco, edificado somente pera recolhimento e defesa dos moradores dela no tempo das guerras de Portugal com Castela, no qual castelo morava antigamente o capitão da ilha, Manuel Corte Real, e depois morou em outros paços, abaixo do mesmo castelo, com rico jardim de muitas laranjeiras e frescura, que ainda agora possui, o qual herdou de sua irmã, Dona Iria, que foi casada com Pero de Góis, nobre fidalgo. Está toda ela mui bem situada, com muitas ruas largas e cordeadas com as bocas ao mar, que as fazem muito graciosas, com uma rua mui larga que as atravessa e parte todas pelo meio de um cabo da cidade até o outro. Tem casas sumptuosas, e delas de dois sobrados, edificadas todas por boa e gentil ordem, como cabeça de todo o bispado destas ilhas, que a há-de dar a todas elas, em que ordinariamente reside o bispo, em seus paços, com um fermoso jardim ornado e regado com uma fresca fonte no meio. Os quais estão defronte da Sé, que está quase no meio da cidade, sumptuoso templo ainda não acabado, decorado com três bispos que nela estão sepultados, sc., Dom Jorge de Santiago, Dom Nuno Alvres Pereira e Dom Gaspar de Faria, servida com cinco dignidades e doze cônegos, quatro meios cônegos, dez capelães, um só chantre, três curas, mestre da capela, tangedor de órgãos, sancristão (sic), o altaneiro e oito moços de coro, com seu porteiro da maça e um sineiro ⁽⁴⁷⁾, ornada com ricos pontificais e ornamentos e muitas e ricas peças de prata, com salário de pregador, que têm por provisão de el-rei os frades de São Francisco. Dentro, nesta cidade, e seus arrabaldes há quatro freiguesias, em que há dois mil e quinhentos moradores, sc., na freiguesia da Sé mais de mil, e na de Nossa Senhora da Conceição, rica e graciosa igreja de três naves, novecentos, onde há um vigairo e um cura e sete beneficiados, e na de São Pedro quatrocentos, que tem vigairo e cura e dois beneficiados, e na de São Bento e Val de Linhares perto de cento, onde há só o vigairo. Tem um sumptuoso mosteiro de São Francisco, da invocação de Nossa Senhora da Guia ⁽⁴⁸⁾ onde ordinariamente residem até vinte religiosos ⁽⁴⁹⁾, situado no mais alto da cidade, com fresco pomar e horta regada com uma ribeira de água, e na claustra tem chafariz de água, com muitas capelas de morgados; e dois mosteiros de freiras, da ordem de Santa Clara da observância, um da invocação da Esperança, da obediência dos frades, e outro da invocação de São Gonçalo, que primeiro foi da obediência do bispo do Porto e agora é, por bula apostólica, da obediência do bispo de Angra, cujo padroeiro era Braz Pires do Canto e agora é Dom Diogo, seu genro, casado com sua filha Dona Maria do Canto, de trinta religiosas professoras. Está também nesta cidade, sobre a baía do porto, um colégio dos padres da Companhia de Jesus, por entretanto, até se edificar outro novo, onde faziam muito fruto nas almas, livrando muitas da boca do lobo antes de lhe terem as mãos atadas e eles degradados, dotado e fundado por el-rei como comendador da Ordem de Cristo, cuja comenda são estas ilhas, onde há doze religiosos antre pregadores e mestres de latim e casos de consciência; cuja ermida é da invocação de Nossa Senhora das Neves, em a qual tornados, fazem na terra os bens que dantes faziam.

Saindo da porta do mar à rua Direita, principal, está uma fermosa casa da Misericórdia, de três naves e três portais, com seu hospital anexo e sua renda, assi de el-rei como de outras pessoas, que pode ser cento e trinta moios de trigo e oitenta mil réis, que deu el-rei em dinheiro, com dízimo de frangos que monta catorze mil réis, e cento e trinta ou quarenta mil réis de foros de vinhas e casas, e dez moios de trigo que lhe tem dotado frei Antônio Varejão, com encarrego de certas missas em cada um ano, grande e proveitoso refúgio de muitos enfermos e pobres da terra e de muitos mais que pelo mar vêm de fora, de muitas partes, por ser o porto desta cidade escala de muitas navegações. Nesta casa há capelães, com ordenado da mesma casa, que celebram com muita veneração os ofícios divinos, e se dizem muitas missas quotidianas. Além das igrejas, há nesta cidade muitas ermidas, muito bem fundadas e ornadas: a ermida de São Lázaro, com hospital pera os mesmos lázaros, a ermida de Nossa Senhora de Natividade, dos pretos, imediata a Roma por bula apostólica, outra de Nossa Senhora dos Remédios, de Pero de Castro do Canto, outra de São Sebastião, outra do Corpo Santo, dos mareantes, outra dos Santos Cosmo (sic) e Damião, outra de São João, outra de Santa Luzia, e outra de Santa Caterina. Pegado com São Lázaro, está novamente começada uma igreja e

mosteiro de religiosos de Nossa Senhora da Graça, com tantas indulgências, que lhe chamam Roma, todo ordenado e fundado pelo reverendo padre frei António Varejão, bom pregador da ordem de Santo Agostinho.

Na entrada do porto está uma nobre casa da alfândega de el-rei, toda de cantaria lavrada, de grandes rendimentos pelas muitas entradas e saídas que há na terra, onde sóia haver da própria ilha muitos navios de comércio, e agora são menos, pelos embargarem os oficiais de el-rei pera seu serviço, e onde residem seus provedores, feitores e corregedores.

Quase sempre é esta cidade muito enobrecida com generosos e poderosos moradores, de diversos apelidos: os Corte-Reais, Gatos, Costas, Fagundos, Betancores, Vieiras, Cotas, Machados, Barcelos, Pedrosos, Valadões, Antonas, Borges, Silveiras, Sousas, Monizes, Ceas, Sampaio, Lemos, Farias, Rodovalhos, Chamas (sic), Torrados, Tirros (sic) e Bruges, Maias, Guimais (sic), Boins, Sericeiras (sic), Leitões, Albernazes, Pinheiros, Silvas, que procederam de Dona Violante da Silva, mulher de Pedreanes do Canto, e de outra senhora, Bárbara da Silva, que foi da Graciosa, Cantos, Pachecos, Netos, Carvalhos, Baiões, Coelho, Leonardos, Tavares, Azevedos, Matelas e Pereiras; Saias Vedras (sic) ⁽⁵⁰⁾ houve, e acabou-se este apelido por ser casa de que houve pouca geração, que foi um só filho e uma filha freira; Dotados (sic), que são homens nobres antigos na terra; os mais deles liados por casamentos, e os da Praia com muita parte deles de Angra, e quase todos têm seus brasões de cota de armas. Da geração dos Pachecos, de que já tenho dito quando tratei dos que há nesta ilha de São Miguel, houve um chamado Manuel Pacheco, que foi contador em todas as ilhas de Baixo, de que ficou um filho, por nome António Pacheco de Lima, fidalgo muito honrado que serve de contador, como seu pai, nas ditas ilhas e é juiz do mar e direitos reais e dos órfãos da dita cidade de Angra, onde é morador; tem o hábito de Cristo e é de tão boas partes e discrição, que a quantos o vêem prende com elas, honroso pera os homens, bem inclinado, de muito respeito, grande amigo de seus parentes e desejoso de acrescentar na dita geração, gentil-homem, gracioso, alegre, liberal, virtuoso e temente a Deus, de muita verdade, desinteressado em falar e dizer o que entende, sem ter de ver com pessoa alguma, e por tal é conhecido de todos; é casado com Dona Catarina de Menezes, neta de Sebastião Moniz Barreto e filha de Rui Dias Pacheco, primo coirmão de seu pai, dele, António Pacheco. Tem um só filho, de pouca idade, que chamam Manuel Pacheco de Lima, como o contador, seu avô.

Afora a ribeira do Telhal, que corre pela parte do oriente, perto da freguesia da Conceção, pelo meio desta cidade corre outra grossa ribeira de água, a qual vem ter ao porto, com que se regam muitos jardins que nela há e moem doze moinhos dentro, na cidade, que são serventia de toda esta parte do sul, a qual ribeira procede de várias fontes, que estão quase uma légua da cidade contra uma grande serra, e ao pé dela mesma nasce outra fonte, de muita cópia de água, com arca fechada, da qual por canos vem ter à cidade e se reparte por quatro principais chafarizes, afora outro que sai junto do cais, donde se provêem todos os navegantes e armadas; e, além disso, se reparte por todos os mosteiros e algumas casas principais, com que fica a cidade muito fresca e abundante; de modo que são por todos doze chafarizes. Tem esta cidade ao redor de si muitos pomares, jardins e hortas, de que é também servida e provida, como o é de todas as outras partes da mesma ilha, e das outras ilhas, de carne, pescado, mel, manteiga, madeira e de outras muitas coisas que dão as ilhas, afora outras diferentes que vêm a ela das Índias de Portugal e Castela, Guiné, São Tomé, ilhas do Cabo Verde e Brasil, além do comércio que tem de Frandes, Inglaterra, Portugal e Castela, e de outros reinos. As serventias da mesma cidade são tão boas, que facilmente se podem prover de tudo todas as pessoas, porque todas as coisas necessárias há em muita abundância e se vendem pelas portas, e andam vendendo por toda a cidade, ao costume de Lisboa, excepto vinho e azeite, que somente se vende nas tavernas, e a carne nos açougues, com que fica parecendo, e é, uma Lisboa pequena, onde haverá quarenta tendas de ferreiros e sarralheiros (sic), e setenta e duas de carpinteiros de obra de caixaria e ricos escritórios, e setenta de sapateiros, e trezentos pedreiros, e cinquenta carpinteiros de ribeira, e cento e vinte bombardeiros, antre os quais há vinte e quatro de comedia, que tem cada um por ano um moio de trigo e uma pipa de vinho e doze mil réis em dinheiro, e um deles mestre de fazer salitre e caparrosa e pedra hume, que tudo se tira em uma furna da ilha Graciosa.

Há nesta cidade bem cinquenta confrarias nas igrejas paroquiais, mosteiros e ermidas, e cada somana têm estas confrarias seis missas, as quais se sustentam de esmolas do povo, afora outras muitas que se pedem pera confrarias e ermidas de fora dela.

Nesta cidade e em toda a ilha Terceira costumam os moradores, no verão, quando recolhem o trigo, metê-lo em covas debaixo do chão, feitas a modo de uma pipa, e delas tão grandes, que levam sete, oito, quinze, vinte moios, e isto por causa do bicho, sc., gorgulho, muchão e borboleta, o não comer, porque esta praga faz mal ao trigo nela, e dizem que este trigo assi encovado faz muito melhor pão e é de mais rendimento, e o têm nas covas três e quatro e seis meses, e ano inteiro, sem por isso se danar pouco nem muito.

Tem esta cidade, antre outras, uma saída pera a banda dos Biscoitos, que estão ao ponente, onde estão as vinhas e pomares, a qual é tão frequentada de gente, que não há dia que por ela não passem mais de mil pessoas, que parece uma rua das principais de Lisboa, e isto por respeito de terem todos suas vinhas, pomares e searas pera aquela parte.

Na volta do monte do Brasil pera a banda do ponente está outra baía grande, chamada Fanais, cercada de alta rocha, e no baixo dela, com muro e portas guarnecidas de artilharia e casa de vigia, que se chama o porto de São Pedro, por respeito da igreja do mesmo apóstolo da dita cidade, que aí está perto. Daqui vai correndo a costa mais algum tanto de uma légua quase toda rasa de biscoito, todo prantado de vinhas e pomares do mar até serra, que é outra larga légua, antre os quais há algumas fajãs de terra lavradia muito fértil, que dá pão em grande quantidade e bondade, e onde há tanta frescura de castanheiros, macieiras, pessegueiros, marmeleiros, laranjeiras e outras árvores, que parece outro Antre-Douro-e-Minho. Onde se chama o Porto (sic) Santo, no cimo destes biscoitos, está, antre outras, uma fonte de tanta água que faz um ribeiro grande, que corre pelos vales abaixo, com cujas águas se provêem todas as quintas, que por ali há muitas, recreação do verão, e pomares de todas as frutas e muitas e ricas colmeias, pela grande cópia da erva ussa, que é pasto gratíssimo das abelhas, onde há um homem que tem quinhentas colmeias, e é tão aprazível posto, que perto desta fonte fez um genoês ⁽⁵¹⁾, chamado Lopalma, uma fermosa quinta, prantada toda de pomares e vinhas, e junto das casas passa o mesmo ribeiro da mesma fonte; e ao longo do mar vão também muitas quintas que no mesmo mar têm sua recreação. E por todas estas faiãs se dá muita e boa hortaliça e finos melões. Vai fazendo esta costa algumas calhetas, onde podem embarcar e desembarcar com o mar manso. Além da baía de São Pedro, que se diz dos Fanais, um tiro de berço ou mais está uma ponta e desembarcadouro que se diz o Pesqueiro do Alcaide, onde se edificou uma fortaleza, pera defesa da terra, que respondesse a outra fortaleza de São Pedro, que fica atrás, nos Fanais; e, logo, mais adiante outro tiro de berço está uma calheta pequena, que se diz de António Pires, pai do licenciado Manuel Gonçalves, arcediogo da Sé de Angra, agora vigairo geral neste bispado ⁽⁵²⁾, onde está edificado um cubelo com seu muro, em que estão seis ou sete peças de artilharia, com seu capitão e gente que a vigiam e guardam, em muitas choupanas de palha, que no verão fazem, em que se agasalham. Mais além, espaço de outro tiro de berço, está outra calheta, também pequena, do licenciado Manuel Anriques, que em outro tempo se dizia do Nordeste, onde estão feitos uns reparios de parede ensossa, com seus cestos cheios de terra pera repario da gente que guarda aquele passo, com cinco ou seis peças de artilharia e seu capitão e bombardeiros.

Correndo adiante pela costa rasa e brava de baixos, espaço de dois tiros de berço está outra baía de calhau muito miúdo, chamada Prainha, onde algumas vezes varam os batéis e deitam redes ao peixe, sobre a qual está uma rocha baixa com umas eiras em cima, que se dizem do Albernaz; nas quais se edificou novamente uma fortaleza, com sua corredice de muro de dez palmos de largo e doze de alto, com que ficou fechada aquela baía toda até ir dar na rocha áspera de calhau vivo, na qual fortaleza estão treze ou catorze peças de artilharia, com seus cestos de terra pera repario, e seu capitão e bombardeiros e gente que a vigia.

Correndo adiante, é tudo costa rasa de calhau vivo, muito áspero, e de muitos baixos pelo mar, que arrebetam longe da terra, até ir dar, em uma pequena baía que se diz o Matadouro, à canada de Manuel de Barcelos; dois tiros de berço da fortaleza atrás, está edificada sobre esta enseada e calhau vivo e caminho do concelho outra fortaleza com suas corredices de muro largo e alto até entestar nas rochas vivas, de uma parte e outra, onde não pode haver saídas pera terra; esta também tem seu capitão e seus bombardeiros, com nove peças de artilharia e suas munições.

Indo adiante pela costa, que é da mesma maneira atrás dita, quantidade de três tiros de berço, está a freiguesia de São Mateus, com seu vigairo e igreja muito fresca, situada ao longo do mar, a primeira que as naus da Índia costumam salvar quando ali chegam, e é de quarenta vizinhos, que moram espalhados por suas quintas, acima da qual, pera o sertão da terra meia

légua, fica outra igreja de São Bartolomeu no lugar dos Regatos, de oitenta vizinhos, que também vivem em suas quintas apartados uns dos outros.

Além da igreja de São Mateus um tiro de berço, está uma baía pequena de areia branca e calhau miúdo em partes, onde algumas vezes se deitam redes e tresmalhos com que tomam muito peixe, principalmente salmonetes. Sobre o qual porto, na terra lavradia ao longo do calhau, em rocha baixa, está feita uma fortaleza grande, que tem catorze peças de artilharia, com suas casas dentro, de capitão e bombardeiros, e muitos cestos grandes cheios de terra, dentj-o e de fora da mesma fortaleza, pera repairo da gente.

Daqui por diante, é a rocha de penedia alta quantidade de meia légua até ir dar com uma ponta e calheta muito pequena, em que somente pode varar um batel, que se diz o Penedo da Vinha, de André Gonçalves Madruga, onde havia um passo per que desciam abaixo, e agora está todo cortado.

Correndo além um quarto de meia légua, onde se diz o Negrito, está outro passo por onde descem os moradores dali derredor a pescar de cana ao mar, o qual ainda não está cortado, por ser em rocha viva talhada e muito perigosa de subir e descer, e daqui até a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que é já na freiguesia de Santa Bárbara, ao longo do mar não há outra baía nem descida senão esta da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que é baía pequena, e daí por diante até a ponta da Serreta, que se chama a ponta da Baleia, cabo ocidental da ilha, não há outro porto nem descida pera o mar, por ser tudo rocha talhada, mas não muito alta.

Passados os biscoitos atrás ditos, corre a costa de alta rocha, sem caminhos, por espaço de uma légua até a igreja de Santa Bárbara, que está também no sertão quase um quarto de meia légua do mar e é lugar perto de duzentos visinhos e terras de pão, como campinas muito chãs e outras de muita criação, as quais são do concelho e nelas se criam muitos gados de todos aqueles que ali os querem trazer, sem lhe custar nada.

Esta igreja de Santa Bárbara, que é de três naves, tem seu vigairo, um cura e dois beneficiados, e está bem provida de ornamentos, na qual freiguesia há um Bastião Vieira, homem nobre, e um filho seu, Pero Jácome, grandes imaginários de natureza, que têm feitas muitas images (sic) delicadas de crucifixos e outras, de boa proporção e muito preço. Nesta freiguesia de Santa Bárbara, ao longo do mar, está a dita ermida de Nossa Senhora da Ajuda onde dizem que ela apareceu, e ambas são de muita romagem; e pela estrada adiante um quarto de légua está outra ermida de São Jorge.

Corre a costa brava daqui por diante até a Serreta espaço de uma légua de rochas altas e sem caminhos, e pela terra dentro se colhe trigo e pastel e há muitas criações. Chama-se ali a Serreta por ser o topo daquela terra mais alto que a outra costa, que também por mar se chamar ponta da Baleia, como por terra é chamada a ponta da Serreta.

CAPÍTULO QUARTO

DA DESCRIÇÃO DA COSTA DA ILHA TERCEIRA, DA BANDA DO NORTE DA SERRETA
ATÉ A VILA DA PRAIA

Desta Serreta faz a ilha volta pela banda do norte e vai correndo costa brava muito alta e sem caminhos até onde chamam os Folhadais, por haver ali antigamente grande mato de folhados, por espaço de légua e meia de estrada, quase toda coberta de arvoredos, a modo de bosque de várias árvores, verde e fresco, todo cercado por cima, como soute, que, além da frescura do arvoredos, é muito saudoso com os diversos cantares de diferentes passarinhos. Neste espaço da terra chega o mato até junto do mar; em alguns vales está roçado, em que agora já se faz algum trigo e pastel, e na parte que são biscoitais se começam a prantar vinhas. Sendo esta terra por esta parte pobre e fresca, está nela uma fajã que terá dois moios e meio de terra, que muitos anos há se lavra nela muito pão e pastel, e tem grande fertilidade entre as outras quase estériles (sic), junto da qual está uma fonte de que usam os caminhantes e dois lavradores que aí moram; e chama-se a fajã de Duarte Gomes Serrão, por ser sua. Da Serreta até os Folhadais será uma légua e meia, e dos Folhadais a São Roque há uma légua, que é a própria terra que se chama Folhadais. Até a igreja de São Roque é terra muito chã, quase de meia légua de largo, e fraca, que dá pouco trigo e muito e fino pastel, que tem mor preço entre todo o outro, por ter misturada bagacina, quase como pedra pomes; custa o pastel pouco a fazer e tem menos mondas por a terra dar pouca erva. A costa da qual terra é muito brava, por ter muitos baixos e ser a rocha dela mui alta; e aqui está uma quantidade de biscoitais no meio da terra, como oito ou dez moios, que dá muito vinho e fruta de toda a sorte. No lugar de São Roque, que tomou o nome da igreja paróquia há um vigairo e um cura e cento e cinquenta moradores, deles, mui nobres e ricos, dos Valadões e Pampalonas; tem duas léguas de termo, das quais uma delas, de São Roque até os Biscoitos de Pedreanes do Canto, é mui fértil nas novidades do trigo e será de largo de um terço de légua. A costa dela é brava, de rocha alta, na qual está um pico mui alto em que bate o mar, que se chama o pico do Altar, pelo parecer o seu cume, donde o lugar de São Roque tomou também o outro nome que tem dos Altares. Este pico serve de marco aos pescadores da cidade de Angra, que vão em seus batéis a pescar da banda do norte três léguas dele ao mar, ao nordeste, onde têm descoberto um baixo até cinquenta ou sessenta braças de alto, o qual baixo se demarca do mar enfiando este pico com a capela mor da igreja de São Roque. Nele há tanta abundância de pescado de toda sorte, que não têm necessidade os batéis mais de duas horas pera se carregarem até não quererem ou não poderem mais levar, fazendo bom tempo. Chama-se também a Pedra do Altar, por estar demarcada com este pico e com a capela da igreja de São Roque, já dita freiguesia do lugar dos Altares. Esta pedra é pequena, segundo dizem os pescadores, porque, saindo e apartando-se destes dois marcos pera qualquer das partes, não lhe acham fundo, e é conhecido o pescado dela entre o de todas outras, por ser muito gordo, pela muita comida que ali tem.

Nesta freiguesia de São Roque está uma ermida de São Mateus, de muita romagem, e outra de Santa Catarina junto do biscoito de Pedreanes do Canto, que ficou cabeça de um morgado de Gonçalves Pampalona, que tem noventa e sete moios de renda, afora outras coisas, e agora é de Gomes Pampalona, seu neto; o qual morgado vai crescendo e virá a ser muito mais rico, por o primeiro instituidor o deixar com condição que todos os sucessores deixassem suas terras vinculadas a ele e ficasse a seus filhos mais velhos por linha direita. Na mesma freiguesia de São Roque, aos Folhadais, está o marco que parte as capitâneas de Angra e da Praia pela banda de oesnoroeste, por dizer el-rei nas doações dos dois capitães desta ilha Terceira que partiriam suas capitâneas da Ribeira Seca, que está ao sueste, que é o porto da vila de São Sebastião, onde está o forte já dito, e dali ao noroeste pelo meio da ilha; e eles assim o fizeram, cortando a ilha de um vento a outro, sc., do sueste ao noroeste; e,

despois, por se achar que a capitania de Angra, pela volta que a ilha faz maior da parte do sul, toma tanto mais da metade da ilha como légua e meia, houve antre eles grande demanda, que durou quase trinta anos, e por sentença foi mandado medir a terra e partir pelo meio da ilha, donde agora fica o marco nos Folhadais a oesnoroeste, que dantes estava ao noroeste. Por esta causa, antigamente partiam as freiguesias de São Roque com a de São Pedro dos Biscoitos por onde partiam as capitánias, ficando dez ou doze freigueses junto do marco antigo, que são freigueses de São Roque e vão meia légua a ouvir missa a sua parróquia, (sic) ficando-lhe a igreja de São Pedro tão perto como um quarto de légua ou menos.

Nos Biscoitos de Pedreanes do Canto, alguma parte dos quais é dos Pampalonas, está a igreja parroquial de São Pedro, com o vigairo somente, onde há cento e trinta fogos e uma ermida do mártir São Sebastião, outra da Vera Cruz e outra, com missa quotidiana, em um alto, de Nossa Senhora do Loreto, de muita romagem, a qual fez Pedreanes do Canto, mui ornada e fresca, a melhor que houve na ilha, junto das grandes e ricas casas em que ele viveu; das quais ao mar há uma boa meia légua, cujos foram todos estes biscoitos e agora são um morgado de trezentos e cinquenta mil réis de renda que ficou a seus filhos e netos, o qual possui seu neto, Pero de Crasto (sic) do Canto, casado com Dona Maria, filha de Estêvão Ferreira de Melo. junto destas casas estão tanto como dois moios de terra de pomar mui fresco, de todo género de árvores e frutas, e em tão grande quantidade prantada por Pedreanes do Canto que, tendo casa mais de sessenta pessoas, abastava pera todos e sobejava pera muitos, sem se tolher a ninguém que lá fosse.

Este biscoito de Pedreanes do Canto se chama o Biscoito Gordo, por ser por uma das partes terra, alta e por outro nome se chama de Má Terramenta (sic), porque foi um homem desta alcunha o primeiro possuidor dela e despois a vendeu a Pedreanes do Canto, uma légua de comprido pela costa do mar e meia légua de largo do mar à serra, tudo prantado de vinhas e grandes pomares, a mais fresca coisa neste género que há em toda a ilha, onde se dá infinidade de vinhas e frutas. A costa do mar, por esta parte, é quase toda rasa e muito brava; nela está um porto, onde varam os batéis, que se chama a Casa da Salga, que serve pera todos os moradores destas freiguesias, e outro porto, chamado da Cruz, e por outro nome de Pedreanes do Canto, onde ele carregava suas rendas, em que está feito um repairo de pedra e cal e outros de pedra ensossa, com três ou quatro peças de artilharia pera defesa dele, antre os quais biscoitos vão algumas fajãs frescas de terra de pão e ricas hortas.

Indo destes biscoitos pera o oriente pela entrada (sic) pública, quase junto deles está uma ermida de Bom Jesus, de muita romagem, fundada com alguma renda por um Pero Jácome, janoês (sic), que ali morou, a qual está na freiguesia de Santa Breatis, das Quatro Ribeiras, que estão perto dela, e tem somente vigairo e quarenta vizinhos, que foi a primeira igreja freiguesia que se fez nesta ilha, onde os da Praia, ao princípio da povoação da dita ilha, vinham ouvir missa, sempre ao longo do mar, caminho mais de três léguas. A costa brava desta freiguesia será de uma légua em comprido, com uma baía, junto da qual estão três moinhos que servem a todas estas freiguesias já ditas. É freiguesia muito fresca de águas, por ter quatro ribeiras de água fresca e fria, das quais três continuamente correm. É toda a terra fresca e pendurada de outeiros e vales e chega o termo desta freiguesia até o biscoito de Aqualva, que será uma légua, o qual biscoito é de Pampalona, chamado de Aqualva, porque é da mesma freiguesia de Aqualva. Estão nela prantadas e vão prantando muitas vinhas e pomares de muitas frutas e muitas colmeias. A costa deste biscoito é de alta rocha, muita parte dela alcantilada, em que se criam muitas pombas, e muitas vezes vão com barcos onde não é alcantilada e está a calhau, a tomar pombinhos, de que vêm carregados, pelos muitos que ali acham.

No fim deste biscoito, da banda do oriente, pegado com o mar, está uma alagoa, de quantidade de meio moio de terra, feita a modo de arco, a qual com as muitas enehentes das águas se encheu de terra e agora é muito pequena; corre por ela uma fresca fonte de água, que faz uma ribeira, cheia quase toda de terra muito fértil, cercada de rocha mui alta, em que fizeram um caminho por que desce gado abaixo. Foi esta alagoa baía de mar, segundo o que parece, porque antre ela e o mar está uma borda de calhau quase miúdo que o mar ali trouxe, e a muita terra que de riba da ilha corria com as enchentes fez recuar o mar atrás, e para uma das bandas ficava a alagoa, que agora está já também atupida de terra, ficando uma muito pequena com pouca água; e ao redor dela estão prantadas vinhas e árvores antigas, acompanhadas de muitos pássaros, que sobre elas cantam, e outras aves de água, adens e galeirões, que na alagoa andam; e por ser tão fresca era pera os que ali iam de mui recreação

e passatempo. Esta alagoa é de Pampalona e chama-se de frei Gil, porque antigamente habitou nela um frade deste nome. Este biscoito é o princípio do termo da freiguesia de Agualva, a qual será de uma grande légua de costa em comprido e corre do mar à serra. Há nela igreja paroquial, da invocação do Espírito Santo, de três naves, muito bem ordenada; tem vigairo e cura e dois beneficiados e um clérigo tesoureiro; tem três ermidas de Nossa Senhora: uma da Ajuda, que está sobre o porto, onde se dizem duas capelas quotidianas pelas almas de seus fundadores, Heitor Alvres Homem e de outros seus herdeiros, que nelas estão sepultados, junto da qual está uma rica quinta de nobres casarias, onde vive o morgado e padroeiro dela, que ora é Heitor Homem da Costa Colombreiro, filho de Pedro Homem da Costa e neto de Heitor Alvres Homem, o qual morgado agora é casado com Dona Luzia, filha de Pero Ponce de Leão, morador na cidade de Lisboa; outra da Madre de Deus, dentro no lugar em que depois fundaram casa da Misericórdia, por bula apostólica havida por João da Silva do Canto; outra de Nossa Senhora de Guadalupe, de grandíssima romagem de todas as ilhas dos Açores, na qual por intercessão de Nossa Senhora se fazem muitos milagres. Foi fundada esta por um João Homem da Costa, filho de Heitor Alvres Homem, atrás dito, e tem missa quotidiana. É cabeça de um morgado de oitenta moios de renda, que, por não ter herdeiro, deixou a dois sobrinhos. E outra da invocação de São Pedro, cabeça de outro pequeno morgado de um João Evangelho. Outra de São João, que fundou João da Silva do Canto junto das suas ricas casas, que tem em um morgado que na dita freiguesia está com obrigação de uma capela quotidiana, que se diz na Sé de Angra; além de outras coisas e galipavos, rende esta quinta e morgado sessenta e cinco moios de trigo cada ano, o qual está todo junto, sem se meter antre ele propriedade alheia; na qual quinta estão três quintas grandes que foram de homens nobres, dos quais Pedreanes do Canto, pai do dito João da Silva, as houve de compra.

Tem esta freiguesia do lugar de Agualva trezentos moradores, e, desejando o capitão Antão Martins da Câmara de a fazer vila, por ser senhor de duas vilas, o não quis aceitar o lugar por ficar o melhor monte, como é, de todas as ilhas, por rezão de não haver pessoa nenhuma que vá fora dele ganhar de comer e nele haver muitos tratantes de mercadorias e muitos oficiais mecânicos, como são cinco tendas de ferreiros e sarralheiros e ferradores, e seis de sapateiros, e oito de alfaiates, e outras tantas de carpinteiros de carros, casas e caixas, e quarenta de tecelões; e não há pobre nenhum que nela peça esmola, porque todos os pobres, respigando no verão, apanham trigo pera comerem no inverno, por ser muito abundante de pão e de criações. Há nela muitas colmeias e muitos criadores delas, e é o mais provido lugar das coisas de fora, por respeito dos tratantes ali moradores, que outros nenhuns da ilha, por terem muito comércio com a cidade de Angra. Há nesta freiguesia muitas águas de fontes e ribeiras e nela estão oito moinhos que servem a vila da Praia e a todos os moradores que vivem em toda esta comarca da dita vila da Praia até este lugar. Antre as ribeiras destas freiguesias está uma que se chama das Pedras, que vai por junto da igreja paroquial, que será tão funda, que as rochas dela terão cinco e seis braças, pouco mais ou menos, a lugares; e perto desta ribeira, na rocha do mar, junto do calhau, saem de um penedo como dois esguichos, um de grossura de uma manilha pequena e outro de um grosso anel, com tanta fúria e força, que esguicham e lançam água fora de si, como esguicho, tanto como uma comprida lança, e é fonte de excelente água, chamada a fonte da Galega, por estar na herdade de uma galega, que ali se servia dela.

Há neste lugar da Agualva muitos pomares e frescos bosques de árvores e rosales (sic), onde muitos homens nobres de toda a ilha e fora dela vão tomar recreação. Tem tantas e tão várias frutas, que no tempo delas abastam para todos os vizinhos e outros que ali vão, e, além disto, todas as somanas, enquanto a fruta dura, vão muitos carros carregados a vendê-la à cidade de Angra. Neste lugar, junto destes pomares, está a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, que acima disse, antre duas ribeiras de água que muito junto dela passam; e está uma quinta no dito lugar que foi de um Vasco de Borba, na qual, além das muitas árvores que tem, há um antigo castanheiro, que dá mais de meio moio de castanhas cada ano e com a rama assombra grande espaço de terra. Há também neste lugar muitos criadores de gado e muitas criações de lavradores ricos que nele vivem. A costa do mar é de rocha mui alta; tem um porto, onde tem batéis de seu serviço, em uma baía grande, e pela costa, por todo o porto fora da baía, tem uns baixos muito grandes metidos pelo mar mais de um tiro de besta, e, pelos muitos poços que tem e defesa das ondas, acolhe-se nesta costa tanto pescado, que, quando o mar anda bravo, por muito furioso que seja, se mata nele de cana tanto que basta pera se prover bem o lugar dele.

Nesta costa, defronte destes baixos, está uma descida pela rocha abaixo com uns buracos na rocha, em que põem os pés e mãos ao subir e descer, pelo que se chama as Escadeiras, e aqui se faz uma engrada (sic) ou baía pequena, com duas pontas ao mar e baixio de ambas as bandas, com calhau miúdo pelo pé da alta rocha, e correndo pela costa espaço de um tiro de besta. Está no pé da rocha uma fonte de muito fresca água, chamada de João da Silva, por estar na testada de suas terras, onde haverá doze anos, pouco mais ou menos, que ele mandou fazer um caminho, à sua custa, da terra para ela com enxadas e picões, por ser pedra mole, e, junto da fonte, três pias que se enchem de água da mesma fonte, e vai o gado beber a elas pelo dito caminho.

Continuando a rocha compridão de um pequeno tiro de besta, está um areal de areia branca ao nível com o mar, antre o qual areal e a rocha há quantidade de um alqueire de terra com muito feno e algumas canas, lugar onde se vão recrear muitas pessoas da freiguesia de São Miguel, e andando os batéis aqui fronteiras às vezes pescando e erguendo-se-lhe o tempo, varam neste areal, que tomam por refúgio. E dobrando a outra ponta desta enseada, da banda de leste, compridão de um tiro de besta, é rocha alta e penedia por baixo, ao longo do mar; no cabo desta ponta faz a rocha uma volta pela terra, e ao pé dela estão até três alqueires de terra lavradia e, antre esta terra e o mar, muito calhau roliço, antre o qual andam muitos coelhos, que vão alguns ali caçar, não tanto pelos tomar, porque se tomam dificilmente, como pelos ver sair e saltar debaixo do calhau com medo do furão, que anda por baixo, e tornar logo a entrar com medo dos cães, que andam por cima, e grita que lhe dão os caçadores. Aqui também varam batéis, como na enseada atrás, com o mesmo tempo. Adiante está um pesqueiro, que se chama a Casa Velha, onde morre muito peixe de toda sorte.

É povoado este lugar de Agualva, que atrás fica dito, de nobre gente, de diversos apelidos, como são Homens, Costas, Evangelhos, Cardosos e Borbas. Neste lugar, acima dos moinhos, está uma quinta e fresco pomar do capitão desta terra, e nele uma fonte que converte o pau em pedra, estando por espaço de um ano nela, como da mesma fonte se pode ver em um pau que nela está caído, que toda a parte que está dentro na água está feita pedra rija e a que está fora está pau, como realmente o é, e, pela banda das raízes das árvores, por onde passa, todas as converte em pedra, ficando da outra banda de pau; e a água dela faz a roupa tão alva como se fosse lavada com sabão, e isto foi visto por alguns homens ilustres, como foi o bispo Dom Gaspar de Faria e o bispo Dom Pedro de Castilho, e outros muitos, e o pau que está feito pedra se tira em pedras delgadas, como se fossem côdeas ou cascas. Está este lugar situado em um baixo, perto do mato, cercado de uma serreta alta, com uma aberta pera a banda do leste, que se chama a Caldeira; sobre a qual serreta está a igreja parroquial, por rezão de muitos moradores ali freigueses, que estão da outra banda.

Esta freiguesia de Agualva parte com a de São Miguel das Lagens por uma ribeira seca, que se chama da Areia, e de uma igreja a outra há distância de uma légua. A igreja parroquial de São Miguel está do mar meia légua; tem um vigairo, e um cura, e um beneficiado, com cento e trinta moradores, espalhados por suas quintas, e uma ermida de São Braz, em que está instituído um morgado pequeno, de que é agora possuidor Francisco de Betancor. Há nela muitos homens nobres e ricos, de diferentes apelidos, como são Mendes, Conselos (sic), Furtados, Betancores, Mendonças, Correias, Teixeiras, Serrãos, Costas, Pains, Gatos, Barcelos, Andrades, Areias, Mininarros, Coelhoos, Cardosos e Escovares, Antonas, Pereiras, Homens, Columbreiros.

Nesta freiguesia há muitas terras férteis (sic) de pão e muitos biscoitos prantados de vinhas, porque corre pelo meio dela um biscoito, que desce do interior da serra, do meio da ilha, que chega até o mar, o qual, entrando no mar, segundo o que agora parece das ilhas que arderam, afastando o mar abaixo da rocha, fez uma grande caldeira (que assim se chama), toda de biscoito, de quantidade de quinze moios de terra, onde dantes parece claro que era baía do mar, porque a rocha que cerca esta caldeira vai correndo contígua com a mesma rocha do mar de uma ponta e doutra, muito alta, ficando a modo de baía, e onde o mar bate nela. É a costa muito rasa, na qual caldeira estão prantadas muitas vinhas, que dão muito bom vinho e grandes pomares de diversas frutas, e ao longo da rocha dela estão prantadas como cento e cinquenta amoreiras, mui grandes e antigas, com as quais se criam bichos, que fazem muita e tão fina seda, que a de Granada lhe não faz vantagem. Nesta caldeira, ao pé da rocha, está uma fonte de muita água, de que usam os moradores dali perto, e lhe fizeram pela rocha um caminho, por onde descem abaixo carros e se servem uns lavradores que moram dentro, na mesma caldeira.

Desta caldeira até o porto da vila da Praia corre a serra de São Tiago, de que acima fiz menção, que por outro nome se chama João de Teve, que foi possuidor quase dela toda; a qual é de uma légua de comprido e quase um quarto de largo. É terra muito alta, fértil e de muito e bom pão, que dizem ser o melhor da ilha, e vai correndo com muito alta rocha ao longo do mar, e no mar, defronte desta serra, está um penedo muito grande, apartado tanto como meia légua da terra, chamado o ilhéu Espertal, ou de Bastião Pires, onde criam pássaros do mar no tempo do verão, e não no inverno pelo lavarem as ondas por cima; e da serra pera a banda da terra desce uma ladeira mui alta, como a serra também o é, a qual quase toda está prantada de vinhas e pomares e tão frescas hortas, que parece semelhante ao vale de Conselhas (sic) em Coimbra, onde se dão as primícias de todas as frutas, à vista da vila da Praia, que parece um pano de rica tapeçaria e é uma das mais fermosas coisas da ilha, que foi de um João de Teve e de Diogo Paim, fidalgos, senhores dela. Ao longo desta serra, ao pé da Laranjeira, vão terras muito chãs e fermosas, chamadas o Junçal (sic), por nelas antigamente, e ainda agora, haver grande cópia de junco, as quais são férteis e dão muito trigo e são grandes em quantidade, onde estão muitas e grandes quintas de homens muito nobres; em qualquer parte que abrem poços acham água. Neste Juncal, ao pé da serra, uma légua da vila da Praia está uma rica quinta de Estêvão Ferreira de Melo, que lhe rende cada ano mais de sessenta moios de trigo, em a qual está uma funda furna, coisa muito notável, a que desce a gente e gado, per um caracol largo e espaçoso, com tanto como trinta degraus até chegar a uma grande ribeira de água boa e fresca, que vai por baixo da terra, de que se servem os moradores daquela parte, além de terem muitos poços que parecem da mesma água, e é tal a furna, que, estando lavando roupas as mulheres dentro nela, não são vistas dos que por junto dela passam; em baixo é muito clara, ainda que não logo à chegada. Corre por cima de umas pedrinhas pretas e brancas, muito frescas. Com a água desta ribeira pode moer um moinho. Tem dentro pias grandes, onde lavam a roupa; por baixo tem areia grossa e calhau miúdo e pedrinha, como cascalho. É esta furna como aigar que abriram, e foram quebrando pedra e cavando terra por dito de um negro mudo, até que acharam tão grande concavidade, que pode andar um homem a cavalo por dentro dela sem dar em cima com a cabeça.

No meio da rocha da serra de João de Teve ou São Tiago está uma fonte chamada a fonte de João de Teve, onde vai beber gado e os moradores derredor, por ser de muito boa água, e atrás dela, pera a banda do ocidente; está uma ponta ao mar, de comprido de um tiro de besta, a que chamam Espigão, onde se mata muito peixe de cana. Na ponta da mesma serra de São Tiago ou de João de Teve, pegado com o porto da Praia, onde comecei a tratar a descrição da ilha, por ser terra muito alta, está o facho da vigia que descobre todo o mar, com uma atalaia que tem doze mil réis de comedia, junto do qual facho, no meio da rocha, está uma grande fonte de água com um caminho, por onde se desce a ela, chamada fonte da Fortuna, por antigamente viver ali perto um João Alvres Fortuna que dela se servia; e, pegado com esta ponta, está o porto da vila da Praia, que já disse. E esta é a costa e redondeza de toda a ilha Terceira, fortificada novamente com outras mais fortalezas e muros de pedra e cal, pedra e barro, e de fachina e pau pique, que adiante direi, tratando como e quando foi entrada e tomada pela grande armada do mui alto e poderoso rei Filipe, defensor da fé, de perpétua memória.

CAPÍTULO QUINTO

DA DESCRIÇÃO DA ILHA TERCEIRA PELO MEIO E INTERIOR DELA

Esta ilha Terceira, além da serra de São Tiago, que corre ao longo do mar, da banda do norte, quase atravessado (?) com ela, tem outra serra, que se chama do Paúl, fronteira da banda da terra, muito mais alta que a de São Tiago, e começa da Ribeira Seca, de que já disse, que está ao sueste, e vai correndo pera o nornoroeste mais espaço que de uma légua, antre as quais ficam as terras chãs, lavradias, de largura de uma légua, que começam do Porto de Martim até o biscoito de Agualva, que são três léguas de comprido, onde se fazem férteis novidades de pão da vila da Praia, que é seu porto, onde se carregam pera fora mais de três mil moios de pão cada ano, e às vezes quatro e cinco mil, e alguns anos mais. Esta terra é tão chã e baixa antre os altos espinhaços destas duas serras, que, aos que vêm do mar, quatro, cinco léguas e mais está aparecendo este intervalo todo mar, sendo uma campina de tão fértil terra, como já tenho dito.

Ao pé desta serra do Paúl, indo da vila da Praia, a oesnoroeste uma légua da dita vila, está um lugar que se chama as Fontainhas, por ter muitas fontes de pouca água, que corre pera este lugar pela faldra desta serra. Tem uma igreja parroquial da invocação de Nossa Senhora da Pena, onde há vigairo somente, com quarenta moradores, e alguns deles lavradores ricos, porque as terras são muito ricas; e uma ermida de Santo António, com instituição de um morgado pequeno, que instituiu um Antão Fernandes de Ávila. Ao pé desta serra, da banda do norte, como disse, há muitos e frescos pomares, e jardins de muitas e diversas frutas, e fermosos rozales, em tanta quantidade, que as levam em carros, em bestas, a vender à cidade de Angra, como fazem os de Agualva. Em um destes pomares, que se diz de Pero Leal e agora é de um Gaspar de Freitas da Maia, está um pereiro antigo, e é coisa tão notável, que muitos ilustres homens o vão ver, como foi Fernão de Pina e outros, que é tão grande, que lhe procedem do pé treze ramos com que faz uma excessiva copa e sombra e dá tanta fruta, que se faz cada ano cinco e seis mil réis nela, dando dois e três peros ao real, e no mesmo lugar das Fontainhas, em outro pomar, de Lisuarte Godinho, que está perto deste, há muitos soutais de castanheiros, antre os quais está um antigo tão grande, que o tronco dele tem em circuito sete varas de medir, que são trinta e cinco palmos, e dá infinidade de castanhas. É lugar muito fresco e de muita recreação no tempo do verão, por ser regado com muitas fontes que correm pelas grotas abaixo e estar antre as terras do pão e do pasto de toda esta serra, que é muito bom e fértil, viçoso deleite das criações que todos por ali têm.

Subindo ao cume desta serra, pera a banda de oeste ou sudoeste, parece logo ao pé dela uma terra chã, espaiada em grande quantidade, que parece que a vista a não pode acabar de abranger, dentro da qual estão cinco montes dídidos e altos, perto uns dos outros, pelo que se chamam também estas criações os Cinco Picos, toda de criações, as melhores da ilha, que parecem as campinas de Alvalade de Lisboa, onde um moio de terra basta pera pastar todo o ano vinte rezes vacaris, e as carnes destas criações não lhe fazem vantagem as melhores de Portugal. Chama-se esta terra o Paúl, porque das águas dela e das que correm da serra se fazem grandes alagoas, que duram, algumas delas, todo o estio, sem se esgotar, nem secar, onde vão beber os gados, e daqui tomou a serra o nome e se chama do Paúl, como atrás disse, cujos pastos são de duas léguas em comprido e mais de uma de largo; e o maior e mais alto destes cinco picos tem no cume uma concavidade, em que faz uma alagoa de grandura de um alqueire de terra, onde vai no verão beber o gado, sem nunca secar.

Indo correndo a oeste pela banda do sul e pela banda do norte, ficam tudo terras de criação, sem mato algum pequeno, nem grande, pela qual razão há tanta criação de gado, que só criar esta ilha Terceira só tanto como todas as outras ilhas dos Açores juntas, porque nela há dezassete açougues contínuos, onde todos os sábados cortam carne, afora os cinco da cidade, que se provêem da terra e das ilhas de Baixo, por se gastar muita carne nela, pois não há

somana que na dita cidade de Angra se não cortem quinze e vinte rezes vacaris, e há criador na terra que tem quinhentas rezes vacaris, antre as quais são cento e vinte e cento e trinta vacas parideiras, ordinariamente, porque todos os dias há carne de vaca fresca, por não haver outra na terra, em que os moradores não querem criar cabras, e não haverá trezentas em toda ela, ainda que já começam muitos homens a deitar mão desta criação por ser de muito proveito. Havia na ilha Terceira mais de cem mil cabeças de gado vacaril, e agora, depois da entrada da terra pelos espanhóis, não haverá três mil.

Passando mais destas criações pera o ponente, está algum mato miúdo de louros, faias, urzes românicas e zimbros, pelo meio da serra, somente, que, pera a banda do sul, é tudo escampado, sem mato, até ir dar nas terras do pão. Semelhante mato miúdo está também por um biscoital arriba, o qual biscoito sai de uma grande e mui funda caldeira, cercada de alta rocha pela banda do sul e de oeste, e pela outra parte, indo do noroeste pera o norte, vindo rodeando esta amurada de encumeada de altos montes; e o biscoito saiu dela per uma baixa entrada, que pera a banda do sueste tem, tão larga como um tiro de besta, correndo esta saída pera duas partes, que se apartaram saindo dela e correram até o mar. Uma delas foi ter defronte dos ilhéus de Angra, que será distância mais de uma légua em comprido e de mais de um tiro de arcabuz de largo, e outra foi pera a banda do nornordeste e entrou no mar à ponta da serra de São Tiago, na caldeira que agora é de Estêvão Ferreira de Melo, de que já atrás tenho feito menção, que será distância de duas léguas de comprido e de outra tanta largura, como a outra pernada.

Da mesma caldeira (segundo o que agora parece do que nestas ilhas aconteceu), com o fogo, saiu da banda do noroeste outro biscoito, que vai ter junto da cidade de Angra, detrás do Brasil, até além da freiguesia de São Mateus, do qual já disse que seria de comprido de légua e meia e de largura quase outro tanto. Saíram mais da dita caldeira outros biscoitos, que com este estão pegados, e correram pera a banda do noroeste em compridão de mais de légua e meia e em largor (sic) quase de uma légua, que são os de Pedreanes do Canto, de que falei acima. Saiu mais pela banda do norte outro biscoito, que corre pera o mesmo norte em largura de tiro de espingarda; este é o biscoito que disse das Quatro Ribeiras, que entrou no mar. A caldeira de Frei Gil e todos os biscoitos desta ilha procederam desta caldeira e correram até o mar, excepto os biscoitos que estão antre a Praia e a vila de São Sebastião, junto à freiguesia de Santa Caterina, os quais procederam de dois picos muito pequenos, que estão sobre a igreja parroquial de Santa Bárbara, de Fonte Bastardo, que é uma fonte assim chamada.

Junto desta caldeira grande de Bastião Moniz e Dona Joana, sua mulher, que agora é de Guilherme Moniz, seu filho, está uma furna de fogo, muito quente, que continuamente bota fumo, como as furnas desta ilha de São Miguel. E nesta ilha não parece outra parte (sic). Abaixo dos montes desta caldeira, pera a banda do norte, está um pico, o mais alto da ilha, o qual não está bem no meio dela, donde se descobre o mar em roda de toda a ilha; chama-se o pico da Aqualva.

Desta caldeira, pera a banda da Serreta, que é para a parte de oeste, vão muitas serras de criações, muito chãs e limpas de mato, que se chamam o Patalugo, e outras muitas de arvoredos, em que se cria muito gado. Quase em meio contorno destes pastos, pera a banda do norte e do oeste, há grandíssimos arvoredos de todo o género de madeira, cedros, paus brancos, sanguinhos, ginjas, louros, folhados e outras árvores tão espessas, que se perdem às vezes algumas pessoas nele, e pera a parte do outro meio contorno, da banda do sul e nordeste, vão terras de pão e as criações dos Cinco Picos, que já disse.

Da saída desta caldeira sobredita sai uma ribeira de água muito grande, debaixo do chão, e, logo em saindo dela, está um buraco por onde descem por um pau abaixo à concavidade da ribeira, e vai por debaixo dos biscoitos que vão ter defronte dos ilhéus; dali sai uma parte dela com grande ímpeto bem junto da água, ao nível com o mar, e outra parte na rocha, altura de duas lanças, e todas estas criações de mato vão dos dois terços da ilha, à banda do oeste, até a Serreta, que é o cabo da ilha da banda do ponente, e chegam em redondo ao norte, que é grandíssima quantidade de devesas.

Nos Altares, que estão da banda do norte, na capitania da Praia, havia um homem, chamado Frutuoso Dias, que não sei se é ainda vivo, o qual, pelas Endoenças, desde a quinta-feira, depois de encerrado o Santíssimo Sacramento, até a sexta-feira, que se desencerrava, até se acabar o ofício do desencerramento, corria todas as igrejas da dita ilha, em que se encerrava, e as ermidas, começando em São Jorge e Santa Bárbara e acabando nos Altares,

onde era freiguês, e o mesmo fazia Rodrigo Fernandes e Luís Fernandes, da freiguesia das Lagens, pela qual razão é esta ilha mais forte e defensável, pois se pode correr toda ao redor em vinte e quatro horas, além das fortalezas e fortes que disse ter, afora outras que depois se fizeram.

CAPÍTULO SEXTO

DA FERTILIDADE E COISAS NOTÁVEIS QUE HÁ NA ILHA TERCEIRA

A ilha Terceira é muito fortificada e defensável com vinte e quatro fortes, antre fortalezas e cubelos, que em si tem. É fresca e abundante de muitas coisas boas, como se pode ver das particularidades dela, na qual soía haver muitos e fermosos açores, que já são perdidos, e há muitos pombos torcazes, infinidade de codornizes, e galinhas de Guiné, que já não há; tem muitos pombais de pombas mansas, afora as que se criam por todas as rochas da ilha, perdizes, méloas, estorninhos, patos, adens, galeirões, toutinegras, tintilhões (sic), canários, alvéloas, petos, grajaos (sic), estapagados, gaivotas, garças, maçaricos, galinhas, galipavos; além destas, que são naturais, há outras aves peregrinas, como corvos, gralhas, falcões, gaviões, e outras muitas de diversas maneiras, que algumas vêm ter a ela com tormentas e depois desaparecem, pelo que se presume serem da ilha Nova, que dizem estar perto da banda do norte, que se chama a ilha Verde ou (?) da Garça. Há infinidade de gado vacum e ovelhas, e muitos porcos mansos e do monte, e algumas cabras, com que é abundantíssima de leite, manteiga, nata, queijos e requeijões e preciosas queijadas, e grande criação de éguas, de que há muitos e bons cavalos e mulos e mulas, asnos, bons cães de caça, que tomam muitos coelhos, que há na terra, furões, ratos e doninhas, sem haver bichos maus, nem cobras, nem lagartos, nem lagartixas. Da madeira do cedro, que há nela, se fazem muitos caixões, caixas e ricos escritórios, e mesas e cadeiras de estado de muito preço, que vão pera toda Espanha e outras muitas partes de além mar, pelo que há na cidade de Angra grande número de oficiais mui primos de carpintaria e sarralharia, e fazem-se no porto muitos navios e caravelas e barcos, sem faltar grande cópia de todos os oficiais pera isso necessários. É esta ilha a maior escala de toda navegação do oriente e ponente, e de outras partes, e há nela todo o género de oficiais, senão oleiros de vidro.

É esta ilha abundantíssima de trigo de várias castas, anáfil, barbela, tremês, pelado, canoco, que ora responde a doze, catorze e vinte moios por moio de terra. No tempo antigo respondiam a sessenta moios por moio, e o mesmo a cevada, centeio, milho miúdo e zaburro. E dá todo o género de legumes (sic), grãos, chichoros (sic), lentilhas, favas, ervilhas, junça, inhames e betatas (sic), e toda a sorte de hortaliça muito boa, em grande abundância, como melões, pepinos, rábãos, couves murcianas, nabos, abobras de muitas castas, e cardos. Há na serra um género de fruta que dá umas socas grandes, de maneira de palmitos, que a gente come, chamada dentabrum, que, pegado na sua raiz, em cima da terra, dá uma lâ a modo de seda; é muito macia, a que chamam cabelinho, de que fazem muitos colchões pera camas e cabeçais e almofadas; é muito leve e de qualidade fria pera o verão, pera doentes de febres, pera o qual efeito se usa muito dele, e o levam pera o Reino, e, como está dito, particularmente há nela muitas fontes, ribeiras e prados, que pera as criações rendem muitos moios cada ano. Há muito mel e bom pasto pera ele, como é alecrim, rosmaninho, erva ussa, ou timo, queiró, poejes, cubres e muitas flores de árvores diversas, muito género de ervas, de que usam os boticários e se fazem águas cheirosas, manjerições, trevo, rosas, cravos e outras muitas infinidades de laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras, pereiras e peros de várias castas, que duram boa parte do ano; todo género de maçãs, delas mui grandes, e outras baionezas e anabais, damascos, albricorques (sic), melocotões, pêssegos, amoreiras, figueiras brancas, brejaçotes (sic), bêberas brancas e de todo o género, parreiras e uvas de todo vidonho, moscatel, verdelho, mourisco, açaria⁽⁵³⁾ e outras. Há muitas amoreiras, tão altas e tantas, que em toda a redondeza da ilha passarão de mil; e dão-se tão bem, que se podiam manter muitos bichos de seda e criar muita, se houvesse curiosidade nos moradores, como houve já em alguns, que fizeram muitas madeixas dela, tão boa que não lhe fazia a ventura (sic) a fina de Granada, de que enriqueceriam e se vestiriam os da terra, negociando-a os mininos e moças de pouca idade, que não trabalham em outras grangearias, sem ora gastar tanto dinheiro

comprando-a de fora dela. Há nespereiras, romãs, e a serra toda cheia de românia, murtinhos e outro mato baixo de urzes, e outras árvores, e morangos, que são como medronhos.

Todo este mar em roda é de grande abundância de peixe, com que também se provêem e refrescam todas as armadas do reino e forasteiras: muitos chernes, gorazes, salmonetes, dourados, garoupas, bicudas, abróteas extremadas e grandes lagostas e lagostins, cavacos e vário género de marisco, cracas, lapas, búzios e muita sardinha, de que às vezes na baía de Angra, junto do cais, se enchem barcos, tainhas, muges de tarrafa e outras muitas sortes de pescado, e albafar, que se não come; somente os fígados dele dão azeite pera a candeia e adubar navios, que um deles dá trinta, quarenta, cinquenta canadas de azeite.

É terra muito temperada. como são todas estas ilhas dos Açores, de bons, saudosos e frescos ares, onde vivem sãos, ordinariamente, até oitenta e cem anos, e há muitos calvos e velhos, e se criam extremados e delicados (sic) engenhos e grandes habilidades pera tudo, assi pera letras como todo o género de artes liberais e mecânicas, donde saíram mui insignes pilotos, como foi Aires Fernandes, e depois seu filho Luís Aires, pilotos da Índia antigos, o qual Aires Fernandes foi vinte vezes por piloto à Índia e não se achou arribar. E Manuel Fernandes, um dos insignes pilotos de toda Espanha, o primeiro descobridor da primeira derrota de Portugal a Malaca, donde, partindo a primeira vez de Lisboa em um galeão levantado, levando consigo socorro, o levou a salvamento sem tocar na Índia, com grande espanto de Malaca, onde já o cerco estava alevantado, e dos próprios que com ele iam, por lhe dizer no mar o dia que haviam de chegar, sem saberem onde estavam, e tornou ao reino da mesma maneira, sem tomar a Índia, por onde esta navegação fica já corrente e facilitada; e na Índia lhe davam grande partido, cometendo-lhe que quisesse ser piloto mor do mar do sul, pela grande notícia que daqueles mares tinha; o qual tem ido por muitas vezes à Índia por piloto e é mui nomeado e afamado neste reino, e el-rei Dom Sebastião lhe deu o hábito de Cristo e fez mercê, e ele foi o piloto da galé real e do galeão São Martinho, em que ia o dito senhor, quando a derradeira vez passou a África, o qual, quando foi examinado pelos pilotos, acabando de responder bem às perguntas que lhe fizeram, lhe disse que não sabiam nada em comparação do que ele sabia. e os pilotos foram dizer a el-rei que ele sabia tudo quanto eles sabiam e eles não sabiam o que ele sabia. Houve outro piloto, da mesma ilha natural, chamado não sei se João Fernandes, o qual foi o primeiro que do mar do sul das Índias de Castela saiu pelo estreito de Magalhães, descobrindo novamente esta navegação, o que até ali ninguém tinha descoberto, havendo muitos entendido nisto; e ele na nau capitânia, por piloto, com outra nau almiranta, partiu da cidade dos Reis até a boca do dito estreito de Magalhães, que são mais de oitocentas léguas, e junto do estreito nunca mais viram a almiranta, e a têm por perdida, e só ele na capitânia, com grande risco e trabalho, a salvamento saiu a primeira vez pelo dito estreito, de cento e dez léguas de comprimento; e, em breve tempo, veio ter à ilha Terceira e daí a Sevilha. E esta foi a vez em que naquele estreito tomaram dois gigantes, macho e fêmea, que traziam consigo. Houve outros muitos pilotos, na mesma ilha Terceira, insignes na arte de navegar.

É a ilha Terceira mui fértil e andamosa que se anda toda ao redor, a pé e a cavalo e com carros e bestas de serviço, com que fica senhora e, como tal, bem servida e provida do que dentro em si tem e do que criam todas as outras ilhas suas vizinhas, que a ajudam, não sei se diga, e servem, porque a ilha de São Jorge tem quatro ou cinco barcas, de duas, três e quatro velas cada uma, a que chamam barcos, por serem estroncados, sem coberta, feitos assi pera poderem levar gado; e o Pico três ou quatro; a Graciosa outros tantos; o Faial terá muitos mais e alguns navios que navegam pera a ilha da Madeira e outras partes. E com estes barcos é servida a Terceira, trazendo neles o que há em cada ilha à cidade de Angra, e dela não levam senão coisas que vêm de fora, como são vinhos e méis, açúcar e conservas da ilha da Madeira, e azeites de Castela, ferro, panos, breu, amarras de navios, poleames, cordoalha, especiarias e outras coisas, ou tornam vazios; e de maravilha vão navios com cárraga às outras ilhas, senão se for de arribada.

Houve na ilha Terceira sete telhais, e ainda agora há seis, quatro na cidade de Angra e um na vila da Praia e outro na vila de São Sebastião, pelo que são povoações quase todas de casas telhadas, e há poucas cobertas de palha, e até as mais das cafuas dos vaqueiros no mato são cobertas de telha.

Há também na mesma ilha, da banda do norte, capitania que foi da Praia, dentro no mato, acima dos moinhos de Aqualva, uma pequena furna donde se tira almagra tão fina, que a vão buscar pera deitar com ela emprastos (sic) aos cavalos, como se fora bonarménico (sic) ⁽⁵⁴⁾, e, da mesma parte do norte, junto de Aqualva, há infinidade de cubres e grandes campos e

sarrados (sic) cobertos deles, que dizem ser erva medicinal pera muitas enfermidades e principalmente pera fogo, em tanto que, vindo ter a ela um castelhano, grande herbolário e físico, curou com água deles estilada muitas pessoas de várias doenças e levou muitas peroleiras cheias da mesma água, que mandou estilar das flores deles, as quais fazia apanhar antes do sol saído, dizendo que levava nela muito rica mezinha, em que esperava fazer muito dinheiro nas Índias de Castela pera onde determinava tornar, o qual também dizia qua havia na mesma ilha mais fina salsaparrilha que nas Índias, donde vinha, sem querer declarar nem mostrar qual era. Donde alguns suspeitaram ser a erva que chamam hera, por se parecer muito com a salsaparrilha, e usarem dela nestas ilhas em diversas enfermidades e darem alguns suadouros com ela, e há paus tão grossos dela, que fazem pera beber com pós deles.

Além da fertilidade que tem a ilha Terceira com as coisas que em si cria, é também fértil com as que a ela vêm das outras ilhas dos Açores, suas vizinhas, com que é, como rainha de todas elas, bem servida, porque da ilha de São Jorge lhe vem madeira, assi pera caixas, como pera navios e lenha, mel de abelhas e cera, manteiga, fruta de espinho, e do Faial trigo, madeira e alguns bois, vacas e carneiros, e da ilha Graciosa muito trigo e cevada, e gado vacaril e ovelhum, mel de abelhas, e manteiga de vacas, e alguma fruta de espinho, e peras pardas, e grande cópia de pescado de toda sorte.

Da ilha das Flores vem madeira de cedro pera caixas e alguma de sanguinho, muitas lãs e enxergas, e pano feito da terra, branco e preto e de méscara (sic) ⁽⁵⁵⁾, e muitas sacas de pena de aves do mato, especialmente de estapagados, muito peixe seco, e algumas carnes de vaca e de carneiros, e couro de toda sorte, e lentilhas vermelhas, que nunca tomam bicho a que chamam carneiro, tremoços, junça, muitas galinhas e alguns toucinhos. Também vêm desta ilha das Flores à Terceira alguns açores e falcões, que mandam pera o reino ao senhor dela. Do ilhéu do Corvo vai pera a ilha das Flores muita lã e enxergas, e pano apisoado, muito linho em rama e outro em pano, grande cópia de manteiga de vacas, e de graxa de estapagados, com que se alumeiam e fazem os panos da terra, muitas favas, que são miúdas, e as melhores betatas das ilhas e courama de toda a sorte; e da ilha das Flores tornam a levar todas estas coisas para a Terceira, que pode dizer que todas as outras ilhas são suas escravas, pois quanto nelas se cria vem pera ela; até da ilha de Santa Maria lhe vai barro pera louça, e algum gado vacuum e peixe seco; e destas (sic) de São Miguel lhe soíam a levar caravelas carregadas de maçãs e de cebolas, e alguns cordavões, linho em rama, melões e betatas, quando não havia nesta ilha de São Miguel tanta gente de fora, como agora há nela. Pode-se finalmente dizer com verdade que as outras ilhas ao redor são quintas da ilha Terceira.

CAPÍTULO SÉTIMO

DO PRIMEIRO CAPITÃO DA ILHA TERCEIRA

Dizem alguns que o primeiro que se chamava capitão, sem o ser, e pretendia a capitania da ilha Terceira, que veio ter na banda da Praia pera povoar a terra, depois de ser descoberta a ilha, foi um Fernão Dulmo, ou framengo ou francês de nação, e habitou no lugar das Quatro Ribeiras, onde agora está a igreja parroquial de Santa Breatis, a primeira que na dita ilha houve. Ido este pera o Reino, por lhe parecer a capitania da Praia pequena coisa e de pouco proveito, como, na verdade, então era, por não estar ainda cultivada a terra e ser no princípio áspera e sem fruto, sem haver naquele tempo nela mais gente que a que ele trouxe, que seriam até trinta pessoas, faleceu nesta vagante, segundo alguns dizem. Sucedeu na capitania um Jácome de Bruges, framengo de nação, o qual esteve algum tempo na ilha, e, indo ao reino buscar sua mulher e filhos, se perdeu no mar. Depois, como as embarcações eram poucas e não havia no reino novas dele, vieram a mulher e filhos em sua busca, cuidando de o achar na ilha, e se ficaram nela, onde se casaram alguns seus filhos, de que agora são bisnetos uns fuãos Ferros e Bruges, que moram na cidade de Angra, e um Braz Ferros, que vive em Vila Franca do Campo, nesta ilha de São Miguel.

Outros antigos afirmam que, depois de achada a ilha Terceira por mandado do infante Dom Anrique, mestre da Ordem de Cristo, esteve por povoar muitos anos, pela pobreza do reino naquele tempo ser tal, que o não pôde fazer este infante, o qual no ano de mil e quatrocentos e cinquenta fez mercê a Jácome de Bruges, fidalgo natural do condado de Frandes, muito rico, por serviços que lhe tinha feitos, pera que a pudesse povoar de qualquer gente estrangeira que ele quisesse, contanto que fossem católicos. E, porque o Jácome de Bruges não tinha filhos machos de sua mulher, lhe fez mercê o infante da capitania da ilha pera uma de duas filhas que tinha, por morte dele à maior, e por falecimento dela ao (sic) menor, e daí por seus descendentes, como melhor se pode ver pela doação que lhe fez o dito infante, cujo treslado se tirou do feito que correu antre os herdeiros do Bruges e os Corte-Reais ante os corregedores da corte, que assi dizia: «Eu, o infante Dom Anrique, regedor e governador da Ordem da Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo, duque de Viseu e senhor de Covilhã, faço a saber aos que esta minha carta virem que Jácome de Bruges, meu servidor, natural do condado de Frandes, veio a mim e me disse que porquanto dês *ab initio* e memória dos homens se não sabiam as ilhas dos Açores sub outro agressor senhorio salvo meu, nem a ilha de Jesus Cristo, terceira das ditas ilhas, a não souberam povoada de nenhuma gente que até agora fosse no mundo, e ao presente estava erma e inabitada, que me pedia por mercê, que porquanto a ele queria povoar, que lhe fizesse dela mercê, e lhe desse minha real autoridade pera elo, como senhor das ditas ilhas; e eu vendo o que me assi pedia seria serviço de Deus e bem e proveito da dita Ordem, querendo-lhe fazer graça e mercê, me apraz de lha outorgar como m'a ele pediu, e tenho por bem e me apraz que ele a povoe de qualquer gente que lhe aprouver, que seja da fé católica e santa de Nosso Senhor Jesus Cristo; e, por ser causa da primeira povoação da dita ilha, haja o dízimo de todos os dízimos que a Ordem de Cristo na ilha houver pera sempre, e aqueles que de sua geração descenderem, e tenha a capitania e governança da dita ilha, como a tem por mim João Gonçalves Zargo na ilha da Madeira, na parte do Funchal, e Tristão na parte de Machieo, e Perestello (sic) no Porto Santo, meus cavaleiros; e depois dele a qualquer pessoa que da geração dele descender, e a hajam assi pela guisa que a estes cavaleiros escritos a tenho dada e que da dita Ordem a hão; e quero que ele tenha todo meu poder e regimento de justiça em a dita ilha, assi no cível como no crime, salvo que venham por apelação dante ele os feitos de mortes de homens e talhamento de membros, que ressalvo pera mim e pera maior alçada, assi como nas ditas ilhas da Madeira e Porto Santo, que aos ditos meus cavaleiros ou a outros tenho dadas; e mais me apraz, por alguns serviços que do dito Jácome de Bruges tenho recebidos, porquanto me disse que ele não tinha filhos legítimos, somente duas filhas suas e de Sancha Roiz, sua mulher, que se ele

não houver filhos varões da dita sua mulher, que a sua filha maior haja a dita capitania, e os que de sua geração descenderem, e não havendo sua filha maior filhos, nem nenhuma geração, havemos por bem que a filha segunda, que depois da morte da primeira ficar, possa haver a dita capitania ao dito Jácome de Bruges pera ele (sic) e filhos e filhas, netos e descendentes e ascendentes, que dela e das ditas suas filhas descenderem, com aquelas liberdades e poderes que aos ditos capitães tenho dadas, porque assi o sinto por serviço de Deus e acrescentamento da Santa Fé Católica de Nosso Senhor Jesus Cristo e meu, pelo dito Jácome de Bruges povoar a dita ilha tão longe da terra firme bem duzentas e sessenta léguas do mar oceano, a qual ilha se nunca soube povoada de nenhuma gente que no mundo fosse até agora; e rogo aos mestres e governadores da dita Ordem, que depois de mim vierem, que façam dar e pagar ao dito Jácome de Bruges e seus herdeiros, que deles descenderem, a dita dízima do dízimo que a dita Ordem na dita ilha houver, como lhe por mim é dada (sic) e outorgada, e não consintam lhe ser feito sobre elo nenhum agravo, e peço por mercê a el-rei, meu senhor e sobrinho, e aos reis que depois dele vierem, que ao dito Jácome de Bruges e seus herdeiros, que dele descenderem, fizeram pagar o dito dízimo à dita Ordem do que na dita ilha se houver, que lhe façam pagar a dita dízima do dito dízimo aos mestres ou governadores da dita Ordem, como lhe per mim é dado e outorgado pera sempre, em todo e per todo lhe faça ter e tenha a dita mercê, que lhe per mim é feita, e per segurança sua lhe mandei ser feita esta minha carta, assinada per minha mão e asselada do selo das minhas armas, feita em a cidade de Silves a vinte e um dias do mês de Março; Pero Lourenço a fez ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quatrocentos e cinquenta anos».

Feita a mercê da ilha a Jácome de Bruges, logo se veio a ela com dois navios carregados de gado sc., vacas, porcos, ovelhas e cabras, e, lançado em terra, se tornou pera o reino por não poder achar gente que lhe quisesse ajudar a povoar, por ser tão apartada de Portugal neste mar oceano.

Depois de passados alguns anos, não podendo Jácome de Bruges, ainda no reino, achar gente que com ele tornasse à ilha pera a povoar e cultivar, foi aconselhado que viesse à ilha da Madeira, que havia já anos era descoberta e povoada, e, por os homens dali saberem já que coisa eram ilhas e o proveito delas, viriam com ele movidos com partidos favoráveis que lhes faria, e seguindo este conselho, se veio pela dita ilha, com alguns framengos de sua terra, que trouxe consigo, e ali se contratou com um homem fidalgo, chamado Diogo de Teve, com o qual e outros que vieram com eles se foram à ilha Terceira, onde acharam grande multiplicação do gado que nela tinha lançado Jácome de Bruges.

Estando assi algum tempo na ilha cultivando a terra, vieram cartas ao capitão Jácome de Bruges, e dizem alguns que fingidas de Diogo de Teve, que era falecido um seu tio, morador no condado de Frandes, o qual lhe deixara um morgado de trezentos mil réis de renda em cada um ano, com a qual nova se embarcou este capitão primeiro da ilha Terceira, com tenção de ir a Frandes, e até hoje nunca mais apareceu, nem pessoa que o visse; dizem que o mandou matar Diogo de Teve, por se alevantar com a terra pelos contratos que eram feitos antre eles, e, de feito, se alevantou com a capitania da ilha e com uma serra, que se chama a serra de Santiago, que o capitão tinha tomado pera si, que rende até quatrocentos moios de trigo cada ano. Sobre a qual serra trouxe depois um neto do capitão Jácome de Bruges, chamado Diogo Paim, e um filho de Diogo de Teve, por nome João de Teve, grandes demandas, e os consertou el-rei Dom Manuel, que esteja em glória, que a partissem pelo meio e cada um deles houvesse a sua ametade.

Depois, sendo preso Diogo de Teve por certas culpas na corte, a mulher do capitão Jácome de Bruges se foi aqueixar a el-rei, dizendo-lhe que Diogo de Teve lhe matara seu marido, requerendo-lhe e pedindo-lhe de mercê lhe mandasse notificar que desse conta dele, o que el-rei concedeu, mandando-lhe notificar à prisão onde estava que dentro em dez dias desse cópia dele, ou conta onde estava, ou se era morto ou vivo, sob pena de mandar fazer justiça dele; e aos seis dias depois da notificação faleceu Diogo de Teve.

Não aparecendo o primeiro capitão Jácome de Bruges, sua mulher guardou sempre a doação que o infante lhe fizera, porque tinha uma filha, chamada Antónia Dias Darce ⁽⁵⁶⁾, à qual pertencia diretamente a capitania, e com ela casou um fidalgo, ingrês de nação, chamado Duarte Paim, comendador do hábito de Santiago, filho de um fidalgo ingrês por nome Tomás Elim Paim, o qual veio a estes reinos de Portugal por secretário da mui esclarecida rainha Dona Filipa de Alencastro, mulher de el-rei Dom João, de Boa Memória.

Depois de casado Duarte Paim com Antónia Dias Darce, filha de Jácome de Bruges, se meteu à demanda com os possuidores da ilha e nela morreu. Ficou-lhe um filho, chamado Diogo Paim, o qual trouxe também muito tempo demanda sobre a mesma capitania, e por se não achar própria doação, que dizem lha furtou e queimou um criado do capitão Álvaro Martins Homem, neto do primeiro capitão deste nome, foi excluído do direito que nela tinha. E parece que, por este respeito, foi Deus servido que não tivesse herdeiros que a lograssem, como adiante direi, mas parecer não é saber, como diz o provérbio.

CAPÍTULO OCTAVO

DOS CAPITÃES DA CAPITANIA DA PRAIA, DA BANDA DO NORTE DA ILHA TERCEIRA

E como homens antigos afirmam, depois deste Jácome de Bruges, atrás dito, primeiro capitão de toda a ilha Terceira, dividiu-se a capitania em duas, sc., na de Angra, da parte do sul, e na da Praia, do norte, porque, estando sem capitão, vieram ter a ela dois homens fidalgos, por nome, um deles, João Vaz Corte-Real, e outro, Álvaro Martins Homem, os quais vinham da Terra do Bacalhau, que por mandado de el-rei foram descobrir, e, informados como a ilha estava, se foram ao reino, onde o (sic) pediram de mercê por seus serviços à infanta Dona Breatis, mulher do infante Dom Fernando e mãe do duque Dom Diogo, das treições, e sua titor ⁽⁵⁷⁾, a qual lhe fez mercê dela, e ambos a partiram pelo meio e lograram, e possuíram seus descendentes, até ficar a parte da Praia sem herdeiro, que foi a que coube a Álvaro Martins Homem, por seu bisneto Antão Martins Homem não ter herdeiro.

Álvaro Martins Homem, primeiro capitão da Praia, da banda do norte, não sei com quem foi casado. Dizem antigos que, vivendo ele na vila da Praia com sua mulher, estiveram oito ou dez anos sem vir navio do reino à ilha, pelo que chegaram a tanta necessidade, que vestiram os panos de armar por capas e os cabeçais por camisas, e calçavam sapatos de couro cru e de peles de porco, de que havia grande número na ilha ⁽⁵⁸⁾.

Não sei se teve este Álvaro Martins Homem mais filhos que o primeiro, que lhe sucedeu na capitania, chamado Antão Martins Homem, o qual casou com Isabel Dornelas da Câmara, natural da mesma vila ⁽⁵⁹⁾, e nela morou sempre, de que teve os filhos seguintes:

O primeiro, Álvaro Martins, que casou com Dona Breatis de Noronha, na ilha da Madeira, o qual, depois da morte do pai, sucedeu na capitania. O segundo filho de Antão Martins Homem foi Domingos Homem, que casou com Rosa de Macedo, filha de Jos Dutra, capitão do Faial, de que houve um filho, chamado Manuel Homem, que faleceu na Índia em serviço de el-rei, e duas filhas, freiras no mosteiro das Chagas da Praia, que ele mesmo edificou. O terceiro, Pedralvres da Câmara, clérigo e letrado em teologia, que foi depois vigairo da Praia. Teve mais Antão Martins Homem uma filha, por nome Caterina da Câmara, que casou com Diogo Paim, sendo viúvo, casado dantes com Branca da Câmara, tia da mesma Caterina da Câmara e irmã de Isabel Dornelas da Câmara, da qual Caterina da Câmara houve o dito Diogo Paim dois filhos. António Paim, primeiro filho de Diogo Paim e de Caterina da Câmara, casou com Merita Evangelha, de que houve um filho chamado Duarte Paim, que casou com uma filha de Paulo Ferreira ⁽⁶⁰⁾, de que viuvou sem lhe ficar filho algum. O segundo filho de Diogo Paim e de Caterina da Câmara, chamado Hierónimo Paim, casou com uma filha de João de Teve ⁽⁶¹⁾, o Moço, de que tem filhos e filhas, um dos quais, chamado Manuel da Câmara, é vigairo de Nossa Senhora da Pena, das Fontainhas.

Por morte de Antão Martins Homem sucedeu na capitania seu primogénito filho, segundo do nome e terceiro capitão, marido de Dona Breatis de Noronha, da qual houve filhos e filhas, vivendo na vila da Praia, onde tinha seus paços.

O primeiro filho de Álvaro Martins da Câmara e de sua mulher Dona Breatis de Noronha se chamou Antão Martins da Câmara; o segundo filho, Luís Martins, que morreu na Índia, solteiro, em serviço de el-rei; o terceiro, António de Noronha, que casou na Índia e já tem filhos e filhas; o quarto filho, Braz de Noronha, que primeiro foi frade da observância e agora, por bula apostólica, tem dado a obediência aos cônegos regrantes de Cárquere em Portugal e está no Brasil. Houve mais Álvaro Martins de sua mulher, Dona Breatis de Noronha, três filhas, que foram freiras no mosteiro de Jesus da vila da Praia, da ordem de Santa Clara, da observância e obediência do bispo; uma se chamava Dona Brianda, outra Dona Inês e outra Dona Francisca, e as duas mais velhas foram muito tempo abadessas no dito mosteiro, no qual faleceu sua mãe, Dona Breatis de Noronha, onde estava recolhida havia muitos anos, depois de viúva.

Falecendo Álvaro Martins da Câmara, lhe sucedeu na capitania seu primeiro filho, Antão Martins da Câmara, quarto capitão e segundo do nome, o qual foi casado com Dona Joana, dama da Senhora Dona Isabel, mulher do infante Dom Duarte, de que houve filhos e filhas, alguns dos quais faleceram moços; e vivem agora três filhas, uma, mulher de Dom Jorge de Noronha, que mora em Lisboa, de que não tem filhos, outra, Dona Clemência, que não quis casar, dotando-lhe el-rei a capitania, e mora em Lisboa em casa da dita sua irmã, e outra, Dona Filipa, freira em Portugal.

Este Antão Martins, capitão da Praia, viveu com sua mulher muitos anos em Lisboa e, mandando-o el-rei à ilha, veio sem a mulher, e nela faleceu sem herdeiro macho, pelo que el-rei (como tenho dito) dava a capitania a sua filha Dona Clemência e a casava com um nobre fidalgo, e ela não quis casar, ficando a capitania sem herdeiro do dito Antão Martins, capitão.

Diziam que el-rei Dom Anrique tinha concedido de palavra esta capitania e comenda, que dizem que renderá dois mil e quinhentos cruzados, a Dom Leonis, filho do conde da Feira, pelos muitos serviços que tinha feito na Índia, principalmente sendo capitão de Malaca, quando o sultão Alaradim, rei do Dacheim (sic) ⁽⁶²⁾, lhe pôs cerco o ano de mil e quinhentos e sessenta e oito, em que fez grande serviço a el-rei de Portugal, do qual cerco e vitória, que houve do sultão, há história impressa em Goa; e por outros serviços que fez em África e em Cepta ⁽⁶³⁾, onde foi enviado por el-rei Dom Sebastião, quando mandou vir dela o marquês, senhor de Cepta, onde um dia, vindo os mouros correr a Cepta, saiu Dom Leonis, e fizeram grande matança neles, trazendo sessenta cavalos e cem mouros cativos; e, ou de afrontado do peso das armas, ou dos muitos mouros que matou, ou com alvoroço da vitória, deitando-se aquela noite o dito Dom Leonis na cama, o acharam morto o outro dia pela manhã (sic). E Dom Jorge Pereira, seu irmão e do conde da Feira que neste tempo era, pretendendo pera ele o dito conde esta comenda da capitania da Praia, teve palavra de lhe darem a serventia dela por dois ou três anos, até a vinda de Dom Leonis de Cepta, mas, sabida sua morte, um irmão de Antão Martins, chamado António de Noronha, que viera, então, da Índia, pediu a dita capitania e herança por prémio de seus serviços, e tanto andou, que, ainda que estava dada palavra a Dom Jorge da serventia dela, lhe deram a comenda, com somente cem mil réis cada ano, e que mandasse vir sua mulher e seus filhos da Índia e fosse com ela e eles residir na Praia. Tendo assi mandado por eles, o dito António de Noronha faleceu de peste em Lisboa, ou em outra parte do reino, pelo que dizem que, com petição dos da Praia, queriam prover na serventia da dita capitania a um Fuão Pampalona, que não sei se a foi servir, ficando Dom Jorge Pereira sem ela, por estar nesta ilha de São Miguel e não ser poderoso pera resistir no reino e nele requerer o que merece. E agora a tem dada Sua Magestade a Dom Cristóvão de Moura, muito seu privado, de que direi adiante.

CAPÍTULO NONO

DOS CORTE-REAIS, CAPITÃES QUE FORAM DA PARTE DE ANGRA

E, segundo alguns afirmam, os Corte-Reais são fidalgos franceses de geração, netos, bisnetos e descendentes de um Dom Reimão da Costa, que veio aventureiro com outros muitos fidalgos, como Dom Rolim e outros que naquele tempo vieram de França, quando ajudaram a tomar Lisboa aos mouros, pelo que os reis de Portugal os estimaram sempre muito e tiveram em grande conta, um dos quais foi um João Vaz da Costa Corte-Real, primeiro capitão da ilha Terceira, da parte de Angra, por serviço que fez a el-rei de Portugal nas guerras contra Castela, andando por capitão de grossas armadas, do qual dizem que foi tão grande aventureiro no mar, que neste reino não teve segundo. E alguns querem dizer que descobriu a mesma ilha Terceira e algumas partes do ponente, e do Brasil e Cabo Verde, onde foi o primeiro que houve vista da ilha do Fogo e deu nova do que continuamente de si lançava; e, vindo do ponente, descobrira a ilha Terceira e a de São Jorge, pelo que lhe fora dada a capitania de Angra e da dita ilha de São Jorge. Diz-se também que, acabando de tomar Lisboa⁽⁶⁴⁾ aos mouros, el-rei de Portugal lhe deu aposento e vivenda no Algarve, a este João Vaz da Costa Corte-Real e a seu filho Vasqueanes Corte-Real, por serem muito bons cavaleiros, pera poder sustentar aquele reino do Algarve, que era muito perigoso e dificultoso, por causa dos belicosos mouros que nele moravam; e, vindo (como atrás tenho dito) João Vaz Corte-Real do descobrimento da Terra Nova dos Bacalhaus, que por mandado de el-rei foi fazer, lhe foi dada a capitania de Angra, da ilha Terceira, e da ilha de São Jorge.

Foi este João Vaz tão esforçado cavaleiro e temido capitão, que nunca deu batalha no mar, nem na terra, que não vencesse, e tão bem afortunado, que sempre tomou aos castelhanos as maiores presas que neste reino de Portugal se tomaram deles; e uma vez tomou uma nau de genoeses, carregada de sedas e de outras mercadorias, com a riqueza da qual e de outras presas que fez, entrou um dia com toda sua armada com velas e bandeiras de seda, e foi tão lustroso e custoso no trato de sua pessoa, que, por dar muito lustro à corte de el-rei de Portugal, dizem alguns que lhe pôs el-rei este nome Corte-Real, dizendo que a sua corte era real quando ele estava nela. Mas a certeza deste nome Corte-Real foi porque em tempo de el-rei Dom João, de Boa Memória, primeiro do nome, vindo dois cavaleiros alemães mui esforçados e temidos, e de grande nome nas cortes de outros reis, por desafio, pera provar suas forças na corte de Portugal, aceitando o dito João Vaz da Costa a batalha e sendo vencedor nela, lhe disse o dito rei, em alta voz, que, pois com sua pessoa e sangue e casa antiga tanto ilustrava a corte de Portugal, fazendo-a real, lhe ficasse este nome Corte-Real por seu apelido, por vencer em sua corte tão perigosa empresa, sendo, então, ainda mancebo, sem barba, mas de robustos membros e gesto ousado, e graves olhos e de nariz aquilinho (sic). Do qual João Vaz da Costa Corte-Real (e outros dizem de seu filho Vasqueanes Corte-Real) afirmam que um deles em África, em uma batalha contra o grande capitão Barraxo, valentíssimo e famosíssimo mouro, senhor de vinte e dois mil mouros de cavalo, seus súbditos, com que vinha contra os portugueses, de que era capitão o animoso e esforçado conde de Tarouca, prior do Crato, sogro do capitão da ilha da Madeira, derribara na batalha, de um forte encontro, ao dito capitão Barraxo do seu cavalo e passou avante, e, indo na traseira um cavaleiro chamado Rombo, conhecendo o Barraxo caído, o tomou e guardou que o não matassem, querendo dar a entender que ele o derribara, mas pelo mesmo Barraxo se soube a verdade, porque, levando-o deante do capitão, prior do Crato, pretendendo muitos senhores e cavaleiros aquela honra, dizendo cada um que o derribara do cavalo, havendo grande dúvida e pretensão sobre isso, disse o mesmo Barraxo ao capitão que não havia naquela companhia, da sua gente, pessoa que pudesse derribar o Barraxo senão aquele cavaleiro (mostrando-o com o dedo, o qual era o dito João Vaz da Costa Corte-Real ou, como outros dizem, seu filho Vasqueanes Corte-Real), que trazia o sinal vermelho em uma calça, e tão esforçado era o dito Barraxo, que no tempo que o derribou do cavalo, com tão grande encontro que cuidou que o

derribava algum gigante, deu fé do sinal vermelho que na calça trazia seu contraíro (sic), João Vaz, ou Vasqueanes Corte-Real, seu filho, qualquer que deles fosse. E, ao tempo que o derribou, lhe tomou logo na batalha o guião, pelo que traz um meio mouro com o mesmo guião por timbre de suas armas, trazendo dantes duas costas, como trazem as armas de seus parentes, mas só ele trazia o Barraxo com o seu guião pelo ganhar, como esforçado e valentíssimo cavaleiro, que sempre foi nas batalhas.

Estando João Vaz Corte-Real, primeiro capitão da parte de Angra, da ilha Terceira, no Algarve, onde era morador, veio um castelhano ter ali, com opinião de ser o mais valente e forçoso cavaleiro que havia em Espanha, a desafiar-se com ele, por lhe dizerem que em tudo lhe tinha vantagem (sic), e não sabendo João Vaz parte disto, vindo com sua mulher um dia da igreja, lho mostraram e lhe disseram que aquele castelhano o vinha desafiar, o que ele ouvindo, o chamou e lhe perguntou que buscava; respondeu o castelhano que se vinha desafiar com ele, por lhe dizerem que era o mais esforçado cavaleiro que havia em Portugal, e, porque ele se tinha por mais valente, o vinha buscar. João Vaz o levou a jantar consigo e, acabando de jantar, o meteu em um seu jardim pera o desafio, e entrando pelo jardim, onde havia muitas árvores de muitas maneiras, indo o castelhano diante, arremetendo a uma rua de marmeleiros, os foi arrancando com uma mão e com outra, de ambas as bandas, pondo-lhe as raízes ao Sol, o que vendo João Vaz, que detrás ia, foi tomando os marmelos daqueles e de outros marmeleiros com ambas as mãos e os espremia nelas, fazendo-os todos em sumo, sem lhe ficar nas mãos mais que o bagaço deles. Espantado o castelhano de ver isto, o teve na conta de quem era e não quis mais desafio com ele, antes se deu por vencido e se foi, dizendo que não tornava pera Castela senão a contar os extremos da sua força e cavalaria, e que por ali conhecia seu esforço e força, e não era muito, porque João Vaz nunca foi vencido em algum desafio, antes ele venceu a muitos. Pelo que por onde quer que andava, em Castela, Itália, França e Inglaterra e por outras partes, onde dizem que trazia rebuço de armas negras, por andar um tempo agravado de el-rei de Portugal, e (sic) por isso lhe chamavam o Cavaleiro das Armas Negras, e no derradeiro desafio que teve em Inglaterra disse que o fazia em nome de el-rei de Portugal. E dizem que foi desta maneira desafio (sic) da Guorrotea (sic), que é ordem de cavalaria, chamada de Gorrotea que em lingua inglesa quer dizer atadura, a qual ordem dizem que ordenou um rei de Inglaterra (não sei se se chamava Henrique), estando em um solene e mui festejado serão, em que dançaram grandes senhores e senhoras, que comumente elas, e todas as mulheres inglesas (como em Castela), trazem e costumam trazer meias calças, atadas com suas fitas abaixo dos geolhos, e, dançando uma fermosa e graciosa dama, se lhe desatou uma fita destas e caiu no chão onde dançava; o que vendo as outras damas e cortezãos, se riam do acontecimento, mas el-rei, a quem a dama agradava muito, e de quem era tida em muita conta, por que se não corresse (como os reis tudo podem quanto querem), disse, pela contentar, diante de todos os que ali estavam presentes: «Prometo-vos que deste acontecimento alevante uma coisa que seja a mais nomeada, honrada e grandiosa de quantas há em meu reino». E daqui constituiu a ordem da cavalaria da Gorrotea, cujos cavaleiros trazem abaixo do geolho atada uma fita de ouro ou dourada; e o que se armava cavaleiro desta ordem da Gorrotea dizem que antigamente vencia primeiro a sete cavaleiros escolhidos. Mas já agora não se usa esta batalha, ainda que a teve naquele tempo João Vaz Corte-Real, com que alcançou ser cavaleiro desta ordem, que é a maior, mais nobre e de mais estima que há no reino de Inglaterra, onde não pode reinar nenhum rei sem primeiro ser alevantado por cavaleiro da Gorrotea. E el-rei Dom Filipe, nosso senhor, quando lá foi receber a rainha Dona Maria, dizem que querendo desembarcar em Antona, veio o tesoureiro mor do reino, já velho mui antigo, com um cofre na mão, e lhe disse: «Vossa Magestade se detenha, porque não pode reinar neste reino, sem ser primeiro alevantado por cavaleiro da Gorrotea», e, tirando do cofre uma fita de ouro, que se apreçava em cem mil cruzados, lha atou na perna direita abaixo do geolho, e então desembarcou.

Outros afirmam com mais verdade que se chama esta ordem, não da Gorrotea, senão da Jarreteira, e a cinta dela, que se traz atada na perna abaixo do joelho, teve princípio em Inglaterra o ano de mil e trezentos e cinquenta, dedicada a São Jorge por el-rei Odoardo (sic), que, dançando com uma dama ou sua mulher, lhe caiu a ela a atadura da calça e el-rei se abaixou por ela, e os fidalgos murmuraram dele e o reputaram abaixeza, e ele propôs honrá-la e instituiu a ordem com certas regras e um manto turquesado por insígnia, e a jarreteira de ouro e pérolas, e uma cadeia de ouro, com a imagem de São Jorge pendente, e uma banda com uma letra que diz «mal haja quem maus pensamentos tem»; e entraram na ordem vinte e

seis grandes e senhores do reino, e el-rei Odoardo foi cabeça deles; e estas insígnias levava el-rei Dom Filipe o dia que o desposaram em Inglaterra ⁽⁶⁵⁾.

Dizem que, feito João Vaz Corte-Real cavaleiro da ordem da Gorrotea, ou Jarreteira ⁽⁶⁶⁾, tornou ao reino de Portugal e ficou em graça de el-rei, que se serviu dele sempre em coisas grandes, principalmente na fronteira de África, onde, antre outras coisas notáveis que fez, lhe aconteceu derribar de um encontro ao grande capitão Barraxo, como tenho contado.

Não pude saber com quem foi casado este primeiro capitão de Angra e de São Jorge, João Vaz Corte-Real, nem quantos filhos teve, somente o primeiro seu filho, chamado Vasqueanes Corte-Real, que o imitou bem nas forças, condições e valentia, que lhe sucedeu na capitania e foi segundo capitão por falecimento do dito João Vaz, seu pai. Foi veador de el-rei Dom Manuel e foi com ele a Castela, como se pode ver na primeira parte da sua Crónica, no capítulo vigésimo sexto. E morava em Lisboa ao longo do rio, defronte da freiguesia de São Paulo, ao cais, que do seu nome se chama o cais do Veador, onde está um rico aposento, em que também moraram seus descendentes, onde têm um seu sitio grande e campo cercado, que entesta com suas casas, que, por mercê de el-rei, é couto. O qual Vasqueanes também não sei com quem foi casado, mas de sua mulher teve os filhos seguintes:

O primeiro, chamado Manuel Corte-Real, que foi vrea-dor em Lisboa muitos anos, sem querer levar prémio nem estipêndio por isso, por ser muito nobre e grandioso, e, por ser mal visto, andava pela cidade a cavalo com um óculo na mão, ao qual se tinha muito respeito e faziam todos grande honra, por seu muito merecimento.

Afora este Manuel Corte-Real, teve Vasqueanes outro filho, chamado Bernardo Corte-Real, muito fidalgo e nobre de condição, grande músico e tangedor de viola, e de muito gentil voz, e bom latino; sabia bem falar francês e italiano. Foi alcaide mor de Tavila (sic) do Algarve e casado com Dona Maria de Menezes, irmã de Dom Jorge Tubra de Menezes. Era também grande cavaleiro, muito airoso, forte e bom cavalgador.

Outro filho teve Vasqueanes Corte-Real, chamado Hierónimo Corte-Real, mui nobre fidalgo e grandioso, que faleceu em Lisboa.

Manuel Corte-Real, primeiro filho de Vasqueanes Corte-Real, por falecimento de seu pai herdou a casa e morgado, ficando terceiro capitão da capitania de Angra e da ilha de São Jorge, o qual foi mui afábel (sic) fidalgo e de nobre condição, benquistado de seu povo e no reino muito privado de el-rei Dom João, terceiro do nome, servindo-o sempre e residindo em sua corte. Casou suas filhas com fidalgos e senhores principais do reino, como é Dom Manuel Portugal, filho do conde de Vimioso, o Velho, os quais dizem ser da Casa de Bargarça (sic), muito parentes do rei, e Dom Manuel de Lima, fidalgo que na Índia fez muitas façanhas em diversas batalhas.

Teve também este capitão Manuel Corte-Real dois filhos; o morgado se chamava Vasqueanes Corte-Real, o qual dizem que casou com uma filha do capitão dos genetes (sic), senhor de muito nome neste reino, e teve um filho, chamado Manuel Corte-Real, que em vida de seu pai morreu na guerra de África, com el-rei Dom Sebastião.

Teve mais o dito Vasqueanes Corte-Real (que foi, ou houvera de ser, por falecimento de seu pai, Manuel Corte-Real, quarto capitão de Angra e da ilha de São Jorge) três filhas, e com uma delas, chamada Dona Margarida Corte-Real tresneta de João Vaz Corte-Real, casou Dom Cristóvão de Moura, que agora é capitão das duas ilhas, Terceira e São Jorge.

O segundo filho de Manuel Corte-Real, terceiro capitão, se chamava Hierónimo Corte-Real, fidalgo de grandes condições e engenho, e tão curioso, que em todas as artes entendia a perfeição delas. Primeiramente era bom cavaleiro e sabia muito das armas, grande poeta, músico e latino, e na pintura, luminura (sic), arquitectura tão claro, que todas as coisas e desenhos de retábulos e outras obras de architectura, que em Lisboa se faziam insignes, eram registadas com ele e se seguia sempre seu parecer, e ele foi o mestre no sumptuoso portal que os mercadores de sobrado fizeram na entrada da cidade, onde se fez a fala a el-rei Filipe, nosso senhor ⁽⁶⁷⁾, quando entrou nela. Escreveu docta e engenhosamente em verso heróico a segunda tomada de Diu, e no livro que fez de verso solto sobre a vitória de Dom João d'Austra (sic), que intitulou ao mesmo rei, todos os registos que representavam a história eram iluminados por ele, e por sua ordem tão ricamente, que foi estimada a luminura somente deste livro, que mandou a el-rei Filipe, em mais de mil cruzados. Dizem que este Hierónimo Corte-Real, por morte de Vasqueanes, seu sobrinho, herdava a capitania e ficava quinto capitão de

Angra, e, havendo litígio sobre isso, el-rei Filipe o contentou e deu a capitania a Dom Cristóvão de Moura, que casou com sua sobrinha, filha de Vasqueanes Corte-Real, seu sobrinho, a quem também fez el-rei mercê da capitania da Praia, que, por não ter herdeiro, ficou à coroa, e assim ficou Dom Cristóvão de Moura capitão de toda a ilha Terceira e da ilha de São Jorge.

Dizem alguns que Jácome de Bruges, primeiro capitão da ilha Terceira de Jesus Cristo, era framengo e que veio povoar a ilha, da parte da Praia, por mandado do infante Dom Anrique, e, estando-a povoando, veio ter ali João Vaz Corte-Real, que dizem alguns que era francês, outros que era genoês de nação, e vinha do descobrimento da Terra Nova do Bacalhau, e o Jácome de Bruges o recolheu e lhe disse que lhe largaria ametade da ilha, a qual aceitou, e depois Jácome de Bruges se foi pera sua terra e desapareceu, de maneira que não tornou mais, e a infanta Dona Breatis, por vaga, deu a ilha ao dito João Vaz Corte-Real e a Álvaro Martins Homem, da casa da mesma infanta, e foi a ilha partida antre eles, da ribeira Seca, da banda do sul, ao nornoroeste e quase do norte. A partilha foi que, vindo do reino o Álvaro Martins com a doação da metade da ilha Terceira, ao tempo que a houve de partir com João Vaz Corte-Real, conforme a suas doações, foi partidador o Álvaro Martins e havia de escolher João Vaz Corte-Real; e Álvaro Martins, ao tempo que fez a partilha, por lhe parecer que João Vaz escolheria da parte da Praia, por ser nesse tempo o melhor porto que havia e estar a terra povoada, lançou à parte de Angra maior quantidade da dita ilha, a qual escolheu João Vaz Corte-Real, onde depois veio a ser uma grande povoação e se fez uma nobre cidade, por causa do porto muito bom que tem e das muitas águas que há na parte de Angra; e depois houve grandes demandas antre os herdeiros dos sobreditos, em que finalmente foi sentenciado que a ilha se tornasse a partir pelo meio; e se partiu igualmente antre ambos. A partilha havia de ser pela ribeira Seca ao noroeste, e Álvaro Martins a fez a nornoroeste e quase do norte, e desta maneira ficou muita quantidade de terra da parte de Angra, mais que da parte da Praia, que depois se desfez pela demanda e se mandou partir igualmente antre ambos. Durou a demanda mais de vinte anos, em que se gastou muito dinheiro, e o proveito do capitão da Praia foi tão pouco com o que interessou na partilha, que se achava que pudera comprar, com o gasto que fez na demanda, mais terras, que ficaram suas próprias, do que estendeu a capitania, de que somente não tinha mais que a redízima.

Correndo a demanda sobre a dita partilha, requereu Manuel Corte-Real, que estava na corte, a el-rei que mandasse ir Antão Martins, já capitão da Praia, por falecimento de seu pai Álvaro Martins, porque, estando na terra, podia prejudicar as inquirições e subornar as testemunhas que se tiravam; pelo que el-rei o mandou ir pera o reino e, ficando por seu procurador um João Gonçalves, pera corroboração de sua prova, fez petição aos juízes da vila da Praia que mandassem medir a ilha, a qual mediram dois medidores ajuramentados e um escrivão de cento e (?) em cem braças (sic) pela costa, ao longo da rocha do mar, e acharam que a capitania de Angra tinha vinte e uma mil e tantas braças, e a capitania da Praia treze mil e tantas, de modo que se achou ter toda a ilha Terceira, em redondo, trinta e cinco mil e duzentas e cinco braças.

Isto é o que pude saber de longe dos capitães destas duas capitánias. Quando lá fordes, Senhora, averiguareis de perto a verdade de tudo. E alguma que eu soube se contém na doação, atrás dita, do infante Dom Anrique e na que agora direi da infanta Dona Breatis, cujo teor é o seguinte, com a linguagem daquele tempo antigo.

CAPÍTULO DÉCIMO

DA DOAÇÃO DA CAPITANIA DE ANGRA QUE FEZ A INFANTA DONA BREATIS AO
CAPITÃO JOÃO VAZ CORTE-REAL

Eu, a infanta Dona Breatis, tutor e curador do senhor duque, meu filho, etc., faço saber a quantos esta minha carta virem que havendo eu (sic) por informação estar vaga a capitania da ilha Terceira de Jesus Cristo, do dito senhor, meu filho, por se afirmar ser morto Jácome de Bruges, que até ora a teve, do qual há muito tempo que alguma nova se não há, posto que já por muitas vezes mandei a sua mulher que a verdade delo soubesse e mo certificasse, assinando-lhe pera elo tempo de um ano, e despois mais, ao qual, em alguma maneira, com todas diligências que nisso fizesse, não trouxe delo certidão alguma, pelo qual, havendo eu por certo o que assi me é dito, esguardando o dano que é a dita ilha estar assi sem capitão que a haja de reger e manter em direito e justiça pelo dito senhor, e como em elo, pela causa, se fazem muitas coisas que são pouco serviço de Deus e do dito senhor, meu filho, detriminei (sic) prover a elo, por descargo de minha consciência e serviço do dito senhor, consirando (⁶⁸) eu, doutra parte, os muitos e grandes serviços que João Vaz Corte-Real, fidalgo da casa do dito senhor, meu filho, tem feitos ao infante, meu senhor, seu padre, que Deus haja, e despois a mim e a ele, confiando em a sua bondade e lealdade; e vendo sua disposição, a qual é pera poder servir o dito senhor e manter seu direito e justiça, em galardão dos ditos serviços lhe fiz mercê da capitania da ilha Terceira, assi como a tinha o dito Jácome de Bruges, e lhe mandei delo dar sua carta ante desta. E porquanto a dita ilha não era partida antre o dito Jácome de Bruges e Álvaro Martins, e parte pela ribeira Seca, que é aquém da ribeira de Frei João, ficando a ribeira de Frei João da parte de Angra, e da dita ribeira Seca pela ametade da dita ilha até outra banda, como se vai do sueste ao noroeste; e partida a dita ilha pela mesma maneira, mandei ao dito João Vaz que escolhesse, e escolheu na parte de Angra e leixou da parte da Praia, em que o dito Jácome de Bruges tinha feito seu assento, e a mim aprouve delo e lhe hei por feita a mercê da dita pairte, porque da outra mandei dar sua carta ao dito Álvaro Martins, e me apraz que o dito João Vaz tenha pelo dito senhor a dita parte, que mantenha per ele em justiça e direito, e que, morrendo ele, isso mesmo fique ao seu filho primeiro e segundo, se tal for que tenha o cárrego pela guisa suso dita; e assi de descendente em descendente per linha direita, e sendo em tal idade o dito seu filho que não possa reger, o dito senhor e seus herdeiros porão hi (sic) quem a reja, até que ele seja em idade pera reger. Item me apraz que ele tenha na sobredita ilha a jurdição pelo dito senhor, meu filho, em seu nome, do cível e crime, ressalvando morte ou talhamento de membro, que disto tal venha presente ao dito senhor. Porém, sem embargo da dita jurdição, a mim apraz que todos meus mandados e correição sejam hi cumpridos, assi como coisa própria do dito senhor. Outrossi me apraz que o dito João Vaz haja pera si todos os moinhos de pão que houver na dita ilha de que assi lhe dou cárrego, e que ninguém não faça hi moinhos, somente ele ou quem lhe aprouver; e isto não se entenda em mó de braço, que a faça quem quiser, não moendo a outrem, nem atafonas não tenha outrem, somente ele, ou a quem ele aprouver. Item me apraz que haja de todas as serras de água que se aí fizerem, de cada uma, um marco de prata, ou em cada um ano seu certo valor, ou duas tábuas cada somana, das que hi costumarem serrar, pagando porém ao dito senhor o dízimo de todalas ditas serras, e segundo pagam das outras coisas, quando serrar a dita serra. Esto (⁶⁹) haja também o dito João Vaz de qualquer moinho que se aí fizer, tirando vieiros de ferrarias ou outros metais. Item me praz que todos os fornos de pom (sic) em que houver poia sejam seus. Porém não embargue quem quiser fazer fornalhas pera seu pom, que as faça, e não pera outro nenhum. Item me praz que, tendo ele sal pera vender, que o não possa vender outrem, somente ele, dando-o ele à rezão de meio real o alqueire, ou sua direita valia, e mais não; e quando o nom tiver, que os da dita ilha o possam vender à sua vontade, até que o ele tenha. Outrossi me praz que, de todo o que o dito Senhor, meu filho, houver de renda em a dita ilha, que ele haja de dez um de todas suas rendas e direitos, que se contêm

em o foral que pera elo mandei fazer. E por esta guisa me apraz que haja esta renda seu filho, ou outro descendente per linha direita, que o dito cárrego tiver. Item me praz que ele possa dar per suas cartas a terra da dita ilha forra, per o foral, a quem lhe aprover (sic), com tal condição que ao que a derem (sic) a dita terra aproveite até cinco anos, e não aproveitando, que a possa dar a outrem; e depois que aproveitada for e a leixar por aproveitar até outros cinco anos, que isso mesmo a possa dar; e esto nom embargue o dito senhor. Se houver terra pera aproveitar que não seja dada, que ele a possa dar a quem sua mercê for. E assim me praz que a dê seu filho ou herdeiros descendentes que o dito cárrego tiverem. Item me praz que os vizinhos possam vender suas herdades aproveitadas a quem lhe aprouver. Outrossi me apraz que os gados bravos possam matar os vizinhos da dita ilha, sem haver aí contra defesa nem licença do dito capitão, ressalvando algum lugar sarrado em que o lança seu dono; e isso mesmo me praz que os gados mansos pascem per toda a ilha, trazendo-os com guarda, que não façam dano, e, se o fizerem, que o paguem a seu dono, e as coimas, segundo as posturas do concelho. E, por e sta minha carta, peço ao dito senhor, meu filho, que, prazendo a Deus que em idade for, lha confirme e haja por boa; assi o façam seus herdeiros e sucessores, quando a eles vierem, porquanto da dita capitania lhe fez mercê, pela maneira em todo sobredita, em satisfação e contentamento do muito serviço que tem feito, como dito é. E em testemunho de verdade lhe mandei dar esta minha carta, assinada e asselada do meu selo. Dada em a cidade de Évora a dois dias do mês de Abril, Rodrigo Alvres a fez, ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quatrocentos e sessenta (sic) e quatro anos (⁷⁰).

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

DE DOM CRISTÓVÃO DE MOURA, ÚLTIMO CAPITÃO DE TODA A ILHA TERCEIRA E
ILHA DE SÃO JORGE, QUE AO PRESENTE AS POSSUI

Se o fio da história me não obrigara a contar sucessivamente os capitães das ilhas Terceira e São Jorge, de boa vontade passara, Senhora, com silêncio o último capitão delas, Dom Cristóvão de Moura, por não me atrever dizer seus louvores, dignos de perpétua memória, e também por eles serem tais que por si se apregoam e são cronistas de si mesmos, pois mereceu, por sua qualidade e boas partes, de que Deus o tem dotado, ser tão privado de um tão poderoso monarca, como é el-rei Filipe, senhor nosso. Semelhantes são nisto os privados dos reis com os santos favorecidos de Deus, em os quais é maravilhoso e glorioso em todas suas obras que neles obra. Exemplo é um Santo António, o qual faz tantos milagres, que eles mesmos são sua crónica e o apregoam quase em todos os tempos e em todas as terras, sem terem necessidade de crónica alheia. Assi, é tão aceito à magestade de el-rei Filipe este capitão Dom Cristóvão de Moura e obra tantos e tão grandes bens a tantos com sua privança, que eles mesmos o apregoam e são sua crónica, sem terem necessidade da minha, que é tão ruda, que o quisera louvar só com silêncio, por não alcançar a saber dizer a mínima parte de seus altos merecimentos, cuja memória ficará reservada pera os doctos cronistas da real magestade, e pera vós, senhora Fama, que, com vossa sonora trompeta os ireis sempre notificando ao mundo todo e os perpetuareis pelos segres ⁽⁷¹⁾ dos segres; eu, somente, como rasteira e humilde serva sem proveito, por o pedir o fio do que vou contando dos capitães destas ilhas, só direi raso o seu nome, pois é o último deles todos, que, ao presente, de tão longe as governa.

A capitania da cidade de Angra e meia ilha Terceira, da sua parte, foi sempre dos Corte-Reais. Os últimos foram Manuel Corte-Real, por cuja morte sucedeu nela Vasqueanes Corte-Real, irmão maior de Hierónimo Corte-Real, de fecundo e raríssimo engenho. Deste Vasqueanes Corte-Real não ficou filho macho; e sucedeu no morgado e capitania de Angra Dona Margarida Corte-Real, com a qual casou Dom Cristóvão de Moura, que agora é último capitão de toda a ilha Terceira e da de São Jorge, de que lhe fez Sua Magestade mercê, por não ficar herdeiro ao capitão da Praia, como já tenho contado.

É Dom Cristóvão de Moura filho de Dom Luís de Moura e de Dona Maria de Tábor (sic), irmã de Lourenço Pires Tábor, embaixador que foi em Roma e capitão de Tângere (sic).

Dom Luís de Moura, seu pai, foi estribeiro-mor do infante Dom Duarte e logo tesoureiro-mor da infanta Dona Isabel; era homem de heróicas partes e benquista de todos.

Há na casa dos Mouras muitos homens insignes, e Miguel de Moura, antes que Sua Magestade entrasse ⁽⁷²⁾ em Portugal, era do conselho de el-rei Dom Anrique e seu secretário. Desta casa de Portugal, dos Mouras, foi pera Castela Fernando de Torres de Moura, que em Córdova casou com Dona Isabel de Linan, filha do senhor de Setiosa, ⁽⁷³⁾ que é em Aragão; e dali casou a Fernão de Moura, seu filho, com Dona Lianor de Mendonça, em Sigença, onde teve dois filhos, Dom Miguel de Moura e Dom António de Moura, morgado de cinco mil cruzados de renda; e tem ali um irmão, chantre de Sigença, que tem três mil cruzados de renda pela igreja.

O capitão Dom Cristóvão de Moura, filho de Dom Luís de Moura, foi page (sic) da princesa Dona Joana, mulher do príncipe Dom João, filha do imperador Carlos Quinto, irmã de el-rei Dom Filipe e mãe de el-rei Dom Sebastião; e, sendo muito moço, foi com ela deste reino pera Castela por seu page, onde ela se meteu em um mosteiro de freiras descalças e, falecendo, deixou por sua morte a Dom Cristóvão dois mil cruzados de renda. Daí começou a servir a el-rei Dom Filipe, de seu page, em cujo serviço por seus merecimentos tem alcançado grande lugar de privança diante Sua Magestade, que, antre outras pessoas graves, como foi o duque

de Usuna ⁽⁷⁴⁾ e outros, o mandou a Portugal por embaixador sobre a pretensão e sucessão deste reino, sendo já gentilhomen de sua câmara e dos grandes do reino; e o fez veador de sua fazenda e do conselho do estado de Portugal e Castela, em que entra em todos os despachos, que é grandíssima preminência (sic) em a corte de el-rei, a que poucos grandes podem chegar; e se espera ser marquês e ter outras coisas maiores, de que é merecedor, por ser pessoa de muita confiança, grave, prudente, discreto e muito expediente em negócios, de grande nobreza e bondade, devoto e amigo de Deus, e, como tal, se confessava muitas vezes no Colégio da Companhia de Jesu de Madril (sic) com o padre mestre Citina, da casa dos condes de Citina.

É finalmente tal este capitão Dom Cristóvão de Moura, que nas condições, bondade, grande inteireza e cristandade parece um retrato de el-rei nosso senhor, e, como tal, mui merecedor da muita privança que com Sua Magestade tem; por cuja intercessão e méritos tem feitas grandes mercês e honras à ilha Terceira e à gente dela, e lhas faz cada dia; e foi particular mercê de Deus querer-se lembrar dela, em tempo de tantas calamidades, com tão bom valedor ⁽⁷⁵⁾.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

DOS CORREGEDORES, DESEMBARGADORES E PROVEDORES DA FAZENDA E
ALGUNS OUTROS CARGOS DE JUSTIÇA QUE HOUE NESTAS ILHAS DOS AÇORES

O primeiro corregedor que houve com alçada nestas ilhas dos Açores se chamava Afonso de Matos Cabeça de Vaca. Veio de Portugal no ano de mil e quinhentos e três, pouco mais ou menos.

Depois dele, no ano de mil e quinhentos e dez, veio com o mesmo cargo o bacharel Rui Pires.

O terceiro corregedor com alçada foi o desembargador Rui Gonçalves Maracote, que veio no ano de mil e quinhentos e doze e se foi no ano de mil e quinhentos e catorze, pouco mais ou menos.

E no ano de mil e quinhentos e quinze veio Hierónimo Luís, o Bom, chamado assi a respeito de outro do mesmo nome, que depois dele veio, chamado o Mau. Hierónimo Luís, o Bom, quarto corregedor nestas ilhas todas antes do dilúvio de Vila Franca, da ilha de São Miguel, estando na mesma, lhe aconteceu dar uma sentença antre um homem rico e uma viúva, moradores no lugar da Maia, sobre uma demarcação de umas terras, e, sendo a sentença em favor da viúva, foi a apelação ao reino, por parte do rico, onde os desembargadores deram uma contra a viúva, e o corregedor veio repreendido (sic). Vindo a sentença, no mesmo dia que lhe foi apresentada, estando um navio pera partir pera o reino, mandou ao mestre que se não fosse sem ele, e embarcando-se com a dita sentença, encarregando seu cargo e mando a um Francisco Pires, bacharel, que serviu em sua ausência, se foi apresentar a el-rei Dom Manuel, dizendo que ele dera na ilha de São Miguel uma sentença contra um homem rico em favor de uma mulher pobre e que os seus desembargadores a revogaram, a qual ele, por serviço de Deus e de Sua Alteza, queria sustentar, pelo que pedia desse Sua Alteza juízes à causa e mandasse aos desembargadores que sustentassem a sua; dando-lhe el-rei por juízes os desembargadores do Paço, e arrazoando de uma e outra parte, sentenciaram os juízes que a sentença que dera o corregedor Hierónimo Luís estava bem dada e a outra não. Então se tornou Hierónimo Luís à ilha de São Miguel, donde partira, acabar de cumprir o tempo de seu cárrego, com título de desembargador, dizendo dali por diante no fim de suas sentenças: «El-rei o mandou pelo licenciado Hierónimo Luís»; e começavam em: «Dom Manuel, por graça de Deus, como sentenças que vêm do desembargo».

No ano de mil e quinhentos e vinte e um veio o corregedor António de Macedo.

No ano de mil e quinhentos e vinte e sete veio o sexto corregedor, Domingos Garcia.

No era de mil e quinhentos e trinta veio o corregedor Aires Pires Cabral. Estes tiveram este cargo em todas estas ilhas dos Açores.

Quando se dividiram as ilhas em duas correições, veio o doctor Francisco Toscano, por corregedor pera as ilhas de São Miguel e de Santa Maria, no ano de mil e quinhentos e trinta e quatro.

E pera as ilhas de Baixo veio Braz Cota.

Depois, veio pera a ilha de São Miguel e de Santa Maria o doctor Manuel Alvres, no ano de mil e quinhentos e quarenta, que depois foi no reino corregedor da corte. E indo desta ilha de São Miguel pera o reino, foi ter a Lagos do Algarve; dali alugou cavalgadura até Alcácer do Sal, e um dos almocreves, que lhe alugara duas por quatro mil réis, lhe pediu no caminho um conselho e ele disse que seu pai lhe tinha dito e mandado que nunca desse conselho sem primeiro lho pagarem; por isso que comprasse ele meia dúzia de perdizes e que lho daria. O almocreve as comprou e, comidas elas antre todos, lhe disse: «Que caso é o vosso?»

Respondeu que era de furto e, perguntando se lho provarão, respondeu que não havia testemunha que tal visse, nem lho provasse, nem tal jurasse. Respondeu o doctor Manuel Alvres: «Pois negai sempre e nunca esta fale por onde esta pague, como costumam dizer». Tinha-lhe logo no princípio dado Manuel Alvres, ao almocreve, dois mil réis por duas bestas, pera deixar a sua mulher de comer, e que lhe daria outros dois mil réis depois, acabada a jornada dava-lhe os outros dois mil réis, e o almocreve pediu-lhe quatro mil, em que se consertaram. Dizendo Manuel Alvres que já lhe tinha dado os outros dois mil, lhos negou sempre, e, por Manuel Alvres não ter testemunhas e o almocreve jurar que não lhe tinha dado os dois mil réis, foi julgado que lhe pagasse Manuel Alvres todos os quatro mil réis; e, pagando-lhos em sua casa, depois de lhos ter dados, lhe disse: «Eu não vos tenho dado já dois mil réis?» Respondeu o almocreve: «vossa mercê me deu de conselho que sempre negasse e que nunca esta falasse por onde esta pagasse»; e assi lhos levou. Foi sabido este caso na corte, e soube-o el-rei Dom João, terceiro do nome, e mandou chamar a Manuel Alvres, dizendo que lhe contasse o seu conselho; e, contando-lho, gostou el-rei muito de lho ouvir, com grande riso e festa de todos os da corte, que traziam dali em diante por provérbio o conselho de Manuel Alvres. E assi lhe custaram as seis perdizes dois mil réis, e com o conselho, ou cutelo, que deu o doctor ao outro, se degolou a si mesmo; por isso dizem *«legem sibi dixerat ipse et sic ars diluditur arte»*. Ele mesmo deu o conselho, ou fez a lei, ou deu a sentença contra si, e assi se engana ou escarnece uma arte com outra. Mas não sei se foi tanto pera rir a perda do doctor Manuel Alvres, como é pera chorar o ganho do almocreve, que, como mais besta que suas bestas, ele e outros com semelhantes zombarias se vão rindo ao Inferno, de eterno tormento e choro.

O undécimo se chamou Hierónimo Luís, o Mau, que veio por corregedor pera as ilhas de Baixo. Chamou-se Mau, porque suas obras não foram como as do outro Hierónimo Luís, o Bom, quarto corregedor, que era muito cavaleiro e bom letrado, homem de pequena estatura, magro e seco, de idade de trinta e cinco anos, e fez nestas ilhas coisas notáveis.

Passados estes, se tornou a juntar correição em uma, e no ano de mil e quinhentos e quarenta e quatro veio o corregedor Gaspar Touro, com jurisdição e alçada em todas as ilhas dos Açores.

No ano de mil e quinhentos e quarenta e nove veio com o mesmo cargo o doctor Luís da Guarda,

Depois veio por corregedor pera todas as ilhas dos Açores o doctor Manuel da Fonseca, e logo após ele veio Gil de Vila Lobos.

E depois de Gil de Vila Lobos, foi corregedor Lopo da Gama, da geração dos nobres Gamas.

O décimo sétimo corregedor de todas estas ilhas dos Açores foi Fernão Lopes, dos Bons Ditos.

O décimo octavo Gaspar Ferraz.

O décimo nono Gaspar Pereira, o qual não veio a esta ilha de São Miguel, como vieram todos os outros.

O vigésimo corregedor com alçada, que veio a estas ilhas, foi o licenciado Diogo Alvres Cardoso, que dantes havia sido juiz de fora em Miranda de Douro.

O vigésimo primo foi o doctor Ciprião de Figueiredo.

O vigésimo segundo o doctor Diogo de Barros, o qual não foi à Terceira, senão somente a esta ilha de São Miguel.

O vigésimo tércio, primeiro juiz de fora na cidade da Ponta Delgada, da ilha de São Miguel, e, depois, corregedor com alçada na mesma ilha de São Miguel e na de Santa Maria e em todas as outras dos Açores, que agora tem o cargo e reside ao presente na cidade de Angra da ilha Terceira, é o doctor Cristóvão Soares de Albergaria, bom letrado, de muita prudência, mansidão e humildade, e zeloso de todo bem, expediente, inteiro, amigo de fazer justiça e dar o seu a seu dono. Porque, estando o corregedor Diogo de Barros nesta ilha de São Miguel, vindo Dom Lopo de Figueiroa com a armada, que trouxe, de Sua Majestade, pera o levar consigo à ilha Terceira, e que o juiz de fora ficasse servindo de corregedor em companhia do governador Ambrósio d'Aguiar, como a jornada de Dom Lopo não teve efeito, ficou o juiz de

fora Cristóvão Soares servindo este crrego até a vinda do marquês de Santa Cruz, que, por ordem de el-rei, que trazia, o deixou nela com seiscentos cruzados de ordenado, que era mais outro tanto do que tinham seus antecessores, e Sua Magestade lhs confirmou e, além disso, lhe fez mercê do hábito de Cristo, com cinquenta cruzados de tena, que depois lhe acrescentou a cem cruzados, com o desembargo do Porto, de que logo tomaria posse, pera efeito de entrar na Casa da Suplicação. E pelos seus muitos serviços, que fez a Sua Majestade, sem ele nunca pedir coisa alguma, lhe fez mercê, por uma vez, de quinhentos cruzados, e, por outra, de duzentos cruzados, pera ajuda de custo. Agora se diz que o tem tomado na Casa da Suplicação, de que tem nova certa, e filhado em foro de fidalgo, mas ainda não tem disso provisão. E  também auditor da soldadesca, que está de presídio, da ilha Terceira.

Deixando aparte alguns desembargadores que vieram a estas ilhas em diversos sucessos, como foram (afora o Papudo, que não era do desembargo) o doutor Afonso Figueira e o doutor Simão de Almeida, e outros, de que não falo por não saber todos, direi, somente, do doutor Fernão de Pina Marecos, digno de perpétua memória, filho de Nicolau de Pina (que descendeu dos grandes Pinas de Florença, que foram umas das mores casas que havia naquele tempo) e de Branca Anes Marecos, que descendeu das montanhas de Castela. Nicolau de Pina foi tão valeroso (sic), que, depois de quarenta e cinco anos de heróicos serviços  coroa, morreu na ndia; e tinha tanto espírito, que nunca quis certidão do que fazia, dizendo que um homem, como Nicolau de Pina, não era necessário publicar ele seus serviços e feitos por certidões, porque bem sabiam os reis e príncipes quem ele era e quais eram seus serviços.

Fernão de Pina era procurador dos reinos, assi de Castela como de Portugal, na sucessão deles. Foi provedor-mor da saúde no tempo da peste e sempre nela assistiu, faltando todo o governo na cidade de Lisboa, senão ele, que nela era vereador perpétuo e conservador da moeda e chanarel ⁽⁷⁶⁾.

Veio a estas ilhas dos Açores, por mandado de el-rei Dom Sebastião, que está em glória, por presidente do desembargo e com outros córregos supremos, que executou como estremado senador, zeloso da honra de Deus, serviço de el-rei e bem dos povos. Contradiisse a ida de el-rei a África e, por mandado do cardial infante, lhe fez uma fala, e outra em nome da cidade de Lisboa, em que mostrou seu muito saber e zelo, e, por falar verdade e contradizer aos privados, que lhe não repugnavam a jornada de África, foi privado, por mandado do mesmo rei, do crrego de vereador, com outras ameaças de castigos. Recolheu-se, então, a seu morgado, que tem junto de Tomar, até que veio nova do destroço de África e da morte de el-rei Dom Sebastião, por cuja vida ele arriscou a sua com lhe falar verdade.

Como el-rei Dom Anrique reinou, lhe mandou restituir seu crrego de vereador perpétuo e deu o hábito de Cristo, com vinte mil réis de tena e expectação de mores merces, em pago dos grandes serviços que, além dos sobreditos, tinha feito ao reino.

Depois do falecimento de el-rei Dom Anrique, os governadores do reino fizeram muita conta dele, por ser pessoa de grandssimas partes e zelo do bem comum. Neste comenos, sobre a causa de Dom António, prior do Crato, por ele lhe não entregar as chaves da cidade, um mancebo,  treição (sic), indo ele a cavalo per uma rua de Lisboa, lhe deu uma cutilada na cabeça com um alfanje, de que faleceu, perdando ao que o feriu e morrendo, como sempre viveu, com grande exemplo de cristandade.

Os governadores puseram logo muita diligência em mandar prender o delinquente, o qual, depois de estar preso, conheceu com muito arrependimento o grande mal que tinha feito em matar tão mal um tão excelente varão. E, tendo algumas causas pera dilatar sua prisão e inda livrar-se, por ter ordens menores, de nada quis usar; confessando sua culpa publicamente, foi arrastado, enforcado e esquartejado, por justiça.

Foi casado Fernão de Pina com Mor de Faria, de grande virtude, filha de Luís de Faria, filho de Bastão Lopes Guedes, cuja foi Arzila, porque ele a tomou; foi homem que tinha sete ginetes na estrebaria e os mandava algumas vezes de presente a el-rei, com mouriscos, que ele tinha muitos.

Teve este doutor Fernão de Pina de sua mulher sete filhos, Máximo de Pina, Valério de Pina, Nicolau de Pina, Marcos de Pina, Dona Margarida, Dona Marcelina e Dona Violante, todos de muito entendimento.

O mais velho, Máximo de Pina, casou com Dona Maria de Lemos, filha de Manuel de Lemos, que foi corregedor de Tomar, com a qual lhe deram, por morte dele, quarenta mil cruzados. Este filho mais velho tinha de morgado oitocentos mil réis. A filha mais velha, Dona Margarida, se meteu em o mosteiro da Madre de Deus, de estreitíssima religião; saindo-lhe grandes casamentos e homens senhores de vilas e principais fidalgos, nunca quis casar; antes se meteu freira, despedindo-se de sua mãe, irmãos e parentes, sorrindo-se, sem nunca deitar lágrima. Outra filha casou com Nuno Pereira de Aragão, filho de Pero Pessoa, que morreu, por capitão, em África com el-rei, e filho de Dona Joana Manuel e neto de Dom João Manuel, comendador das Idanhas.

Entrando el-rei Dom Filipe, nosso senhor tomar posse destes reinos, tendo notícia do muito que o reino devia a Fernão de Pina, por todos estes serviços, indo lhe falar sua mulher e filhos ao tempo que em Tomar se jurou, lhes fez, entretanto, do seguinte, com esperanças pera o diante de outras maiores (sic).

A Mor de Faria ciquenta mil réis de tença, com dois moios de trigo cada ano, e que disto pudesse testar. A Máximo de Pina uma comenda, que rende duzentos mil réis. A Valério de Pina o hábito, com vinte mil réis de tença, e a suas irmãs duas capitánias, a cada uma das mais velhas, e à outra seiscentos cruzados, pera a meterem em um mosteiro, e tomou por moços fidalgos a todos estes filhos.

Dos provedores da Fazenda de el-rei (afora os que tiveram na terra cargo de suas armadas, como foi Pedreanes do Canto e João da Silva do Canto e outros), o primeiro foi Francisco de Mesquita, o segundo, Fernão Cabral, o terceiro, só desta ilha de São Miguel, Francisco de Mares (sic) ⁽⁷⁷⁾, o quarto, de todas as ilhas dos Açores, Duarte Borges de Gandia ⁽⁷⁸⁾, natural desta mesma ilha de São Miguel, merecedor de outros mores cargos e títulos honrosos. O quinto, Sebastião Coelho; o sexto, Garcia Lobo, que esteve presente no tempo dos trabalhos e dissensões da ilha Terceira, onde com sua prudência se mostrou neutral, sendo sempre fiel vassalo de el-rei Dom Filipe; o sétimo, Luís Gonçalves de Figueiroa ⁽⁷⁹⁾.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

DA CRIAÇÃO E EREIÇÃO DO BISPADO DE ANGRA, CABEÇA DE TODAS AS ILHAS DOS AÇORES, E DOS BISPOS DELA ATÉ DOM PEDRO DE CASTILHO, INCLUSIVE

Como estas ilhas dos Açores e a ilha da Madeira são do mestrado da ordem da Cavalaria de Jesus Cristo, cuja casa principal é o mosteiro de Tomar, antes que houvesse bispo nelas, eram governadas pelo Dom Prior ⁽⁸⁰⁾, vigairo geral da dita ordem, e tendo este cargo um Dom Pedro, ou não sei se Dom frei Pero Vaz ⁽⁸¹⁾, veio com sua licença a estas ilhas Dom João Aranha, bispo Zefiense no ano de mil e quatrocentos e oitenta e sete e deu ordens nelas. E pelo tempo adiante foi outro vigairo geral, chamado Dom Diogo Pinheiro, doutor *in utroque jure*, o qual se intitulava vigairo geral no espiritual e temporal da ordem da Cavalaria no mestrado de Nosso Senhor Jesus Cristo, em a vila de Tomar e Santiago e Santarém, Santa Maria de África em Ceita (sic) e Val d'Angu e Santa Maria de Alcácer em África, das ilhas da Madeira e dos Açores e Cabo Verde, e de Etiópia e das Índias, imediato à Igreja de Roma, e do Conselho de el-rei, nosso senhor, e seu desembargador do Paço e petições e prior da igreja colegiada de Santa Maria da Oliveira da vila de Guimarães etc. Este Dom Diogo foi despois o primeiro bispo da ilha da Madeira e das ilhas dos Açores e de todas as ilhas do mar oriental e ocidental da conquista de Portugal. O qual sendo primeiro vigairo de Tomar, veio então, com sua licença, a estas ilhas dos Açores Dom João Lobo, bispo de Tânoer, também de anel, que consagrou a igreja Matriz da vila da Praia da ilha Terceira e deu ordens na dita ilha, e este foi o segundo bispo ⁽⁸²⁾ que veio a estas ilhas, e nesta de São Miguel ⁽⁸³⁾ e no ano de mil e quinhentos e sete, em dia de São Luís, a vinte e cinco dias do mês de Agosto, deu ordens especiais na vila da Lagoa desta mesma ilha, e despois deu também ordens na vila da Ribeira Grande e em outras partes. E, sendo despois já bispo da ilha da Madeira e de todas as que tenho ditas o dito Dom Diogo ⁽⁸⁴⁾, mandou a estas ilhas dos Açores a Dom Duarte, bispo Dumnense, de anel, o qual também deu ordens nas mesmas ilhas e consagrou a igreja parroquial de Nossa Senhora da Estrela da vila da Ribeira Grande, desta ilha de São Miguel, na era de mil e quinhentos e dezassete anos, aos oito dias andados do mês de Março, estando presente Heitor Homem de Sousa, visitador que, então, era e andava com o dito bispo, e Pedreanes do Canto, e o padre Medanha (sic), capelão de Vila Franca, e Fernão d'Alvrez, clérigo de missa, e frei Pedro, frade da ordem de São Domingos, moradores em Vila Franca do Campo, e João Alvres, clérigo, morador na Lagoa, e Vicenteanes, clérigo, morador na vila da Ponta Delgada, e frei Diogo de Mina, cura da dita igreja de Nossa Senhora da Estrela, e António Lopes, raçoeiro em ela, e Martim Roiz, tesoureiro nela, e Diogo Pimentel, António Carneiro, e Duarte Gregório, e Luís Pires, e Diegueanes (sic) e João d'Aveiro, todos quatro tabaliões na mesma vila da Ribeira Grande, e outro muito povo. E pôs o dito Dom Duarte em uma caixinha pequena de cedro, metida em de pedra, debaixo da campa do altar-mor, estas Melíquias, Coúvem a saber, um osso pequeno de São Sebastião, e terra da casa de Nossa Senhora do Loreto, e terra do sepulcro de Santa Eufémia, virgem e mártir, e um osso de uma das Onze Mil Virgens.

Depois, no ano de mil e quinhentos e trinta e quatro, a três dias do mês de Novembro da dita era, o papa Paulo, terceiro do nome, o primeiro ano de seu pontificado erigiu e criou o bispado nestas ilhas dos Açores, que deu a Dom Agostinho, que foi o primeiro bispo delas, intitulado bispo de Angra, onde está a Sé do Salvador, desmembrando-o do arcebispado do Funchal, onde era arcebispo Dom Martinho de Portugal. Ao qual Dom Agostinho, estando um Antão Vaz pera vir à ilha das Flores e ilhéu do Corvo, achou em Lisboa sacerdote muito pobre, que tinha o breviário empenhado em uma estalagem pela pousada, e o trouxe consigo e lhe deu a igreja do ilhéu, e foi o primeiro vigairo que houve nele; o qual, estando ali alguns anos, se tornou pera Portugal, onde foi frade dos Ióios, sendo dantes mestre de ensinar mininos (sic), no dito ilhéu do Corvo, e despois foi capelão de el-rei Dom Manuel e logo bispo destas ilhas, aonde veio no ano de mil e quinhentos e trinta e sete e desembarcou nesta ilha de São Miguel na mesma era, uma sexta-feira logo seguinte de Corpus Christi, e na dita era, a dezassete dias

de Março, no Sábado Santo, deu ordens gerais na igreja paroquial de São Pedro da vila da Ponta Delgada, e, tornando ao reino, o fizeram reformador da Universidade de Coimbra e, depois, bispo de Lamego. Este bispo, segundo dizem, foi clérigo simples e sem letras, mas muito virtuoso.

O segundo bispo de Angra e destas ilhas dos Açores foi Dom Rodrigo Pinheiro, doutor em Teologia e, segundo dizem, governador na Casa do Cível; outros dizem que foi governador em Lisboa. O qual não veio a estas ilhas, mas mandou um doutor em Cânones por vigário geral, e a Dom Baltazar de Évora, bispo de Lora, deanel, que na ilha de São Miguel deu as primeiras ordens gerais sábado das Quatro Têmporas, depois do dia de Santa Luzia, a vinte e um do mês de Dezembro de mil e quinhentos e quarenta e nove anos, na igreja paroquial do mártir São Sebastião, na cidade da Ponta Delgada, desta ilha de São Miguel. E depois fizeram a Dom Rodrigo Pinheiro bispo do Porto.

O terceiro bispo de Angra e destas ilhas, por renúnciação de Dom Rodrigo Pinheiro, foi Dom Jorge de São Tiago, frade de São Domingos, mestre em Teologia, varão de grandes letras e muita virtude, eleito no ano de 1551; e veio a estas ilhas na mesma era, o qual foi ao Concílio Tridentino, por mandado de el-rei, e foi presente nas primeiras sessões. Governou este bispado santamente; celebrou sínodo episcopal na cidade de Angra pela festa do Espírito Santo do ano de 1559, que foi o primeiro, e até agora se não celebrou outro neste bispado, e fez constituições santas e compatíveis, como santo que parecia em sua vida, doutrina e exemplo (e por tal o tinha o patriarca Dom João Bermudes, que em seu tempo veio de Preste João e da Índia a ter à ilha Terceira, da qual indo ter ao reino, perguntava lá pelo dito bispo, dizendo que não se havia de chamar Dom Jorge, senão São Jorge), e no mesmo ano se foi pera o reino fazer imprimir as constituições e, tornando no ano de 1561, faleceu na cidade de Angra, cabeça do seu bispado, a vinte e seis de Outubro do mesmo ano. Está enterrado na capela-mor da Sé do Salvador, com um letreiro em sua sepultura, que diz: «*Hic jacet dominus Georgius a sancto Jacobo, pastor angrensis, inter oves suas primus sepultus obiit*», etc.

O quarto bispo foi Dom Manuel de Almada, doutor em Cânones, homem de grande erudição, chantre da Sé de Lisboa, inquisidor que foi nela e em Lamego, deputado da Mesa da Consciência, conservador das Ordens e juiz apostólico, e, renunciando o bispado a 26 de Setembro de 1567 anos, foi depois capelão-mor da rainha Dona Caterina, mulher de el-rei Dom João, terceiro do nome, e não veio a estas ilhas.

O quinto bispo foi Dom Nuno Alvres Pereira, doutor em Teologia, visitador que foi do cardeal Dom Anrique, sendo arcebispo de Lisboa. Veio a este bispado, à cidade de Angra, no ano de 1568, onde residiu até o ano de 1570; faleceu a vinte de Agosto do dito ano e está sepultado na Sé.

O sexto bispo foi Dom Gaspar de Faria, doutor em Cânones, vigário geral que foi muitos anos em Lisboa e governou o arcebispado durando a peste, o qual veio a este bispado no ano de 1572, e a esta ilha de São Miguel a vinte e sete dias de Agosto do ano de 1573. Disse a primeira missa em pontifical na igreja de São Sebastião da cidade da Ponta Delgada, dia da Natividade de Nossa Senhora, a oito de Setembro.

O sétimo bispo de Angra e destas ilhas foi Dom Pedro de Castilho, licenciado em Cânones per exame privado e mestre em Artes, deputado que foi da Inquisição em Coimbra, sendo inquisidor o doutor Diogo de Sousa. Foi prior de Ilhavo, junto de Aveiro, da igreja de que foi padroeiro o genro de João de Castilho, Rui Pereira de Miranda.

Sempre, desde pouca idade, se criou este ilustre prelado na doutrina dos padres da Companhia, no Colégio de Coimbra, e aí ouviu Latim e as Artes, indo por seus graus e exames com bom saber té (sic) se fazer mestre em Artes. Foi sempre mui manso e recolhido e, dando mostras de bondade e virtude, acabado o curso, se passou a Teologia, que ouviu mais de um ano. Depois, por justos respeitos, se passou aos Cânones, onde cursou e se fez bom letrado, pelos bons fundamentos que já tinha, té se fazer licenciado. E neste tempo teve a igreja, que dito tenho, em Aveiro, em que se esmerou, gastando muito, e sem ninguém o obrigar, em a ornamentar e consertar, e disso se prezava muito. Acabados seus estudos, foi eleito pelo cardeal por deputado da Santa Inquisição de Coimbra, onde se achou sempre com muito bom nome e reputação, e o bispo de Coimbra o fez visitador do seu bispado e fazia dele muito caso e lhe mostrava muito amor e confiança. E em tudo isto sempre deu mostras de bondade, e virtude, e inteireza, e bom exemplo, tratando-se como convinha a sua pessoa e cargos. E estando nesta reputação e crédito de virtude e letras, el-rei Dom Sebastião o mandou chamar,

pela boa informação que dele tinha, e o nomeou pera bispo destas ilhas, sem ele ter tal pensamento, em o qual bispado fez em pouco tempo muito e muita reformação, não poupando nada sua pessoa, oferecendo-se e pondo-se a todos os trabalhos de tempestuosos tempos e caminhos dificultosos, tratando e ouvindo a todos com muita mansidão e fazendo rigorosa justiça, quando era necessário. E, porque é prelado de exemplo e vida, como, dantes que fosse, dava claras mostras, foi consagrado por Dom Jorge, arcebispo de Lisboa, e foi sempre exactíssimo observador do Concílio Tridentino.

É o bispo Dom Pedro de Castilho filho de Diogo de Castilho, da progénia dos Castilhos, naturais da montanha de Biscaia, que têm um castelo por armas. E da ilha Terceira veio ter a esta de São Miguel e desembarcou no porto da cidade da Ponta Delgada antre as onze e doze horas do dia, aos doze dias do mês de Setembro da era de mil e quinhentos e oitenta. Foi recebido de todo o povo, não com muita festa, pelos trabalhos grandes em que o reino de Portugal naquele tempo estava. O primeiro que lhe beijou a mão foi o bacharel Ascêncio Gonçalves, seu ouvidor, que, então, era nesta ilha. Trazia consigo o reverendo padre frei Jorge, da ordem de Santo Agostinho, seu irmão, pessoa de muita virtude e respeito, que governava sua casa com muito saber e prudência, o que todos os prelados deviam ter a seu lado, algum homem semelhante, ou parente ou estranho, de virtudes, qualidades e partes, a quem todos tenham respeito, pera que sua casa seja bem regida e os de fora bem agasalhados e recebidos, conforme à qualidade de cada um, e do tal sejam avisados, advertidos, lembrados, e, às vezes, reprendidos, quando for necessário, pera desta maneira acertarem em tudo, sem caírem em inadvertências e descuidos e serem louvados e não murmurados. Porque se todos tiverem moços em sua casa, sem homem de respeito que não tema nem deva, pera deixar de lhe falar verdades em que se vejam como em claro espelho, não deixará (ou deixara?) de haver mocidade e poderá (ou pudera?) com razão ser repreendido dos velhos.

Consagrou este ilustre prelado Dom Pedro de Castilho o altar-mor da igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela da vila da Ribeira Grande, que se fez de novo, pera nele pôr um novo retábulo, como estava posto, sendo desfeito o altar antigo que atrás estava dantes consagrado, em um pequeno oitavo da capela, onde o dito retábulo não cabia, e pôs no dito altar novo (afora as relíquias que estavam no altar velho) uma relíquia de pau da casa de Nossa Senhora de Loreto, que está em Itália, que é pau da própria casa de Nazaré, onde a Virgem Nossa Senhora recebeu a embaixada do Anjo e concebeu o Verbo Divino e criou seu bendito Filho alguns anos, a qual casa foi trazida pelos anjos a Itália, e aí, nesta casa, que hoje chamam do Loreto, está uma igreja de grande romagem, em que fez e faz imensos milagres.

Esta relíquia se houve por meio dos padres da Companhia de Jesus, que têm um colégio junto à dita casa de Nossa Senhora do Loreto e são confessores ordinários dos peregrinos.

Pôs o dito bispo Dom Pedro de Castilho, dentro em um pequeno cofre com as relíquias, debaixo da campá do altar, um escrito que assi dizia: «Em os nove dias do mês de Abril do ano de mil e quinhentos e oitenta e um, eu, Dom Pedro de Castilho, bispo de Angra, consagrei este altar à honra da Virgem Nossa Senhora do Loreto, e meti nele suas relíquias, convém a saber, um pequeno (sic) de pau e uma pouca de terra da sua casa do Loreto, e um osso de Santa Eufémia, virgem e mártir, e dois ossos das Onze Mil Virgens, e um osso pequeno de São Sebastião, e concedo quarenta dias de indulgências a todos os seus cristãos que neste dia, e por outro tal em cada um ano, visitarem este altar e relíquias nele postas».

Sagrou o dito bispo Dom Pedro de Castilho no dito dia que consagrou o altar, depois de o consagrar, quarenta e cinco pedras de ara, e, depois, no mesmo dia, desenviolou o adro, que estava violado por uma efusão de sangue que nele tinha acontecido havia muitos dias, esperando por bispo, que só o pode desenviolar por ser consagrado.

Fez este ilustre prelado muitos serviços a Deus nesta ilha de São Miguel, e sexta-feira, que foi trinta e um dias e o derradeiro do mês de Agosto de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, à uma hora depois do meio dia se embarcou no cais da cidade da Ponta Delgada pera o reino, com muitas lágrimas suas e do povo, que ficou muito saudoso e triste pela partida e despedida de tal prelado, ficando esta ilha e todo bispado órfão de tão bom pai e senhor. Foi-se pelos escândalos que lhe fizeram os soldados de guarnição a seus criados, tendo-lhe pouco respeito, como o tinham à justiça secular, vendo a opressão da terra, pelo que disse, embarcando, com as lágrimas correndo por seu venerável rosto: «Folgara que toda esta ilha se embarcara comigo». E, depois de chegar a Portugal, a vinte e sete dias do mês de Outubro da

era de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, lhe deu el-rei Dom Filipe o bispado de Leiria, vago por falecimento do bispo Dom António Pinheiro. E aos vinte e três de Junho do ano de mil e quinhentos e oitenta e sete, por mandado e provisão de Sua Magestade, lhe foi dado a posse da (sic) presidente da Casinha dos desembargadores do Paço, o qual cargo ele governa com grande inteireza e prudência, como sempre governou todos os que dantes dele teve.

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

DO BISPO DOM MANUEL DE GOUVEIA E DIGNIDADES QUE ATÉ O PRESENTE HOUVE
NA SÉ DE ANGRA ⁽⁸⁵⁾

Se pera contar das coisas cheias de caridade e santidade do bispo Dom Manuel de Gouveia, que agora governa este bispado de Angra, valera dizer com silêncio o que não se pode explicar com palavras, nem louvar com suficiência, não me fora, Senhora, pequeno descanso, por me não meter em pego donde me não saberei sair por minha rudeza; mas, pois Deus o fez tão perfeito, obrigação põe a todos, quanto mais a mim, de quebrantar este encolhido silêncio, não consentindo que calem os que não podem falar como desejam e devem; e, já que não sei contar tudo, brevemente direi alguma mínima parte do muito que há que dizer dele.

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

DOS PRELADOS DA ORDEM DE SÃO FRANCISCO, QUE PODE SABER A VERDADE,
QUE VIERAM A ESTAS ILHAS DOS AÇORES

Não se sabe ao presente como foram criados os mosteiros destas ilhas dos Açores, nem precisamente os prelados, assi custódios como comissários e guardiães, que a elas vieram. Somente, direi, Senhora, alguns que pude saber.

Antes da soversão de Vila Franca do Campo, desta ilha de São Miguel, na era de 1522, já era feito o primeiro mosteiro da dita Vila Franca, que com o terreinoto foi de todo destruído, não havendo ainda outro na ilha, e na Terceira o da cidade de Angra, cujo edificador não sei, e o da vila da Praia, que edificou frei Simão de Novais, irmão de Pero de Novais e de Fernão do Quental, onde foi guardião e nele faleceu santamente, como tenho contado quando tratei desta ilha de São Miguel, no capítulo décimo octavo, dos Serrãos Novais e Quentais. Depois do terremoto primeiro e perdição de Vila Franca, veio ter a esta ilha, por mandado dos prelados da ordem de São Francisco, um padre chamado Frei Diogo Borges, com seus companheiros, pera reedificarem o que era perdido, segundo vissem ser necessário. Isto foi dois anos depois da perdição da Vila, aos quais padres parecendo-lhe bem, com o parecer do povo e dos religiosos, desfez a capela já feita e passou a edificação do mosteiro do a uma ermida de Nossa Senhora do Rosairo, que o mesmo povo havia poucos dias antes acabada de fazer com muitas lágrimas e devação (sic), acarretando a pedra, madeira, telha, cal e barro às costas de todos os moradores, pelas pregações e conselho do padre frei Afonso de Toledo, da ordem de São Domingos, como se fizeram outras muitas ermidas de Nossa Senhora do Rosairo nas vilas da Ribeira Grande, de Água do Pau e da Alagoa e no lugar da Maia, e dizem que disse o mesmo frei Afonso que aquela casa de Nossa Senhora do Rosairo de Vila Franca havia de ser a mais honrada e venerada de todas as outras que, então, se fizeram, como depois veio a ser, porque se fundou nela o sumptuoso mosteiro de São Francisco. E onde antes era ermida é agora uma mui fermosa igreja e mosteiro, fresco e bem obrado, com boas oficinas, que fundou no mesmo sítio, ainda que não era tão aprazível como o outro, dali a alguns anos, o padre frei Pedro Mestre, pregador, sendo guardião, ajuntando muitas coisas necessárias pera ele, como fez David pera o Templo de Salamão (sic); e, sendo guardião o padre frei Gaspar do Porto e pregador na mesma casa, fez grande parte dela, e depois a acabou o padre frei João de Faro, sendo nela guardião, e pôs no estado em que agora está, muito lustrosa, como Salamão fez e acabou o Templo de Hierusalém, e assi ficou verdadeiro o que dizem que o padre frei Afonso de Toledo daquela ermida tinha dito, que, como tenho dito, pelo padre frei Nicolau Barradas foi ali começado o mosteiro, como agora está, e, pelos outros ditos guardiães, que depois vieram, acabado. O começo desta obra foi no ano de mil e quinhentos e vinte e cinco.

No mesmo tempo, veio um padre, chamado frei Vasco de Tavira, com outros padres, à cidade da Ponta Delgada, que, então, era vila, pera aí edificarem mosteiro com vontade do povo, ainda que com muita controvênciã (sic) do padre Pero Gago, vigairo na dita vila, e dos mais padres beneficiados, mas, contudo, a obra foi por diante e se fundou em uma pequena ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foram acrescentando um frade que se chamava o Padre Velho, frei Francisco Bareo, e, depois, alguns guardiães, onde agora está bem diferente do que, então, era.

Dali a alguns anos veio, por guardião à Vila Franca frei Afonso Confeiteiro e não tomou posse da casa, escusando-se disso; renunciando a guardiania, ficou o mesmo frei Nicolau Barradas guardião, como estava. Passados alguns dias, veio por guardião frei Nuno Orelhudo, ao qual sucedeu frei Nuno Penalva, e, depois dele, frei Diogo de Coimbra. Neste tempo saiu o dito frei Diogo de Coimbra, em capítulo, por guardião da Praia, no qual capitulo se fizeram outros guardiães e vigairos e oficiais dos mais mosteiros, alguns mudados de uns pera outros, a qual mudança feita e tomada posse de suas guardianias e ofícios, se revogou e anulou o dito

capítulo, de maneira que tornaram os guardiães e oficiais residirem seus ofícios, que dantes tinham, por mandado do prelado que veio do reino, pelo que tornou o dito frei Diogo de Coimbra à Vila Franca servir seu ofício de guardião, até que se fez capítulo, donde veio outra vez por guardião frei Nicolau Barradas, principiador do dito mosteiro de Vila Franca; e, como era muito curioso, prantou o laranjal e pomar da casa.

Dos comissairos que até este tempo eram vindos a esta ilha foi o primeiro frei Lopo Teixeira, o segundo frei Roque Bocarro, o terceiro frei Pedro Galego, o quarto frei António Sarnande, o quinto o dito frei Nicolau Barradas, juntamente comissairo e guardião.

Neste tempo, que foi na era de mil e quinhentos e quarenta e sete, veio a estas ilhas o mesmo provincial em pessoa, mestre Simão de Sousa, e fez capítulo na cidade de Angra com muita solenidade, mandando ajuntar a ele quase todos os frades das ilhas, com outros que havia trazido de Portugal, fazendo-se uma solene procissão pela cidade de Angra, indo nela os definidores, regendo-a com suas varas vermelhas, com grande música de cantores e muito aparato, porque foi esta procissão do capítulo em dia do Anjo, o terceiro domingo de Julho do dito ano de mil e quinhentos e quarenta e sete, juntamente com a da cidade; e, tornando ao mosteiro, se disse missa solene, em que pregou o padre frei António de Alarcão, e ficou, então, por guardião e pregador frei Gaspar da Estrela na mesma cidade de Angra; e daí veio por guardião de Vila Franca frei André de Coimbra.

Os guardiães, que foram da Ponta Delgada até este tempo, não me lembram todos, mas depois de frei Vasco, principiador, do dito mosteiro, como fica dito, sucedeu frei André Barbosa, e a ele outro padre, chamado frei Gaspar, e, depois, frei Gabriel Mateus. Houve outros guardiães em diversas partes, convém a saber: frei Gaspar do Porto, frei Rodrigo Soudo, frei António de Guimarães, frei Gabriel Mateus; no ano de mil e quinhentos e quarenta e nove frei Antonio de Tavoado e outros que não lembram, e frei João de Lamego, que, depois do padre frei Francisco Bareo, acabou a casa.

Do dito capítulo saiu guardião frei Diogo de Coimbra da Ponta Delgada, frei João de Sande da Praia. O do Faial não me lembra, nem sei quem foram os guardiães atrás; somente, um frei Pedro de Atouguia foi o fundador da casa do Faial, antes do dilúvio de Vila Franca. Do mosteiro de Angra não sei quem foram os fundadores, nem dos mosteiros das freiras dessas ilhas, nem os nomes de outros muitos guardiães que pelo tempo foram. E em Vila Franca, depois do dito frei André, que do capítulo saiu guardião, foi o padre frei Pedro Mestre, e, após ele, frei Amador, e não sei se logo frei Cosme Sacho; e, depois, frei Lourenço Canales e frei Francisco Palmela; e não soube se foram outros guardiães adiante destes. Depois tornou ser guardião em Vila Franca frei Pedro Mestre, e em seu tempo vieram os observantes.

Depois deste dito capítulo, que se fez na cidade de Angra na era de mil e quinhentos e quarenta e sete, indo-se o padre provincial pera o reino, ficaram estas ilhas dos Açores em custódia, porque foi feito outro capítulo, que foi o primeiro que se fez na cidade do Porto, em dia de São Simão e Judas, na era de mil e quinhentos e cinquenta, donde saiu por custódio de custódia nova destas ilhas o padre frei Francisco de Moraes; e no mesmo capítulo foi feito frei Gabriel Mateus guardião da Praia. E vindo frei Francisco de Moraes a estas ilhas, pôs em seu lugar por guardião na mesma vila da Praia a frei Gaspar do Porto, o Velho, o qual derribou as casas e as tornou a fazer e reformar de novo, com suas varandas por outra nova ordem; depois sucedeu vir outra vez por guardião o padre frei Gabriel Mateus; e em outro capítulo se despachou por guardião da Praia frei Cosme Cacho (sic) ⁽⁸⁶⁾, e, após ele, tornou a ser guardião frei Gaspar do Porto, o Velho, ao qual sucedeu frei Pedro Vieira, de muita virtude; depois dele veio frei Manuel Cardoso e, após ele, frei Gaspar de Moura.

Indo-se o padre frei Francisco de Moraes, veio por comissairo frei António Tavoado, e logo foi custódio o licenciado frei António de Alarcão, grande pregador, e depois frei Tomé de Estremoz; e em seu tempo, sendo ele custódio e havendo sido na vila da Praia presidente frei Francisco de Alcouchete, Simião de Paiva (sic), na Praia frei Gaspar de Moura, na cidade da Ponta Delgada frei Manuel Cardoso, e em Vila Franca (como tenho dito) o padre frei Pedro Mestre.

Nesta mudança e vinda dos observantes veio por comissairo frei Pedro de Leiria e guardião de Angra um frei Sebastião; da Praia frei Belchior de Lisboa, da Ponta Delgada frei António de Arzila, de Vila Franca frei Manuel de Santiago; ao do Faial não soube o nome.

Na era de mil e quinhentos e sessenta e oito anos vieram os ditos padres observantes, pera os quais se tomaram as casas todas dos conventuais do reino e destas ilhas, e, estando assi os observantes prelados nestes mosteiros pouco mais ou menos de dois anos, os mandaram ir, e tornaram a ficar os padres antepassados conventuais, e veio por seu comissairo o padre frei Lourenço de Pina, guardião da cidade de Angra; do Faial, frei Manuel Cardoso. O da Praia foi frei Pedro Mestre; em Vila Franca frei Gaspar do Porto; na cidade da Ponta Delgada frei João de Lamego; e no capítulo seguinte, tornando a fazer guardião da Praia frei Pedro Vieira e renunciando ele este cargo, veio por presidente frei Francisco de Alcouchete. Depois foi comissairo o padre frei Pedro Mestre, e logo frei Manuel Marques, no tempo da alteração da ilha Terceira; e depois foi comissairo o padre frei António de Alarcão, e logo frei João de Faro, que era guardião de Vila Franca, como agora é.

Foram depois ao capítulo que no convento de Lisboa fez o geral, que então era, chamado frei Francisco Gonzaga, onde se fez ajuntamento de todos os padres observantes e conventuais, que já dantes tinham dado obediência ao geral da observância, por mandado de Sua Magestade. Veio, então, por comissairo e guardião de Angra frei Jácome Machado, grande pregador, trazendo consigo perto de quarenta religiosos, deles doctos pregadores, e por guardião da Praia frei Diogo da Conceição, pregador, e da cidade da Ponta Delgada o padre pregador frei Pedro Mestre, e por pregador da casa o padre frei Diogo, e guardião de Vila Franca frei João de Faro, e do Faial frei Gaspar dos Reis. Falecendo dali a pouco tempo o padre frei Jácome Machado, comissairo, ficou com o selo o padre frei Pedro Mestre, que, então, era guardião na cidade da Ponta Delgada, ao qual depois veio cometido o cargo de comissairo até vir o padre frei António Peres por visitador, que depois foi comissairo; e, após ele, o padre frei Francisco de São Boaventura, com o mesmo cargo, que trazia por companheiro ao padre frei Francisco dos Mártires, bom pregador, ambos capuchos da província de Santo António.

Na ⁽⁸⁷⁾ era de mil e quinhentos e oitenta e quatro frei Francisco Gonzaga, imitação (sic) ⁽⁸⁸⁾ do duque de Mântua, geral de toda a ordem de São Francisco, fez o capítulo que tenho dito ⁽⁸⁹⁾ em Enxobregas no princípio da Coresma, e foi feito ministro da província dos Algarves frei Belchior Favacho e frei Jácome Machado o primeiro comissairo desta província dos Algarves, a quem as casas destas ilhas dos Açores se deram, porque a ilha da Madeira ficou com a província de Portugal.

Na era de oitenta e nove, a três de Dezembro, o geral de São Francisco de Tolosa fez capítulo em Enxobregas e nele fez ministro castelhano de nação a frei António de Penharanda e comissário destas ilhas a frei Baltazar de Beja, pregador, depois de frei Jácome Machado, que foi o primeiro comissário que veio a estas ilhas, da Província dos Algarves, cuja cabeça é São Francisco de Enxobregas, e depois dos outros que tenho dito; e frei Adriano da Porciúncula, guardião de Vila Franca e pregador, depois de frei João de Faro; frei Vicente de Faro, guardião da cidade da Ponta Delgada, depois de frei Pedro Mestre; guardião de Angra frei Manuel da Assunção, depois de frei Jácome Machado, que foi ali guardião e comissário, e de frei Francisco de São Roque, que foi eleito por guardião de Angra não em capítulo, senão pelos frades, por morte do dito frei Jácome.

Da Praia é guardião agora frei Francisco de São Paio, pregador, que sucedeu a frei Diogo da Conceição, pregador. Do Faial, guardião no capítulo em que foi eleito frei Jácome comissário, na era de oitenta e quatro, foi frei Gaspar dos Reis, e neste em que foi eleito frei Baltezar de Beja, na era de oitenta e nove, a três de Dezembro, se elegeu frei Luís Baptista, pregador, o qual durou um ano; e por sua morte, na era de noventa, elegeram a frei Nicolau dos Reis, pregador.

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

DA FUNDAÇÃO DO COLÉGIO DOS PADRES DA COMPANHIA DE JESU NA CIDADE DE ANGRA; E DO MARTÍRIO QUE PADECERAM OS QUE IAM PERA O BRASIL

No ano de mil e quinhentos e sessenta e nove, a petição de el-rei Dom Sebastião, que, então, reinava nestes reinos de Portugal, se erigiram e fundaram dois colégios da Companhia de Jesu, um na ilha da Madeira, na cidade do Funchal, e outro na ilha Terceira, na cidade de Angra. E pera este efeito começou o padre Leão Henriques, que, então, era provincial da dita Companhia nesta província de Portugal, a juntar padres e irmãos pera os virem fundar. Estando em estes termos, sobreveio uma terrível peste na cidade de Lisboa, pela qual rezão não tiveram efeito as fundações deles, até o ano seguinte de quinhentos e setenta, que tornou o dito Leão Henriques, provincial, da ordem de el-rei Dom Sebastião, que, então, residia na cidade de Évora, a entender nelas. E, assi, no mês de Março do dito ano, mandou o dito padre provincial pera Val do Rosal (que é uma quinta que está na charneca de Caparica, por rezão de Lisboa não estar ainda desimpedida) religiosos da Companhia, pera irem a fundar os ditos colégios; e, chegados e juntos, se partiram logo pera a ilha da Madeira o padre Manuel de Sequeira, por rector, pregador e bom teólogo, e o padre Pedro Coresma, pera ler casos, e o padre Belchior de Oliveira, confessor, e os irmãos João Baptista e Paulo Pinto, pera ler latim, com mais seis ou sete irmãos, que iam pera estudar latim e servir no Colégio. Partiram em uma nau, que (sic) em companhia de outras que iam pera o Brasil, e em poucos dias, com bom vento, que Deus lhe deu, chegaram à ilha da Madeira, onde foram muito bem recebidos da gente da cidade do Funchal. Os mais padres que estavam destinados pera o Colégio da ilha Terceira, ficaram em Val do Rosal, esperando pela armada pera nela se embarcarem; e, assi, em fim do mês de Março partiram na dita armada (de que era capitão-mor Dom Francisco Mascarenhas, que com seis ou sete velas ia esperar à dita ilha Terceira as naus da Índia, invernadas) onze da Companhia. O padre Luís de Vasconcelos (neto do conde de Pinela (sic), pessoa de raríssima santidade e letras, professo, e que foi duas vezes a Roma por procurador da província de Portugal), por rector e lente de casos, e o padre Pero Gomes, e Baltazar Barreira, todos três bons teólogos, e os dois pregadores, somente, por o rector ser fraco e não exercitar o pregar. Vinham mais oito irmãos, sc., Pero Freire e Sebastião Alvres, pera ler latim, e os demais pera estudarem e servirem o Colégio.

Partidos na armada em fim do dito mês, andaram ao longo da costa obra de cinco ou seis dias, sem poderem fazer viagem por falta do tempo; andando ali, deram com umas velas de cossairos e, dando-lhes caça, pelo muito que a nau capitânia forçou a vela polas alcançar, rendeu o masto grande, por rezão do qual foi forçado arribar a Lisboa outra vez, e se tornou a recolher a armada toda. Sómente um galeão, em que ia por capitão Diogo Vaz Redovalho (sic), natural da ilha Terceira, que (sic) no tempo que se dava caça aos cossairos, indo-os seguindo, se apartou da armada, e, daí a obra de seis ou sete dias, entrou em Lisboa em companhia de duas naus da Índia, que no mar encontrou, em guarda das quais iam duas caravelas armadas, que na ilha Terceira pera esse efeito se armaram, em as quais ia por capitão-mor Aires Jácome Correa, filho de Barão Jácome Raposo, e Manuel Fernandes Cabral. Entradas estas naus, não foi necessário partir a armada senão pera Junho seguinte, a esperar as naus de viagem; e, por este respeito e por mandado de Juzarte Peres de Andrade (que então servia de provedor dos Almazens ou veador da Fazenda), se embarcaram os ditos padres, rector e mais religiosos da Companhia, nas caravelas de Aires Jácome e Manuel Fernandes, e, aviados, deram à vela a primeira oitava depois do Espírito Santo, que, então, foi a dois de Maio. Partidas com vento próspero, que somente lhe durou cinco ou seis dias, e, depois, por lhe ser contrário, andaram no mar até o derradeiro dia do mesmo mês, em que, já de noite, chegaram ao porto de Angra; e por esta rezão não saíram em terra, senão ao dia seguinte, primeiro de Junho, em o qual, pela manhã, se ajuntou o bispo Dom Nunalvres Pereira, que, então, era bispo deste bispado, com muitos eclesiásticos e João da Silva do Canto, que servia de capitão-mor naquela cidade,

e o corregedor Gaspar Perreira (sic), com a Câmara e mais gente da governança, que em duas barcas alcatifadas foram buscar os padres aos navios e os levaram onde o bispo estava, que os recebeu com alegria e abraçando-os com muita afabilidade, dizendo: «Agora me vem todo o meu descanso». E, com todos os que juntos estavam naquele lugar, levaram os padres à Casa da Misericórdia, onde os recolheram, e lhe deu João da Silva, abundantemente, todo o necessário, enquanto não escolhiam casas onde se agasalhassem. E, porque João da Silva tinha uma igreja feita, com umas casas como de religião, pera nelas ter mininos órfãos ao modo das de Lisboa, que por algumas rezões não teve efeito esta congregação de mininos, pediu muito aos padres que nelas se quisessem recolher, o que aceitaram, por ser o lugar mais cómodo que havia, e, vendo João da Silva que os padres se contentavam do sítio onde estavam estas casas, as deu livremente, fazendo doação, assi das casas como da igreja e de muita madeira, que tudo valeria um conto de réis. E assi ficou o Colégio fundado e os padres continuando seus ministérios de pregar, confessar, fazer amizades, com que se serviu muito Nosso Senhor, por haver na terra muitos casos em que entender desta matéria e de outros abusos e vícios.

Posto que seja coisa fora deste lugar, tratarei neste tempo um caso de muita glória do Senhor, que nele aconteceu aos padres da Companhia de Jesus, que por ordem de seu geral e de el-rei Dom Sebastião iam pera o Brasil, o qual passou assi. Estava na dita quinta de Val do Rosal o padre Inácio de Azevedo, religioso muito perfeito e santo, que havia ido ao Brasil por visitador do geral e, vindo de lá e indo a Roma, o elegeu por provincial daquelas partes, pera o que, ajuntando gente da Companhia, que seriam em número até sessenta pessoas, pouco mais ou menos, se partiram em uma armada, em a qual ia por capitão e governador daquelas partes Dom Luís de Vasconcelos, e, juntos, foram o padre Inácio com até quarenta da Companhia em uma nau, e o padre Pero Dias, da mesma Companhia. Indo assi repartidos, fez a armada sua viagem, e chegaram à ilha da Madeira, onde ancorou, e, porque a nau em que ia o padre Inácio com seus companheiros tinha que tomar carga na ilha da Palma, pediu licença o capitão e piloto ao governador Dom Luís pera se irem, entretanto que ele ficava aviando a mais armada tomar sua carga, o que ele (inda que pesadamente, parece por o arreceio do que lhes aconteceu) lhe concedeu. Indo esta nau junto da Gomeira, fazendo seu caminho pera a da Palma, tiveram vista de quatro ou cinco velas, pelas quais esperando com muita alegria, parecendo-lhes que era a armada de Dom Luís; chegando à vista, conheceram ser de cossaios franceses, cujo capitão era Jaque Soia (sic); e, estando em calmaria, sem lhes poder fugir, vieram a pelejar; e como a nau era nova e ia bem armada, se defendeu por espaço de tempo, mas por os cossaios serem muitos, com que se refaziam de gente, com a muita força a renderam. A qual entrada pelos imigos, lhe saiu o padre Inácio ao convés com uma imagem de Nossa Senhora nas mãos, dizendo-lhe que eram católicos e obedientes à Igreja Romana e Sumo Pontífice, que não fizessem aquilo, que era mal feito e pecado, ao qual os herejes deram com uma chuva pela cabeça tão grande golpe, que logo caiu e daí a pouco espaço deu a vida a seu Criador, por cujo amor, com tanto ânimo e vontade tinha ido ao Brasil e, então, tornava pela salvação das almas do gentio daquelas partes; e assi mataram todos os mais. Uns, lhe davam de punhaladas e, meios vivos, os deitavam ao mar; outros, mui maltratados de tantas pancadas, que lhe faziam botar o sangue pela boca, e assi os deitavam ao mar. A um padre, pelo acharem em oração, lhe cortaram a cabeça de maneira que lhe apartaram o queixo de baixo do de cima e meio morto o deitaram ao mar. Destes quarenta companheiros do padre Inácio só a um deram a vida, que era cozinheiro, por respeito de lhes cozinhar e fazer de comer depois de matarem todos os religiosos, excepto este. Mataram alguns portugueses, por na briga se não renderem e haverem mortos alguns homens que o capitão tinha em muita estima, o qual acabado, como todos eram herejes, sendo sexta-feira, puseram-se a comer muitas galinhas e as coisas que mais queriam. Depois de comer, abriram algumas caixas, onde os padres levavam muitas relíquias, ornamentos e imagens, e puseram-se a tirar as vestimentas, alvas e mais coisas pertencentes pera dizerem missa, e com grandes Agnus Dei, que os padres levavam conta, faziam a missa e, como que alevantavam a hóstia, alevantavam o Agnus Dei, e, acabado de o levantar, o deitavam no chão e pisavam com os pés. A um crucifixo encheram de punhaladas; e, assi, fizeram outras coisas horrendas, em desprezo da nossa Santa Fé Católica e da Igreja Romana. Tomaram os ornamentos e deles fizeram vestidos, e pelos cálices bebiam, e, assi, outras coisas que por abreviar deixo. E com a nau se foram pera a Rochela, onde se perdeu, e o padre andou servindo quase despido, até que o deixaram vir pera Portual.

Dom Luís e os mais padres, que nas outras naus iam, fizeram sua viagem pera o Brasil; e, junto dele, lhe deu o vento contrário, de maneira que foram forçados arribar a Santo Domingo, donde tornaram à ilha Terceira, onde, por trazer Dom Luís a nau maltratada, lhe deram uma nau de armada, em que se aparelhou pera prosseguir sua viagem ao Brasil, e, por não haver mais que esta, não foram nela o padre Pero Dias, que na ausência do santo padre Inácio ficou por superior, com treze companheiros, que em diversas embarcações ali vieram ter, e juntos se embarcaram e partiram, como foi a nau aviada. Indo na paragem das Canárias, encontrou com duas naus francesas, cujo capitão-mor, segundo se dizia, era um sobrinho de Jacques Sória ⁽⁹⁰⁾, que havia morto ao padre Inácio e seus companheiros, com as quais pelejou Dom Luís valorosamente; mas, por lhe matarem e ferirem muita gente, foi a nau entrada e morto Dom Luís, que na popa estava pelejando, e assi os padres Pero Dias e Francisco de Castro, que estavam confessando; e, após estes, meterem os mais padres em uma câmara da nau, onde os tiveram fechados e, depois que comeram, os herejes se foram a eles e os lançaram vivos ao mar, onde, andando alguns que sabiam nadar, rezando o salmo *Miserere mei Deus aversos*, poucos a poucos se foram afogando, até que ficou um só, que, já de noite, viu o farol da nau; estando dele quase uma légua, nadou pera ela, que estava em calma, e, chegando à nau, falou que o tomassem e um francês veio pera o matar com uma lança; vendo isto, se apartou da nau e se foi pera o batel que vinha por popa, do qual o chamou um espanhol, que nele acertou de estar, e ali o cobriu e escondeu. Parece que guardou Nosso Senhor estes dois religiosos pera darem informação do que no martírio destes bem-aventurados passou. E vindo a nau, botou a gente em Baiona, donde se veio o padre, com a mais gente, por terra pera Lisboa. E da nau se não soube mais parte.

Antes que se soubesse na ilha Terceira o bem-aventurado fim destes mártires, perguntou um homem, devoto dos padres da Companhia, se sabiam novas dos padres acima a um religioso do Colégio da cidade de Angra, e ele lhe respondeu: «Entendido se tem na Companhia que os padres não chegaram ao Brasil e iriam pelo caminho dos outros bem-aventurados».

Quis contar aqui o glorioso fim destes santos por haver acontecido neste tempo ⁽⁹¹⁾.

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

DO QUE MAIS SUCEDEU NO COLÉGIO ATÉ À VINDA DO GOVERNADOR AMBRÓSIO DE AGUIAR

Agora continuarei com o Colégio nos termos em que o deixei, no qual, depois de estar fundado, começaram os padres a exercitar seus ministérios, pregando, confessando e lendo latim e casos de consciência, sendo lentes os que atrás tenho apontados. Faziam muito fruto com as pregações, e muito mais se enxergou com os terramotos e grandes tremores, que, então, na dita ilha Terceira sucederam, com temor dos quais, e por meio das pregações que os padres faziam, em particular com as do padre Pero Gomes, quase toda a gente se confessou geralmente e pessoa houve que publicamente se acusou em voz alta de pecados que havia feito. Os terramotos eram tantos e tão contínuos que, antre dia e noite, tremia a terra mais de quarenta vezes; andava a gente tão atemorizada com isto e com as pregações da morte, juízo e inferno que se lhe faziam, que comumente se tinha que, se então morreram, todos se salvaram. Tiraram-se ódios muito antigos, fizeram-se muitas restituições e outras muitas amizades e coisas de serviço de Deus. O bispo Dom Nuno Alvres Pereira, que muito desejava a vinda dos padres pera deles se ajudar, tendo-os já consigo, determinou visitar seu bispado e pediu ao padre rector lhe desse o padre Pero Gomes, com outro religioso, pera o levar em sua companhia, indo logo no mês de Julho visitar à vila da Praia, em a qual o padre fez muito fruto com pregações e, em particular, na reformação de um mosteiro da obediência do bispo, que também visitou, onde lhe fez algumas práticas da pobreza, obediência e clausura, com que muito se ajudaram, e na pobreza se enxergou mais, por as freiras todas lhe trazerem à grade todas as coisas que tinham curiosas, assi de prata como de outra qualidade. O padre, vendo seus bons desejos, lhos louvou muito; das de prata, disse que se fizesse um cálice, e das mais, que as entregassem à abadessa e fossem da comunidade, pera quando cada uma as houvesse mister usasse delas, mas não como próprias. Não acabou o bispo esta visitação por adoecer de uma enfermidade, de que no Setembro seguinte do ano de setenta faleceu. E por rezação da doença se tornou o padre Pero Gomes com seu companheiro pera o Colégio, donde o padre rector o mandou logo, no fim do mesmo mês, pera esta ilha de São Miguel, onde fez muito fruto com as pregações, confissões, assi gerais como particulares, todas de muito serviço de Deus. Houve grandes restituições de dinheiro, fama e outras coisas; fizeram-se muitas amizades; tiraram-se ódios muito antigos, e antre pai e filhos, amigos e parentes, e outras muitas coisas de serviço do Senhor que, por abreviar, deixo. Gastando o mês de Agosto nesta ilha, se foi pera a Terceira, deixando esta terra com grandes saudades e invejas da ilha Terceira possuir tais servos de Deus, como são os da Companhia, e em grandes desejos de ter nesta ilha Colégio desta ordem. Pera este efeito, deu João Lopes, do Porto, mercador muito rico e virtuoso, doze moios de renda, que fossem começando a render pera os padres, e depois os aumentou muito, como atrás disse.

Logo no março seguinte de setenta e um, ou setenta e dois, veio pera o dito Colégio o padre André Gonçalves com dois companheiros, sc., o irmão João Garcia, que vinha pera ler uma classe de latim, e o irmão Baltazar de Almeida; e, chegando ao porto da vila da Praia, estando já pera deitar âncora, lhe deu o vento contrário com tanta fúria, que, vendo-se depois perdidos e a Deus misericórdia, vieram ter ao Morro do Nordeste desta ilha, onde desembarcaram e, a pé, vieram com outra companhia de seculares até vila da Ribeira Grande, donde, depois que descansaram, se partiram pera a cidade em companhia de João Lopes, do Porto, que ali os foi buscar, e um espaço antes de chegarem à cidade os saiu a receber o doctor Fernão de Pina, que com alçada do Desembargo andava nestas ilhas, e com ele muita gente principal da cidade, assi com muita honra. Como a religiosos de tão santa religião se deve, os levaram e aposentaram na Misericórdia e hospital da dita cidade, por não quererem aceitar outro gasalhado e ser seu costume agasalharem-se em os hospitais, nas cidades onde não há casas ou Colégios da Companhia.

Passados alguns dias, se partiram pera a ilha Terceira, onde chegaram e foram bem recebidos. E o padre André Gonçalves começou a ler a lição de casos que o rector estava lendo, a que com trabalho acudia, por reção do governo da casa, que também fazia; e o irmão João Garcia a ler a segunda classe, em lugar do irmão Sebastião Alvres, que, por deitar sangue pela boca, o tiraram de ler, e se foi no Setembro seguinte do dito ano de setenta e dois pera o reino, levando em sua companhia a um irmão estudante, por nome Rafael Carneiro. Foram na armada de que era capitão Pero Correia de Lacerda, e no mar tiveram uma tormenta muito grande, em a qual se subsobraram (sic) três ou quatro velas, e antre elas foi um navio de Pedro Cardoso, natural da ilha Terceira, que com obra de setenta ou oitenta pessoas se foi ao fundo, sem se salvar pessoa alguma.

No ano de setenta e três, no mês de Março ou Abril, veio pera o dito Colégio o irmão Simão Martins, pera ler a primeira classe, em lugar de Pero Freire, que, também por deitar sangue pela boca e adoecer gravemente, foi necessário tirá-lo de ler. Trouxe em sua companhia ao irmão António Fernandes pera servir em o Colégio. No ano de setenta e quatro, ou setenta e cinco, vieram o padre Luís Pero Pinhão por ministro do Colégio, e o irmão Gonçalo Simões pera ler a segunda classe, e o irmão João Vaz pera estudar latim, e o irmão Francisco Dias, mestre de obras, pera ver o sítio e fazer a traça do Colégio. Estes também vieram ter ao Nordeste desta ilha, e, por terra, a Vila Franca, e daí à cidade da Ponta Delgada. Ali estiveram esperando a armada que, por andar em calmaria, não chegava, e, chegando, se partiram pera a ilha Terceira, onde chegaram dia de Nossa Senhora das Neves, cinco de Agosto, e foram muito bem recebidos. No Setembro seguinte, em a própria armada, se partiu pera o reino o padre Luís de Vasconcelos, rector do Colégio, levando em sua companhia os irmãos João Garcia, lente da segunda classe, e o irmão Francisco Dias, que veio a fazer a traça do Colégio. Ficou por superior do Colégio o padre Pero Gomes até o Junho de setenta e seis, em o qual tempo veio por rector do Colégio o padre Estêvão Dias, grande pregador e bom teólogo. Trouxe em sua companhia o irmão Gaspar Coelho, pera ler a primeira classe, e o irmão Pero Jorge. Foram-se nesta mesma armada no Agosto seguinte o padre Baltazar Barreira e o irmão Simão Martins, que lia a primeira classe, com outros dois irmãos estudantes. No ano de setenta e sete veio pera o dito Colégio o padre João Lopes, com mais três irmãos, um dos quais era António Marques, pera ler a segunda classe, em lugar do irmão Gonçalo Simões, que, por ser fraco, não pôde acabar de ler os três anos que costumam ler os da Companhia. Neste mesmo ano se foi pera o reino o padre Luís Pero Pinhão, que, por lhe dar o ar em um braço e estar perigoso a lhe tolher mais outro membro, por conselho dos médicos o mandaram. Levou em sua companhia o dito irmão Gonçalo Simões e o irmão João Vaz. No ano de setenta e oito vieram pera o Colégio os irmãos Cristóvão Gil, pera ler a primeira classe, e o irmão António Moreira, natural da mesma ilha Terceira, que, por ser muito enfermo, o mandaram por conselho dos médicos à natureza. Neste mesmo ano se aviaram pera irem pera o reino na mesma armada o padre Pero Gomes e os irmãos Gaspar Coelho e António Fernandes.

E, pera glória do Senhor, direi o que aconteceu na embarcação do padre Pero Gomes. Sabido pelos da cidade que o mandava ir pera o reino do ano de setenta e oito atrás seu provincial, lhe escreveu a Câmara daquela cidade uma carta, em a qual lhe pediam com muita instância lho não tirassem. Era este padre grande servo de Deus e muito bom pregador, homem muito exemplar e de grande mortificação, e edificava muito com sua humildade e caridade ao povo, e, como tal, o pediam, pera fruto e proveito dos moradores daquela ilha. Teve a Câmara reposta (sic), no mesmo ano, do dito provincial, dizendo que quanto lhe fosse possível não lhe tiraria ao padre Pero Gomes, e assi o deixou, por então, de mandar ir no dito ano de setenta e oito; e no de setenta e nove lhe mandou uma patente pera, em seu nome, visitar o Colégio, e, com a visita feita, tomasse por ocasião de se poder ir. E assi o fez. Visitou o Colégio, ao modo que se costuma na Companhia, com que todos os que nele residiam se consolaram muito. Acabando, tratou de sua ida pela ordem que o provincial lhe tinha dado, que era dizer que ele visitara o Colégio e que lhe era necessário ir dar conta ao provincial, e, dada, se o mandassem, logo tornaria. Com isto, se começou a despedir das pessoas da cidade de Angra, as quais sentiam bem sua ida e apartamento, e por todas as vias o procuravam persuadir que se deixasse ficar, que escreveriam ao provincial, que, assi como lho concedera o ano atrás, lho concederia também desta vez. A todos se escusou o padre, dizendo que, pois seu superior o mandava ir, não podia fazer outra coisa. E assi se aviou um dia pela manhã muito cedo, com o necessário pera o mar, se foi ao cais da cidade de Angra, o que sabido pelos moradores dela, se juntaram ali em grande número e logo a justiça mandou deitar pregão, com grande pena, que nenhum barqueiro nem outra alguma pessoa fosse

ousado levar o padre, nem fato seu ao mar. Fazendo o padre instância que se queria embarcar, alguns homens, movidos do que ouviam, disseram que o deixassem embarcar. Um deles foi o provedor de el-rei, e um juiz da terra, com outros, aos quais resistiram outros muitos; travou-se a coisa de maneira, de parte a parte, que fizeram dois bandos e lançaram mão às espadas, começando a afirmar uns que haviam de deixar embarcar o padre, outros que não havia de embarcar. Vendo o padre Pero Gomes isto, se pôs de geolhos e lhes pediu pelo amor de Deus que se quietassem e ele se tornaria pera o Colégio; e assi o fez, acompanhando-o todos com muita alegria, por ver que já ficava na terra. O padre provincial, que fez ao padre Pero Gomes visitador do Colégio, lhe mandou que fosse seu superior até se embarcar, por evitar de pedirem ao padre rector o deixasse ficar; e como o padre Pero Gomes era muito humilde e virtuoso e grande exemplo na religião aos outros religiosos da obediência (porque com ser homem tão grave e de tantas partes e tão antigo na Companhia, havendo trinta anos que nela estava, assi barria e lavava as tigelas, como se fosse noviço de dois meses), vendo-se neste aperto, desejava ter modo com que não faltasse ponto no que lhe mandara dizer o provincial, que fizesse todo o possível por se ir e, pera isso, buscasse os meios necessários. O bom padre, desejando fazer o que seu superior lhe mandava, primeiro que buscasse os meios temporais, se foi aos espirituais, e, assi, esteve alguns quatro ou cinco dias em oração quase contínua, em a qual, derramando muitas lágrimas, pedia ao Senhor lhe desse a sentir naquele caso o que mais glória sua e vontade de seu superior era. Nesta petição gastava o tempo, e o mesmo pedia nas missas. No cabo destes dias se veio a resolver que convinha ir-se; e, assi, tratou buscar o remédio, o qual foi escrever uma carta a Dom Jorge de Menezes, capitão de armada, que, pois os da terra impediam sua embarcação, lhe fizesse caridade mandar o esquife do galeão pera o levar a uma certa parte escusa, em a qual ele estaria tal dia e a tal hora. O capitão lhe respondeu que assi o faria, mas, indo lá o padre, não veio o esquife. Vendo que não lhe aproveitava este remédio, tomou outro, e foi mandar ao procurador do Colégio que fingisse querer mandar um refresco ao capitão e fretasse pera isto um barco, com condição que haviam de ir a uma vinha buscar umas canastras de uvas. O procurador o fez assi; e, pera mais dissimulação, mandou um irmão que fosse com os barqueiros no barco, por mar, pera a vinha, e o padre se veio pela cidade e falou com muitas pessoas dissimuladamente e, quando viu tempo, se foi por terra à vinha. Algumas pessoas, que o traziam em olho, lhe não pareceu bem aquela ida, mas, como o dia dantes o viram ir pera a mesma vinha e tornar-se, seguraram no temor que tinham. E, assi, se foi ter ao lugar onde se embarcava o refresco, e, pondo-se muito pensativo, disse ao irmão que no barco estava: «Se não temera o enjoo, me fora convosco visitar o capitão»; o irmão lhe disse que não havia de enjoar; ele se fingiu temer o enjoo, o que os barqueiros sem o entender lhe tiraram, dizendo que não temesse, pois estava o mar muito manso. Então se embarcou e foi ao galeão, por nome Reis Magos, que era capitânia; chegando, já o recebeu o capitão-mor com grande alegria, e, recebido o presente, despediu o irmão pera terra, dizendo que o padre havia de ficar com ele. Vendo isto os barqueiros, chorando, pediram ao capitão que lhe desse o padre, porque tinham postas grandes penas e os enforcariam. O padre os segurou que o rector do Colégio os livraria, e o mesmo fez a outro homem honrado que, por empurrar ao juiz, que era de parecer que ele se embarcasse, fez auto e houvera de ser degradado, havendo-lhe um alvará de el-rei que não se falasse no caso. E assi se foi o padre ter ao reino.

Poucos dias depois de chegar, foi pedido pola (sic) senhora Dona Caterina, duquesa de Bragança, o qual lhe pregou em sua capela por tempo de dois meses, em Vila Viçosa, com as quais pregações fez muito fruto, assi com o duque e seus homens, como com a senhora duquesa, filhas princesas e mais mulheres de sua casa. Vindo desta missão pera o Colégio de Évora, achou uma carta do padre Everardo, geral da Companhia, em que lhe dava licença que fosse pera Japão, coisa que, muitos anos havia, desejava e pedia a Nosso Senhor com muita instância, onde agora está fazendo muito fruto.

Um religioso da Companhia, seu companheiro e muito familiar, disse que sabia de certo que não se pedia coisa ao padre Pero Gomes pelo amor de Nossa Senhora, de quem era muito devoto, que não concedesse, por grande e árduo que fosse. Vendo-o ir este religioso, que ele amava tanto, lhe pediu com muita instância, pelo amor de Nossa Senhora, lhe deixasse uma coisa sua; perguntando que queria, pediu-lhe, por amor da Senhora, o próprio cilício e disciplina de que usava. O padre, como era humilde, sentiu isto muito, mas, como não negava coisa que lhe pedissem pelo amor de Nossa Senhora, lhe disse que si, e assi lhe deu umas disciplinas, todas vermelhas de sangue que derramava quando se disciplinava, e um áspero

cilício de ferro, que o religioso guardou como relicário, pela grande santidade deste padre. Seja o Senhor glorificado em seus santos!

Vendo-o os da cidade embarcado e que lhes não era possível desembarcá-lo, o mandaram visitar ao mar com refresco, e do Colégio lhe deram sua matalotage, porque, quando se embarcou, não levou mais que o breviário, e escreveram ao padre provincial que em todo caso lho tornasse a mandar, o qual os consolou, dizendo-lhe que em seu lugar lhes mandaria outro padre que os consolasse. E no ano de setenta e nove lhe mandou o padre Francisco de Araújo, teólogo, pera lhes pregar, só, sem companheiro. Neste ano veio o bispo Dom Pedro de Castilho pera este bispado, o qual no mês de Setembro de mil e quinhentos e oitenta partiu da ilha Terceira a visitar esta de São Miguel, trazendo consigo o padre Francisco de Araújo, e, por seu companheiro, ao irmão Domingos de Góis, os quais o acompanharam enquanto esteve nesta ilha, que foram dois anos, por razão da alteração da ilha Terceira.

No ano de oitenta, no mês de Março, mandou o rector Estêvão Dias ao irmão Baltazar Gonçalves ao reino, a negócios de importância, o qual, indo em uma caravela pequena, chegando à cidade de Lisboa em treze dias, se tornou aviado na mesma caravela em o mês de Julho por não haver armada, trazendo em sua companhia cinco irmãos do Colégio de Évora, mandados pelo padre provincial, chamado Manuel Roiz, no mesmo ano de oitenta, no mês de Junho, estando a cidade de Évora com peste, sc., Pero Dias, Manuel Pinheiro e Garcia Gonçalves, Domingos de Góis e outro, pera o Colégio de Nossa Senhora das Neves da ilha Terceira, e, por Lisboa estar impedida com peste, vieram ter por mandado do padre provincial à quinta de Val do Rosal, que está, da parte de além de Lisboa, meia légua de Almada, onde, então, por causa da peste estavam muitos padres da casa de São Roque e do Colégio de Santo Antão, sc., o padre Manuel Alvres, que fez a Arte de Gramática, Francisco Anriques, Rafael Texeda, rector do Colégio de Santo Antão ⁽⁸²⁾, e outros padres e irmãos, e, depois de ali estarem, fora da quinta, em uma casa alguns dias até os desimpedirem (por virem de Évora, que também, como disse, estava de peste) entraram na quinta.

Estava neste tempo em Belém aparelhada a armada pera partir, a esperar as naus da Índia, e por capitão Dom Jorge Tubra e determinavam partir ao dia seguinte, que era dia de São João Baptista, e o irmão Baltazar Gonçalves, que ao reino tinha ido a negociar negócios do Colégio da Terceira, sendo procurador, estava embarcado na caravela do Chichoro (sic) que vinha por mexeriqueira da armada, com um irmão, a que chamam João da Cruz, que também por obediência vinha pera a Terceira. Estando todos embarcados à véspera (sic) de São João pera ao outro dia dar à vela, se dilatou a viagem; tornaram a Val do Rosal os irmãos Pero Dias, que ia pera ler a segunda classe na Terceira, e os irmãos Manuel Pinheiro e Garcia Gonçalves e Domingos de Góis, que vinham pera estudar no mesmo Colégio; aí estiveram alguns dias, esperando se por ventura partiria ainda a armada, e o irmão Baltazar Gonçalves ficou na caravela do Chichoro com o irmão João da Cruz, e, sendo necessário irem uns galeões a Setúbal (sic), que, então, estava perto de ser combatida dos castelhanos, e por daí terem fugido os Governadores, foi também a caravela e andou lá alguns dias e depois tornou ao porto de Lisboa; e diversas vezes esteve a armada pera partir, mas, por ser necessária pera defesa da cidade, a não mandaram. Neste comenos, mandou o irmão Baltazar Gonçalves chamar os irmãos que em Val do Rosal estavam; vindo eles ter à caravela, outra vez se impediu a vinda da armada, até que finalmente se ordenou que viesse o Chichoro e António da Costa dar aviso às naus da Índia e às ilhas do que haviam de fazer em tal tempo. E, assi, chegaram em cinco dias à vista do Nordeste e ancoraram em Ponta Delgada, onde somente António da Costa entrou, e se levantou Dom António por rei de Portugal; e ao segundo dia, ou ao terceiro, deram à vela pera a Terceira, onde chegaram em um dia e uma noite e acharam as naus da Índia e as de Perú fazendo aguada e esperando tempo. Deram a todos os que iam na caravela, tirando António da Costa, que entrou na cidade, quatro dias de degredo, e entraram na cidade véspera da Ascensão de Nossa Senhora, que foram catorze de Agosto de mil e quinhentos e oitenta.

Chegados estes irmãos, se partiram pera o reino no mês de Agosto de mil e quinhentos e oitenta, em um navio pequeno, outros quatro, sc., António Marques, Diogo Ferraz, Pero Gonçalves, Baltazar de Almeida, os quais, no meio desta travessa das ilhas pera Portugal, tiveram uma tromenta (sic) e o navio, por ser velho, fazia muita água; pediram, então, a Aires Saldanha, que vinha de Malaca em um galeão, que os tomasse, o que ele fez com muito gosto, por ser muito devoto dos padres da Companhia, e os sustentou (sic) do necessário até Lisboa.

Logo no Dezembro do dito ano tornou o rector do Colégio, Estêvão Dias, a mandar o irmão Baltazar Gonçalves ao reino, com negócios de importância. Partiu da ilha Terceira, em um navio grande, a derradeira octava de Natal e, indo junto da costa, tiveram uma tromenta muito rija e tão furiosa, que em menos de nove ou dez horas correu e ventou todos os rumos da agulha, até que mui furioso ficou o vento les-sueste, e, por os mares andarem muito cruzados, padecia grande trabalho o navio e foi necessário dar uma vela muito pequena, posta no castelo de proa, a qual não seria mais larga que de três palmos, e com ser tão pequena, desde pela manhã até à tarde, que durou a tormenta, andaram mais de quarenta léguas.

Abonançando a tormenta, tornaram a virar, pera irem buscar a costa, e chegaram a Lisboa dia de Santo Amaro, 15 de Janeiro. Neste tempo começaram as revoltas do alevantamento da Terceira. Sabido pelo duque de Alva, que por Sua Magestade estava em Lisboa com presídio, procurou informar-se do dito irmão dos remédios da dita ilha, e o mesmo fez o desembargador Damião de Aguiar, que em Lisboa servia com alçada. E, assi negociado, o dito irmão se embarcou em um galeão grande com Ambrósio de Aguiar Coutinho, que vinha por governador das ilhas dos Açores, e vindo a esta de São Miguel, não tendo tempo pera a tomar, se foi sobre a Terceira; mandando lá recado aos da cidade, o não quizeram reconhecer por governador de el-rei Filipe, por terem jurado a Dom António por rei; e com este recado se tornou aqui a esta ilha, onde foi muito bem recebido dos da Câmara e mais povo. Esteve aqui, então, o irmão Baltazar Gonçalves, em companhia do padre Francisco de Araújo e do irmão Domingos de Góis, perto de ano e meio, que foi até o mês de Setembro de quinhentos e oitenta e dois, em que se foi desta ilha o bispo Dom Pedro. E o padre Francisco de Araújo se foi com seu companheiro em a nau Chagas, que da Índia vinha, e o irmão Baltazar Gonçalves em uma nau francesa, em companhia dos irmãos Faustino de Maiorga e Marcos Vicente (que, indo da ilha da Madeira pera o reino, os tomou uma nau da armada de Dom António e, roubando o navio, trouxeram consigo aos irmãos até esta ilha, em que os deixaram), e com bom vento, que Nosso Senhor lhe deu, chegaram a Lisboa, onde se foram pera a casa de São Roque e pera o Colégio de Santo Antão.

CAPÍTULO DÉCIMO OITAVO

DOS TRABALHOS QUE OS PADRES DA COMPANHIA DE JESU PADECERAM NO TEMPO DA ALTERAÇÃO DA ILHA TERCEIRA E DO MAIS QUE LHE SUCEDEU ATÉ O ANO DE OITENTA E NOVE

Por continuar com o Colégio, agora, ainda que fora de seu lugar, contarei os trabalhos que os padres da Companhia de Jesu padeceram na ilha Terceira, na alteração dela, mas não todos, porque foram muitos. E pera mais se entenderem direi uma coisa, ainda que fora desta matéria. No tempo que o bispo Dom Pedro visitava a ilha Terceira, na cidade de Angra achou uma mulher compreendida em alguns pecados graves, e tinha por companheiros nos pecados alguns ministros da justiça secular; querendo-a castigar, houve revolta sobre isso antre a justiça secular e a eclesiástica; vieram a tratar da jurisdição e sobre isto houve convocar letrados. Os padres da Companhia, vendo a razão e justiça da Igreja, deram seu parecer e se puseram com o bispo a defendê-la. Houve proceder com excomuniões e outras censuras; contudo, tanto trabalharam os padres, assi com o bispo como com as outras partes, que os vieram a concordar, e o bispo absolveu aos que na excomunhão haviam incorrido. Mas, posto que os padres foram o meio da paz, não deixou o demónio de fazer seu ofício, como pai de mentira e discórdia; e, assi, arreigou nos corações destas pessoas umas raízes, que a seu tempo brotaram de tal maneira, que, fizeram o que direi em parte, porque todo não me será possível, ajudando-se do tempo que fazia por eles.

Em fim do mês de Julho de quinhentos e oitenta anos chegou àquela ilha e cidade de Angra um António da Costa, o qual foi ali por mandado de Dom António, que pretendia ser rei nestes reinos de Portugal, a o levantar por rei, o qual fez. Foi-se à ilha do Faial pera fazer nela o mesmo, e do dia que chegou a oito dias faleceu quase de morte subitânea. Ficou assi a coisa. E começaram haver diferentes opiniões, fazendo-se bandos, uns que tinham a voz de el-rei Filipe, outros de Dom António, e até o princípio de Setembro seguinte não fizeram alboroto. Somente de palavra, falavam muitos desvarios, cada um conforme ao humor que dominava nele, até que aos oito de Setembro, dia de Nossa Senhora, saiu João de Betancor em um cavalo, com um arremessão nas mãos, correndo pelas ruas, dizendo: «Viva el-rei Filipe». Acudiu muita gente do povo, e, amotinado por algumas cabeças, o prenderam e quiseram logo matar; mas não lhe deu por então Nosso Senhor licença, posto que depois, por seus justos juízos, o permitiu, e assi o degolaram na praça de Angra, como adiante direi. Este João de Betancor era muito virtuoso e devoto dos padres da Companhia e, por esta causa, alevantaram aos mesmos padres muitas pessoas, induzidos pelos oficiais da justiça, que o que este João de Betancor fizera saíra do Colégio dos padres, coisa que na verdade não foi, porque, depois, querendo os padres justificar sua causa e mostrar sua inocência, solenemente juraram que tal não fizeram, nem sabiam; mas, contudo, não lhes bastou pera se livrarem, porque, crescendo a mutinação no povo, vieram, com favor das cabeças que digo, por mandado de Dom António, a lhes confiscar todas suas rendas e bens do Colégio e de todo o que possuíam. Indo mais a perseguição por diante, lhes proibiram que não pregassem, nem dissessem missa, e, não contentes com isto, chegaram a os ataiar em o seu próprio Colégio, fechando-lhes todas as portas, janelas e buracos de casa, de pedra e cal, de maneira que nem lucerna pera se verem lhes deixaram. E querendo fazer o mesmo em as portas da igreja, os padres se puseram a resistir a isso, dizendo que, quanto às casas em que viviam, que já as tinham fechadas, sem que de sua parte houvesse mais falar palavra que dizerem-lhe que o não podiam fazer, e que por isso estavam excomungados, mas que fechar as portas da igreja, onde estava o Santíssimo Sacramento, não consentiriam, sem que por isso dessem as vidas e, depois que os matassem, então Deus acudiria por sua honra. Com isto, desistiram de as fechar de pedra, mas, cerradas as portas, lhe deitaram umas travessas muito bem pregadas, enquanto se fizeram uns grossos ferrolhos pera lhe porem, por que as não pudessem abrir. Vendo os padres isto, puseram o Santíssimo Sacramento no altar, o qual cobriram, com as imagens que

nele estavam, todo de dó, e, acesas muitas tochas e círios, abriram por força as portas da igreja e todos em oração diante do Santíssimo Sacramento, postos de geolhos, esperavam os martirizassem. Sabido pelos que estes desatinos faziam, acudiram ao Colégio, e com eles muitos homens com armas, dizendo que os haviam de matar, e, antre eles, alguns franceses, que já na terra andavam. Tomou o rector do Colégio, que se chamava Estêvão Dias, a mão e falou com muita humildade, dando-lhes rezão como aquilo nem antre hereges se havia até estes tempos feito, e que era uma coisa tão mal feita, quanto era ensarrar (sic) e fechar ao mesmo Deus. Com estas rezões e outras dignas de abrandar corações de feras e de hereges, quanto mais de homens cristãos, não tão somente não se abrandaram, mas, tomando disso motivo, se embraveceram; uns diziam que vivos os deitassem no mar, outros que os queimassem ali logo e que a cinza se deitasse ao mar, com vento rijo, pera que nem esta lhes ficasse na terra, com outras muitas injúrias e blasfêmias do Senhor.

Direi umas coisas que neste comenos aconteceram, pera que vejam os maus como Deus acode pelos seus, ainda que parece que dissimula.

Um homem honrado e dos principais da terra, mostrando-se mais zeloso do serviço de Dom António, que era o seu fundamento, tomou a mão e, falando, afrontou ao rector, chamando-lhe de rapaz e outras coisas muito mal ditas, que, por decência cristã, não digo. Este, indo-se pera casa, se lhe pôs a boca na orelha com um acidente que lhe deu e esteve sem fala por espaço de tempo, mas nem isto bastou pera se divertir de tão danada tenção, e, convalescendo, foi pelo marquês botado da ilha e acabou miseravelmente em terras alheias. Outro foi que, indo uma companhia marchando, viu a um religioso do Colégio e fazendo pontaria nele se recolheu o religioso. Este, atirando um tiro, poucos dias depois lhe quebrou um dos olhos.

Enfim, sem nenhuma piedade, nem reverência devida ao Santíssimo Sacramento, lhes tornaram a fechar as portas e por fora lhes puseram grossos ferrolhos, fechados com chaves, as quais entregaram a um homem de quem se confiavam, e às quartas-feiras e sábados lhe davam de comer, sem consentirem que outro dia se abrissem. Assi estiveram fechados desde Junho de oitenta e um anos até fim de Julho de oitenta e dois, que foi o tempo em que Dom António foi ter àquela ilha, desbaratado com sua armada pelo marquês de Santa Cruz, o qual os mandou tirar do Colégio e, presos, meter em um navio velho, que estava no porto de Angra. Uns diziam que era pera o deitarem pelo mar sem vela e sem remos, outros que pera lhes darem furo e os afogar ali, o que cuidou fizeram, se Deus lhes dera licença.

Ao tempo que levavam os padres pera a praia, lhes tiravam muitas pedradas e os moços iam com grande grita dando-lhe apupadas e dizendo palavras muito mal ditas. Enfim, ali estiveram no mar presos obra de dois meses, em que padeceram muita fome, e três dias estiveram sem comer, em que mandou Dom António que fossem desterrados pera a ilha de Santo Domingo; e depois lhes mandou fazer na ilha de São Jorge um cárcere, todo fechado, com uma roda, como de freiras, pera ali com guardas os ter. Mas também este parecer mudou e se determinou a os mandar pera Inglaterra; assi, os mandou meter em duas naus grandes com outra muita gente. Foram cinco em cada nau, por naquele tempo se não acharem na ilha Terceira mais que dez da Companhia, sc., em uma foi o padre Estêvão Dias, reitor, e o padre André Gonçalves, lente de casos, o irmão Cristóvão Gil, que lia a primeira classe, e outros dois irmãos, João da Cruz e Estêvão Simões; na outra foi o padre Pero Freire e o padre João Lopes, que servia de ministro no Colégio, e o irmão Pero Dias, que servia na segunda classe, e outros dois irmãos, Garcia Gonçalves e Pero Jorge. Os ingleses afirmavam que os haviam de botar ao mar.

Assi, com afrontas e ameaças foram levados, e desembarcou o padre reitor com os de sua companhia no porto de Antona, em Inglaterra, onde a justiça os prendeu e pôs a recado, até ... (roto) ⁽⁹³⁾ ter da rainha do que fariam deles. A rainha, perguntando a maneira como ali foram ter, por acudir a isso Dom Bernardino de Mendonça, embaixador de el-rei Filipe, os fez soltar, e os mandou o embaixador buscar ao dito lugar de Antona em carretas e cavalgaduras e levar à cidade de Londres. Ali, pelo muito que no mar padeceram, adoeceram quase todos gravemente, e foi Nosso Senhor servido que acabasse o padre André Gonçalves; mas, posto que em meio de hereges, quis que lhe não faltasse o viático que todos os cristãos levam pera aquela jornada, porque em a capela do embaixador disse um sacerdote missa e, secretamente, lhe deu a Santa Comunhão, com que acabou muito consolado. Os demais, posto que com muito trabalho, pelo grande cuidado do embaixador, foram curados e, mal convalescidos e por conselho dos médicos, os mandou embarcar todos em uma nau veneziana, com outros muitos

portugueses, a Lisboa, bem providos do necessário pera o mar, onde, poucos dias depois de chegados, faleceu o reitor, por vir muito fraco, e os mais convalesceram.

O padre Pero Freire, com os de sua companhia, indo na costa de Inglaterra, achou duas urcas e depois de pretenderem os ingleses pelejar, por persuasão do padre Pero Freire desistiram disso, e com grossas dádivas, que lhe ofereceram, os deitaram nas urcas, às quais deram, pelos recolher, quatrocentos cruzados. Assi, os livrou Deus daquela trabalhosa gente, e os framengos os deitaram na costa do Algarve, donde se vieram a Lisboa, pedindo pelo amor de Deus, com outros portugueses que na própria nau vinham; uns e outros, todos, glória ao Senhor, guarecerão (sic) do trabalho passado e se ocuparam nas coisas que seu provincial lhes encarregou.

O Colégio mandou entregar Dom António a uns religiosos que consioo trazia, com todo o móvel dele; e, juntamente, nas casas onde habitavam os religiosos fizeram enfermaria dos franceses, e depois almazens de munições, e tudo desbarataram e destruíram, em que deram grande perda aos padres da Companhia.

No mês de Junho do ano de oitenta e três partiu o marquês de Santa Cruz com armada, pera vir sobre a dita ilha Terceira. Pediu Sua Magestade ao provincial vinte religiosos da Companhia, pera exercitarem seus ministérios com os soldados, mas não lhe deu senão quatro, sc., o padre mestre Gregório da Mata, teólogo e professo da Companhia, e muito exemplar nela, o qual vinha por confessor do marquês de Santa Cruz e de outros senhores de título, que no galeão São Martinho em companhia do marquês vinham. Trazia por seu companheiro ao irmão Baltazar de Almeida, homem de muita virtude e muito antigo na Companhia. No galeão São Filipe vinha o padre Pero Freire, teólogo e pregador de rara virtude e caridade, em companhia de Dom Pedro de Toledo e de outros senhores muito principais, que naquele galeão vinham. Trazia o padre Pero Freire por seu companheiro o irmão Baltazar Gonçalves, que serviu de procurador no Colégio de Angra, antes de ser destruído, e vinha com o mesmo cargo pera recolher as coisas que boamente pudesse, e nestes galeões vinham por ordem de el-rei, por serem os maiores e mais principais da armada. E, assi repartidos, vieram sobre a ilha Terceira, em a qual os padres saíram, com seus companheiros, com o exército, e nele fizeram muito fruto de confissões e ajudar a bem morrer a uns e curar aos outros, feridos. Entrada a cidade, se foram pera o Colégio, o qual acharam tão danificado, que era vê-lo grande mágua, nem se pode contar. Basta que em lugar de padres, que dantes nele habitavam, estavam muitos pelouros e barris de pólvora, com outros instrumentos de guerra.

O irmão procurador ordenou logo recolher as coisas que eram do Colégio e estavam espalhadas pela cidade, e o que mais achou foi um relicairo muito feroso, de prata, em que está posta uma cabeça das Onze Mil Virgens, que tem de valia mais de trezentos cruzados, que se pode ter por milagre não o desmancharem, segundo a sede que tinham de dinheiro; e, assi, outras muitas coisas. Os outros padres se ocuparam em resgatar muitos homens que os soldados tinham presos e ajudar a bem morrer alguns, que por justiça morriam.

Traziam os padres, por ordem de seus superiores, que o padre mestre Gregório da Mata e seu companheiro fossem em companhia do marquês até acabar a jornada e o padre Pero Freire com o seu ficassem no Colégio, os quais assi o fizeram. O padre mestre Gregório da Mata, chegando à costa do Algarve, por vir seu companheiro muito doente, o fez botar em uma caravela que o levou a Lisboa, e ele, posto que também ia mal disposto, seguiu seu caminho, conforme à ordem que tinha; e pelo muito trabalho que padecia, por no galeão haver muitos doentes, lhe foi carregando a enfermidade, de maneira que, chegando a Cales, foi Nosso Senhor servido de o levar pera si e dar-lhe o prémio que seus trabalhos mereciam.

Logo no Fevereiro seguinte de oitenta e quatro anos mandou o padre Sebastião de Moraes pera Angra ao padre Luís de Vasconcelos, por reitor outra vez daquele Colégio, e com ele ao padre Cosme das Naus pera pregar, pelo fazer com muita aceitação (assi na Terceira, como nesta ilha de São Miguel, onde depois veio), e, juntamente, aos irmãos Estêvão Simões e Pero Jorge. Embarcaram em uma nau framenga muito grande, que por ordem de el-rei, ia levar muitos mantimentos e dinheiro pera os soldados que de presídio estavam naquela ilha. Chegados, foram recebidos de todos os moradores daquela terra não com menor honra e alegria do que foi o vitupério, com que os haviam o tempo atrás deitado, e de contentamento derramavam muitas lágrimas, por verem os padres outra vez nela. Foram os buscar ao mar os vreadores e pessoas principais, e no cais os estavam esperando o mestre de campo daquele

terço, João de Urbino, com todos os capitães e muita outra gente, e os levaram ao Colégio, que o procurador tinha em alguma maneira restaurado.

Depois, no Agosto do ano seguinte de oitenta e cinco, mandou o mesmo provincial pera o mesmo Colégio dez da Companhia, pera o acabar de povoar, sc., quatro sacerdotes e seis irmãos, os nomes dos quais são o padre Gaspar Ferraz, que veio por ministro do Colégio, e o padre Simão Fernandes, por pregador, o qual ele exercita com muita satisfação, e o padre Gaspar Afonso, que veio pera pregar e ler casos de consciência, e o padre António Pires, confessor, e os irmãos Hierónimo Barradas, lente na primeira classe de latim, e António de Albuquerque, lente na segunda classe, e os irmãos Sebastião Borges, Jorge Roiz e Brás Fernandes, estudantes de latim, e João Gonçalves, de muita virtude e muito antigo na religião. Chegaram à cidade de Angra em fim de Agosto e foram recebidos dos da terra com o amor e alegria costumada, onde se ocupam com o próximo, cada um em seu ministério, com muita perfeição.

Depois vieram outros padres o ano de mil e quinhentos e oitenta e oito, havendo tão grande falta de trigo, que veio a valer perto de um cruzado o alqueire e quase não se achando. Os padres da Companhia de Jesu repartiram com os pobres em pão cozido cada dia toda a sua renda de trigo, que tinham pera fazer as obras do dito seu Colégio, tendo por mais acertado, com as entranhas de caridade que têm, viverem eles antes sem edifícios e oficinas que os pobres sem mantimento.

Logo no ano de mil e quinhentos e oitenta e nove, vindo por esta ilha de São Miguel, chegaram à Terceira o padre Francisco Fernandes, de missa, e o irmão Francisco Fernandes, teólogo, pera ler na primeira classe, e o irmão Manuel Heitor ⁽⁹⁴⁾.

A três de Fevereiro de mil e quinhentos e noventa chegou o padre Pero de Almeida pera rector do dito Colégio (que no da ilha da Madeira teve este cargo), com os padres pregadores Cosme das Naus e Sebastião Gonçalves e três irmãos, aos ilhéus de Angra, e dali com tormenta foram desembarcar à ilha do Faial a treze de Março, onde estiveram enfermos alguns dias; e, véspera da Páscoa, a uma hora depois da meia noite, vinte e dois de Abril do mesmo ano, chegaram à ilha Terceira dois deles ainda com febre e os mais pouco convalescentes.

O rector, Luís de Vasconcelos, de tão rara santidade, que se tem na Companhia que, depois de entrar nela, nunca a consciência o acusar de pecado venial, nem de uma palavra ociosa, serviu o dito cargo com grande exemplo de santidade até vinte e quatro de Julho do ano de mil e quinhentos e noventa, que faleceu, estando antes trinta e três ou trinta e quatro dias em cama, com doença mui trabalhosa, sem nunca se sentir nele nem um ai. Sentiu muito aquela ilha o falecimento deste santo e por outra parte se tem por muito rica e ditosa em lhe ficar um tão grande tesouro, como é seu corpo, que está sepultado no dito Colégio, com cujo depósito e por cujos merecimentos têm todos grande confiança que há Deus de fazer muitas mercês a estas ilhas.

Este é o estado em que ao presente está o Colégio, onde se fazem tantos serviços a Deus e bens ao próximo ⁽⁹⁵⁾.

CAPÍTULO DÉCIMO NONO

DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, DA ORDEM DA
CORRÍGIA DE SANTO AGOSTINHO, NA CIDADE DE ANGRA

Veio a estas ilhas um António Varejão, solteiro, de Freixo de Espada Cinta (sic) e, como era muito virtuoso e de bom engenho, se foi daqui pera Salamanca e, aprendendo naquela Universidade, se meteu no mosteiro de Santo Agostinho, onde acabou seu estudo. Dali, fazendo-se isento, sendo da ordem da Corrígia do mesmo santo, se tornou a estas ilhas, onde fazia muito fruto com suas pregações, por ser bom pregador, e, depois de alguns anos, se foi às Índias de Castela e, andando lá algum tempo, em que ajuntou muito dinheiro, dele adquirido com suas pregações e outra parte de restituições, que, sendo confessor, mandava fazer e lhe davam, que ele fizesse e aplicasse pera obras pias que melhor lhe parecessem, se tornou das Índias de Castela muito rico e veio ter à ilha Terceira, onde determinou fazer na cidade de Angra um hospital pera os enfermos que daquela terra viessem, e os edifícios assi o mostram, e pera isto comprou muitos moios de renda. Fundada a obra, e sendo já três casas feitas, desistiu dela e deu parte dos moios à Casa da Misericórdia. Depois, entregou ao provincial da dita ordem as casas, com o edifício e o sítio, com certos moios, pera se edificar mosteiro, pera o qual alcançou tantas indulgências, que lhe chamaram, e chamam hoje em dia, Roma, dizendo os que a ele vão, vamos a Roma.

Na era de mil e quinhentos e setenta e nove, na armada, mandaram os padres daquela província três frades à ilha Terceira, dois pera ficarem, um pregador chamado frei Pedro da Ressurreição, e frei Domingos, corista, sem ordens; o outro, chamado frei Pedro da Graça, também pregador, vinha pera logo se tornar a dar informação do que estava feito e se se podia na terra fazer mosteiro. Depois, no tempo do alevantamento da ilha Terceira, levaram o frei Pedro preso, por ser da parte de Dom António, e o frei Domingos foi com frei António pera Lisboa.

E na era de oitenta e quatro fizeram os padres da dita província o que está feito, que são três casas com uma ermida, convento, e fizeram prior dele o reverendo padre pregador e muito virtuoso frei Pedro, natural desta ilha de São Miguel, filho de Bastião de Sousa Camelo e de Dona Isabel, sua mulher, filha do doutor Francisco Toscano; e trouxe em sua companhia súbditos seus, três pregadores, frei Vicente, frei João, frei Roque, e um padre de missa pera sancristão, chamado frei Pedro de Maria, que, com o prior, são quatro pregadores.

CAPÍTULO VIGÉSIMO

DA PRISÃO E MORTE DE JOÃO DE BETANCOR DE VASCONCELOS, FIDALGO MUI EXEMPLAR E DE GRANDE VIRTUDE, E AMOTINAÇÃO DO POVO DA CIDADE DE ANGRA

No ano de mil e quinhentos e oitenta, depois de haverem na cidade de Angra jurado e alevantado por seu rei a Dom António, e obedecido de toda a ilha e mais ilhas, vindo uma nau castelhana de ponente e entrando na baía do porto da cidade de Angra, fazendo-lhe demostações (sic) e sinais da terra estar por el-rei Filipe, pera com esse pretexto a assegurarem e roubarem, como fizeram a outras muitas, não somente na ilha Terceira, mas no Faial, Graciosa e São Jorge, e, tratando-se deste engano na terra, ao tempo que a nau entrava, antre alguns fidalgos e pessoas nobres, que por todos eram trinta e dois, assi da dita cidade como de outras vilas, lugares e ilhas, sem entrar nenhum mecânico, se fez consulta e determinou nela de alevantar voz pelo dito rei Filipe em dia da Natividade de Nossa Senhora, a oito (do mês de Setembro, por naquele tempo não haver novas de Dom António tendo os de fora da cidade e os de dentro seus cavalos aparelhados pera este caso, e, juntos, deitado sortes de escritos quem seria o primeiro que cavalgaria, pera alevantar aquela voz por el-rei Filipe na dita cidade de Angra porque, alevantada nela, também o seria nas mais ilhas, dizendo que no tal dia vinha bem fazer-se esta diligência, pois começavam entrar naus de Santo Domingo e Perú.

Caindo a sorte em João de Betancor de Vasconcelos, mui exemplar e de grande virtude, cavalgou em seu cavalo, com um arremessão nas mãos, o qual dizem que lhe tomou Vitalis de Betancor, seu filho morgado, e teve mão no cavalo por duas ou três vezes, privando-o que tal não fizesse, mas, contudo, saiu João de Betancor a tempo que a gente estava na igreja de Nossa Senhora da Natividade, celebrando a festa que os pretos na ilha muito festejam, e, indo assi por uma rua, que se diz do Colégio e da outra banda tem o mar e o peitoril de pedra e cal pela borda da rocha, com voz alta ia dizendo: «Viva el-rei Dom Filipe, viva, e quem o contrário disser morra», até ir dar à porta do Espírito Santo, onde estava o governador Ciprião de Figueiredo de Vasconcelos, com outras muitas pessoas, que ali foram ouvir missa, o qual, vendo-o vir a cavalo com esta voz, chegou a ele, dizendo: «Que coisa é esta, senhor João de Betancor»? Ao que lhe respondeu: «Senhor, venho pedir a V. S. mande que não atirem da fortaleza àquela nau, que é de el-rei Dom Filipe». E o governador, dizendo-lhe: «A vós que vos vai nisso», lhe tomou o cavalo pela reda (sic). Neste tempo chegou muito número de povo, dizendo: «Mata, mata este tredor, que vem alevantando voz na terra por el-rei Dom Filipe». E tão furiosos vinham, que não haviam remédio senão matá-lo. Chamou, então, o governador certos homens, que com ele estavam, e lhes disse: «Aqui vos entrego João de Betancor, tende conta com ele»; Os quais o tomaram e meteram em uma casa, e foi a gente tanta, que o não podiam defender, querendo todos entrar a matá-lo dentro. Os companheiros de João de Betancor, que eram da consulta, vendo o mau sucesso e grande amotinação do povo, cavalgaram e se foram acolhendo pera suas casas e quintas, onde andaram muito tempo a monte. Tomaram a João de Betancor, antre muitos padres e clérigos e homens esforçados, com muitas armas, e contra vontade do povo, que logo o quisera matar, o levaram à cadeia.

Deste feito e deste dia por diante ficou ao povo muito mais vontade de servir a Dom António.

Esteve João de Betancor na prisão quase dois anos, perseverando sempre em grande virtude e ásperas penitências. E correndo seu livramento, foi sentenciado por quatro deputados que na cidade de Angra, depois da prisão, se fizeram com o desembargo daquela e das mais ilhas, por mandado de Dom António que veio de França, que eram João Gonçalves Correia, Domingos Pinheiro, Baltazar Alvres Ramires, Domingos Loucel, todos licenciados em leis, e o dito Ciprião de Figueiredo. A qual sentença, que morresse degolado, se deu depois de preso João de Betancor a oito meses, e todo o mais tempo pera cumprimento dos dois anos de sua

prisão esteve esperando, a ver se tinha remédio, até que depois chegou à cidade de Angra o conde Manuel da Silva, que pera a dita ilha e ilhas vinha por assistente, em lugar de el-rei, trazendo todos seus poderes, o qual chegou a cinco ⁽⁹⁶⁾ de Março de mil e quinhentos e oitenta e dois anos. Sempre pareceu a muitos do povo que o conde lhe perdoasse, e com esta esperança o deixaram estar tanto na prisão, sem fazer justiça dele, pelo desejarem vivo, por ser natural e tal que, em todo o tempo que na prisão esteve (segundo se diz), não se achou fazer um pecado venial.

Chegando o conde, logo naquele mês, quarta-feira de Cinza, estando ouvindo missa na Casa da Misericórdia da dita cidade, onde pregava frei Pedro da Graça, da ordem de Santo Agostinho, se determinaram os irmãos da Casa pedir-lhe misericórdia, encomendando ao pregador que, acabando de pregar, fizesse nova prática, em que da parte do povo pedisse ao conde a vida do dito João de Betancor, estando presentes sua mulher e filhos e muitos seus parentes e amigos, com os ditos irmãos da Casa, que tinham prestes um crucifixo, pera de geolhos e com lágrimas lhe fazerem a tal petição. Feita a prática pelo pregador, dizendo que o povo lho pedia, perguntou a todos os presentes se era assi o que ele dizia. Respondendo que si e vendo o conde os irmãos da Casa, que já vinham com o crucifixo, se saiu muito depressa pela porta da sancristia sem dar reposta alguma. Pareceu ao povo que todavia lhe perdoasse, mas, acabando de jantar, no mesmo dia cavalgou o conde, com o governador e outros muitos, e se foi pera São Mateus a ver as fortalezas que lá se faziam, deixando recado aos juízes que fizessem justiça dele naquele dia e ao monsiôr (sic) Carlos, capitão francês que na dita cidade ao tal tempo estava, que, com sua gente e arcabuzes e armas, viesse à praça pera os acompanhar. Mandou-se deitar pregão que todo o parente de João de Betancor e de sua mulher não aparecesse na cidade e se fosse pera fora até fazer justiça dele. E no mesmo dia foi dado recado à Casa da Misericórdia que mandasse tanger por ele, que havia de padecer, na qual Casa houve muitas diferenças sobre isso, por respeito de alguns irmãos, grandes amigos de João de Betancor, que se não atreviam achar presentes à sua morte; mas, todavia, foram, aos quais João de Betancor vendo à porta da cadeia, e no pelourinho, disse palavras mui notáveis, cheias de muita mágua.

Às duas horas depois do meio dia, chegados os irmãos da Misericórdia com a bandeira e um crucifixo à cadeia, acabando de se confessar João de Betancor com o padre frei Francisco Feio, da ordem de São Francisco, e estando todas as ruas da cidade tomadas com arcabuzeiros franceses e ingleses, que todos foram chamados, saiu João de Betancor da cadeia, acompanhado com o dito frei Francisco Feio, frei Melchior Baptista, frei Simão de Barros e o licenciado Amaro Lopes, todos letrados e pregadores, trazendo o rosto muito alegre, como homem que ia pera uma grande boda, dizendo estas palavras: «Oh! Bem-aventurado dia que o Senhor me quis dar, e bem-aventurado *memento homo*» E, pondo-se em geolhos diante do crucifixo, disse: «Senhor, a um saco de terra vindes vós, meu Criador, buscar? Por muito certo tenho que vossa vinda não é pera mais que pera me fazer muitas mercês, que este é o vosso costume, a quem vós, Senhor, buscais dar-lhe grandes dádivas; vamos, meu Deus, vamos, que vou muito contente, pois vou em vossa companhia». E descendo pelas escadas abaixo, viu um António Vaz Torrado, homem honrado da terra, que recebeu muita doutrina dos padres da Companhia de Jesú, e ambos tratavam no seu Colégio, que era aquele ano irmão da Casa da Misericórdia ao qual disse: «Aqui estais, meu bom amigo António Vaz? Deus Nosso Senhor vos tenha da sua mão e vos livre de vossos inimigos», e outras muitas palavras notáveis. António Vaz o não pôde ver, apartando-se dali com grande choro.

Foram caminhando pera o pelourinho, que era muito perto da prisão, menos de tiro de pedra, e tanto que o porteiro deu o primeiro pregão, que dizia: «Justiça que nmanda fazer Sua Magestade, que manda degolar este homem por alevantar voz em seu reino por el-rei Filipe», logo se pôs de geolhos diante do crucifixo, dizendo: «Muitas graças vos dou, meu Deus, por serdes servido dar-me tal morte». E assi caminhou com um grande coração até que subiu ao pelourinho, onde fez grande oração ao crucifixo, a qual acabada, vendo perto um António Ramos, natural da cidade, lhe disse: «Oh! meu amigo António Ramos, vós me destes a vida ao tempo de minha prisão e me defendestes que meus imigos me não matassem; melhor fora que, então, morrera, que não vir parar neste trabalho; Deus vos tenha da sua mão». Apartou-se, chorando, António Ramos, que, então, servia de irmão da Misericórdia, e logo João de Betancor se tornou a desdizer, dizendo: «Não digo bem, porque parece que não estava, então, pera isso, e Deus me aguardou pera este tempo». Chamou, então, um padre, com que falou em confissão e depois disse: «Oh! Cidade de Angra, Deus haja misericórdia contigo», palavra que muitos notaram, e, assentando-se, desabotoou o gibão que levava e a camisa por sua mão

e se deixou cair pera trás e pôs a cabeça em cima de um cepo, que estava no pelourinho, e um mouro, que detrás dele ficava, lhe quisera atar as mãos, e ele respondeu que não era necessário, que fizesse seu ofício; e logo lhe pôs um padre um lenço na cabeça e sobre o rosto, e o mouro lhe deu um só golpe com um navalhão muito amolado, do qual não buliu com pé nem com mãos, posto que as tinha desatadas, e, assi, deu sua alma ao Senhor, e, segundo se diz, ao tempo que se deixou cair, pera trás e viu o mouro pera o degolar, já estava sua alma apartada do corpo. Porque por nenhum modo buliu consigo e, da maneira que pôs as mãos e pés, assi ficou quedo. E esteve no pelourinho aquele dia até à noite, em que se ajuntou a irmandade da Misericórdia, com os padres de São Francisco e toda a clerezia, e o foram buscar e levaram à dita Casa, onde foi amortalhado no hábito de São Francisco e enterrado nela, na mesma quarta-feira de Cinza do dito ano de mil e quinhentos e oitenta e dois.

Este fidalgo, antes de virem os padres da Companhia fundar o Colégio da cidade de Angra, era capitão dos de cavalo, muito dado à cavalaria e a trunfos e vaidades. Topando o padre Pero Gomes, lhe pediu o encomendasse a Deus; passados muitos dias e afastando-se de se encontrar com este padre, a quem temia, por não deixar suas vaidades, o padre todas as vezes que o topava lhe dizia: «Senhor, eu tenho muito cuidado de fazer o que me encomendou».

Estando ouvindo uma pregação deste padre, o tocou Deus com sua grande moução ⁽⁹⁷⁾ do Espírito Santo e, saído dali, se foi com muitas lágrimas pedir ao Colégio confissão. Tratou as coisas de sua alma com o padre Baltazar Barreira e, recolhido alguns dias, ficou tão mudado em todo, que fez espanto em toda a ilha. Daí em diante se deu a muitas penitências e mortificações públicas, levando às costas no meio do dia água e outras coisas aos presos e incitando, com práticas espirituais a muitas pessoas, a deixarem vícios e seguirem a virtude. Tinha muita graça em praticar e falar de Deus, e reprender vícios, e mostrar a fermosura da virtude; tinha dom de lágrimas. Perseverou sempre e cada vez mais, todo o tempo que viveu, nesta virtude, mostrando mais fineza nela com trabalhos que lhe sucederam. Meteu duas filhas freiras no mosteiro de São Gonçalo na dita cidade; o segundo filho entrou na Companhia de Jesú, e ao primeiro, morgado, deu Sua Magestade o hábito, com cem mil réis de tença, e outras coisas, e à mulher fez muitas mercês. E escrevia cartas espirituais a muitas pessoas religiosas e seculares, que imitavam no espírito e gravidade às Epístolas de São Paulo; com ser pessoa desta qualidade e casado, se pôs a estudar e ir ao Colégio com muita humildade ouvir os princípios da gramática e saiu com ficar arrezoadado latino, e veio a morrer da maneira que tenho contado, com muitas lágrimas e máguia de todo o povo.

CAPÍTULO VIGÉSIMO PRIMEIRO

DA DESEMBARCAÇÃO QUE FIZERAM CERTOS ESPANHÓIS DIA DE SANTIAGO, VINTE E CINCO DE JULHO DE OITENTA E UM ANOS, NA ILHA TERCEIRA, E COMO FORAM MORTOS PELA GENTE DA TERRA; E DA MOEDA QUE MANDOU FAZER MANUEL DA SILVA DEPOIS QUE CHEGOU À TERCEIRA

Antes de chegar o conde Manuel da Silva à ilha Terceira, estava nela, por Dom António, por corregedor e governador o doutor Ciprião de Figueiredo de Vasconcelos, ao qual, e aos que a governavam e à Câmara, el-rei Dom Filipe mandou muitas cartas, pera que lhe dessem obediência, o que nunca quiseram fazer. E depois, como tenho dito, mandou em o galeão São Cristóvão o governador Ambrósio de Aguiar com cartas pera as Câmaras e perdão pera a dita ilha e mais ilhas, ao qual não quiseram obedecer, pelo que se tornou pera esta ilha de São Miguel, onde faleceu. E nunca os da ilha Terceira deram outra resposta a todas as cartas e perdões que lhe mandaram, senão que tinham jurado a el-rei Dom António por seu rei e senhor, e até que Deus o levasse não dariam obediência a outro rei algum, e que pelo mesmo caso haviam de morrer todos.

Correndo o tempo, logo naquele verão do ano de mil e quinhentos e oitenta e um mandou el-rei Dom Filipe uma grossa armada sobre as ilhas, a esperar suas naus da Índia e mais frotas, de que vinha por capitão-mor Dom Pedro Baldez (sic), genro de Pero Melendes, marquês da Flórida, o qual andou sobre a dita ilha muitos dias e tomou certos batéis de pescar, que saíram da cidade de Angra, e outro, em que vinham alguns homens da ilha de São Jorge pera a Terceira, dos quais soube o estado da terra e o que nela se passava; e, por conselho de alguns deles, determinou deitar em terra alguma gente de armas, pera o que andou buscando lugar oportuno em toda a ilha, na qual, ainda então, não eram feitos fortes pela costa, como depois se fizeram. Buscando o lugar, com conselho de seus capitães, como tenho dito, deitou em terra, uns dizem que quatrocentos, outros seiscentos, outros oitocentos homens, em um porto que se diz a Casa da Salga, da banda do sul, duas (⁹⁸) léguas da cidade de Angra e uma da vila da Praia. Saíram dia de Santiago, vinte e cinco de Julho, do ano de mil e quinhentos e oitenta e um, de madrugada, no quarto da lua, no qual lugar estavam quatro homens vigiando, dos quais tomaram dois ou três, e fugiu um, que deu rebate na terra, não (sic) vila de São Sebastião, que está um quarto de légua acima do porto onde desembarcaram. Os homens que tomaram mandaram logo nas embarcações pera bordo da nau capitânia, onde estava Dom Pedro Baldez, dos quais soube todo o que na ilha passava, e os levou depois pera o reino, onde andaram nas galés por espaço de tempo, com os mais que tinham tomado nos batéis de pescar.

Saídos os espanhóis em terra, logo correu gente de cavalo da vila de São Sebastião pera a cidade de Angra e vila da Praia, donde acudiu muito socorro de gente e carros de artilharia e munições de toda a sorte. E, ainda então, não havia gente de França, nem de Inglaterra, na dita ilha, porque um capitão francês, chamado António Sealim, em cuja companhia veio um frei João do Espírito Santo, frade dominicano, que havia fugido de Portugal pera França, pera Dom António, por ser seu e haver andado com ele no arraial em Alcântara e outras partes, trazendo carta de marca de salvo-conduto de Dom António pera poder livremente andar na armada antre aquelas ilhas, depois que chegou à Terceira, com duas caravelas da terra que lhe deram, andava no mar, onde tomou três naus, a de João Sanches, vizinho de Santo Domingo, e a de Pero Constantino, corso de nação, quero dizer natural de Escórcia (sic), e a de Manuel Correia, do Algarve, as quais vinham da ilha de Santo Domingo, carregadas de courama, cana fístula, guaiacão, e algumas pérolas e dinheiro. E, por andar este capitão assi da armada junto da ilha do Corvo naquele tempo, não se achou presente na briga dos castelhanos, os quais, tanto que desembarcaram, logo começaram de caminhar pela terra dentro e, marchando espaço de dois tiros de arcabuz, a gente da vila de São Sebastião os deteve e fez tornar pera o mar, mais com

pedras que com armas, onde se fizeram fortes, tapando os caminhos de carro que iam pera a vila e pera o porto do Judeu, de paredes altas, porque ao redor donde eles estavam, da banda da terra, tudo eram paredes e terras e trigo, e muito arvoredado de amoreiras e figueiras, que todo o mais do campo cobriam.

Quando desembarcaram, puseram fogo a muita parte das searas que diante acharam, que, com o vento nordeste que ventava, queimava todo o trigo que estava em frascais e segado em paveias e por segar, no qual fizeram perda que importaria mais de trezentos moios de pão, coisa que à gente da terra fez grande espanto, dizendo antre si que não podia ser gente cristã a que punha fogo às searas, com que se azedaram mais e se ajunta (sic), com maior fúria, da cidade e das vilas de São Sebastião e Praia e seus termos, estando às arcabuzadas desde pela manhã até as duas horas depois de meio dia, no qual tempo houve muitas mortes de parte a parte, porque morreram da terra treze homens, dez mecânicos e três nobres, Gonçalves Machado, da vila de São Sebastião, e um filho seu, que logo pela manhã mataram, quando os fizeram tornar pera o lugar da desembarcação, e um Fuão Dornelas, da vila da Praia, que no fragante ⁽⁹⁹⁾ se achou.

Vindo recrescendo a gente pera o socorro, vinham da cidade e das mais vilas muitos carros de mantimento de pão, vinho, água e outras coisas, e outros de artilharia miúda, com que lhe atiravam de certas estâncias, das quais os espanhóis tomaram um carro com um berço e suas munições de câmaras e pelouros, com o qual e outros três que no lugar da desembarcação estavam, atiravam pera a terra às estâncias onde a gente estava, e com munições que mandavam levar das naus, que andavam à vela perto do dito porto, e de duas caravelas, que (sic) nele ancoradas com algumas faluas, que traziam gente pera a terra e esperando o que sucederia.

Vendo a gente da terra a determinação dos espanhóis e palavras e ameaças soberbas e desonestas que lhe diziam, mandaram buscar gado acima da vila de São Sebastião, onde andavam muita quantidade dele, pera que, botando-o diante de si, pudessem mais facilmente combater seus contrários, a qual ordem deu um Ambrósio Davista (sic) ⁽¹⁰⁰⁾, da vila da Praia, homem experimentado na guerra, que tinha andado na Índia de Portugal quinze anos. Neste tempo que se foi buscar o gado, já estavam juntos, dos da ilha, até três mil homens, antre os quais chegaram dos primeiros a companhia dos oitenta aventureiros, todos mosqueteiros e arcabuzeiros da cidade de Angra, de que era capitão um Francisco Dias, que foi sergheiro (sic), que naquele tempo estavam na vila da Praia em companhia do governador Ciprião de Figueiredo, e ali pelejaram valorosamente, travando-se a briga antre o capitão Francisco Dias e um Filipe Artal, fortíssimo e valentíssimo soldado, e, combatendo-se ambos, ajudava ao Francisco Dias um seu negro, chamado mestre Pedro, por ser mestre de escola de esgrima, e ambos mataram ao Filipe Artal. Em outro combate mataram os espanhóis, com uma arcabuzada, a um João Pacheco, homem solteiro da cidade de Angra, pessoa nobre que tinha feito muitos serviços a Dom António no tempo que o alevantaram por rei em Portugal e foi seu capitão nas batalhas que teve no reino até que se foi pera França, pelo que tinha o hábito de Cristo, com quarenta mil réis de tença cada ano, de cuja morte foram todos os da terra mui tristes. E pelo que ali fez Francisco Dias, com sua gente, lhe pôs o governador um apelido, chamando-lhe Francisco Dias de Santiago, pera provocar que naquele lugar deste sucesso se fizesse uma igreja de Santiago, dando pera isso muita parte de esmola.

Chegado o gado às duas horas depois do meio dia, que seriam cento e cinquenta rezes, deram sinal à gente que ao redor estava, em suas estâncias, que, em vendo entrar pela banda da vila de São Sebastião, por uma canada abaixo, logo comesçassem todos a marchar por todas as partes e entrassem com os espanhóis, havendo grande diferença sobre quem derribaria uma parede que os castelhanos tinham feita da banda da dita vila, pera poder passar o gado pera a parte do mar onde eles estavam; até que se ajuntaram catorze homens muito esforçados, que, levando o gado diante de si e indo por debaixo dele, chegaram à parede que logo derribaram e, antes que o gado saltasse, andando o mar muito manso, vieram tanta quantidade de toninhas que o cobriram até dar nas pedras daquele porto, e, desaparecendo logo, o mar se alevantou muito alto. E, tendo saltado até oitenta rezes a parede derribada, não quis a gente da terra esperar mais, mas logo começou também a saltar pera a banda do mar, onde os imigos estavam, saltando primeiro o capitão Francisco Dias de Santiago, com sua gente e outros muitos, e, na companhia, um frei Pedro da Madre de Deus, da ordem de Santo Agostinho, grande pregador, em cima de um cavalo, com uma bandeira na mão, dizendo com voz alta: «Vitória, vitória, que nos dá Deus na nossa cidade de Angra e ilha Terceira de Jesus

Cristo». E, posto que muitos pelouros, que foram mais de trinta, deram na bandeira, nenhum deu nele.

Houve tanto destroço nos castelhanos, que todos foram mortos à espada e às lançadas na terra, e no mar, nadando sem escapar nem tomar vivos mais que dois, um Manuel Fernandes, português, natural de Vila Viçosa, e um mancebo castelhano de Cales. Em todo o qual sucesso, depois que a gente da terra os combateu com o gado e se determinou desbaratá-los e saltar com eles onde estavam, e (sic) não houve pessoa da terra que morresse, nem mais que dois feridos, durando a briga espaço de meia hora, depois que lhe botaram o gado, da qual se diz estarem enterrados naquele porto, na Casa da Salga, em certos poços, seiscentos e setenta e seis homens, afora outros muitos que o mar, afogou e levou pera fora com sua bravura, tornando a ficar logo muito manso e quieto.

Ficou desta batalha muito despojo e muitos corpos de armas e ricos morriões dourados, alguns deles de prova, rodela de aço muito ricas e muitas espadas, de muito preço, muitos vestidos, mosquetes e arcabuzes, com seus frascos, e grande número de borrachas e alguns barris de pólvora dentro em uma casa que ali estava, e muitos porcos mortos, que tinham tomado pera comer, e um boi morto, de que comiam, e outras muitas coisas. Ali, um português tomou uma bandeira em pedaços a um alferes, que se deitou ao mar com ela, onde morreu, tornando o português vivo pera terra, e, salvando-se alguns quarenta castelhanos, que não foram feridos e sabiam bem nadar, nas faluas, que de fora estavam, com duas caravelas da armada, que disse estar ancoradas, sem poder chegar muito até terra, por causa do mar, então, alevantado, e alguns feridos, que depois morreram, toda gente mui lustrosa, e soldados velhos, de muitos anos de serviço de el-rei Dom Filipe, e alguns fidalgos, como foi o sobrinho do marquês de Santa Cruz, que dava por si muitos mil cruzados pera que o não matassem, sem lhe aproveitarem rogos nem promessas. Morreu também o mestre do campo, que diziam ser português, muito conhecido e valeroso homem. Porque todos foram tão confiados pera terra, que já levavam consigo seu fato rico e muito dinheiro, que foi achado em muitos dos mortos, cadeias de ouro e outras peças.

Ventava, então, o vento com o nordeste e nornordeste, com que a armada de Dom Pedro Baldez vinha toda à vela, correndo a costa com muitos estandartes e bandeiras, sobre o porto onde estava, a sua gente, parecendo-lhe que já teriam toda a terra senhoriada; mas as faluas, caminhando pera bordo, lhe deram as tristes novas, que estavam os seus desbaratados e não queriam na terra dar vida a pessoa alguma, com que ficou Dom Pedro tão triste, que logo mandou tirar todas as bandeiras e estandartes que trazia. E tornou a arribar na volta do mar com sua armada, na qual lhe ficou muito pouca gente, assi de peleja como de marinagem, porque em todo aquele tempo, até que os desbarataram, não faziam outra coisa senão, de espaço em espaço, botar gente em terra, pera fazer cuidar aos da ilha que havia muita soldadesca. Mas, segundo se diz, não andava por mais que pera sustentar (sic) os seus até se cerrar a noite, em que os recolhessem pera bordo, porque pera isso tinha as caravelas e faluas aí perto, mas não lhe deram lugar; e tais ficaram os do mar, que estavam nas caravelas e faluas, que não foram pera atirar alguns tiros à terra, com que puderam matar muita gente da ilha, mas logo se fizeram à vela e se foram em companhia dos mais, onde andaram muitos dias até a vinda de Dom Lopo de Figueiroa, que em outra armada trazia também gente, pera que, com a que tinha Dom Pedro Baldez, a deitassem em terra. E tanto que soube do desbarate, ficou assás triste, porque, se se ajuntaram naquele tempo as duas armadas, ganha (sic) a terra, pois não havia, então, nela munições de guerra, nem fortalezas, que logo fizeram; na mesma Casa da Salga está uma muito notável, e outras muitas pela costa.

Acabado o desbarate, se dividiu a gente da terra e foi caminhando cada um pera as partes donde era, e os da cidade começaram a marchar, levando os dois homens vivos que tomaram e a cabeça do mestre do campo e outras duas, uma de um valeroso capitão, ruivo e muito crespo, e outra de um sargento-mor, com muita parte do despojo em carros.

Chegando à cidade, fizeram uma solene procissão, dando graças a Deus pela vitória que fora servido dar na terra, estando ela com gente tão mal adestrada e desapercibida de armas, onde levaram a bandeira, que se tomou, e as cabeças, metidas em pontas de lanças, e as mais armas, que eram muitas, em carros. E no dia seguinte mandou o governador Ciprião de Figueiredo muita gente da terra com carros e corças pera acarretarem a gente morta ao lugar do sucesso e abrir muitas covas, que no tempo passado serviam de encovar trigo, e um poço grande, que ali estava, no qual dizem estarem metidos oitenta e sete corpos, encovando-os todos com muita cal nas covas e poço. E aos dois homens que foram vivos fizeram perguntas

e levaram à prisão, onde estiveram alguns dias, até que, sendo o governador na vila da Praia, ficou Aires Jácome Correia na cidade com suas vezes, que os mandou soltar e vestir; e vindo ter neste meio tempo à cidade de Angra Gaspar Dias, da Torre de Mencorvo (sic), um de quatro irmãos mui valorosos, criados de Dom António, e, querendo-se ir da terra outra vez pera França, levou consigo este castelhano, que escapou vivo, com que dizia ter amizade, e o português de Vila Viçosa ficou na terra, e, depois que Dom António foi ter a ela, estava ele e outros vinte homens em uma galé, donde fugiram em um barco pera esta ilha de São Miguel, onde depois esteve muito tempo.

Alcançada esta vitória, o governador Ciprião de Figueiredo com muita brevidade mandou um patacho, que saiu de noite pelo meio da armada de Dom Pedro Baldez, sem ser visto, caminho de França, com novas e cartas, a Dom António do que havia sucedido, as quais levou um Francisco Gulhete, framengo de nação, casado e morador na cidade de Angra havia muitos anos, o qual, chegando a França, onde estava o dito Dom António, lhe pediu alvissaras do sucesso, e dizendo-lhe que pedisse o que queria, pediu de mercê lhe quitasse setecentos e setenta mil réis que devia a sua fazenda, os quais lhe quitou, e tomou por cavaleiro fidalgo de sua casa; e as cartas foi mostrar à rainha mãe, que ambos leram, e com elas, segundo dizem, se fez muita festa e Dom António se foi a uma igreja de Nossa Senhora do Rosairo, de que é muito devoto, a dar-lhe graças pela primeira vitória que tivera contra Castela, na ilha Terceira de Jesu Cristo, onde ele somente fora conhecido e sustentado, esperando na mesma Senhora de lhe dar outras muitas. E logo tornou a mandar o patacho, com outro navio maior, em que veio o mesmo Francisco Gulhete, com muitas munições de arcabuzes, pólvora e chumbo, e cartas da rainha mãe e de muitos mosiores (sic) de França pera as Câmaras da cidade de Angra e mais vilas e pera o governador, em que lhe mandava dizer que estivessem muito fortes, que nada lhe faltaria, e ela e todos os seus seriam em socorro e ajuda da dita ilha e mais ilhas.

Depois mandou Dom António a Manuel da Silva, que, pela conta antiga, chegou à Terceira a cinco de Março de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, com todos seus poderes e comissão pera na cidade de Angra, como cabeça que é das mais ilhas, mandar fazer casa de bater moeda, que logo fez, pera o qual buscou homens ourives e de outros ofícios que tinham bom engenho e habilidade, os quais fizeram cunhos e cruces pera bater a dita moeda de ouro e prata e cobre, como eram moedas de ouro, que corriam a mil réis, e outras de quinhentos réis, e de prata, que corria a quatrocentos réis, e tostões e meios tostões, vinteis (sic) e meios vinteis, e patações de cobre a dez réis, assi os antigos como os que se faziam, e toda a mais moeda de cobre pequena que dantes corria, uma e outra com as marcas antigas de Portugal; e da banda das quinas tinha dois açores, com os pés fincados no escudo, como que o tinham mão (sic), com umas letras à roda, que diziam o nome do dito Dom António, e da banda das cruces as letras antigas ordinárias, que dantes se costumavam.

E se fez uma casa muito suficiente pera isso, em que trabalhavam catorze ou quinze oficiais, com seu juiz da balança, escrivão e tesoureiro, ao modo do reino e cidade de Lisboa, na qual se batia a dita moeda de muita prata e ouro, que na terra havia, e de muitas peças feitas, de que muitas pessoas fizeram serviço a Dom António pera este efeito, e de muita quantidade de reales de prata, que se juntaram, com mandado sob pena do caso maior que toda a pessoa que os tivesse os levasse à casa da moeda pera nela se fundirem e lhe seriam pagos de novo dinheiro que aí se fazia, porque nisso ganhava Dom António muita parte. O mestre desta casa era um Gaspar Ribeiro, ourives, natural de Ponte de Lima, com trinta mil réis de renda cada um ano e mercê, que Dom António lhe fez, de cavaleiro fidalgo de sua casa, afora cento e sessenta réis cada dia pera o gasto de sua pessoa; e outros cinco oficiais ourives, que fundiam o ouro e prata, com outros cento e sessenta réis cada dia, e os mais oficiais, que trabalhavam na casa a cem réis por dia, cada um; e todos eram privilegiados e filhados por Dom António ao modo do reino de Portugal.

CAPITULO VIGÉSIMO SEGUNDO

COMO DOM ANTÓNIO FOI TER À ILHA TERCEIRA, E DO RECEBIMENTO QUE LHE
FIZERAM, E DE ALGUMAS VISITAÇÕES QUE ELE FEZ

A vinte e um dias do mês de Julho de mil e quinhentos e oitenta e dois chegou Dom António a esta ilha de São Miguel, onde, como tenho dito, esteve três dias em terra desembarcado, passados os quais se tornou a embarcar, por razão da chegada da armada em que vinha o marquês de Santa Cruz ter com a sua, e por o mosior (sic) Filipe Stroz (sic) não querer dar a batalha com ele presente, por lhe ser assi mandado pela rainha mãe (segundo dizem), por cuja conta era feita a armada que trazia, onde ele vinha.

Se foi em um patacho caminho da ilha Terceira, onde ele só chegou aos vinte e seis de Julho da dita era, a um porto, que se diz o porto da vila de São Sebastião, onde está uma fortaleza grande e forte, que já dantes estava feita pera guarda da terra, meia légua da dita vila, e dali foi direito por caminhos escusos, acompanhado de alguma gente de cavalo da mesma vila de São Sebastião. Mas, quando chegou à igreja, já iriam com ele mil homens de pé e de cavalo, onde, ouvida missa, se partiu logo pera a cidade de Angra, e, chegando onde se chama o Ajuntamento, em chegando a gente que dela o vinha receber, esteve quedo a cavalo, sem se descer, junto com ele o desembargador Ciprião de Figueiredo, que ele recebeu nos braços com muito prazer, e trazia ao lado direito e da outra parte a Manuel da Silva, que se intitulava conde de Torres Vedras, e recebeu esta gente desta maneira. Vendo apegar os homens de cavalo pera lhe irem beijar a mão, perguntava ao desembargador Ciprião de Figueiredo: «Que homem é este»? E se lhe dizia: «Senhor, chama-se Fuão e é de Vossa Magestade», ele o recebia com um rosto mui alegre, sem consentir que o abraçassem pelos pés, mas, tomando-os pelas mãos, lhe botava o braço pelo pescoço. E dos que lhe dizia: «Senhor, é um homem rico; não o conheço», vindo-se-lhe pôr de geolhos, lhe dizia que passasse pera detrás, pois não era conhecido do desembargador, nem do conde, dando-lhe a entender nestas palavras que não eram homens de seu serviço. Um Rui Dias de Sampaio, genro de Bastião Moniz Barreto, que foi um homem muito rico e abastado e principal fidalgo, dos mais honrados de, Portugal, ia a cavalo, com dois cavalos a destro, muitos criados e dois negros seus, e, apeando-se pera o abraçar, perguntou ele: «Que homem é este»? Respondeu-lhe Ciprião de Figueiredo: «Senhor, é um homem muito rico, mas não lhe sei o nome», dando-lhe a entender que não era de seu serviço. Ele lhe disse que passasse pera trás, sem o abraçar, nem fazer caso dele; e logo chegaram os dois escravos seus, chamado um Arda (sic) e outro Cristóvão, e, pondo-se de geolhos diante de Dom António, perguntou: «Que escravos são estes»? Ciprião de Figueiredo lhe respondeu: «São cativos deste homem e eu os conheço muito bem, que são muito do serviço de Vossa Magestade». Ele, então, os abraçou, fazendo-lhe mais honra que ao senhor, de que muitos ficaram espantados. E desta maneira usou com todos aqueles que Ciprião de Figueiredo lhe respondia que não conhecia, mas os que dizia que conhecia e eram de seu serviço, àqueles abraçava, de qualquer sorte que fossem.

Neste tempo, chegou a gente das ordenanças da guerra da cidade de Angra e vilas da Praia e São Sebastião e seus termos, e a todos os que puderam chegar fez o mesmo recebimento.

Então, mandou o governador andar a gente, porque se fazia tarde e o caminho era comprido. Caminhando até a cidade, e antes de entrar nela, o foram receber os oficiais da Câmara e misteres, e mais gente, que dentro ficava, com muita festa e grande solenidade, a um lugar que se chama São Bento, freiguesia da dita cidade, no qual recebimento houve divisões sobre quem lhe faria a fala, e consultaram que fosse um frei António Merens, por ser natural da mesma cidade e homem muito honrado, que tinha ido a França e tornara com recado seu havia poucos dias, na qual ⁽¹⁰¹⁾ lhe manifestou a lealdade da gente daquela ilha e

mais ilhas, principalmente do povo miúdo delas, e a do governador Ciprião de Figueiredo, e de muitos nobres da terra, porque não foram bastantes as muitas promessas e dádivas que el-rei Filipe muitas vezes mandou prometer, com comendas e hábito de Cristo de muitos mil cruzados, a Ciprião de Figueiredo, que se quisesse reduzir a seu serviço, nem muitas ameaças e castigos pera o fazer tornar atrás da fé, lealdade e serviço que lhe fazia, pelo que era merecedor de Sua Magestade lhe fazer muitas mercês, pois ele fora o principal que, depois de Deus, tivera mão naquela ilha e nas mais ilhas de Baixo; e juntamente lhe encarregou muito o povo miúdo, o que causou nos homens e mulheres muito choro e grito dos mininos, que, com altas vozes, diziam: «Viva el-rei Dom António». E aconteceu que um minino muito pequeno, passando por debaixo dos cavalos e gritando muitas vezes: «Viva el-rei Dom António, meu senhor», até pegar nele, ele o tomou no ar e lhe meteu um anel muito fermoso no dedo, levando-o consigo. E, juntamente, na dita prática lhe pediu frei António Merens que seus povos, quando Nosso Senhor o pusesse em seu estado, fossem regidos e governados pelos menores, pois eles sempre lhe foram e eram tão leais, que, por seu serviço, tinham vendido suas fazendas, pera ajudarem a substar suas terras, ao que respondeu: «Bem informado sou disso; não ando em outros trabalhos, senão buscando-lhe liberdade pera lhe fazer muitas mercês».

Acabada a fala, mandaram andar a gente até chegar ao mosteiro de São Francisco, onde foi agasalhado dos padres religiosos, com toda a solenidade devida a tal pessoa, onde esteve o restante daquele dia e aquela noite repousando, até se lhe acabarem de preparar os paços do capitão, onde vivia o conde Manuel da Silva. E, logo ao outro dia, se foi pera eles por dentro da horta do mosteiro, que está pegado com eles, onde esteve, sem sair fora de casa, sete ou oito dias, no cabo dos quais se ajuntou todo o povo e gente da milícia, assi portuguesa como francesa e inglesa, que naquele tempo já eram chegados da guerra e batalha que defronte desta ilha de São Miguel se deu antre as duas armadas espanhola e francesa, a qual gente, pondo-se em ordem pelas ruas, defronte dos paços onde Dom António estava, ele se pôs no coice, com muitos senhores de cavalo, e assi foi correr toda a cidade e visitar no mesmo dia a Dona Violante do Canto da Silva ⁽¹⁰²⁾, filha de João da Silva do Canto, fidalgo mui nobre e governador da terra, que lhe havia feito muitos serviços, em que tinha gastado mais de trinta mil cruzados, a quem ele, por sua boca e por muitas cartas que lhe tinha escrito antes de a ver, e na visitaçã que lhe fez, prometeu de a fazer muito grande senhora, pondo-o Deus em seu estado, como desejava, porque ela lho tinha bem merecido. A qual, como muito discreta e prudente, lhe fez uma notável prática e oferecimento de sua fazenda, na qual lhe pediu de mercê a tivesse em lembrança, que não tinha pai nem mãe e tomava a Sua Magestade por esse, e que ela tinha de seu oitenta ou cem mil cruzados e a maior mercê que lhe faria era mandá-los gastar todos em seu serviço, porque, se ela o não havia de ter por rei e senhor, não queria vida, nem fazenda, e que assi lho havia por vezes mandado pedir em suas cartas e lho tinha escrito. Dom António lhe respondeu que não tinha necessidade de lhe gastar sua fazenda, nem morgado, mas esperava em Nosso Senhor de, antes de poucos tempos, lha multiplicar, com muita honra e mercês, como ela merecia, e que dela não queria mais que as contínuas orações e sacrifícios, jejuns e romarias que lhe ⁽¹⁰³⁾ fazia e mandava fazer ⁽¹⁰⁴⁾ por ele; que do mais não tinha necessidade, pela bondade de Deus. Dizem que nesta prática esteve esta senhora com tanto trunfo (sic) e potestade, como se fora uma rainha.

Feita esta visitaçã, se despediu dela Dom António e foi pela rua abaixo ter à Alfândega, a ver a armada, que no porto estava e vinha entrando; e sobre a tarde, quase noite, se recolheu a seus paços, com toda a gente de guerra, assi de cavalo como de infantaria.

No mesmo dia em que correu a cidade, todas as ruas estavam juncadas e as casas caiadas, e postos nas janelas muitos panos de seda e tapeçaria, de várias sortes e cores, e muitas bandeiras, das quais lhe deitavam diversas flores e águas cheirosas, rogando a Deus por sua vida e estado.

E no dia seguinte tornou a cavalgar, com o conde Manuel da Silva e Ciprião de Figueiredo, seu governador, e Diogo Botelho, seu secretário, somente, porque não era sabido que ele havia de sair fora, levando também sua gente de guarda de alabardeiros e mosqueteiros, que seriam quinhentos homens; e foi a Nossa Senhora dos Remédios, ermida que mandou fazer António Pires do Canto na freiguesia de Nossa Senhora da Conceição, na qual está enterrado Pedreanes do Canto, e ali ouviu missa. Logo foi ao mosteiro da Esperança, das religiosas da ordem de Santa Clara e da obediência dos padres de São Francisco, a visitá-las, por serem de seu serviço, às quais disse que lhes faria muitas mercês pelas contínuas orações que, por ele,

a Deus faziam, e, despedindo-se delas pera tornar a seus paços, o estavam esperando pelas ruas, de uma banda e da outra, muito número de mulheres do povo, de toda a laia, e, estando quedo, falou a todas, recebendo-as com grande amor e lágrimas, pelo muito que lhe mostravam. E, assi, se foi pera casa, acompanhado já de muita gente, sem sair fora dali a dez ou doze dias, por causa da má disposição, de que esteve sangrado e anojado, pela morte de monsior (sic) Filipe Stros, capitão-mor da armada de França, e do conde do Vimioso, seu parente, e do que lhe aconteceu com o marquês de Santa Cruz, e das mais mortes de monsiões e fidalgos de França que na batalha acabaram defronte desta ilha de São Miguel.

Passados estes dias, determinou de ir ver a ilha à roda, fazendo primeiro caminho à igreja do apóstolo São Mateus, pouco menos de uma légua da cidade e muito perto do mar, vendo os fortes que por ali estavam, e tornou logo pera seus paços, e ao outro dia cavalgou, com perto de duzentos homens e a gente de sua guarda, e foi à vila de São Sebastião, que será da cidade duas léguas ⁽¹⁰⁵⁾, indo vendo as fortalezas e o porto onde morreram os espanhóis. Chegado à vila, lhe foi feito um grande recebimento dos sacerdotes e oficiais da Câmara e do mais povo, onde há muita gente nobre, por ser a mais antiga vila da ilha. Porque, ainda que ali foi ter primeiro, não se lhe fez recebimento por ele não querer, pera lho fazerem na cidade de Angra, cabeça da ilha e mais ilhas, onde lhe estava aparelhado, por estarem esperando por momentos sua vinda, avisados por suas cartas; pelo que tinham no porto, sobre o grande cais de pedra, fundado um de madeira, que botava fora ao mar um grande espaço e, sabendo que ele vinha, o foram toldar e ornar de toda sorte de tapeçarias, veludos e sedas, com muitas e ricas alcatifas estendidas por baixo, e sobre a primeira porta da cidade, que está no porto junto com as alfândegas, estava tudo tapizado, com muitos modos de invenções de folgares, que lhe estavam aparelhados, mas, depois, com sua vinda e saída aonde foi, não quis nada, pelo tempo lhe não dar lugar a desembarcar pelo porto da cidade.

Chegando à vila de São Sebastião, ouviu missa e, depois de jantar, se partiu pera a vila da Praia, que é mui populosa e de gente muito nobre, parte da qual o veio receber ao caminho, por onde ia vendo as fortalezas e fortes, e os oficiais da Câmara o receberam com clerezia e mais povo à porta do muro, donde foi direito ao mosteiro de São Francisco, ainda que os vreadores lhe tinham preparado outro rico aposento. E no dito convento ceou e dormiu aquela noite, com sua gente de guarda derredor do mosteiro, como sempre costumava, e ao outro dia e depois de ouvir missa, cavalgando, acompanhado com muita gente de cavalo e de pé, foi correr a vila toda pelas ruas, que estavam todas armadas de panos e sedas, deitando-lhe águas cheirosas das janelas, e visitou as freiras do convento de Jesú, da obediência do eclesiástico, onde estavam até cinquenta religiosas de véu preto, quase todas senhoras de dom, e algumas filhas e irmãs do capitão velho da mesma vila da Praia, e três filhas de Pero Ponce de Leão, da cidade de Lisboa, que foi veador-mor da rainha Dona Caterina, mulher de el-rei Dom João, terceiro do nome, e outras muitas fidalgas, de muitos moios de renda cada uma. Feita a visitação a todas, tirando oito ou dez que estavam de diferente parecer, tornou a cavalgar com a mesma companhia e foi visitar as freiras do convento das Chagas, da obediência de São Francisco, no Cabo da Vila, onde também há muitas senhoras e doze professas de véu preto.

Saindo dali, achou pelas ruas muitas mulheres que o estavam esperando, as quais agasalhou com alegre rosto e boas palavras. Dali caminhou pera o mosteiro da Luz, da obediência de São Francisco, onde haverá trinta freiras de véu preto, senhoras principais da mesma vila, e de muita renda, por ser o primeiro que ali se edificou. Feita esta visitação, tornou a cavalgar, recolhendo-se a comer no mosteiro de São Francisco, no qual teve diversos serviços e iguarias, que estas religiosas lhe mandaram. Depois de jantar, se tornou pera a cidade muito acompanhado e, pelo caminho, lhe iam beijar a mão os homens que andavam trabalhando, seguindo-o assi como estavam, com suas garnachas e foices nas mãos, que ele recebia com muito amor, fazendo-lhes muita festa.

Correndo o tempo, depois de chegar à cidade, mandou que as moedas de mil réis e de cruzado, tostões e meios tostões, que na terra se faziam na casa da moeda, com lhe porem uma cor nas cruces valessem o dobro, cada uma, do que dantes corria; e a toda a mais moeda de prata e de cobre o mesmo.

CAPÍTULO VIGÉSIMO TERCEIRO

COMO SE DESCOBRIU UMA TREIÇÃO CONTRA DOM ANTÓNIO E FOI CASTIGADO O
AUTOR DELA

Alguns dias antes que Dom António fosse pera a vila da Praia, Duarte de Crasto ⁽¹⁰⁶⁾, grande seu privado, fez um banquete aos capitães franceses, pelos ter de sua mão pera o que ordenava fazer, e, assi, por melhor dissimular, convidou o conde Manuel da Silva e a Diogo Botelho Pereira e a toda a gente das companhias dos ditos capiães e lhes deu tudo tudo (sic) tão abundantemente, que diziam que gastara no dito banquete quinhentos cruzados, e outros diziam que mil cruzados. Depois que jantaram, Manuel da Silva e Diogo Botelho se recolheram e ele ficou jogando com os capitães franceses.

Daí a dois dias ordenou Dom António ir por mar ver as vilas da Praia e de São Sebastião, onde lhe fizeram muitas salvas em toda a costa de todas as partes, e levou consigo a Diogo Botelho Pereira, e deixando na cidade o conde Manuel da Silva, que, como vedor da Fazenda, assistia nos negócios, assi de armadas como do mais; e Duarte de Crasto ficou também na cidade, onde, pela amizade que tinha adquirida dos capitães franceses, saiu com eles a folgar pela cidade, às lamadas (sic) e, saindo sujo delas, se meteu em casa de uma mulher, de que António Baracho, havendo ciúmes, se foi à mesma casa, onde tive'ram ruins palavras e sobre isso houve desafiar António Baracho a Duarte de Crasto, que não saiu ao desafio, antes ordenou de o mandar matar, por ser rico e poderoso, e se fiar na amizade dos franceses e ter muitos criados, aos quais mandou que lhe matassem António Baracho e que não tivessem medo de nada que ele os segurava de tudo e por isso lhes faria grandes mercês e honras. E ao outro dia, tendo mandado espiar António Baracho se saía de casa, sucedeu estar o conde Manuel da Silva na Alfândega, despachando, como costumava, e, tendo necessidade de António Baracho pera certo negócio, o mandou chamar a sua casa, que era distante dali. Ele se escusou, dizendo que estava mal, que não podia ir, que lhe perdoasse, por já estar avisado que se guardasse, que Duarte de Crasto o queria matar. Ida a reposta, tornou o conde a mandá-lo chamar e ele se tornou a escusar. Mandou-o chamar a terceira vez; veio, e, acabado de falar, indo-se já recolhendo pera casa, no meio da rua Direita saltaram os criados de Duarte de Crasto, que ele tinha pera isso metidos em casas e bocas das travessas da rua, sem ninguém saber deles, e o mataram, de que houve grande alvoroço no povo.

Já a este tempo Duarte de Crasto tinha cometido aos capitães franceses que lhes daria oitenta mil cruzados, se eles lhe quizessem manter segredo em um negócio que lhe queria descobrir e lhe dessem nisso sua palavra, à lei de fidalgos e cavaleiros, de ninguém o saber, se a coisa não tivesse efeito; a qual palavra lhe deram quatro capitães da milícia. Duarte de Crasto lhe disse que já viam como o negócio de Dom António sucedera mal, pois o marquês de Santa Cruz havia despojado e morto a principal cabeça, que era o mossior (sic) Filipe Strôs (sic) e conde do Vimioso, e outros muitos mossiores de França, por onde não havia que fazer nas coisas de Dom António; e, se suas senhorias queriam ajuntar-se todos quatro com ele, com sua gente toda, e fazer uma briga contra os da mesma terra, e nele (sic) matarem a Dom António, ou o tomar, e, tomando-o, levá-lo preso a el-rei Filipe, logo a Terceira se entregaria; e desta maneira lhe daria oitenta mil cruzados em dinheiro e outros papéis, que do dito rei ele tinha pera lhes fazer mercês, e, assi, se iriam todos em paz e ricos pera suas terras, com sua gente, ou pera onde quisessem. Responderam que quanto era pelo seu eles o fariam, mas que não haviam de fazer coisa alguma sem o mossior Carlos ser nisso participante, que se ajuntariam e do que passassem com ele assentariam o que fariam.

Sendo chamado pera isto o mossior Carlos e praticando sobre o dito negócio e treição, que tinham armada pera matarem ou prenderem a Dom António, e mostrando-lhe Duarte de Crasto alvarás em branco, que dizia serem assinados por el-rei Filipe pera lhe fazer as mercês que eles quisessem, respondeu o mossior Carlos que haveria seu conselho, o que fazia (segundo

depois se viu) pera assegurar depois bem a coisa. Despedidos, e tornados a juntar o outro dia, disse que era mui contente de aceitar o partido. E fizeram pauto, por escrito, de se alevantarem todos com sua gente e matarem ou prenderem a Dom António pera o levarem a el-rei Filipe; e assinaram o conserto pera o porem em efeito.

Confiado nisto, Duarte de Crasto mandou matar a António Baracho, como fica dito, e quis pôr em obra o mais que determinava, mandando recado aos capitães franceses que estivessem prestes com mão armada pera se alevantarem logo com a terra, o que fizeram, e, pera os mais persuadir a fazerem o que queria, lhes dizia que Dom António era ido à Praia a despachar navio com cartas a el-rei Filipe, por estarem já avindos e contratados, e afirmados contratos. Era, antre os mais neles conteúdos, que lhe havia de entregar os franceses que consigo tinha, pera fazer justiça deles, e que ele, por ver que já não tinha outro remédio, lho tinha assi concedido; que, portanto, melhor o matariam eles ou prenderiam, pera o entregarem preso, pois ele presos os queria entregar à morte, vindo com eles de suas terras pera o defender dela, pelo que os ditos capitães estavam mais alterados e acudiram logo, como lhes deram o seu recado, com toda sua gente, tomando as bocas das ruas pera matar todo o português que aparecesse.

Dando esta nova da morte de António Baracho e alevantamento dos franceses em baixo ao conde Manuel da Silva, que estava na Alfândega, mandou logo lançar bando que todo o português se recolhesse, com pena da vida, o que fizeram, e isso lhes valeu, por estarem descuidados do que passava e sem ordem. E o conde se recolheu pera sua casa, com dez ou doze portugueses, somente, e na praça, indo-se recolhendo, encontrou a Duarte de Crasto, ao qual vendo-o, lhe disse: «Vós mandastes matar António Baracho»? E ele respondeu: «Não mandei, mas recolhei-vos, conde, pera vossa casa, que sou vosso amigo, que não está a coisa pera menos». Vendo o conde que o que lhe dizia era assi por ver arder todos os franceses em armas pelas ruas, com grande grita, se recolheu sem mais falar palavra, como fica dito. A isto acudiu o capitão Baptista, sargento-mor, e o mossior Carlos, que bem sabia do atrás, e apaziguaram os franceses, dizendo-lhe que não cressem o que Duarte de Crasto lhes tinha dito de Dom António sobre os entregar, porque não era assi; que ele já vinha por caminho pera a cidade, como veio logo no mesmo dia. Com isto se apaziguaram os franceses e Duarte de Crasto, que estava na praça, se recolheu pera sua casa, acompanhado dos quatro capitães franceses, com muito gosto de ser morto António Baracho. E logo o mossior Carlos e o capitão Baptista, sargento-mor, deixando já o negócio posto em paz e quietação, se foram visitar o conde, onde praticaram sobre o negócio e assentaram que fossem buscar Duarte de Crasto, por que não fugisse ou fizesse outro negócio pior, e o pusessem no corpo da guarda do capitão Baptista, que era em sua casa, e aí estivesse guardado até vir Dom António e ver o que nisso mandava; o que se fez, e foram logo por ele e o trouxeram no meio de todos, e ele com muita festa, com uma cana verde na mão, zombando de tudo; e ali ficou em guarda até chegar Dom António.

Chegado Dom António à cidade, se foi a ele o capitão Carlos e disse tudo o que passava, mostrando-lhe os papéis da treição, dizendo: «Aqui verá Vossa Magestade os treidores que traz consigo», e que não pudera deixar de assinar com eles, pera ter razão de saber parte de tudo, mas que ele era verdadeiro vassalo seu e, pera morrer por seu serviço, viera de França à dita ilha, e visse Sua Magestade, o que queria fazer de Duarte de Crasto, que Dom António mandou logo levar preso à fortaleza de São Sebastião, com muita gente de guarda. E logo foram a sua casa, onde lhe tomaram seus papéis todos e se fez inventário de quanto tinha, que lhe ficaram pera o fisco real, visto sua culpa. E ele da prisão fazia muitas petições a Dom António, alegando nelas os muitos serviços que lhe tinha feitos e como em seu serviço tinha gastado mais de duzentos mil cruzados, pelo que pedia tivesse com ele algum respeito.

Mandou Dom António pôr este caso na mão de seus desembargadores, os quais se ajuntaram com muitos letrados, assi do foro de consciência como do contencioso, confessando Dom António os muitos serviços que lhe ele tinha feitos e o muito que por seu serviço tinha gastado, dizendo que tudo se olhasse bem, junto com sua culpa, que cometera, e assi sentenciassem como lhes parece justiça, havendo respeito ao sobredito. Juntos os letrados em conselho, em que também entrou o conde Manuel da Silva e os capitães franceses, deram sentença que Duarte de Crasto morresse degolado no pelourinho da cidade de Angra e aí estivesse todo aquele dia. E assi se pôs em execução e morreu aos doze dias do mês de Outubro, posto que Dom António desejou de lhe dar a vida, por lhe ser muito afeiçoado, pelo que não quis estar na terra e se embarcou, e esteve fora, no mar, onde dormiu aquela noite.

Dizem que, ao tempo de sua morte, confessou Duarte de Crasto que sempre viera com propósito de ver se o podia matar, ou armar-lhe alguma treição, desde o tempo que partira de Espanha pera França em busca dele, e que as naus que lá fizera com seu dinheiro, dizendo ser pera seu serviço, eram contra ele e pera estrovar (sic), o que diziam ser assi, pois no tempo da briga que Filipe Stros teve com o marquês de Santa Cruz muitas naus se apartaram e fugiram, sem querer pelejar, principalmente as (do mossior de Sancta Sullena (sic), de quem se dizia que vinha com ele confederado.

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUARTO

COMO DOM ANTÓNIO SE PARTIU DA ILHA TERCEIRA, COM ARMADA, SOBRE A DE SÃO MIGUEL E, TORNANDO A ELA, COM TORMENTA, SE EMBARCOU PERA FRANÇA

Logo aos quinze dias do mês de Outubro da era de 1583 ⁽¹⁰⁷⁾ determinou de se embarcar Dom António, por ter já sua armada prestes e aviada, que seriam perto de quarenta velas, com toda a gente francesa que em sua companhia trouxe e lhe escapou da batalha do marquês de Santa Cruz, e mais oitocentos homens da ilha Terceira e mais ilhas, a qual se dizia fazer pera esta ilha de São Miguel ou ilha da Madeira, porque de certo se não sabia pera onde levou mais oitenta homens, dos nobres e principais da terra, onde entraram morgados de cem moios e cento e cinquenta de renda, e outros ricos e abastados e de grossas rendas, e muitos mercadores de grosso trato, os quais se acharam serem contra seu serviço, e, um mês antes que se embarcassem, mandou deitar pregão que todo homem homiziado, que por sua causa andava a monte, se recolhesse à cidade, que ele lhe perdoava. Mandou também soltar muitos presos, que eram contra seu serviço, e todos se embarcassem com ele, por lhe pedir o povo que não ficassem na terra homens que tanto a perturbavam, e nove padres do Colégio da Companhia de Jesu, que na cidade de Angra estava, e havendo já perto de um ano que não tinham comunicação com a (sic) gentes, antes estavam fechados a modo de clausura de freiras, permitindo-lhe só a comunicação de um ou dois ou três homens da terra, que tinham cuidado de lhes dar o necessário à custa das rendas e fazenda do Colégio, que toda lhe fora tomada e feito dela inventário pera o fisco real, por se dizer serem contra o serviço de Dom António e terem mandado muitos avisos a el-rei Filipe. E, antes de se embarcar, mandou dizer às freiras do convento de São Gonçalo que, se as não fora visitar enquanto estivera na terra, era por os muitos agravos e desserviços que lhe tinham feito, porque sempre trabalharam todo o possível de ser contra ele, e que a não as agravar lho agradecessem muito. E em todo tempo que na terra esteve, não somente nunca as foi visitar, mas nem delas aceitou visitaçaõ alguma.

Sabendo o povo como ele determinava levar consigo ao governador Ciprião de Figueiredo, por causa das diferenças que tinham ele e o conde Manuel da Silva, e estar todo o povo muito satisfeito dele, lhe pediu que o não levasse, porque o tinham em conta de seu pai e os havia sustentado com muito amor e lhe queria muito, ao que Dom António respondeu que não podia deixar de o levar, que assi convinha a seu serviço e pera evitar desgostos. Alguns dizem que o levou consigo, sem o querer deixar na terra, porque já caía na conta do mau conselho que tivera, donde ficava suspeito a seu serviço.

Querendo-se embarcar Dom António, se foi ao mosteiro de São Francisco, onde se confessou e comungou, e foi ter à igreja de Nossa Senhora da Conceição, que novamente se fazia, a que fez esmola de quinhentos cruzados pera se acabar, e visitou a Dona Violante do Canto da Silva ⁽¹⁰⁸⁾ e as religiosas de Nossa Senhora da Esperança, e, com toda a gente de cavalo, onde dizem ser junta a mor parte da ilha toda, se foi ao porto da cidade, onde se embarcou em meiado de Outubro, como disse, despedindo-se de todos com muitas lágrimas e choro, prometendo-lhe ter deles muita lembrança e fazer-lhes muitas mercês e cedo os tirar do cativeiro em que estavam.

E embarcando-se e saindo da dita ilha, a cabo de três dias lhe deu muito temporal à vista desta ilha de São Miguel, com que, sem a poder tomar, como dizem que determinava, se apartaram as quarenta velas umas das outras, de modo que umas foram a França, outras a Inglaterra e algumas ao reino de Portugal, e ele se tornou a recolher à cidade de Angra, do dia que saiu dela a quinze dias, com até vinte velas, sem se saber parte das outras.

Estando ali oito ou nove dias, passados eles, se partiu pera França, deixando na terra os homens que levava dela e das outras ilhas pera o ajudarem, e, levando somente oitenta

peessoas que não eram de seu serviço e gente de suspeita, que não quis que ficasse na terra, alguns dos quais foram ter a Inglaterra, onde foram providos, curados e consolados com entranhas de caridade por Dom Bernardino, embaixador de el-rei Filipe, por saber serem avexados por amor dele, donde os encaminhou com todo o necessário pera Lisboa. Mas, de oitenta pessoas que foram assi degradadas, morreram trinta e sete, deles em Inglaterra e França, e outros no mar e no degredo, em Lisboa, todos de sua morte natural ou de doença, ou pelos trabalhos que na viagem passaram e em terras alheias, com grandes saudades da sua, antre os quais foram alguns do Colégio da Companhia de Angra, como tenho contado.

Dom António foi ter a França, onde dizem ser recebido com grande solenidade, e lá proveu a ilha Terceira e mais ilhas de Baixo, com muito cuidado, de artilharia e munições e de todo o necessário, e, por fim, mandou a ela em onze ou doze navios o mossior de Lanxatra (sic), com oitenta fidalgos franceses, de mil e dois mil até cinco mil cruzados de renda cada um, e com outros, que seriam mil e quinhentos por todos, em socorro, que chegaram à dita ilha antes de chegar o marquês de Santa Cruz a ela.

Depois de partido Dom António pera França, mandou o conde Manuel da Silva armar algumas velas, de que foi por capitão um Manuel Sarradas, e fez salto no Cabo Verde, saqueando a terra; mas, tornando pera a Terceira com a presa, e, depois, indo fazer salto nos navios que vinham do Peru, vindo com alguns tomados, caiu na mão dos espanhóis, que vinham de tomar o Faial, e com as galés o tomaram e trouxeram preso à cidade de Angra, onde depois foi degolado, como adiante direi.

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUINTO

COMO FOI TOMADA A ILHA TERCEIRA PELO MARQUÊS DE SANTA CRUZ, DOM
ALVARO DE BAÇAM, COMENDADOR-MOR DE LEÃO E CAPITÃO GENERAL DE SUA
MAGESTADE

Muitos perentórios mandou dar o muito católico, alto e poderoso rei Dom Filipe, por muitas vezes, à ilha Terceira e mais ilhas de Baixo, com lhe oferecer perdão e privilégios grandes, proveitosos e honrosos, sem nunca os quererem aceitar. Parece que foi permissão divina pera Deus açoitar e castigar os moradores delas, porque, ou por seus ocultos juízos, ou, como dizem alguns, como no tempo das escalas das armadas de Castela esbulhavam os castelhanos nos excessivos preços das coisas que lhes vendiam, assi tomou Deus os mesmos espanhóis, que os saquearam a todos eles, e permitiu que se cegassem pera não ver que não podiam prevalecer contra tão poderoso monarca, o qual, vendo não quererem aceitar sua clemência, lhe fez provar seu poder e rigor, ainda aguado com muita brandura, com mandar sobre eles a Dom Álvaro de Baçam, marquês de Santa Cruz, comendador de Leão e seu capitão general, que, pera os domar, partiu do rio de Lisboa uma quinta-feira, vinte e três de Junho de mil e quinhentos e oitenta e três anos, véspera de São João Baptista, com cinco galeões, duas galeças, doze galés, trinta naus grossas, doze patachos, quinze zabras, catorze caravelas de Portugal, sete barcas grandes e, sobre estes navios, oito mil e novecentos e setenta e seis infantes espanhóis, alemães e italianos, dos terços dos mestres do campo Dom Lopo de Figueiroa, Dom Francisco de Bovadilha, e Dom Coronelia (sic) João de Sandoval, e a Coronélia dos alemães do conde Hierónimo de Lodrom, e as companhias de italianos a cargo de Lúcio Pinhatello, e uma companhia de portugueses, capitão Dom Félix de Aragão, e de gente de mar, três mil e oitocentos e vinte e três marinheiros, que por todos eram doze mil e setecentos e noventa e nove; e cinquenta fidalgos particulares, entretidos, e com mantimentos pera cinco meses.

Ao tempo de sair a armada, tocou nos cachopos da barra a nau Santa Maria do Socorro, em que vinha a companhia de Dom Miguel de Cardona, e tornou-se ao porto, e domingo, vinte e seis, por parecer que o tempo estava bonança, se resolveu o marquês de mandar adiante as doze galés, a cargo do capitão Diogo de Medrano, e segunda-feira, vinte e sete, se desencaixou o leme da nau Santa Maria da costa e saiu-se dela a gente e meteu-se nos patachos, tornando-se pera a terra.

E assim foi toda a armada seguindo sua viagem, com ventos escassos por bolina, até quarta-feira, sete de Julho, que se viu a ilha de São Miguel. E o dia seguinte foi Dom Jorge Manrique, veador geral do exército e armada, diante em uma falua, a tomar mostra ao terço do mestre do campo Agostininheguez e dar ordem que se embarcassem nas doze galés, que haviam chegado a cinco do dito mês à cidade da Ponta Delgada, e a aparelhar a artilharia e mulas, petrechos, munições e mestrança, e as barcas e outras coisas pera o efeito da viagem. E a armada andou bordando com calmas e ventos da ilha, que não pôde ancorar, nem dar fundo nela, andando a capitânia recolhendo todas as mais, até que aos treze surgiu em Vila Franca e na cidade da Ponta Delgada, à vista uns dos outros cinco léguas de distância, e dali passou o marquês em uma galé à Ponta Delgada, a entender nas coisas da ilha e na embarcação de dois mil e trezentos infantes, que se acharam na mostra do terço do mestre do campo Agostininheguez, e depois do marquês mandar dar muitas e grossas esmolras na ilha de São Miguel por ordem de Dom Luís de Figueiredo, que, então, era governador e vigairo geral deste bispado e agora é benemérito bispo do Funchal.

Por serem os ventos contrários, se dilatou a partida até quinta-feira, vinte e dois de Julho, e chegou, com toda a armada junta, sábado, vinte e quatro do dito mês, às nove horas do dia, a surgir na praia da vila de São Sebastião da ilha Terceira, perto da artilharia dos fortes, dos quais atiraram muitas bombardadas ao galeão onde ia o marquês e à demais armada, como se

ia chegando, porque havia artilharia ao redor de toda a ilha, com seus fortes, trincheiras e traveses, a defesa.

E logo mandou o marquês um honrado soldado com trombeta a oferecer aos franceses e naturais o perdão e graça que lhes fazia (como capitão geral) das vidas e fazendas, e embarcação para os estrangeiros, e que pudessem sair com suas armas, bandeiras, pífanos e tambores, levando as patentes e perdões por escrito. O qual não quiseram admitir, respondendo-lhe com muitas bombardadas e arcabuzadas; e, para justificar mais a coisa, se mandaram dois portugueses, que se haviam tomado nesta ilha de São Miguel dos que mandou Manuel da Silva a tomar língua da armada, os quais foram em uma barquinha com o dito seguro e não se soube mais deles,

Neste tempo se ia recolhendo toda a ilha pela pessoa do marquês e alguns particulares engenheiros que foram com ele, e depois por mestres de campo, capitães e alferes, tocando-lhes arma de noite por diferentes partes, com as galés e navios de remo, procurando inquietá-los, e, enfim, se resolveu, havendo tomado os pareceres dos que o haviam visto, emitido em conselho, que se acomesse pela parte de uma enseada e casa da dita ilha, que se chama das Mós, quase uma légua do surgidouro da armada espanhola e duas da cidade de Angra e uma da vila da Praia. E, assim, terça-feira, vinte e seis de Julho, às três da madrugada, partiu o marquês nas galés, rebocando os barcos, patachos, e pinças (que por ir com tanta gente não se podiam aproveitar dos remos), em que iam quatro mil e quinhentos infantes da primeira embarcação, dos terços de Dom Lopo de Figueiroa, com sua companhia, e as dos capitães Agostinho de Herrera, Lázaro de Hísla, Pero Rosado (ao qual feriram de uma arcabuzada, de que veio a morrer na cidade de Angra), Miguel Ferrer, Diogo Coloma, Dom João de Córdova, Miguel Benemsa (?), Dom Bernardino de Çuniga, Sancho de Solís, Dom João de Viveiro e seu alferes, Afonso de Xerez, que foi um dos alferes que prantaram a bandeira nos fortes e trincheiras, e Pero de Santo Estêvão, ao qual deram uma arcabuzada na perna, com os quais iam os fidalgos particulares Dom Hugo de Moncada, Dom Godofredo Mendoza, Dom Pedro Anriques, Dom Luís Venegas, Dom Álvaro de Benavides Baçam, Dom João de Granada, Marcelo Carachio, Dom Hierónimo Sapata, Dom Bernardino de Mendoza e Dom Diogo de Baçam, e o mestre de campo Dom Francisco de Bovadilha, com os capitães Dom António de Passos, que foi o primeiro que subiu nas trincheiras e fortes, o capitão castelhano João de Texeda, que fazia ofício de sargento maior, Bustamante de Herrera, João Fernandez de Luna, Diogo de Oviedo, e com eles iam os fidalgos Dom Filipe de Córdova, com o mestre do campo Dom Francisco de Bovadilha, dos primeiros, e Dom Afonso de Rozas (?), Dom Gonçalo de Guevara (?), Dom Francisco de Benevides, Dom António de Sólis, Dom Fernando de Toledo, Dom Francisco de Gusmão, Dom Hierónimo de Virves, Dom João de Butron, Dom João de Piza, Dom Francisco de Aranda, Dom Pedro Henriques, o capitão Melchior de Asparsa, e o mestre de campo Agostininheguez de Çarate, com os capitães Diogo Soares de Salazar, Dom Cristóvão da Cunha, Dom João de Castilho, Dom Fernando de Vibanco, António Flores, Pero Ximenes de Herédia, Cristóvão de Paz, Francisco Caldeirão, Fernão do Pacheco, Pero de Angulo e o alferes Xaramilho, que foi um dos primeiros que meteu bandeira nas trincheiras, e fidalgos Dom Garcia de Cotes e Dom João de Sandoval, a cujo cargo estavam as dezasseis companhias de Portugal, com os capitães Hierónimo Frances e Manuel da Veiga, que lhe deram uma arcabuzada nas trincheiras, António Sarrão, que assim mesmo lhe deram uma arcabuzada e uma ferida, com um pique, na face, Diogo Valente, Dom João de Mendoza, Dom João de Medrano, Sancho de Bulhão, Dom João de Lanula, Dom Sancho de Escovar, Dom Estêvão de Águila, João de Larea, Francisco de Carocha, Martim de Herrera, e com eles os fidalgos Dom Pedro Ponce de Leão, Dom João de Castelui, Dom Francisco de Borja, Nofre de Bernegal, que foi o primeiro que mataram, Dom Bartolomeu de Maia e o conde Hierónimo de Lodrom, com os capitães, conde Nicolo Lodrom e o capitão e sargento maior Curcio, e aventureiros Dom Francisco Perrenod, comendador de Esparragossa da ordem de Alcântara, mos (sic) de la Mota, e Lúcio Pinatelo, com os italianos, e o capitão frei Vicêncio de Aflito, e ambos foram feridos de arcabuzadas, e aventureiros Miguel Coxa, fidalgo napolitano, que também lhe deram uma arcabuzada em um braço, e Dom Félix de Aragão com a companhia de portugueses, ao qual deram duas arcabuzadas em um ombro e em uma coxa, e lhe mataram o seu alferes, e feriram ao seu sargento, e a Dom Cristóvão Neto, a quem deram duas arcabuzadas. E às quatro, ao amanhecer, em ponto, entrou o marquês com sua galé, levando nela a Dom Pedro de Toledo, marquês de Vila Franca e duque de Fernandina, Dom Lopo de Figueiroa, Dom Pedro de Padilha, Dom Jorge Marraque, veador geral, Dom Cristóvão de Erasso (?), Dom João Manrique, Dom Luís de Sandoval, Dom Afonso Idiaques, Dom Luís

de Borja, Dom Pedro Ponce de Leão, sobrinho do dito marquês, Dom António Anriques e Diogo de Miranda, João de Urbina, João Martines de Recalde, Dom António de Portugal, no dito recio das Mós, a investir com os fortes e trincheiras, e chegou a um corpo de galé deles, onde recebeu muitos tiros de bombardas e arcabuzes e mosquetes, que lhe atiraram, e logo começou a galé a bater e a desencavalgar a artilharia dos inimigos, e as demais galés batiam como iam chegando, e com a bateria delas ⁽¹⁰⁹⁾ as barcas foram à terra e deitaram gente aos lados dos fortes e através das trincheiras, ainda que com muita dificuldade e trabalho. E os soldados subiram em cima por lugares e partes asperíssimas, recebendo muitas cargas de mosquetaria e arcabuzaria, e, ao fim, ganhados (sic) os fortes e trincheiras, que os soldados franceses tinham, a cargo do capitão Borgonhom, pessoa de muita opinião antre eles. E logo saiu o marquês em uma barquinho, e em outra os fidalgos que iam na sua galé, e acabou de deitar a primeira desembarcação em terra e tomar montanhas e outeiros de todas as partes. E ordenou a Dom Lopo de Figueiroa, mestre do campo geral, formasse os esquadrões com suas mangas de arcabuzeiros e mosqueteiros, e a gente espanhola da vanguarda se foi melhorando com os inimigos, indo em as primeiras mangas Dom Pedro de Toledo e Dom Pedro de Padilha, com outros fidalgos e capitães dos terços da primeira desembarcação, e já começavam a carregar muitos, escaramuçando com ele, até pelos três quartos de légua da marinha, onde tinha a força de seu exército, escaramuçando sempre mui valentemente, dando cargas e recebendo-as, ganhando e perdendo os espanhóis uma eminência, de maneira que foi necessário que o marquês, que estava defronte dos seus esquadrões, se melhorasse duas vezes com eles por dar calor a sua arcabuzaria.

A este tempo se lhe vinha juntando a infantaria da segunda desembarcação, a que tornou Dom Jorge Manrique, veador geral, fazê-la vir, e seis peças de campo ⁽¹¹⁰⁾, com que atiraram aos inimigos, e as demais munições, bastimentos e água pera refrescar a gente das escaramuças, porque a não havia por aquela parte pera a fazer tirar dos navios, nos quais esforçavam a desembarcação os capitães Rodrigo de Vargas, Miguel de Oquendo, Marolim e Carlos. E assi estiveram sempre pelejando a dianteira dos esquadrões, tendo o dos imigos oito peças de artilharia, com que atiravam aos nossos, fazendo acometimentos diferentes vezes, com muita algazarra e grita de querer sarrar (sic).

Depois, à tarde, recolheram até mil vacas pera procurar desbaratar com elas nossa ordenança, e o marquês mandou aos sargentos mores que dessem ordem às mangas de arcabuzeiros que não disparassem como estavam as vacas, antes lhe fizessem caminho sem desordenar-se, tornando, logo que passassem, a sarrar-se.

Feriram dos nossos nesta escaramuça até trezentos, e mortos setenta, e por um português de cavalo, que se passou ao nosso exército, se entendeu haver havido em os inimigos muitos feridos e mortos, e entre eles o tenente de Manuel da Silva, um sobrinho seu, e alguns capitães franceses e, assi, eles, como os portugueses, estavam com galharda resolução de pelejar de poder a poder, sem haver querido ouvir os perdões que o marquês lhes fazia, os quais levaram a Manuel da Silva os dois homens que o marquês havia mandado, como fica referido, como se há visto nas escaramuças e mais acontecimentos, por haver-lhes entrado socorro de mil e quinhentos franceses e, com eles, por geral o comendador mossior de Xatre, primo coirmão do duque de Lojosa, cunhado de el-rei cristianíssimo de França, de mais de mil que havia antes, que, com naturais, seriam nove mil homens de peleja, os quais estavam bem acampados e postos como soldados. E aquela noite esteve o nosso exército em esquadrão, havendo reforçado as mangas da nossa arcabuzaria e mosqueteiros, e se tocaram algumas armas.

E ao segundo dia da desembarcação, pela manhã, se moveu o campo do marquês em busca dos franceses e naturais, que na vila de São Sebastião tinham assentado seu arraial o dia dantes, em que desembarcou o exército, e tornaram-se a travar as escaramuças e atirar-nos a artilharia dos imigos, que estava em um alto, donde jogava contra os nossos esquadrões; e nosso exército se foi melhorando e as mangas dele escaramuçando de maneira que retiraram da água aos inimigos e logo lhes ganharam a artilharia, e a vila de São Sebastião, que estava amparada de seu exército.

E logo se soube que os franceses se foram retirando à montanha, e os naturais desfeitos, porque, sabendo a noite passada que Manuel da Silva, seu capitão, os deixara com ânimo de fugir, desconfiado de todo outro remédio, se foram pôr em cobro suas casas, como cada um melhor podia, por salvar suas mulheres, filhos e fazenda, e as mesmas vidas, e, desta maneira, sem obstáculo nem impedimento saqueada a vila de São Sebastião, que é um povo de até duzentos vizinhos, foram nossos esquadrões em ordenança na volta da cidade de Angra,

mandando o marquês às galés que estivessem com a armada francesa e portuguesa, que estava no porto, e assi entrou o exército na cidade sem resistência nenhuma e concedeu saco por três dias, que foi mui cruel; porque primeiro saquearam os soldados, depois os marinheiros, depois, por fim, os turcos e bilhatraria (sic) das galés, que levavam o resíduo, de modo que não ficou ferrolho nem fechadura, e se abriram as cadeias e tiraram as pessoas, espanhóis do serviço de Sua Magestade, que são os seguintes: João Agostim de Ávila que foi preso vindo por feitor a esta ilha de São Miguel, Domingos de Insauroaga, que vinha de terra firme com aviso, João Dejada, que vinha no dito navio, Diogo Garcia, que o tomaram vindo de aviso a Dom Pedro Baldês, o alferes Carrião, o capitão João de Aguirre, o sargento Guterres, João Lopes Caterina e Elvira Guterres, sua filha, com três filhos, que vinham da Flórida na nau Insauroaga, até trinta espanhóis, que traziam trabalhando nos fortes, e portugueses, que estavam na cadeia, o capitão António Rebelo, Pedreanes Curado, António Mendes, Domingos Rolão, João Alvres, António Gonçalves, Luís Gonçalves, Francisco da Rocha, Bento Mulato, Pedro das Vinhas, João Domingues, Constantino Machado, Brás Nogueira, Gaspar dos Reis, Diogo Pires, António Correia Picanço, António Gonçalves, Diegalves, o licenciado João Luís Homem, Joaneanes e Frutuoso Sanches, de São Jorge ⁽¹¹¹⁾.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEXTO

DAS NAUS E OUTROS BAIXÉIS QUE SE TOMARAM DA ARMADA DE FRANÇA, CUJO CAPITÃO GERAL ERA O MOSSIOR XATRES, E DA ARMADA QUE TINHA DOM ANTÓNIO, CUJO CAPITÃO GERAL ERA MANUEL SERRADAS (OU SARRADAS?), PORTUGUÊS, E A, ARTILHARIA E MUNIÇÕES QUE NA ILHA TERCEIRA SE ACHARAM

Acharam-se e tomaram-se na ilha Terceira neste despojo as naus, bombardas e munições seguintes: Uma nau francesa, mestre Xiratefe; outra nau francesa, mestre Colombert; outra nau francesa, mestre Rigurge; outras duas naus francesas; duas naus biscainhas; um galeão de remos francês, de porte de um patacho, e outro feito pera guerra; outros três galeões, da mesma maneira; uma caravela latina; um navio inglês, chamado a Joana; outro inglês, chamado Falcão; uma urca, chamada Fortuna, mestre Nicolas. Da armada de Dom António, que foi ao Cabo Verde, uma nau biscainha, capitânia, uma nau portuguesa, uma caravela latina, um patacho feito caravela, um navio redondo . português, um caravelão latino, quatro caravelas latinas, outro caravelão latino, feito patacho, dois navios, das duas armadas, que todos tinham noventa e uma peças de artilharia de ferro e bronze.

Assi mesmo se mandou ao castelo da cidade e às casas da munição dela e aos fortes que há ao redor (da ilha, onde se achou a artilharia e munições seguintes: No castelo, chamado São Sebastião, um canhão de bater de bronze, uma columbrina de bronze de vinte e um palmos; duas colibrinas de bronze; dois sacres de bronze com câmaras; um meio canhão de bronze; cinco peças de ferro; outra peçazinha de ferro; um canhão de bronze, arrebetado pela câmara, todas as ditas peças encavalgadas e com todos seus adereços, três meias botas de pólvora de artilharia, dezoito pinhadas de fogo, duzentas e setenta balas de ferro e trinta e quatro de pedra, uma barra de ferro, cinco piques, uma caixa com suas rodas, sem pedra, quinze balas de pedra, dezassete cargas de pedreiro.

Nos fortes que há na cidade de Angra até o forte chamado a ponta de São Mateus se achou a artilharia seguinte, a mais dela encavalgada no forte que está junto à cidade, na faldra do Brasil, chamado São Bento: Um pedreiro grande de bronze (sic), com as armas de Portugal, uma peça de ferro coado de peso de doze quintais; outra peça de ferro coado do mesmo tamanho; um esmeril chão, com armas de Portugal, de sete quintais, com seus servidores; um meio canhão de bronze pedreiro com as armas de Portugal; outra peça de ferro coado de onze quintais; vinte e duas balas pera os canhões pedreiros, e vinte de ferro em uma trincheira, que está junta a este forte; uma peça de ferro coado de sete quintais e vinte e quatro arráteis.

No forte chamado Santo António, que está à ponta do Brasil, uma meia colibrina de bronze, com as armas de França, semeada de flor de lices (sic), de trinta e seis quintais vinte e oito arráteis; um pedreiro grande de bronze com as armas de Portugal; um sacre oitavado, com as armas de França, de dezanove quintais; outro meio sacre chão, de bronze, de dez quintais sessenta e quatro arráteis; outro meio sacre chão, de bronze, de dez quintais vinte arráteis; uma peça de ferro coado, de quinze quintais, encavalgada; outras duas peças de ferro coado, de até treze quintais; dois esmeris grandes de bronze, com seus servidores, setenta balas de ferro, vinte balas de chumbo enramadas, dez cadeias, vinte balas grossas de pedra, dois meios terceirões de pólvora, outras seis cargas de sacos de pólvora.

Em outro forte, chamado Cimbreiro: Um sacre de quinze quintais e quarenta e oito arráteis, semeado de flor de lices, encavalgado em coronha nova; três peças de ferro coado, do mesmo tamanho; um falconete de bronze, com seus servidores; cento e setenta balas de ferro e seus carregadores.

No forte chamado os Fanais: Uma peça de ferro coado de cinco quintais; outra peça de ferro de sete quintais e vinte arráteis; outra de ferro coado, de treze quintais.

No forte chamado o Alcaide: Um sacre de bronze oitavado, semeado de flor de lices, de dezoito quintais, com coronhas novas; duas peças de ferro coado, uma de dezoito quintais e outra de dezassete, com coronhas novas e carregadores; trinta e oito balas em todas.

No forte da Ladeira Grande, que se chama a Ladeira de Pero Gonçalves: Duas peças de ferro coado, com coronhas novas, de até dez quintais.

Em outro fortesinho, que chamam a Horta do Bacharel Ruivo: Duas peças de ferro coado, de dezassete quintais; um berço de ferro coado, com seus servidores, e catorze balas com carregadores e atacadores.

Na trincheira chamada de Pobado (?): Uma peça de ferro coado, de dez quintais.

No forte chamado a Prainha: Três peças de ferro coado, de até dez quintais e trinta arrâteis; dois berços dobres, com seus servidores; cinquenta balas de ferro coado, dez balas enramadas.

Em uma trincheira, que está arrimada ao forte de atrás: Uma peça de ferro coado, de dez quintais, com dez balas e carregadores.

No forte chamado do Açougue: Duas peças de ferro coado, de a (sic) dez quintais e trinta arrâteis; outra peça de ferro coado, de nove quintais e vinte arrâteis; dois meris (sic) de bronze, de a cento e quarenta e nove arrâteis, com coroas e meias luas; cento e quinze balas de ferro coado,, com balas de chumbo pera os esmeris; dez balas enramadas; doze alcanzias de fogo.

No último forte que se visitou, chamado São Mateus: Dois falcões de bronze com seus servidores; três peças de ferro coado; duas peças de ferro rotas; duzentas balas, pouco mais ou menos.

Nas trincheiras, ao redor deste forte: Uma peça de ferro coado, de onze quintais; outra, de sete quintais; um berço de bronze, com as armas de Portugal; outra peça de ferro coado, de onze quintais; vinte balas de ferro.

Nos fortes que há da cidade de Angra até a ponta da vila da Praia se achou esta artilharia:

Em uma trincheira, que está defronte dos ilhéus, duas peças de ferro coado com seus carregadores.

No forte chamado Santo António, no Porto do Judeu: Duas peças de bronze, uma de vinte e cinco quintais e quarenta e três arrâteis, com as armas do turco e as de França, e a outra oitavada, com as mesmas armas; uma peça de ferro coado, de dez quintais; outra peça de ferro coado, de oito quintais e setenta e cinco arrâteis; outra de ferro, de onze quintais, e cem balas.

No forte chamado o Pico de Salvador Coelho: Uma peça de ferro coado, de dezoito quintais; outra peça de ferro coado, de onze quintais, sem pólvora, nem carregadores.

No forte chamado o Porto da Casa da Salga, onde se perdeu Dom Pedro de Baldez: Uma peça de bronze oitavada, com as mais (sic) de França, de dezoito quintais e oitenta e três arrâteis; um falcão com as armas de Portugal, de sete quintais; duas peças de ferro coado, de a quinze quintais; outras duas peças de ferro coado, de dez quintais e meio; duzentas e trinta balas pera todas, uma coronha, sem peça.

No forte das Mós: Uma peça de ferro coado, com doze balas, dois falcões grandes, com as armas de Portugal, de seis quintais cada uma; duas peças de ferro coado; outra peça de ferro rota; cinquenta balas, sem carregadores.

No forte fronteiro de São Sebastião não havia artilharia nenhuma, por a haverem levado ao alto o dia antes que saísse a gente em terra.

No forte grande e velho de São Sebastião, que chamam Porto Novo: Seis peças de ferro coado, de a vinte quintais; outras cinco peças de ferro, de oito quintais; duzentas balas pera todas; uma coronha e dois carros; três berços; muita lenha, sem carregadores nem pólvora.

Em outro forte, que está à ponta da Ribeira Seca: Uma peça de ferro coado, de peso de onze quintais e trinta e sete arrâteis; outra peça de ferro coado, de sete quintais.

Na fortaleza das Preguiçosas: Uma meia colubrina de bronze com as armas de Portugal; um falcão grande turquesco, de catorze quintais; duas peças de ferro coado, uma de onze quintais e outra de sete.

Na fortaleza de Porto Martim: Uma peça de ferro, de dezoito quintais; três peças de ferro coado, a doze quintais e meio; outra peça de ferro, de dezoito quintais; dois berços de bronze, com as armas de Portugal; duzentas e cinquenta balas e três barris de pólvora com seus carregadores.

Em umas trincheiras que estão adiante deste forte: Dois falcões pedreiros, com as armas de Portugal, e servidores; três peças de ferro coado; quarenta e duas balas,

No forte de Santa Caterina: Uma meia colubrina (sic), com as armas de França, de trinta e cinco quintais; um falcão de bronze de seis quintais, com as armas de Portugal; um berço de bronze, com as mesmas armas de Portugal; um berço de bronze com as mesmas armas; quatro peças de ferro coado, de a doze quintais; trezentas balas pera todas estas peças e seus carregadores (¹¹²).

No castelo que chamam do Pau: Uma meia colubrina com as armas de Portugal; duas bombardas, com seus aparelhos.

Na fortaleza de Meo Faul (sic), que está antes desta, quatro peças de ferro coado, oitenta pelouros e carregadores.

No forte chamado Santo Antão: Duas meias colibrinas de bronze; um esmeril de bronze; três berços de bronze; cinco peças de ferro coado; dois berços de ferro coado; vinte e seis pelouros e carregadores.

Em um baluarte que está junto da Praia: Uma peça de ferro coado; dois berços de ferro coado; vinte e seis pelouros e carregadores.

Na fortaleza, às Chagas: Uma meia colubrina, oitavada, com as armas de França, de dezoito quintais e noventa e cinco arrâteis; quatro peças de ferro coado, de a doze quintais; duas bombardas de ferro; cem balas, com carregadores pera todas.

Em um forte que está na Praia, chamado São Francisco: Uma peça de ferro coado, de quinze quintais; outra peça de ferro, de catorze quintais; outra de ferro, de oito quintais; outra de ferro, de doze quintais; outra de ferro, de oito quintais; um barril de pólvora, com balas e carregadores pera todos.

No forte chamado Nossa Senhora da Luz: Uma meia colubrina, com as armas de Portugal, de vinte e oito quintais; um berço de bronze, com as mesmas armas e servidores; três peças de ferro coado, de a dezasseis quintais; noventa balas pera todas e carregadores.

No forte chamado São Pedro: Um meio canhão de bronze pedreiro, com as armas de Portugal, de treze quintais; um falcão de bronze, com as mesmas armas e chopinas de ferro; dois berços de bronze, chãos, com servidores; duas peças de ferro coado de a cinco quintais; cinquenta e quatro balas, todas com seus carregadores.

Em outro forte, chamado Santa Cruz: Um canhão reforçado de bater, de trinta e cinco quintais e sessenta e quatro arrâteis, com as armas do turco e flores de lices; outro canhão pedreiro, com as mesmas armas; três peças de ferro coado, de a onze quintais; dois berços de bronze, com seus servidores; dois barris de pólvora; cento e oito balas pera todas, com carregadores e atacadores.

Em outro forte chamado a Conceição: Dois canhões de bater, com as armas de Portugal; um esmeril grande de bronze; duas peças de ferro coado, de a dez quintais; e sessenta e quatro balas pera todas, e carregadores.

Em uma trincheira, que está antre estes fortes: Três berços de bronze e uma peça de ferro coado.

Em um rabelim que está em cima da ponta: Uma colubrina de bronze e uma peça de ferro coado.

Em uma casa, que está na vila da Praia, de munição, havia mais seiscentas pelotas, grandes, pequenas.

Em outro forte, mais adiante, que se chama Porto da Casa Salgada, tem quatro peças, duas de bronze e duas de ferro.

Outro forte, adiante deste, que se chama Porto da Cruz, tem outras quatro peças, duas de bronze e duas de ferro.

E de um forte ao outro, de todos os sobreditos, há suas trincheiras, com traveses, que os defendem e guardam.

Na Sé, na cidade de Angra, vinte e três carteiras cheias, sarradas (sic) e bem acondicionadas de pólvora, as dezanove grandes e as quatro meãs.

Na casa dos padres da Companhia de Jesus, que Dom António Ihe havia tomado e a eles tinha desterrado e mandado a Inglaterra, por dizer estar da parte de Sua Magestade, havia as munições seguintes: Vinte e duas carteiras, antre grandes e meãs, cheias de pólvora, as doze cerradas e as mais abertas, e algumas começadas, e mais um saco; trinta e quatro pinhatas de fogo artificial, cobertas e com seus cabos de mechas; uma arca cheia de ramos de ferro, pera fazer balas enramadas; algumas balas enramadas de chumbo, de quatro a cinco arráteis; uma caixa pequena, com carregadores de folha de Milão; noventa lanças de ristre, sãs, com seus ferros; dez piques sem ferro; muitas peças de cossoletes, mui mal tratados, e alguns arcabuzes velhos; algumas madeixas de cordas, de cânhamo, e outros novelos, de algodão, e de tudo pouco; quatro falcões de bronze, um grande e três pequenos, em seus carros; duas câmaras grandes de ferro; um carro coberto pera acarretar pólvora; outro carro de falcão; algumas balas de arcabuzes; mosquetes e esmeris de chumbo.

Na casa da Alfândega da cidade de Angra se achou o seguinte: Quatro quarteirões grandes, cheios de pólvora; quatro meias botas, cheias de salitre por refinar, que dizem ser da ilha Graciosa; três meias botas, cheias de corda de arcabuz; algumas poucas balas de ferro, e cadeias e cabos velhos de cânhamo; sete barras de alcatrão; seis caixas de pez; duas âncoras de quatro unhas; seis quintais de enxárcia nova, delgada, até vinte e cinco remos de barcos, velas de naus, grandes e pequenas e, ao parecer, pera dez navios; enxárcias, velas e outros aparelhos tocantes a estas velas; uma balança grande de madeira, com cadeias e pesos de serviço da Alfândega; um sino pequeno de metal, quebrado; outro sino meão, são; duas arcas grandes de madeira, cheias de papéis; até quarenta quintais de biscoito, que não era de proveito; duas caldeiras de cobre, velhas, pera aqueitar breu; um quarto de capa-rosa; um quarto de pedra hume; um quarto de rosalgar.

Em um almazém, defronte da Alfândega, um monte grande de balas de canhão, de ferro coado, que seriam mil balas; outro monte grande de balas de meio canhão, e mais pequenas, em que haveria de quatro mil balas arriba; cem balas de pedra de canhão; até cem piques de ferro, com suas hastes; vinte e cinco remos de galé; cento e vinte cestos de vime, com cintas.

Em outro almazém havia dois esmeris de ferro e enxárcias velhas, com polés e outros misteres de navio.

Sobre a porta do mar, à mão esquerda, um meio canhão pedreiro, de bronze, fundição de Portugal; um meio canhão de ferro coado; um meio sacre francês de bronze, oitavado.

De maneira que se tomaram em todos os navios e fortes e partes sobreditas trezentas e uma peças de artilharia.

E, estando assi tão fortificado e provida de munições, a ilha Terceira, que parecia inexpugnável, foi entrada, tomada e saqueada. Bem dizem que pera Deus não há cubelo nem casa forte; e, como diz o profeta David, se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigia quem a guarda.

CAPÍTULO VIGÉSIMO SÉTIMO

COMO OS VIZINHOS DA ILHA TERCEIRA TORNARAM A SUAS CASAS E OS
FRANCESES SE ENTREGARAM E FOI PRESO MANUEL DA SILVA

Depois de se haver tomado a cidade, castelos, fortes, artilharias e munições, e dado saco os soldados, por três dias, como dito é, assi na cidade (que se achou despovoada, senão que dentro nas igrejas havia muita gente), como em toda a terra e no campo, porque toda a fazenda e escravos tinham nela, mandou o marquês deitar pregão que todos os vizinhos e naturais da ilha (a quem fazia mercê das vidas) tornassem a suas casas e entendessem nas lavouras do campo e colheita dele, os quais começaram a vir, ainda que pouco a pouco, atemorizados, e o auditor geral ia procedendo contra os culpados e prendendo muitos, de que adiante se fará menção.

Neste meio, os franceses, com seu geral, mossior de Xatra (sic), estavam a três léguas da cidade de Angra, atrincheirados nos moinhos da Aqualva, na faldra daqueles matos acima da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, em sítio forte, bem fortificado, onde tinham água e outras comodidades, e iam tratando com Dom Pedro de Padilha que os aceitassem a partido. E mandaram um embaixador francês, que falava bem a língua castelhana, a tratá-lo com o marquês de Santa Cruz, cuja tenção naquele tempo era fazer-lhes partido que o ano atrás fizera aos franceses que cativou na batalha naval defronte desta ilha de São Miguel, mas, persuadido do mestre do campo geral, Dom Lopo de Figueiroa, e de Dom Pedro de Padilha, que neste negócio era mais corretor, e de outros capitães, veio a condescender no que lhe pediam, achando legítima causa pera conceder a vida aos franceses constar-lhe que vinham com ordem de seu rei. Mas, como achou que o partido que lhe cometiam era desarrezoado, porque lhe pediam dois meses de paga e que os deixassem sair com suas armas e bandeiras e levar consigo os portugueses que quisessem e a artilharia que haviam trazido de França, que eram mais de cem peças, e seus navios, munições e bastimentos, pois mostravam trazer patentes de el-rei de França e de sua mãe, não lhes querendo o marquês dar ouvidos a nada disto, mandou ao mestre de campo pusesse em ordem a gente necessária pera os ir buscar. O que se pôs em execução, saindo a gente ao campo pera os desbaratar ao outro dia, em o qual tornou o mesmo enviado, moderando-se mais nos partidos, e, depois de muitos dares e tomares, se tornou ao alojamento, e as nossas companhias, que estavam a ponto pera marchar, dormiram aquela noite fora da cidade, junto ao castelo, e o dia seguinte marcharam contra o lugar onde os franceses estavam, e o marquês se recolheu a instância de Dom Pedro de Toledo, Dom Pedro de Figueiroa e do conde Hierónimo de Lodron, Dom Pedro de Padilha, Dom Jorge Manrique, Dom Francisco de Bovadilha, Dom João de Sandoval, Dom Cristóvão de Eraso, João de Urbina, que ficou por governador e mestre do campo da ilha, e de João Martines de Recalde, que, rendendo (¹¹³) os franceses as armas e bandeiras, ficando pera ser castigados mais de duzentos que estavam nas galeaças, os levassem à costa de Espanha juntamente com nossa armada, donde fossem à de França nos navios que ao marquês lhe parecesse, o que os franceses aceitaram. E, assi, quarta-feira, a três de Agosto, Dom Pedro de Padilha e Dom Jorge Manrique, com ordem do marquês, saíram a seu campo uma légua do nosso, onde haviam vindo, e os trouxeram a um forte da marinha, junto à cidade de Angra, onde renderam dezoito bandeiras, as mais das velhas de França e muitos tambores e pífaros, munições e artilharia e os desarmaram, um a um, de arcabuzes, mosquetes, pistoletes, alabardas, piques, adagas e de todos os mais petrechos de guerra, o que tudo largaram, posto que, por honra da soldadesca, lhes não foram tomadas as espadas, que sempre trouxeram. E, assi desarmados, passaram pelos nossos esquadrões e, fora da cidade, se lhe deu alojamento em quartel apartado, com todo o necessário, e o comendador, mossior de Xatres (sic), com os mossiores mestres do campo, capitães e sargentos-mores seguintes, foram a beijar a mão ao marquês, o dia seguinte: o geral, mossior de Xatres, Linguadoca (sic), comendador de São

João, o mestre do campo mossior de Caravaques, gascão, o sargento maior Baptista de Seriche, italiano, o capitão Vacito, gascão, o capitão Hernão, proensano (sic), o capitão Luís, italiano, o capitão Lavalat, gascão, o capitão Campani, italiano, o capitão Linerolla, normando, o capitão Brebitto, provençano, o capitão Lasta, francês, o Capitão Campanho, francês, o capitão Camipit, francês, o capitão Labarra, francês, o capitulo Perminet, francês, o capitão Zabino, francês, o capitão Lagrava, francês. E, recebendo o marquês de Santa Cruz ao mossior de Xatra (sic) com cortesia, se assentaram; as primeiras palavras, que houve antre eles, foram dizer o marquês em língua castelhana «pelearõ mui bien los franceses», a (que respondeu o Xatra: «Senõr, los franceses eran pocos i la gente de la tierra era canalha»).

Aqui, não se contam os capitães que morreram, nem os alferes, mais que os mortos foram setenta e os feridos e presos mais de quatrocentos, sem os portugueses, os quais, assi mesmo, renderam bandeiras e armas, coisa não vista que um exército tão grande que estava oposto ao nosso, pelejando com tanta galhardia em suas casas e terras e com tantos fortes, e neles mais de trezentas peças de artilharia, se viesse a render, que foi um grande espectáculo.

Andando o marquês com grandíssima vigilância e cuidado de prender a Manuel da Silva, conde que se intitulava de Torres Vedras e governador e capitão geral destas ilhas, princípio e origem dos danos e rebeliões delas e de muitos roubos e insultos, que dela se faziam com os navios que tinham no porto de Angra e dos franceses e ingleses, que receptavam e acolhiam, por diferentes partes mandava capitães e cabos com gentes que corressem a serra, e quinta-feira, a quatro de Agosto, um barrachel de campanha do mestre de campo Dom Francisco de Bovadilha, havendo-o conhecido uma escrava que com ele ia, que havia cativado, o prendeu; o qual estava, debaixo de uma árvore, em uma montanha, disfraçado, com capa comprida, a modo de homem popular, do qual se afirma que tinha uma barca em certa parte da marinha pera fugir nela e os naturais da ilha lha fizeram em pedaços, por que não escapasse, pois havia sido causa de tantos males. E, depois de preso, o entregou ao capitão Lázaro de Isla, que andava em sua busca, e foi levado à cidade de Angra, onde Dom Pedro de Padilha o levou sobre a galeaça capitaina e o entregou a João Roiz de Velasco, capitão dela, havendo assi mesmo preso outros capitães, alcaides e culpados da dita rebelião, que adiante se declararão, no castigo que se fez deles, e assi mesmo alguns frades e pregadores.

CAPÍTULO VIGÉSIMO OITAVO

COMO FOI TOMADA A ILHA DO FAIAL POR DOM PEDRO DE TOLEDO

Havendo desembarcado na ilha Terceira segunda-feira, vinte e cinco de Julho, dia de São Tiago, da era de mil e quinhentos e oitenta e três anos ⁽¹¹⁴⁾, e alcançando vitória a vinte e seis do dito mês, dia de Santa Ana, e entrando na cidade de Angra quarta-feira, vinte e sete de Julho, como está dito, o marquês de Santa Cruz mandou a Dom Pedro de Toledo, marquês de Vila Franca, duque de Fernandina, à ilha do Faial, trinta léguas da ilha Terceira, (onde havia quinhentos franceses de guarnição e por cabo deles o capitão Carlos, e por cabeça da gente da terra um António Guedes, posto por Manuel da Silva com nome de capitão e governador do Faial, com doze galés, quatro patachos, dezasseis, pinaças e alguns barquinhos e barcas, e sobre eles mil e quinhentos infantes de diferentes terços, com o mestre de campo Agustinhinegues (sic) de Carata e os capitães João de Salazar, Miguel Ferrer, Dom Cristóvão da Cunha, Dom Estêvão de Águila, Bustamante de Herrera, Miguel de Veneza, Sancho de Solis, Dom João de Lanuza, Sancho de Bulhão, Luís de Guevarra, Pero Pardo de Aguiar, Martín (sic) de Herrera, e o capitão Carlos, com cento e cinquenta alemães e fidalgos aventureiros, Dom Rugo (sic) de Moncada, Dom João Manrique, Dom Filipe de Córdoba, Dom Bernardino de Mendoça, Dom Pedro de Ponce de Leão, Dom João da Cunha, Dom António Anriques, Dom Gonçalo Ronquilho, que veio com a nova de haver-se tomado o dito Faial, e João Fernandes Galindo, e Diogo de Miranda, e Manuel Cordeiro de São Paio, cavaleiro ⁽¹¹⁵⁾ do hábito de Cristo e juiz do mar nesta ilha de São Miguel, que ia em sua companhia, e, pera as coisas do mar, o capitão Miguel de Oquendo, Rodrigo de Vargas, e Marolim, Dom António de Mendoça, que nesta jornada trazia consigo os patachos e pinaças.

Fazendo o marquês Dom Pedro de Toledo sua viagem e costeando a ilha do Pico com as galés, se embarcou um capitão-mor da banda do norte daquela ilha, que se chamava Melchior Vieira e aquele ano servia de juiz, e, levando em sua companhia o escrivão da Câmara em um batel, se foi às galés e deu obediência ao marquês de Vila Franca ⁽¹¹⁶⁾, em nome de Sua Magestade, oferecendo-lhe a vassalagem daquele seu povo, que o marquês aceitou com boa vontade, que a todos mostrava; e o mandou diante em seu batel, dizendo-lhe que na freiguesia da Madalena, cujo dia era, ordenasse de dizerem uma missa, porque queria desembarcar naquele lugar, onde, chegando o capitão e escrivão da Câmara contentes, por entender que tinham a terra livre do saco e de outros trabalhos que se representam, e dizendo ao povo como haviam ⁽¹¹⁷⁾ dado obediência a Sua Magestade, trabalhando persuadir-lhes que era bem feito, foram cruelmente mortos da gente bárbara que estava em guarda daquela costa, sem nenhuma consideração do que se lhes podia seguir, nem respeito a seu capitão-mor, juiz e escrivão da Câmara.

Reduzidas de caminho, pelo marquês Dom Pedro de Toledo, as ilhas de São Jorge e o Pico ao serviço de Sua Magestade, chegou domingo, derradeiro do mês, à ilha do Faial, onde não foi menos a crueldade de que usaram, porque, sendo enviado pelo dito marquês um Gonçalo Pereira, natural e homem principal e de muita conta e crédito naquela terra, onde tinha sua mulher e filhos, com recado que se entregasse, antes de ser respondido a sua embaixada, o capitão António Guedes de Sousa, a quem a deu, lhe deu uma bofetada e, deitando mão à espada, lhe deu de estocadas (sic), e fazendo um francês o mesmo, foi tanta a desumanidade, que não consentiram que fosse curado, e assim acabou miseravelmente o pobre Gonçalo Pereira, morrendo ao desamparo, sem ninguém com medo ousar de lhe valer na terra, onde era o mais rico e acatado-de todos.

A segunda-feira, vendo o marquês Dom Pedro de Toledo que não lhe vinha reposta da ilha ⁽¹¹⁸⁾, andou reconhecendo a parte onde podia desembarcar, e terça-feira, dois de Agosto, deitou gente em terra, e os franceses e portugueses saíram a resistir-lhes, até que, reforçando Dom Pedro de Toledo a escaramuça com duzentos mosqueteiros e melhorando cem piques (sic), os

rompeu, com perda de cem franceses, e aos demais meteram no castelo, onde havia dezassete peças grossas de artilharia, afora outros esmeris e muita pólvora e munições, e afora outras quarenta peças, que havia ⁽¹¹⁹⁾ em outros fortes ao redor, os quais renderam, salvando os franceses a vida com perda de tudo isto e de quatro navios que estavam ⁽¹²⁰⁾ no porto, entregando as armas e suas bandeiras e deitando em galés aos portugueses que com eles se entregaram nos castelos, enforcando a António Guedes de Sousa, português, governador daquela ilha, homem facinoroso e cruel.

Ficou por governador por Sua Magestade Dom António de Portugal, com duzentos soldados e comida pera quatro meses.

Havendo-se conquistado as ilhas de São Jorge, o Pico e o Faial, tornou Dom Pedro de Toledo, com as galés e navios e gente que levou, segunda-feira, oito de Agosto ⁽¹²¹⁾.

CAPÍTULO VIGÉSIMO NONO

DAS PESSOAS EM QUE SE FEZ JUSTIÇA NA PRAÇA PÚBLICA DA CIDADE DE ANGRA
E, COMO POSTAS EM PAZ E ORDEM AS COISAS DA ILHA TERCEIRA E MAIS ILHAS, SE
TORNOU O MARQUÊS PERA O REINO

O marquês de Santa Cruz deu comissão per sua patente ao Licenciado Mosqueira de Figueiroa, auditor geral (do exército e armada, pera que fizesse justiça das pessoas e fazendas dos revéis e tredores, pois não haviam querido aceitar o perdão geral de Sua Magestade. E o auditor procedeu contra as ditas ilhas e particulares delas, e as declarou por revéis e condenou em perdimento dos frutos, fazendas, graças, privilégios e liberdades concedidas pelos reis antecessores de Sua Magestade do reino de Portugal. E ao António Soares, feitor que foi de el-rei Dom Sebastião e ao presente era juiz da Casa da Moeda de Dom António, e a Baltazar Alvres Ramires, desembargador, e ao licenciado João Gonçalves Correia, desembargador, e ao licenciado Domingos Pinheiro e a outros ausentes condenou, tanto que os achassem, fossem enforcados na praça da cidade (de Angra e feitos quartos, e postos pelos caminhos, e seus bens confiscados pera a Câmara de Sua Magestade, e seus filhos e netos não possam ter ofícios reais; e também pronunciou que fosse a moeda de Dom António queimada publicamente e que nenhuma pessoa usasse dela sob pena da morte.

Logo aos oito dias de Agosto do ano de mil e quinhentos e oitenta e três ⁽¹²²⁾, e por alguns dias seguintes, se fez justiça na praça pública da cidade de Angra das pessoas que direi; e os alemães se puseram em esquadrão e tomaram as bocas das ruas, e Dom João Sandoval, a cujo cargo estavam as companhias de Portugal, levou, com duzentos arcabuzeiros, a Manuel da Silva e se executou nele e nos mais as justiças seguintes.

Primeiramente se queimou a moeda de Dom António à vista de todos.

Manuel da Silva, que se intitulava conde de Torres Vedras, governador, capitão geral das ilhas, por tirano, matador, alterador das ilhas, roubador, aceitador de herejes, foi condenado a ser degolado, e sua cabeça fosse posta na praça pública e dependurada no lugar onde ele mandou pôr a cabeça de Melchior Afonso, português, porque disse que era seu rei natural el-rei Dom Filipe ⁽¹²³⁾. Chegando Manuel da Silva ao cadafalso como o mais desaventurado soldado que havia em todo o exército, morreu tão pobremente, que lhe foi necessário pedir ao governador desta ilha de São Miguel, Martim Afonso de Melo, que, então, na cidade de Angra estava e era seu parente, um capuz, pera que o degolassem, e que por amor de Deus lhe mandasse dizer algumas missas por sua alma, que, pela hora em que estava, não tinha um só ceitil de seu. Dizem que a mulher de Melchior Afonso lhe foi pedir que lhe deixasse tirar a cabeça de seu marido do lugar donde estava pera a enterrar; e ele respondeu que não a veria nunca fora daquele lugar, senão quando vissem a sua própria posta nele. E assi o mandou fazer ⁽¹²⁴⁾ o marquês de Santa Cruz, que, como cristianíssimo senhor, consolou muito a mulher do dito Melchior Afonso e lhe fez muitas mercês.

Domingos Uguel ⁽¹²⁵⁾ juiz ordinário que foi da cidade de Angra, provou-se contra ele que publicamente se mostrava contra Sua Magestade e fez justiça de muitos por indícios de que eram leais, especialmente de João de Betancor e de Melchior Afonso, que lhes mandou cortar as cabeças; provou-se-lhe, e confessou. Foi enforcado e condenado em perdimento de benes (sic) pera a Câmara e fisco, deixando a seus filhos inábeis pera ofícios reais.

Pero Cote, capitão de Dom António e público amotinador, que tinha a seu cargo uma trinchea, foi enforcado e condenado em perdimento de bens, conforme ao primeiro.

Bernardo de Távora, capitão que foi de uma galé e, então, capitão de infantaria, a cujo cargo estava fortificar as trincheas, castigando aos que não trabalhavam nelas, foi enforcado.

António Fernandes Barroso, alvorotador, que incitou publicamente a que tomassem as armas contra Sua Magestade pera defensão da ilha e dizia que não conhecia por rei natural senão a Dom António, foi condenado ao mesmo.

Aires de Porras, capitão de uma companhia, dos principais amotinadores e o derradeiro que desamparou o campo, foi condenado no mesmo.

Manuel Serradas, natural da ilha da Madeira, que esteve em França e veio na armada com Filipe Strox (sic) o ano passado, e saiu por capitão geral da armada que foi ao Cabo Verde e saqueou até os ornamentos, custódia, cálices e cruzes das igrejas, foi degolado.

Gonçalo de Pita, capitão de uma companhia e alcaide da fortaleza de São Sebastião, público perseguidor dos que eram da parte de Sua Magestade, foi enforcado.

Matias Dias Pilatos, que, publicamente, a vozes persuadia a todos seguissem a Dom António e, quando foi ter Dom Pedro de Baldês à ilha Terceira, entrou na cidade de Angra com uma cabeça de um castelhano e dizia que lhe comera os fígados (¹²⁶), ainda que outros dizem que eram de porcos e ele se jactava serem de castelhanos, foi enforcado e feito quartos, e condenado nas penas que os demais.

Baltazar Mulato, pregoeiro que deitava os pregões e cruéis justiça que se faziam por Manuel da Silva e os demais juizes, entretendo em uns pregões palavras de muito desacato contra Sua Magestade, foi enforcado e feito quartos.

Domingos de Toledo, capitão de uma fortaleza de Porto Novo, público amotinador, que dizia sempre «viva el-rei Dom António», acompanhando a Manuel da Silva, foi enforcado.

Gaspar Alvres Chicharo (¹²⁷) mareante, que, dès que estas ilhas se rebelaram, ia e vinha a França com os avisos de Dom António e levou presas a França duas pessoas que vieram de Lisboa, com cartas pera a Câmara, pera que se reduzissem, sendo escandaloso e grande amotinador, foi enforcado (¹²⁸).

Amador Vieira, que veio com título de embaixador de Sua Magestade e, fingindo-lhe ser leal, descobriu todos os leais que havia nestas ilhas e denunciou deles pera que fossem justicados, a este lhe foi cortado a cabeça por tedor, e perdidos seus bens, e seus filhos e netos infames.

Gaspar de Gamboa, corregedor da cidade de Angra, por haver condenado à morte em conformidade com todos os mais juizes que parece haver assinado nas justiça feitas aos portugueses que foram em favor de Sua Magestade, e por haver solicitado as coisas de guerra, foi enforcado e perdidos seus bens.

António Matela, alferes mor da cidade de Angra e guarda-mor, grande amotinador e perseguidor dos que seguiam a parte de Sua Magestade, como pareceu por seu processo, condenado a enforçar e perdidos seus bens.

António Gomes, meirinho que foi da Alfândega, solicitador de fazer as armadas e provedor delas, e motinador, duzentos açoites em dez anos de galés e perdimento de bens.

Tomé Gomes, que publicamente dizia que, el-rei Dom Filipe não era seu rei, senão Dom António, a cujo cargo estava prover o campo inimigo de água, condenado em duzentos açoites e dez anos de galés e perdimento de bens.

Manuel da Costa, que servia a Dom António e andava publicamente pelas ruas dizendo palavras feias contra Sua Magestade, duzentos açoites e seis anos de galés.

Brásio de Vivaldo, por dizer palavras feias e desacatadas (sic) contra Sua Magestade, e haver emprestado dinheiro pera as guerras, e haver excitado (sic) ofício de provedor das armas e subido a moeda, pública vergonha e oito anos de galés.

Cosme de Abreu, criado que foi do conde do Vimioso e depois foi de Manuel da Silva, provando-se contra ele o geral, foi condenado em degredo destas ilhas e outras penas pecuniárias.

Outras muitas pessoas, naturais da ilha Terceira, por importar assi ao serviço de Sua Magestade e à quietação e sossego dela e das mais ilhas, foram levados nas galés.

E dos franceses foram enforcados alguns, de dezassete anos arriba, deitados mais de cento ao remo, dos que se tomaram antes que se rendessem o geral de França com sua infantaria.

Antre estas justiças, se fez mercê e graça a muitas mulheres viúvas dos bens dos revéis, por morrerem seus maridos por o serviço de Sua Magestade nos cárceres destas ilhas e haverem enforcado a outros e desterrado em Inglaterra e França, tomando-lhes suas fazendas, derribando-lhes suas casas e morrendo degradados; e assi mesmo se mandou restituir sua casa aos padres da Companhia de Jesus, da qual os haviam despossado por Dom António.

E, havendo-se feito estas felicíssimas empresas com tanta reputação e galhardia, o marquês de Santa Cruz, por ganhar tempo, mandou que as doze galés se fossem a Lisboa, as quais haviam sido a substância da empresa, ficando ele recolhendo sua armada e provendo as coisas da ilha Terceira e das mais ilhas, deixando nelas dois mil soldados e, por governador delas, a João de Urbina, fidalgo da Ordem de São Tiago; a qual ilha Terceira e as mais dos Açores, que se chamam ilhas de Baixo, sujeitou à obediência de Sua Magestade por força de armas, e entre elas a cidade de Angra, que tem mais de três mil vizinhos, e igreja catedral nela, e muito comércio com as Índias Orientais e Ocidentais, por ser escala de suas armadas, e, assi mesmo, havendo ganhado outras muitas vilas e lugares, e nelas mais de cinquenta fortes, com perto de quatrocentas peças de artilharia e outras munições, e trinta e cinco navios, rendido mais de sessenta bandeiras, que haviam pelejado em campo com ele, e as armas dos estrangeiros e naturais delas; e, assi, o valor das ilhas e jurisdição (que ficaram condenadas ao foro que Sua Magestade lhe quisesse pôr, como das fazendas dos revéis, que estão adjudicadas a sua coroa) é de grandíssimo preço.

Neste tempo chegou uma nau da Índia, à qual o marquês mandou munições e bastimentos e recado que se viesse na volta da armada, pera ir em conserva dela. E, por fim, se partiu pera o reino o felicíssimo marquês a vinte ⁽¹²⁹⁾ de Agosto da dita era de mil e quinhentos e oitenta e três anos e levou consigo a Dona Violante da Silva do Canto, que, por ser mãe e amparo de toda a ilha Terceira, as mulheres dela, sentindo mais sua ausência que todas as outras perdas, (como as islenhas das Canárias costumam) cantam ainda hoje tristíssimas endechas de suas grandes saudades.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO

COMO O MARQUÊS DE SANTA CRUZ, POR MANDADO DE SUA Magestade, LEVOU A DONA VIOLANTE DO CANTO DA SILVA DA ILHA TERCEIRA PERA CASTELA, E DAS HONRAS QUE LÁ LHE FIZERAM E DE TODO O PROCESSO DE SUA JORNADA, ATÉ QUE SUA Magestade A CASOU

João da Silva do Canto foi fidalgo mui honrado e era moço fidalgo acrescentado; tinha uma comenda além de Coimbra, a qual ganhou em África, tendo oito cavalos na estrebaria; foi capitão-mor de armadas e geral do mar nestas ilhas, e provedor das armadas e da fazenda, e capitão-mor, e do Conselho de El-rei, e tinha poder pera enforçar e pera prender capitães das armadas, que a estas ilhas viessem; finalmente, era rei pequeno nestas ilhas, mui venerado e temido de todos.

Seu pai, Pedreanes do Canto, foi mais que ele, que fez três morgados a três filhos, que teve, e teve couto que aquele que matasse, acolhendo-se a terra sua, o não pudessem prender, e outras coisas grandes. Casou seu filho João da Silva do Canto com Dona Isabel Correia, filha de Jácome Dias Correia, desta ilha de São Miguel, e dela houve uma filha chamada Dona Violante, de grande virtude e prudência. A qual Dona Violante, sendo mexericada e tendo informado a Sua Magestade que ela o tinha desservido, fazendo na ilha Terceira muitos serviços a Dom António, gastando sua fazenda com ele e substando aos soldados ingreses e franceses, que então aí estavam, e que persuadia a todos o serviço de Dom António, favorecendo suas partes e desfavorecendo as de Sua Magestade, sendo assi mexericada, vindo o marquês de Santa Cruz com grande armada no mês de Julho de oitenta e três a tomar a ilha Terceira, lhe mandou Sua Magestade que, tomando-a, pusesse cobro na pessoa de Dona Violante do Canto da Silva, o que assi ele, como Dom Lopo de Figueiroa, como parente seu que era e como mestre de campo, fizeram, mandando cada qual uma companhia de soldados à sua porta, pera que não fosse avexada; e, como ela não estava em casa, porque se tinha recolhido em um mosteiro, lá se foram estas duas companhias oferecer, por parte de quem os mandava, que era o geral Dom Álvaro de Baçam, marquês de Santa Cruz, e Dom Lopo de Figueiroa ⁽¹³⁰⁾, mandando-lhe dizer o marquês por um capitão que se aviasse, porque Sua Magestade lhe mandava que aí levassem. Ela, não com ânimo femlino, mas de varão constante, o sofreu, sendo-lhe já socrestada (sic) sua fazenda e embarcados todos os seus bens móveis, escravos, assi negros como mulatos, de que tinha grande número, como de gado, vacas, porcos e ovelhas, e seus criados, deles presos, deles a monte, e, vendo-se finalmente desamparada de tudo, respondeu ao marquês ⁽¹³¹⁾, dizendo que ao homem generoso nunca o fazia menos do que era faltar-lhe a fortuna, senão faltar-lhe a discrição, porque ajuntar grandes exércitos ofício era de príncipes, gastar bem os tesouros era de magnânimos, ferir os inimigos era de capitães esforçados, mas sofrer os infortúnios pertencia a homens heróicos, porque os bens da fortuna não tinham outra coisa mais certa que serem sempre incertos, e que aí estava prestes pera quando sua excelência mandasse se embarcar. O que daí a poucos dias fez, e, pera isso lhe mandou dar dinheiro pera custos e ordem pera na nau em que havia de ir se dar o necessário de mantimentos a todos seus criados e criadas, que consigo levava. E lhe mandou dar a capitaina dos biscainhos, por ser uma nau muito grande, de que era capitão Miguel de Azevedo, da mesma nação, ao qual o marquês elegeu, por velho e por de muita capacidade pera no mar a consolar e aliviar seus cuidados.

Querer contar o apartamento de suas sobrinhas, filhas de seu primo, Aires Jácome Correia, e de todas as religiosas e, finalmente, o de todos os da terra, assi nobres como populares, era (?) nunca acabar; querer tratar das lágrimas, suspiros e sentimento de todos os que a viam ir a embarcar e as máguas que diziam era pera, por Nero que homem fosse, desfazer-se em lágrimas e se lhe entristecer o coração. Querer dizer o número dos que a foram acompanhar até onde ela se embarcou, os soluços, os juízos, que cada um deitava, de a, onde Sua

Magestade a mandasse levar, era necessário ter cem línguas de ferro, com outras tantas bocas, como dizem os poetas, pera o poder explicar.

Chegados à Prainha, que era o lugar aonde se havia de embarcar e estavam muitas barcas pera os seus e uma barçaça grande pera ela, com seu estrado com uma alcatifa da China e almofadas de veludo, em uma cadeira de estado a meteram os seus escudeiros mais velhos, que a criaram e de que mais confiança tinha. E na nau se agasalhou na câmara de popa, que pera isso estava armada com panos que o mesmo marquês e Dom Lopo lhe tinham mandado, que de suas tapeçarias nada lhe ficara.

Embarcaram-se com ela João da Costa de Vasconcelos, Gonçalo Correia de Sousa, Manuel Borges da Costa, Braz Dias Redovalho (sic) e um seu meio irmão, António da Silva; embarcaram-se mais sete mulheres, duas donas e cinco aias, vinte e um criados, sc., escudeiros, pagens e homens de esporas, e nem ainda se embarcaram todos os criados, porque alguns com temor a não quiseram seguir ⁽¹³²⁾, por arrecearem o em que parariam e temerem o mau tratamento de tão grande jornada.

Ia ⁽¹³³⁾ vestida de baeta negra e com um grande capelo, e as suas aias de roxo; antes de entrar na nau, assi ela como as suas separaram tais (sic) de muito enjoadas ⁽¹³⁴⁾, que movia a todos os que com ela iam a compaixão, vendo uma senhora tão delicada e mimosa em tão grande afronta metida, que só a do enjoamento bastava por satisfação de seu desserviço, deixando à parte a saudade dos seus e da pátria, o ver-se saqueada de todos os bens móveis, socrestada toda sua fazenda, ver-se embarcada com dinheiro que se pode dizer que foi dado de esmola, a consideração de ir pera reino estranho, tão apartado de seu natural, e finalmente o arreio que podia ter do futuri, o sucesso ⁽¹³⁵⁾.

Estando já embarcada e todos os seus, a mandaram visitar os grandes da armada com muitos e vários mimos, assi o geral, como Dom Lopo de Figueiroa, Dom Pedro de Toledo e outros muitos. Não lhe faltaram doces, nem águas de ângeles, nem de flores, nem de outros cheiros, e em toda a viagem andaram barcos, dos seus galeões à sua nau, a trazer pão molete, pastéis e outros mimos, que no mar são muito estimados; e, antes que se embarcasse, foi visitada de todos os principais senhores da armada e nunca o marquês lhe disse que ia pera Castela, antes dizia que pera Portugal a levava ⁽¹³⁶⁾. Depois, indo já perto da costa, apartando-se as naus da Índia da armada, que iam pera Lisboa, vendo que não podia mais dissimular seu intento, lhe mandou dizer que se oferecera ocasião de não poder ir a Lisboa, mas ia pera Andaluzia; que se não enfadasse, pois Sua Magestade a mandava lá ir, pera casar e honrar em sua corte, e outras palavras não menos honrosas. Ido o que trouxe o recado, não pôde ela ter as lágrimas, o que vendo, suas criadas fizeram grande pranto, sentindo que as levavam a reino estranho, tão fora dos seus; também os parentes e criados não se puderam ter que não fizessem o mesmo.

Chegados a Calis (sic), a cabo de um mês de viagem, esteve Dona Violante três dias no mar, enquanto se lhe fazia uma escada desde o meio da nau até à popa, com um anteparo de velas e por baixo alcatifada, e se ordenava em terra o recebimento e no mosteiro a casa em que se havia de aposentar. A cabo dos três dias veio uma galé ao longo da nau, pera dali a levar ao porto de Santa Maria, onde Sua Magestade mandava que estivesse, e, saindo da nau pela escada, estava um esquife ao pé dela, com uma alcatifa e almofadas de veludo, e dali entrou na galé, que estava com sua cortina de damasco, e feito um estrado muito alto, com um pano de veludo verde e por baixo alcatifado, pera as criadas, e, pelas ilhargas, os parentes assentados e alguns fidalgos castelhanos, que a iam acompanhar. Saindo da nau e entrando na galé, lhe deu a nau e a galé salva com os tiros grossos e arcabuzaria e música e, acabando, deu toda a armada outra salva ⁽¹³⁷⁾. Nisto, chegou o marquês de Santa Cruz e Dom Pedro de Padilha e Dom Jorge Manriques (sic), vedor geral da armada, pera os quais estavam postas diante do estrado três cadeiras de estado, em que eles se haviam de assentar; e ali lhe fez um a fala, dizendo-lhe que se não agastasse, que Sua Magestade, a não mandara levar senão pera a fazer mais do que nunca fora e casar em sua corte, e disso lhe dava sua palavra, e que em tudo o que ela houvesse mister ele mandaria prover, e, se assi o não fizesse, o castigaria Sua Magestade, e outras palavras semelhantes. Depois de ele falar, falaram os outros; e, idos, a levou a galé ao porto de Santa Maria, duas léguas dali à vela e a remos, e, em breve espaço, chegou a um porto escuso, perto donde estava o mosteiro onde ela havia de estar.

Antes que desembarcassem da galé, foi a bordo dela um Dom Pedro de Vilhavicência ⁽¹³⁸⁾, general das galés do porto de Santa Maria, e ali, com o chapéu na mão e muita cortesia, lhe

fez uma fala, dizendo que o marquês lhe mandara a fosse receber, e ele, além de ele lho mandar, o detreminava (sic) fazer pelo que se devia a sua pessoa, dela, e que dona F. (sic), sua mulher, estava à borda de água aguardando a sua mercê com outras senhoras. Com isto se desembarcou no esquife, que estava aparelhado, e do esquife em uma cadeira de estado, a qual levavam dois escudeiros seus, mais velhos e de que mais confiança tinha. Posta em terra, a abraçaram aquelas senhoras e concorreu muita gente a acompanhá-la, assi fidalgos como todo o outro povo; até as mulheres punham os mantos e a iam ver, uns por curiosidade, outros pelo grande nome e fama que dela havia

Chegando ao mosteiro, que era perto donde desembarcou, vieram todas as freiras à porta, a recebê-la com *Te Deum laudamus*, abraçando-a cada uma delas duas vezes; onde teve muitas visitas de todas as senhoras daquela terra e de outras perto, e o mesmo Dom Pedro de Vilhaviência tinha cargo de tudo o que lhe era necessário, a ela e aos parentes e criados. Ali esteve per espaço de sete meses; depois a mandou Sua Magestade levar pera Jaem, cometendo o cargo disso ao cardeal de Sevilha, o qual a mandou visitar por dois cônegos velhos e um alguazil pera aposentador e doze homens de cavalo. E o duque de Medina Sidónia lhe mandou um coche pera ela ir, e cavalgadas pera os criados, e silhões pera as criadas, e dez homens de cavalo ⁽¹³⁹⁾.

Dali se partiu, com toda sua gente, de dó, assi pelos trabalhos em que andava, como por ser morto de pouco tempo seu primo Alexandre Imperial, embaixador de Génoa. Puseram do porto de Santa Maria a Jaem nove dias. Foi sempre metida no coche, sem que ninguém a visse, com muito gasto e com toda a honra, guardando-se-lhe em tudo o decore devido; e em todas as terras se lhe faziam muitas honras, saindo-a a receber os grandes delas. Chegadas a Jaem, a saiu a receber o bispo Dom Francisco Sarmiento de Mendonça, com todas as dignidades e cônegos e fidalgos da terra, acompanhando-a até o mosteiro de Santa Clara da mesma cidade, onde se apeou o bispo e a tirou pela mão e a entregou à abadessa, e todas as religiosas a receberam com grande gosto, abraçando-a cada uma duas vezes e repicando-lhe os sinos.

Neste mosteiro esteve por espaço de onze meses, onde, ao cabo deles, a casou Sua Magestade com Simão de Sousa de Távora, filho de Álvaro de Sousa de Távora e de Dona Francisca de Moura, irmã de Dom Cristóvão de Moura. O casamento correu por este bispo e, quando se efectuou, escreveu-lhe el-rei que lhe faria muitas mercês depois de casada e muitos outros mimos. Consentindo ela no casamento, mandou uma procuração a Diogo de Sousa, arcediogo da Sé e primeiro ⁽¹⁴⁰⁾ inquisidor de Lisboa, pessoa exemplar e de grande erudição, seu parente, e depois inquisidor da mesa geral da Inquisição, que assiste com o Cardeal neste, ofício, irmão do doutor Rui de Sousa, dantes desembargador da Suplicação dos Agravos, em Lisboa, e agora chançarel do desembarco da Casa do Porto ⁽¹⁴¹⁾, pera que em seu me, dela, recebesse a Simão de Sousa de Távora, que depois a foi logo buscar a Jaem, por assi Sua Magestade lho mandar, com muito estado, acompanhado de irmãos, parentes e muitos criados, assi escudeiros como pajens e lacaios; levou um coche pera a trazer e um machinho com seu silhão e sua gualdrapa de veludo pera sobre as tardes, levando sua recâmara mui bem adereçada. Por todas as partes por onde passou o receberam todos os nobres e grandes; chegando a Jaem, o saiu a receber o bispo, com toda a nobreza da terra, e o levou, com todos os demais, a sua casa e hospedou seis dias, tendo tudo à sua conta, banquetecendo-o com muitos mimos e manjares esquisitos.

Ao cabo destes seis dias, pela manhã, o tornou a receber com ela na igreja do mesmo mosteiro, por assi o mandar Sua Magestade; e, em cada um dos seis dias atrás, a tinha ido a ver solenemente, indo o bispo e outros fidalgos acompanhando-o; e, quando a foi receber, vestiu-se mui ricamente de tela de prata e ela com uma cota de rabo de tela de ouro, e todas suas aias vestidas ricamente, e todos seus pajens e escudeiros vestidos de uma libré, e os dele de outra. O recebimento foi celebrado à quarta-feira depois da Pascoela de oitenta e cinco, ao modo de Castela, lançando-lhe o bispo moedas de ouro na mão dele, e ele deitando-as na mão dela em lugar de arras, e depois metendo-lhe um anel no dedo dele e ele no dedo dela, e deitando-lhes um véu de seda branco e, por cima, um colar de ouro, com um nó no meio, pelas cabeças de ambos, e, metendo-lhes nas mãos em outro passo da missa, a cada um, seu círio aceso, e outras coisas. Acabada a missa, a tornaram a meter dentro no mosteiro e ele foi com o bispo a jantar a sua casa; à tarde, indo aviado já de caminho, a pôs em o silhão, por assi o pedir a Câmara e que a levasse por as principais ruas da cidade pera ser vista, por o desejarem muito, e lhes deitavam águas cheirosas, folhas de rosas e outras flores das janelas

cobertas de panos de sedas, e as ruas juncadas. Saiu toda a nobreza da terra, acompanhando-os até fora da cidade, e ali se despediram ⁽¹⁴²⁾.

Dali a duas léguas foram dormir a primeira noite a uma vila, que se chama Torre Xemená, onde estavam umas casas armadas para esse efeito, por ordem de seu aposentador, que foi diante aparelhar todo o necessário, e o bispo tinha mandado azémalas (sic) carregadas de mantimentos ⁽¹⁴³⁾. Ali estiveram dois dias e foram fazendo as jornadas de seis léguas cada dia. Em Córdova o saíram a receber duzentos de cavalo, com trombetas e tochas, por chegarem de noite à casa onde haviam de pousar; e em todas as vilas e cidades por onde passaram os saíram a receber com muita festa todos os nobres e fidalgos e em algumas partes o receberam com danças e folias; em Lisboa os visitaram todos os condes e senhores e senhoras principais, e têm muito estado. Quando ela sai fora, vai ou em uma cadeira de veludo carmesim, com sua cortina de damasco da mesma cor, que levam quatro homens e acompanham vinte e trinta, e, quando vai longe, em um coche.

É muito amiga dos pobres e muito temente a Deus.

Simão de Sousa dizem alguns estar despachado por governador da ilha Terceira, o que sendo assim cobrará a mesma ilha novo ser e alegria com a vinda de tão ilustres senhores, que terão todos os moradores por pai e mãe benignos e todo seu amparo, e, se com a ida de Dona Violante ficaram órfãos e tristes, muito mais amparados e contentes ficarão com sua tornada.

Simão de Sousa de Távora é dos Sousas e Távoras, Mouras e Rolins; traz o escudo de suas armas quarteado com as armas destas famílias. Antes de casar com Dona Violante do Canto da Silva foi governador da vila de Estremós, com três mil cruzados de ordenado cada ano, onde esteve por espaço de três anos no tempo dos governadores, e depois o fazia Sua Magestade governador de Ceita (sic), que deixou de aceitar por neste tempo se casar com Dona Violante, e já então tinha duas comendas, que ambas rendem dois mil cruzados, pouco mais ou menos, e uma tença de cem mil réis. E o ano de oitenta e seis levou Dona Violante a uma destas suas comendas, que se chama São Pedro de Torralvo, e, deixando-a aí, se foi a Leça ver-se com seu irmão Luís Álvares de Távora, Balio de Deça (sic), o qual, com o baliado e outras rendas, tem nove mil cruzados de renda cada ano, para daí ir à corte requerer serviços seus e de João da Silva do Canto, seu sogro.

Dona Violante da Silva do Canto, da parte da mãe, procede de Rui Vaz do Trato, que veio a esta ilha, sendo homem fidalgo e de muito crédito, principal e de muita fazenda (chamava-se do Trato porque o tinha em muitas partes), e de sua mulher, chamada Catarina Gomes Raposa, fidalga e nobre, como tenho dito quando tratei desta ilha de São Miguel. Destes dois procederam dois filhos e três filhas sc., Pero Roiz e Diogo Roiz, que morreu em África, servindo uma comenda; procede mais Mécia Raposa, que foi mulher de Estêvão Nunes de Atouguia, de quem são filhos Nuno de Atouguia e Dona Catarina, mulher de Dom Diogo de Sousa; procede também Isabel Roiz Raposa, que foi mulher de Bastião Álvares de Abreu, de quem são filhos Afonsalves Pedralves, Ana de Abreu, mulher de Pero de Azurar, estribeiro-mor do duque de Aveiro; procede mais Breatis Roiz Raposa, que foi mulher de Jácome Dias Correia, o qual veio da cidade do Porto, onde era cidadão e homem fidalgo; tratou-se nesta ilha à lei de fidalgo, tendo muito estado, assim escudeiros como homens de esporas, escravos e muitos cavalos; servia-se com baixelas de prata e teria trezentos moios de renda, e searas, afora móvel, assim vacas como porcos, ovelhas e outros bens. Deste Jácome Dias Correia e Breatis Roiz Raposa procederam dois filhos e quatro filhas, sc., Jordão Jácome Raposo, Barão Jácome Raposo, Aldonça Jácome, mulher de Agostim Imperial, de Génoa, Catarina Gomes Raposa, mulher de Manuel Vaz Pacheco, homem fidalgo, Dona Isabel Correia, mulher de João da Silva do Canto, também dos Sousas e Menezes, e Ana Jácome, que morreu donzela.

Do primeiro filho, que se chamava Jordão Jácome Raposo, procedeu Manuel Raposo, Bastião Jácome Raposo, André Jácome Raposo e uma filha freira e Rui Vaz Raposo, Martinhenes Raposo e Apolinário Raposo, Ana Jácome Correia, Clara Raposa, Breatis de Sousa, de grande virtude, Úrsula do Espírito Santo, e Bárbara de São Vicente. Do segundo, que se chamou Barão Jácome Raposo, procede Aires Jácome Correia, que só é vivo, e seis mais que morreram. Do terceiro, que foi Aldonça Jácome Correia, mulher de Agostinho Imperial, procedem Rodrigo Imperial, Barão Imperial e Alexandre Imperial, que, como seu pai, teve o cetro e foi governador de Génoa (faleceu em Madril (sic), estando aí por embaixador), e Maria Imperial e Breatis Imperial, mulheres de grande virtude e prudência, como tenho dito quando tratei da geração de Jácome Dias Correia, desta ilha de São Miguel. E do quarto filho,

que foi Caterina Gomes Raposa, mulher de Manuel Vaz Pacheco, procedem cinco filhos e duas filhas, sc., Tomé Vaz, Brás Raposo, Francisco Pacheco, Bartolomeu Pacheco e Jordão Pacheco, e Ana Pacheca, mulher de Hierónimo de Araújo, e Maria Jácome, mulher de Lopeanes Furtado. Do quinto, que foi Dona Isabel Correia, procede Dona Violante do Canto da Silva, e do sexto não houve procedimento, porque morreu donzela. E até aqui chegam os netos de Jácome Dias Correia; não falo nos bisnetos e tresnetos, que são muitos.

Esta Caterina Gomes' Raposa, depois que viuvou do primeiro marido, que é o de que procedem todos os sobreditos, o qual se chamava Rui Vaz do Trato, casou segunda vez com João do Outeiro e, dantre ambos, houveram uma filha, que se chamava Dona Maria, a qual casou com Dom Gilianes da Costa, veador da fazenda (¹⁴⁴), e houveram uma filha, a qual casou com um filho do Regedor e, por desta não nascerem filhos, o morgado tornou a Jordão Jácome Raposo, tio de Dona Violante da Silva do Canto, e a mais fazenda, que era muita, ficou aos filhos da segunda mulher de Dom Gilianes da Costa.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

DE JOÃO DE URBINA, GOVERNADOR E MESTRE DE CAMPO NA ILHA TERCEIRA E SUAS ADJACENTES ⁽¹⁴⁵⁾

Das coisas que de si ⁽¹⁴⁶⁾ são manifestamente grandes costume dizer pouco, porque elas por si mesmas se manifestam, não ousando meter-me em alto pego, somente contentando-me chegar até onde tome pé, por não me afogar e perder nas profundas águas do mar grande, com minha pequena estatura de saber e curta língua pera dizer e contar coisas heróicas e dignas de alto estilo, como são as do afamado e celebrado João de Urbina, que o marquês de Santa Cruz, quando se foi pera o reino, depois de tomada a ilha Terceira, por ordem de Sua Magestade deixou nela por seu governador e mestre de campo e de suas adjacentes ⁽¹⁴⁷⁾, mestre de sua saúde, paz e bonança, como presídio necessário pera curar suas enfermidades, consolar sua dor, amparar sua orfandade (sic), alegrar sua tristeza, remediar suas faltas e sanear suas tantas quebras, quantas depois do saco nos campos delas ficaram e debaixo de todos os telhados de seus esbulhados moradores. Oh! bom Deus e bom Senhor, se castigais como juiz, logo amais como pai, e deixais a João de Urbina por pai dos castigados naquelas ilhas, que, se isso não fora, já eles não foram. Suas obras são a sua crônica, mas quem ousará ser cronista delas que não fique muito atrás, dando sincos, sem chegar nem ao meio do jogo, fazendo grande sem rezão a grandíssimas obras com curtisimas palavras? Mas, porque a história que conto me obriga, direi o pouco que pude saber dele, pois o muito dirão muitos.

João de Urbina, que Sua Magestade, por graça divina e dom de Deus, deu por governador e mestre de campo à ilha Terceira e às outras ao redor ⁽¹⁴⁸⁾, é da casa de Urbina, filho segundo do capitão João de Urbina, neto de Pero de Urbina, irmão que foi de João de Urbina, mestre de campo general no tempo do Imperador Carlos Quinto, do qual (por estar absente no tempo que se deu a batalha em que foi preso el-rei de França) disse o marquês de Pescara que naquela batalha, por lhe faltar ele, lhe faltaram quatro mil soldados, porque em tanto o estimava. E, morrendo na guerra de Florença de uma arcabuzada, sendo já marquês Dorja (sic) e tendo muitos acrescentamentos, pelos méritos de sua pessoa e serviços que fez a Sua Magestade Imperial nas guerras de Itália, onde se avantajou muito, deixou imortal fama.

Está a casa de Urbina no vale de Cartango, na província de Alava, nos confins de Biscaia.

Entrada a ilha Terceira, como tenho dito, ficou nela seu parente João de Urbina por governador e mestre de campo, como eleito por Deus, pelos muitos e grandes bens que faz com estes cargos; e é tal, que em valor de sua pessoa, que tem mostrado em muitas batalhas, prudência, conselho, justiça e amor do serviço de seu Rei se iguala ao outro grande João de Urbina.

É de notar a bondade da ilha Terceira, além da gente nobre de que está povoada, que, sendo saqueada há tão pouco tempo e destruída de tantas nações de gente, está ao presente recuperada e tão rica como hoje há dez anos. E tem tanta fertilidade de pastos, que, parecendo a todos que nunca teria gado, pelo muito que se destruiu no saco, antes e de pois alguns dias, tem ao presente tanto como quando mais povoada esteve dele. E, se a enobrece e enriquece muito a grande escala de navios que vêm de todas partes, principalmente a navegação do ponente, Índias Ocidentais, donde se ajuntam em Angra mui grossas frotas, muitas vezes passante de cem navios juntos, afora os de São Tomé, Brasil, Cabo Verde, Mina e naus da Índia Oriental de Portugal, além de ser servida com os frutos, gados e outras coisas das outras ilhas de Baixo, suas adjacentes, e ser cabeça do bispado e correição e ter outras miudezas de abundância de água, provimento de mantimentos, comodidade de moinhos dentro na cidade, lenha e outras coisas, de que, por brevidade, não trato, principalmente é muito mais enobrecida no espiritual, com assistência do bispo Dom Manuel de Gouveia, e no temporal,

com o bom governo do governador e mestre do campo João de Urbina, amicíssimo dos naturais dela, e com a administração da justiça do doutor Cristóvão Soares de Albergaria, corregedor com alçada nestas ilhas, porque, como todos três estão tão irmanados no serviço de Deus e de el-rei, tudo naquela ilha com esta concórdia cresce e se assegura.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SEGUNDO

DA GRADUAÇÃO DAS ILHAS DE BAIXO DOS AÇORES E DE UM DOS PRIMEIROS ANTIGOS POVOADORES DA ILHA DE SÃO JORGE

Se pouco disse da ilha Terceira, por não alcançar saber mais dela, de que há grandes coisas que dizer, que eu não sei, muito menos direi das outras ilhas de Baixo dos Açores, de que alcancei muito mais pouco, pelo que, dizendo primeiro de suas graduações e rumos de todas, contarei de um mais antigo povoador da ilha de São Jorge, que, segundo pública voz e fama, foi achada e descoberta logo depois da Terceira, pois não se sabe em certeza quem fosse o que primeiro a descobriu, senão suspeita-se que devia ser Jácome de Burges (sic), framengo, primeiro capitão da ilha Terceira, que depois acharia a de São Jorge, e, pela achar em dia deste santo, lhe poria o seu nome, ou por ventura a achou o primeiro capitão de Angra, Vasqueanes Corte-Real ⁽¹⁴⁹⁾, depois de divididas as capitânicas da mesma ilha Terceira; e, por a ele lhe caber a capitania da parte de Angra, se ele achou a ilha de São Jorge, ficaria, como ficou, capitão de Angra e de São Jorge.

Esta ilha de São Miguel está da ilha Terceira, que lhe demora ao noroeste, trinta léguas, e a ilha Terceira, que está em trinta e nove graus, está da ilha de São Jorge, que está em trinta e nove ⁽¹⁵⁰⁾ graus escassos e lhe demora ao sudoeste ou quase a oeste, oito léguas de terra a terra, e do porto de Angra ao das Velas dezassete, e do Pico, que demora ao sudoeste, catorze léguas de terra a terra e o mesmo é de porto a porto, o qual Pico está em trinta e oito graus e dois terços, também quase leste oeste com a Terceira, e do Faial, que está em trinta e oito graus e meio esforçados, que demora ao sudoeste, quase leste a oeste com o Brasil, que é a ponte de Angra, vinte léguas de terra a terra, e o mesmo é de porto a porto, e da Graciosa, que está em trinta e nove graus e meio, que lhe demora a loeste, doze léguas de terra a terra, e de porto ao porto da Praia dezoito; e da ilha das Flores, que está em trinta e nove graus e meio, leste a oeste com a Graciosa e quase com a Terceira, ou do ilhéu do Corvo, que está em quarenta graus ao norte da ilha das Flores duas léguas dela, e demora da ilha Terceira a leste a quarta do sueste, e quase ambas, ilha das Flores e ilhéu do Corvo, lhe demoram (sic) a ilha Terceira a oés-sudoeste setenta léguas.

A ilha de São Jorge da ilha do Pico lhe demora ao sul quatro léguas, de terra a terra; e do Faial, que lhe demora a oés-sudoeste, de terra a terra seis léguas, e do porto das Velas ao porto Pim dez léguas, e da Graciosa, que lhe demora ao norte, de terra a terra oito léguas, e do porto das Velas ao porto da Praia vinte e duas.

A ilha do Faial da de São Jorge, que lhe demora a les-nordeste, de terra a terra seis léguas, e do porto das Velas ao porto Pim dez léguas, e do Pico, que lhe demora a loeste, de terra a terra vinte e duas léguas, e o mesmo de porto a porto.

A ilha do Pico está de São Jorge, que lhe demora ao nordeste, de terra a terra quatro léguas, e do Faial, que lhe demora a loeste, de terra a terra perto de uma légua, e da Graciosa, que lhe demora ao nordeste, de terra a terra vinte léguas.

Já que não sei em certeza quem primeiro achou a ilha de São Jorge, direi de um seu antigo povoador, o qual foi um Guilherme Vandaraga, framengo, homem fidalgo e rico, que trouxe à sua custa de Frandes dois navios carregados de gente, oficiais de diversos ofícios, pera povoar destas ilhas dos Açores (que então novamente eram descobertas) a que mais lhe contentasse. Sua mulher se chamava Margarida Sabuja (ou Sabuia), naturais ambos da cidade de Bruges, de que há muita geração e família, que agora se chamam os Silveiras; e a razão do nome é porque muitos da dita geração se chamavam Vandarages (sic), que quer dizer bosque de silvas e matos baixos.

Este Guilherme Vandaraga, que depois se chamou Guilherme da Silveira, por ser homem de muita experiência, vindo ter a estas ilhas antes que se assentasse onde se havia de aposentar, quis experimentar a bondade das terras desta maneira. Mandava abrir uma cova, ou as que queria, em certas partes da terra onde estava e, depois de tirada a terra, a mandava tornar dentro à cova, calcando-a medianamente, e, se faltava terra pera encher a cova, não havia que aquele era bom sítio de terra (sic), e buscava outro. Tanto andou nisto que se foi à ilha de São Jorge, onde se chama o Topo, e lá usou da mesma experiência, e, por achar que, tornando a terra à cova que tinha feita, lhe sobejava terra, assentou viver ali, como, de efeito, assi o fez, e foi o primeiro que fundou a vila do Topo, em um alto morro, cercado de alto rochedo, de uma banda e de outra do mar, do qual mar pera a vila não tem mais que uma serventia pela rocha acima, em modo de caracol, por onde não pode ir serão um carro ou quatro ou cinco homens a par, tão defensável que, de cima, às pedradas ou com quaisquer armas se defenderão trinta homens a dez mil.

E, porque a ilha é de um espinhaço mui alto, de que correm muitas ribeiras em todo o ano, que vão cair no mar da banda do sul de muito alta rocha, que aos navegantes, que passam aquele canal antre São Jorge e o Pico, dão muita alegria em as ver assi correr de tão alto rochedo, por serem terras dependuradas e de massapez, ainda que no princípio, como dizem alguns, cultivadas lhe davam tanto trigo, que só de sua seara pagava cinquenta moios de trigo ao dízimo cada ano e em um mais fértil pagou sessenta moios, depois, por tempos, levando a chuva as terras ao mar, vieram a ser estériles e aquela banda do Topo ficar a pior parte da ilha de São Jorge e de todas as mais, ficando de muito pouco proveito, assi em dar novidades, como arvoredos, como de criações, porque somente cabras se dão bem nela, e é tão estéril, que não cria coelhos por nenhum caso, botando-os nela por muitas vezes, havendo nas mais partes da mesma ilha tantos que destroem as novidades e vinhas. Pelo que dizem que se passou este framengo pera a ilha do Faial, onde enriqueceu muito, como adiante direi, quando tratar daquela ilha, por ver que aquele Topo de São Jorge não podia fazer ninguém rico.

A gente, naturalmente, é de, pouca experiência, pelo pouco concurso que há de navegação pera aquela parte, onde a terra carece de todo o necessário pera a sustentação humana.

Tem pouco trigo e vinho; nem tem árvores que dêem fruto que seja coisa notável; parte muito fria, sem água, e alguma que tem muito ruim e pouca, e fora de povoado.

Outros dizem que se foi Guilherme Silveira desta ilha, por lhe não sair certa a sua experiência, passando-se pera a ilha do Faial, onde foi tão rico, que dava de dízimo cada ano o acima dito, do qual tratarei mais largamente quando adiante tratar daquela ilha.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO TERCEIRO ⁽¹⁵¹⁾

DA DESCRIÇÃO DA ILHA DE SÃO JORGE

A ilha de São Jorge tem de comprido dez léguas; corre sua compridão noroeste sueste. O lugar ou freiguesia de Rosales (sic) está ao noroeste e a vila do Topo ao sueste. Tem de largura em partes mais de uma légua, e em partes menos, e toda é um alto espinhado e lombada de serrania, e pela banda do Topo mostra mais rosto e é mais larga que pelas outras partes, e, por ser muito fragosa, não tem caminho por terra, que é de muito mato, senão com muito trabalho.

Na ponta do Topo está uma vila, chamada do Topo, de oitenta e sete fogos e trezentas e cinquenta e nove almas de confissão, das quais são de comunhão duzentas e cinquenta e quatro ⁽¹⁵²⁾, cuja igreja e freiguesia é da advocação de Nossa Senhora do Rosairo, de naves, com quatro colunas por cada banda e duas capelas a cada lado. É agora vigairo Diogo Vaz Vieira, com um só beneficiado e um tesoureiro. Estende-se seu termo mais de uma légua com muitas ribeiras antre matos ⁽¹⁵³⁾. São terras de pão e de pastos. Tem o porto de tufo, feito ao picão, em que saem os batéis de pescar e bateiras, e entram por cima de uma lagem. O torrão da terra é de massapez. Há nesta vila muitos homens nobres de diversos apelidos. Junto da ponta do Topo, espaço de dois tiros de arcabuz, afastado dela, está um ilhéu raso com o mar, que terá cinco moios de terra, onde semeiam trigo e apascentam gado, que levam a engordar nele, e se criam muitos estapagados e pardelas e outras aves do mar, e pelo canal, antre o ilhéu e a terra, passam alguns navios, e ao longo da vila do Topo, antre o porto dela e o ilhéu, sai ao mar uma pequena ribeira de água doce, e há uma fonte, não de muita água, mas de todo o ano, junto da vila, de que bebem os moradores dela.

Desta vila do Topo, correndo a costa pela banda do sul, a meia légua, está a ribeira Seca, que corre todo o ano, mas chama-se assi por trazer pouca água; onde há alguns casais, ao longo dela, que são da freiguesia do Topo e lá vão ouvir missa.

Adiante da ribeira Seca um quinto de légua está a ribeira de Lexias. que leva muita água todo o ano e vem de longe da serra.

Desta ribeira quase outro tanto espaço está a ribeira do Meio, tão grande como a ribeira de Lexias, e antre elas ambas moram cinco ou seis vizinhos,

Da ribeira do Meio, indo pera oeste outro tanto espaço, está a ribeira de São Tomé, e nela dois moinhos do capitão, ambos em uma casa e com uma serventia.

Da ribeira dos Moinhos a uma légua está a ribeira de São João, que é a maior de toda a ilha, antre a qual e a de São Tomé está uma fajã, que deu já muito pão e agora dá muitos vinhos.

Da ribeira de São João um sexto de légua está a ribeira do Salto, e tudo é rocha talhada antre uma e outra, e não vai senão gente de pé, atravessando por meia terra por cima, por ser terra mui alta.

Indo adiante outro tanto espaço, está a ribeira do Cedro, tão grande como a dita atrás, e logo adiante outra tanta quantidade está a ribeira dos Bodes, que se chama também Atalhada das Ovelhas, tão grande como as outras, e perto está a Fajã dos Vimeño (sic), que é terra de pão e de criações de cabras, onde se criam muitas, e por ela corre esta ribeira que tem muitos vimes, prantados ao longo da sua água, e por isso tomou o nome deles, e da ribeira de São Tomé até chegar a ela tudo são rochas e terras altas de mato e frias; e da ribeira dos Vimeñs até as Fontainhas, adiante, são terras mais rasas, que dão trigo.

Desta ribeira dos Vimeñs a meia légua está o Portal, que é terra de pão, e, junto dele, uma ribeira, que chamam Funda, por ela o ser e levar muita água antre duas ladeiras.

Adiante três tiros de arcauz está a ribeira Seca, que é de enchentes e não corre no verão, mas no inverno moem com ela quatro ou cinco moinhos do capitão, junto da qual está a freiguesia de São Tiago, de três naves, com três colunas por cada banda, que tem sessenta e cinco fogos e almas de confissão cento e cinquenta e quatro, das quais são de comunhão cento e noventa e oito ⁽¹⁵⁴⁾, que vivem espalhados pela serra e ao longo do mar, alguns légua e meia da igreja ⁽¹⁵⁵⁾, e tudo ao redor são terras de pão e biscoito de pedra. É agora vigairo António Gonçalves Teixeira e tem um tesoureiro ⁽¹⁵⁶⁾.

Desta freiguesia a uma légua pequena está a Vila Nova da Calheta, cuja freiguesia é de Santa Catarina, de três naves, com uma capela ao lado direito, que tem cento e dez fogos ou vizinhos e quatrocentas e vinte e uma almas de confissão, das quais são de comunhão trezentas e quinze, também espalhados ao longo do mar e pela serra, alguns quase duas léguas por matos e terra áspera de muitas pedras e grotas e onde vivem nobres e honrados moradores, e tem terras de pão e vinhas ⁽¹⁵⁷⁾. É agora vigairo nela Mateus Pires Albernaz; tem um beneficiado e um tesoureiro ⁽¹⁵⁸⁾.

Perto da vila da Calheta, menos de meia légua, está a Fajã de Vicente Dias; dá muito pão e vinho, por ter terras lavradas e de biscoito.

Desta Fajã a meia légua estão as Manadas, freiguesia de Santa Bárbara, de sessenta e seis fogos, espalhados por mais espaço de légua e meia ao redor, onde há duzentas e trinta e oito almas de confissão, das quais são de comunhão cento e setenta e uma ⁽¹⁵⁹⁾. É agora vigairo Simão Fernandes e tem um tesoureiro.

Das Manadas à ribeira do Nabo há uma légua; são terras de biscoitos, que mais dão vinho que pão, onde também estão muitos matos, de cuja lenha se serve a vila das Velas.

Da ribeira do Nabo a um quinto de légua está a ribeira do Poço, que vai ao longo das casas de uns moradores, que ali, em uma fajã, vivem, e por isso se chama aquela terra a Fajã, os quais são sufragâneos à vila das Velas e lá vão ouvir missa.

Desta Fajã a um terço de légua está uma ermida de Nossa Senhora da Luz, onde foi ermitoa uma virtuosa beata, chamada Caterina Cardosa, mulher perto de cento e dez anos, que, sendo moça, fez aquela igreja com o que ela podia e algumas esmolas, e sempre ali viveu, com muita virtude e exemplo ⁽¹⁶⁰⁾.

Desta ermida a um quarto de légua está a ribeira de Santo Amaro e, ao longo dela, uma ermida deste santo. No meio do caminho, antre esta ermida e a vila das Velas, está uma ermida de Nossa Senhora da Luz ⁽¹⁶¹⁾ e dela descem pera a vila.

Da ribeira a outro quarto de légua está a vila das Velas, mais principal povoação de toda a ilha, cuja freiguesia é da advocação de São Jorge, de duzentos e quarenta e dois fogos e oitocentas e vinte e seis almas de confissão, das quais são de comunhão seiscentas e quarenta e seis. A igreja é de três naves, com cinco colunas de cada parte, com uma capela ao lado direito. É vigairo e pregador o licenciado Lizuarte de Freitas de Meio, teólogo. Há nela quatro beneficiados, um cura e um tesoureiro ⁽¹⁶²⁾, onde mora Guilherme Silveira, capitão do alardo, e Gaspar Lourenço, ouvidor do capitão, e Gaspar Roiz, almoxarife, e outra muita gente nobre.

Desta vila de São Jorge (sic) a um quarto de légua está uma ermida de São Pedro, e dela a três quartos de légua uma freiguesia de Nossa Senhora do Rosairo, de vizinhos ⁽¹⁶³⁾ espalhados (sic) e dali até à ponta da ilha, que se chama ponta dos Rosales (sic), e o lugar também se chama Rosales ⁽¹⁶⁴⁾, por causa da freiguesia, que fica atrás dita, ser de Nossa Senhora do Rosairo, haverá uma légua. É agora vigairo Rui Pires Flores e tem um tesoureiro. Há nesta freiguesia quarenta e seis fogos e cento e setenta e seis almas de confissão, das quais são de comunhão cento e vinte e oito ⁽¹⁶⁵⁾. E na ponta da ilha, afastado da terra um tiro de besta, está no mar um ilhéu comprido de pedra, pequeno e agudo pera cima, que se chama agora o ilhéu ou a Pedra do Bom Nome, o qual lhe pôs o doutor e desembargador Fernão de Pina, quando ali foi ter com alçada e desembargo, em contrário do mau e desonesto nome que dantes tinha.

Da banda do norte não tem esta ilha de São Jorge freiguesia alguma, por ser terra tão áspera, que não se pode habitar, nem se poderem sustentar os que nela quisessem viver.

Mas, novamente, o bispo Dom Manuel de Gouveia criou uma, que intitulou de Santo António, e tem dezoito fogos e noventa e cinco almas de confissão, das quais são de comunhão setenta e quatro, de que tem cargo o padre Aires Cardoso, por conta dos freigueses até Sua Magestade prover ordenado, e, então, terá mais trinta fogos, que se lhe darão da freiguesia da Calheta. Porque os que agora tem apartou o dito bispo da vila das Velas, por estarem mais de duas léguas dela e a terra ser fragosa (¹⁶⁶).

Da ponta do Rosales, correndo pela costa da banda do norte, a meia légua, está uma fajã nas testadas das terras que foram de João Pinto e agora são de seus herdeiros, que terá de ladeiras lançantes ao mar perto de três moios de terra de pasto, da qual a um quarto de légua está uma ribeira, que chamam Sete Fontes, por haver ali muitas, de que a mesma ribeira nasce, onde bebe a gente e gados e alagam linhos, e é uma principal fonte do (sic) Rosales donde vão no verão buscar ali água em pipas, e dela se serve toda aquela comarca pera lavarem roupa e beber a gente e gado.

Correndo mais adiante pela costa, que são tudo ladeiras ou rochas altas e fragosas, que correm quase direitas, sem pontas, há criações de cabras e ovelhas. Desta ribeira das Setes Fontes a meia légua estão três fajãs, que foram de João Gonçalves e agora são de seus herdeiros: A primeira se chama a Fajã Grande, por ser de dois moios de terra lavradia, afora outras cabeçadas, que tem por cima, de pastos; de mato; a segunda se chama a Fajã do Centeio (¹⁶⁷), que pode ter um moio de terra lavrada, afora mato e pastos; a terceira é chamada a Fajã do Cabo que, antre terra já feita e outra que se pode fazer e roçar, terá até cinquenta alqueires de terra lavradia, além do mato e pastos; e todas correm ao longo do mar, abaixo das rochas, que são altas, onde se criam muitas cabras e ovelhas.

Da Fajã do Cabo a meia légua está a Fajã de Alvareanes, com descida de pé de cima da rocha abaixo, e será de um moio de terra, que pode dar trigo, e já o deu no tempo antigo, mas agora serve de pasto.

Da Fajã de Alvareanes a outra meia légua está outra, que se chama a Fajã Rasa, por estar mais igual que as outras com o mar, à qual descem de alta rocha por caminho de pé, e o que se tira delas é por mar e, às vezes, às costas pelos caminhos de pé. O ano de mil e quinhentos e oitenta se semeou a primeira vez esta fajã, e commumente todas podem dar pão e pastel, se o semearem nelas; por esta fajã vai uma ribeira de Vasco Martins, por haver sido aquela terra sua, e agora é de seus herdeiros, afora duas partes que estão na mesma fajã.

Desta fajã, indo pela costa do norte adiante dois terços de légua, está a Fajã da Ponta Furada, por ter ao longo do mar uma ponta, saída nele, de terra alta, com um pico em cima, no cabo da qual tem um buraco por onde passa o mar de uma parte a outra, e por isso se chama Fajã da Ponta Furada, que terá até dois moios de terra, antre limpa e outra que se pode alimpar pera dar pão. Passa ao longo dela uma grande ribeira, que vai sair abaixo, ao mar, pegada com a Ponta Furada. Por cima destas fajãs, pela terra dentro, das rochas pera a serra, há muitas terras de pão, ao longo das rochas de João Varela e dos herdeiros de Vasco Martins; e, mais junto à serra, terras escalvadas de pastos, que correm águas vertentes de cima da mesma serra; e desta Fajã da Ponta Furada pera diante, ao longo do mar, tudo é rocha talhada e bravia, mas a terra, por cima da rocha, por espaço de dois tiros de arcabuz, é do capitão da ilha, nesta largura, águas vertentes do mar à serra, que somente serve de pastos; e logo está outra terra, não tão larga, que foi de el-rei e depois de João Gonçalves e agora é de seus herdeiros.

Adiante está terra de pão e comedia de gados, de até três tiros de arcabuz de largo, e a compridão do mar à serra, que foi de João Álvares, o Neto, e agora é de seus herdeiros, e parte dela de Estêvão Ferreira, fidalgo, morador perto da cidade de Angra, onde chamam o Vale.

Logo se seguem as terras que foram de Pero Gomes e agora são de seus herdeiros, que terão de largura duzentas braças e também correm do mar à serra, e são de pão e comedia de gado. Apegadas com estas terras, estão as que foram de Diogo Lourenço, da mesma largura e proveito; e, adiante, estão outras, que foram de Jorge de Lemos e agora as possuem seus herdeiros, que terão quatrocentas braças de largura, pouco mais ou menos, em as quais está uma ermida de Santo António; logo estão as terras que foram de Pero Lourenço e agora são de seus herdeiros, de largura de duzentas braças; adiante, está a terra dos herdeiros de Simão Dias, da mesma largura; e todas ali se semeiam de trigo.

Mais além, está a terra que foi de João Álvares, o Neto, e agora é de seus herdeiros, que corre dali até à ribeira da Areia, que pode ser meia légua de largo, com a qual ribeira se divide o limite da vila das Velas e da vila da Calheta.

Correndo adiante ao longo da costa, está uma grande fazenda de terras de pasto, que foram de Diogo Fernandes e agora são de seus herdeiros, e apegado com ela, as grandes terras dos herdeiros de João Galego, onde se semeia muito trigo ao longo do mar, por serem mais baixas, mas por cima são todas de pasto, e moram por esta costa do norte, atrás dita, muitos homens nobres, que serão por todos até trinta vizinhos.

Das terras de João Galego adiante está a fazenda do Capitão, que chamam a Ponta da Serra, por estar ali um pico alto, que se vê de longe; é grande espaço de terra de pasto, e, apegado com ela, a fazenda dos herdeiros de Pedreanes de Valença, onde tem uma fajã ao longo do mar, de grande quantidade de terra, que chamam a Fajã dos Cubres, por haver nela muitos; e, indo pela costa apegado com ela, está a fazenda do Capitão, que tem uma fajã rasa com o mar, chamada Redonda, pelo ela ser, que pode dar trigo, mas, por ser longe, não se semeia dele e serve de pastos.

Desta fajã até o Topo, por espaço de quatro léguas, tudo são rochas altas, de mato, que serve de pasto de cabra.

Tem esta ilha de São Jorge de largura, da fajã de São João, que está da banda do sul, direito ao norte mais de légua, e vai estreitando cada vez mais até o Topo, onde faz quase uma ponta aguda defronte do ilhéu, e da Ribeira Seca, que está da banda do sul, direito ao norte terá mais largura, e dali vai estreitando cada vez até à ponta do Rosales, onde vai morrer aguda defronte do outro ilhéu, chamado a Pedra do Bom Nome.

Pelo meio da terra, na ilha de São Jorge, tudo é um lombo e espinhaço de alta serra de montes e vales, de biscoutos cobertos, deles de mato e outros escavados, em que há muitas alagoas de água, onde se criam infinidade de adens. O mato é de toda sorte de árvores silvestres, como são cedros, faias, louros, ginjas, pau branco, azevinhos, folhados, urzes, tamujos e queirós, e há um caminho pela encumeada da serra, do Topo até a ponta do Rosales, por onde foi o desembargador Fernão de Pina, a quem não ficou monte em toda aquela ilha que não corresse, tão desenvolvido e curioso era. A madeira é boa, de que fazem caixas, pernas de asnas, couçoeiras, forro, barcas e navios.

Há adens bravas e marrecas, que são mais pequenas que adeus e da mesma feição, pombos torcazes e pombas de rochas, bilhafres, patas, codornizes, méloas e muitos pássaros, canários, tintilhões, toutinegras e alvéloas, que chamam lavandeiras, e outras aves mais pequenas, que chamam ferifolhas, as mais das quais têm uma estrela amarela ou vermelha na testa e são de diversas cores, pictas de azul, vermelho, branco e amarelo. Há muitos coelhos no meio da ilha, do Portal até à Ponta do Rosales, não havendo algum pera a parte do Topo. Dizem os moradores que os não há naquela banda por serem as ribeiras do meio da ilha fundas, da Ribeira Seca até o Topo, e os coelhos não poderem passar por elas pera aquela parte. Já no tempo antigo criavam da banda do Topo coelhos mansos e, por se inçarem muito e fazerem perda, os mataram e desinçaram todos, por escusar outra maior ao diante. Há também muitos furões bravos e mansos.

Em toda a ilha há trigo e vinhos em abastança pera a terra, e alguns se carregam pera as outras ilhas, principalmente pera o Faial e Graciosa. Em bom ano se recolherão perto de três mil pipas de vinho, que se bebe na terra e carrega pera fora e bebem os forasteiros, que vêm ali muitos por causa do bom porto que tem na vila das Velas, onde se acolhem muitos navios com temporais, e nas Velas vão amainar as suas e surgir seguros.

Antes do incêndio que aconteceu na era de mil e quinhentos e oitenta, como logo direi, dava muitas frutas, figos, marmelos, pêssegos, maçãs e alguma fruta de espinho. Há nela muito gado vacuum, ovelhum e cabrum, do leite do qual se fazem muitos queijos em todo o ano, que dizem ser os melhores de todas as ilhas dos Açores, por causa (dos pastos, e, antre todos, os queijos das ovelhas são melhores, por o leite ser muito grosso e substancial. Criam-se também nesta ilha muitas galinhas mansas e alguns galipavos.

Todas as povoações têm seus vigairos, que el-rei paga; os vigairos do Topo e Calheta têm seus coadjutores e na igreja das Velas há quatro beneficiados, afora o vigairo e cura. Foi vigairo na vila do Topo João Roiz, e depois trocou com Afonso de Ponte por uma conezia, e Afonso de Ponte com Diogo Vaz Vieira ⁽¹⁶⁸⁾, que agora reside na igreja.

No lugar da Ribeira Seca é vigairo António Gonçalves; na vila da Calheta foi vigairo Gonçalves e agora é Diogo Silveira. No lugar das Manadas foi vigairo Amador Gonçalves, depois Lourenço Homem e agora Simão Fernandes (¹⁶⁹). Na vila das Velas foi vigairo Martim Gil, e depois frei André Vieira, e logo o licenciado Lizuarte de Freitas, que é pregador e ouvidor em toda a ilha. No lugar do Rosales foi vigairo Francisco Martins, depois um chamado por alcunha Mira Cielos, e depois Rui Pires, o Flores (sic), que agora reside na igreja.

CAPITULO TRIGÉSIMO QUARTO

DE UM ESPANTOSO TERREMOTO QUE ACONTECEU NA ILHA DE SÃO JORGE

A vinte e oito dias do mês de Abril da era de mil e quinhentos e oitenta anos aconteceu tremer a terra aquela noite trinta vezes, e a outro dia, cinquenta, e ao terceiro dia outras tantas, no qual, em um lugar que se chama a Fajã de Estêvão Silveira, arreventou o fogo em duas bocas, menos de meia légua da vila, deitando de si grandes pedras e pequenas, com tanta fúria e força, tão altas que os olhos as perdiam de vista, as quais se tornaram a cair na ilha se perdera toda e matara a gente e gado. Tremendo sempre a terra, que se abria em gretas, derribando valados e caindo casas no campo, donde correram duas ribeiras de fogo, uma das quais foi direita cair no mar por uma rocha abaixo, que cerca o porto da vila das Velas, correndo por espaço de meio dia, que foi o primeiro de Maio, pela manhã (sic). E ao mesmo dia quebrou (¹⁷⁰) parte daquela rocha, por onde caiu esta ribeira, que, tomando posse do mar, fez um cais nele da mesma ribeira, que, resfriando, se tornou pedra, de que a gente da vila tomou tanto temor, que começaram a fugir, uns pela terra dentro, outros pera as igrejas, donde os padres da vila começaram fazer procissões, chorando homens, mulheres e mininos, pedindo a Deus misericórdia com grandes gritos, e algumas mulheres prenhas morriam de medo.

Dali a espaço de seis horas arreventou o fogo em outro pico, sobre as vinhas que chamam as Queimadas, as quais eram remédio daquela ilha, porque não tinham outras lavouras senão aquelas e dali se vendiam cada um ano mil e quinhentas pipas de vinho; mas ficou a melhor parte das melhores delas abrasada e subvertida com este fogo, que correu por espaço de dois dias, feito polme que, depois de resfriado, se tornou pedra. E depois se abriu outra boca onde se chama a Ribeira do Nabo, três léguas da vila das Velas, e ali fez muito estrago nas vinhas e correu um pico mui alto, da serra ao mar, uma légua por um baixo e fresco vale de até cem moios de vinhas, alagando-o de maneira que ficou o baixo alto como o pico e o pico tão baixo, que lhe não aparece o fundo. Correndo assi estas e outras ribeiras, que por todas eram cinco, cobriam de vinhas légua e meia e de terras de pasto três léguas, e de gado morreriam mais: de quatro mil rezes, vacum, ovelhum e cabrum, por razão das ervas e matos que se secaram, sem ter que comer; morreram também todas as abelhas, sem ficar nenhuma, umas ficando acravadas debaixo do biscouto e cinzeiro, outras por lhe faltar a comida; e muito pior fora se não ventara, então, o tempo oeste ou sudoeste, que botava o cinzeiro pera sobre os matos e guardava as searas, que ficavam à parte de loeste, onde se chama Rozales, mas, contudo, ainda que a vila ficava à mesma parte de loeste, era tanto o cinzeiro que caía, que não ousavam as pessoas sair fora das igrejas, porque, como saíam, a cinza as afogava, e era tanta, que, já a cabo de três dias, não podiam abrir as portas, atupidas com ela.

Durou este terremoto por espaço de quatro meses, sempre rijo e furioso, cada vez mais bravo.

Havia naquelas vinhas que se perderam até trezentas adegas, com suas torres sobradadas, que os donos delas tinham mais lustrosas e custosas que as casas da vila, que só errão (sic) térreas, e destas adegas todas ficaram dez ou doze, e as mais nunca apareceram. Dizem que com este fogo se perderam fazendas, assí de vinhas como de terras de pão e casaria, que valeriam cento e cinquenta mil cruzados, e por onde correu perpetuamente haverá nada, pelo que, ainda que os moradores da terra eram dantes pobres, por as mais fazendas terem os senhorios no reino e em outras partes, ficando então mais pobres sem a grangearia delas e vendo que o fogo não cessava, fugiram com o medo do terremoto, que espantava a todos, de alguns, portos da ilha; mas da vila das Velas não deixaram os juízes embarcar ninguém, até não verem em que parava, esperando que cessaria aquela fúria, mandando, todavia, buscar alguns barcos do Faial e da ilha do Pico, além dos que havia na terra, os quais todos tinham

aparelhados pera se acolherem e embarcarem neles, se sobreviesse algum maior mal e perigo.

Correndo o tempo desta maneira, sucedeu irem quinze homens, que tinham suas pobrezaas em uma casa, no cabo daquelas vinhas, buscar em um batel por mar, perto do qual a casa estava, alguma coisa que pudessem salvar e, ficando alguns no batel, saíram os outros em terra e, entrando na casa, se pôs uma nuve (sic) sobre ela e, saindo um de dentro a ver aquela sombra, como viu a nuvem, começou a correr pera o barco, sem o alcançar mais que o ar da nuvem, que o crestou todo, e lhe caiu depois o couro de todo o corpo. Os que ficaram na casa se queimaram todos, sem nunca mais aparecerem, nem eles nem a casa, que também se queimou. Vendo, então, a gente da terra que as nuves os queimavam, se embarcou a maior parte dela pera as outras ilhas, até que sossegou aquela fúria de fogo, que ardeu muito tempo, depois, naquela concavidade que ficou feita na terra, porque dizem que se abriram cinco bocas no pico Grande da ribeira do Nabo e quatro delas se ajuntaram em uma, onde ainda ferve o logo, e a outra, primeira que arreventou, ficou apartada por si, onde não há já sinal de fogo; e delas saiu também terra, que caía sobre a ilha e fez em algumas partes dela grandes outeiros, na qual, semeando, depois trigo nascia, mas não se lograva nem dava fruto, por causa da quentura que o murchava.

Quando aconteceu este terremoto, dizem que se acharam só na vila das Velas quarenta querelas dadas, uns dos outros, e as mais delas falsas, e continuamente ali havia ódios e nunca tinham paz, pelo que dizem permitir Deus que houvesse aquele castigo e ameaça pera se emendarem; os quais vendo a ira do Senhor estar sobre suas cabeças, eles mesmos se acusavam, indo a casa dos escrivães, onde rompiam os papéis que tinham feitos uns contra os outros, sem ficar petição, feito, processo, nem papel algum de querela. Principalmente com a chegada do padre Pero Freire, pregador da Companhia de Jesus, que por ordem da obediência foi lá mandado naquele tempo, onde foi recebido como homem que ia do Céu, porque, além de levar a consolação espiritual, com que os consolou e esforçou com sua doutrina, levou também uma boa corporal, pera a gente pobre de três ou quatro freiguesias que, de todo, ficaram perdidas. O qual ainda provou e viu as maravilhas e horrendos efeitos que aquele fogo obrava, porque, de seis ou sete bocas que arreventaram, a maior e mais espantosa arreventou ao tempo de sua chegada, à qual puseram nome Boca Infernal, pelos espantos, sinais e prodígios que mostrava, com que, em qualquer parte da ilha que os homens estavam, parecia estarem em manifesto perigo das vidas; e, entre outros admiráveis efeitos que obrava, um deles era botar pelos ares, afora o fogo que corria ao mar por cima da terra, umas nuvens de fogo, que iam estourando pelo ar, de maneira que punham os homens em grande espanto e medo, porque, onde estas nuvens caíam tudo abrasavam e levavam couro e cabelo, e uma destas queirnou aos cinco homens que estavam no barco, como, já disse, de que houve grande dúvida se escapariam, tão queimados ficaram, e outros morreram miseravelmente, indo salvar sua fazenda, como já disse.

Seja o Senhor, contudo, louvado e permita Ele que seja isto motivo pera os pecadores que o virem, e outros que o ouvirem, emendarem suas vidas e costumes.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SEXTO ⁽¹⁷¹⁾

DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DO FAIAL E DE SEUS PRIMEIROS E MAIS ANTIGOS POVOADORES, ANTRE OS QUAIS FOI UM MAIS PRINCIPAL, CHAMADO GUILHERME SILVEIRA, DE QUE PROCEDEM OS SILVEIRAS

Antre muitos, não se sabe quem fosse o que primeiro descobriu a ilha do Faial e, segundo diz o docto e curioso João de Barros na sua Ásia, no livro terceiro da primeira Década, no capítulo undécimo, em tempo dos requerimentos de Colon a tinha Jos Dutra ⁽¹⁷²⁾, não sei se quer dizer descoberto o qual era framengo de nação e morador na cidade de Bruges, ducado de Frandes, fidalgo e senhor de certas vilas no mesmo ducado, e vindo ter a Portugal a ver mundo, como os framengos costumam fazer, por serem curiosos os daquela província, que, ainda que sejam muito ricos e homens de qualidade, têm por costume mandarem seus filhos aprender ofícios, ou outras manhas boas de tanger e dançar, falar línguas e outros exercícios, pelo que, chegado Jos Dutra à corte de Portugal não sei em tempo de que rei, uns dizem que dali veio a descobrir a ilha do Faial, a qual achou, e, tornando pera o reino, se casou nele.

Outros dizem que, quando se descobriu a ilha do Faial, estava então em Lisboa um clérigo, framengo de nação, que era capelão do infante, a quem a infanta ⁽¹⁷³⁾, mulher do dito infante, desejava fazer bem, por ser seu capelão muito tempo e bom homem, pelo que, com este desejo de lhe pagar seu serviço, disse ao infante que o fizessem capitão daquela ilha, o que fizeram, e, passados seus padrões, caíram como não era possível ele ⁽¹⁷⁴⁾ ser capitão, sendo clérigo que não podia governar justiça; pelo, que estando disto descontentes, lhe perguntou a infanta se tinha algum parente ou amigo que pusesse em seu nome, e que a renda da igreja seria sua, o que fez o clérigo, e, por ter a este tempo consigo Jos Dutra, mancebo, framengo de nação, criado cavaleiro da casa do dito infante (como mais largo trata o docto e curioso João de Barros no livro que fez, chamado Clarimundo), que se conheciam e pousava com ele, disse o clérigo à infanta que o fizesse capitão e que ele lhe daria a renda, que bem se haveriam; o que a infanta fez fazer ao infante e lhe passaram disso suas cartas e padrões; e, feito capitão, estando pera se partir, disse a infanta a suas criadas que, já que aquele homem era capitão, se queria alguma delas casar com ele, que seria capitoa daquela ilha, ao que lhe responderam que não queriam; somente Isabel ⁽¹⁷⁵⁾ de Macedo, vendo que todas diziam que não, disse que ela queria e era contente; então os casaram, e se vieram pera o Faial, onde viveram e tiveram filhos.

Outros afirmam que, por el-rei ser informado que Jos Dutra era fidalgo e pessoa principal em Frandes e vinha a ver o reino de Portugal por sua curiosidade, o casou com uma sua dama, chamada Francisca Corte Real. Outros dizem, o que é mais certo, que havia nome Breatis de Macedo, de que procedem os Macedos desta ilha de São Miguel e Guiomar Botelha, mulher de João Mendes Pereira, irmão de António Mendes Pereira, e filha de Nuno de Macedo ⁽¹⁷⁶⁾, que foi filho do dito capitão do Faial; e, por assi casar a Breatis de Macedo com este capitão Jos Dutra, lhe deu o infante em casamento a capitania da ilha do Faial e da ilha do Pico, que ainda então estava por povoar, mas achadas não se sabe por quem, e são vários pareceres, se por Gonçalo Velho, comendador de Almourol, se pelo mesmo Jos Dutra, ou por outrem.

Estando estas duas ilhas do Faial e Pico descobertas, mas não povoadas, sendo muito ermas, com só algum gado que nelas deitaram os primeiros descobridores, ou os moradores da ilha Terceira e da de São Jorge, que primeiro foram descobertas, antes de haver gente no Faial, veio do reino um homem de boa vida, ermitão, que, pela fazer mais solitária, se foi pera a dita ilha do Faial, onde se pôs de assento pera nela exercitar sua determinação e devação (sic), estando ali só todo o inverno, e no verão iam pessoas da Terceira a suas fazendas e visitar seus gados, onde então comunicavam com este ermitão. Indo lá um verão, lhe acharam que, por seu modo, tinha ordenado uma embarcação; foi perguntado a que fim a fazia.

Respondeu que da parte da ilha do Pico (que é menos de uma légua de mar em meio, onde se vê o gado andar pascendo) lhe aparecia uma mulher vestida de branco, que o chamava de lá, que se fosse pera ela, e que por ter pera si que era Nossa Senhora, queria fazer aquele barquinho, em o qual, forrado de couro por fora, determinava passar lá, quando ela o chamasse. As pessoas que lho ouviram o tiraram disso o mais que puderam; contudo, ida a gente, como se viu só, acabou a obra do barco que fazia e se meteu no mar, sem nunca mais ser achado, nem visto, pelo que se teve por certo que quem o chamava era o demónio, que o enganava e, persuadindo-o que era a Virgem Nossa Senhora, foi meio e causa esta capa de santidade deste pobre morrer afogado, sem haver mais nova dele, nem do barquinho que fazia.

Sendo casado no reino Jos Dutra com Breatis de Macedo e feito capitão das duas ilhas, Faial e Pico, que, ou pelas ele achar ou por assi casar, lhe deram em dote, se foi de Portugal a Frandes, onde tinha seu património, o qual vendeu lá pera vir povoar as ditas ilhas e capitania delas; e, desejando trazer gente pera as povoar, por serem novas e ermas, falou com muitos e informou a muitas pessoas de sua nação framenga e amigos seus pera este efeito, prometendo-lhe dar nas mesmas ilhas quanta terra quisessem e fazer muitos favores, com os quais demoveu a virem alguns dos seus naturais a elas.

Outros dizem que primeiro veio com sua mulher à ilha do Faial e daí, deixando-a na ilha, se foi a Frandes, donde trouxe muitos framengos, parentes e amigos, como foram António Dutra, parente seu e pessoa muito principal, que casou na terra, de que procederam os Dutras que hoje há nela, e outro Jos Dutra, e outro, chamado Arnequim, casado com Beta, sua mulher, framenga, e outro Pitre ou Pita da Rosa, casado com Maya (sic), framenga de nação, e outro Jorge, casado com Margarida Luís, framenga, e outros a que não soube os nomes. Este Arnequim dizem que era um framengo valente e determinado. Conta-se dele que, indo um corregedor ali, ao Faial, fazer sua correição, conforme à lei de el-rei, acabado o derradeiro dia dos trinta dias, que por a ordenação lhe eram dados que estejam em cada ilha daquelas, foi-se este Arnequim ao corregedor com outros framengos e disseram-lhe: «Senhor corregedor, já tua mercê tens acabado teu tempo nas nossas ilhas do Faial; vai-te embora logo, não estejas aqui mais, que não te queremos cá». Respondeu o corregedor que ele não tinha tempo pera se ir, e, quando o houvesse, se iria, como, de efeito, não tinha vento pera isso. Tornaram eles a dizer-lhe que se fosse logo; replicou o corregedor que, se não tinha vento, como havia de ir sem ele. Alevantaram-se eles com grande alvoroço contra o corregedor e começaram a dizer em altas vozes: «Senhor corregedor, quer ventes, quer não ventes, bicha mala fora de nossas terras»; e de tal maneira o puseram por obra, que foi forçado recolher-se o corregedor em uma casa fechado e não parecer mais, até que se foi, e, antes de se ir, na casa donde estava fez seus autos e tirou suas testemunhas o mais calado que pôde, e mandou-os a el-rei, a Lisboa. Vendo-os el-rei, mandou logo ao capitão Jos Dutra que lhe prendesse aqueles homens e lhos mandasse presos, o que o capitão quis pôr por obra, e, indo correndo após o Arnequim, se virou a ele com uma besta que levava, por o capitão o acossar muito com o cavalo, e, virando de além de uma grotta, lhe disse: «Senhor capitão, vai-te embora, deixa-me, senão hei te de matar com esta besta». Vendo o capitão isto e que eles andavam todos alvoraçados, temeu e deixou-o. Escreveu a el-rei tudo, a quem el-rei respondeu que os não prendesse; somente de sua parte lhes dissesse que fossem ao reino, o que eles, aconselhados de outros, fizeram; e, sendo lá, lhe disse el-rei que não se espantava do que eles fizeram ao seu corregedor, que era português e eles framengos, que se não entenderiam com ele, mas que se maravilhava do que fizeram ao seu capitão, com quem eles vieram, e seu natural, framengo como eles, como o quiseram matar, não lhe obedecendo, nem tendo dever com ele; ao que respondeu Arnequim: «Ques (sic) que te diga? Cães com raiva seus dono (sic) morda (sic)». Ao que el-rei, que poucas vezes ria (segundo dele se diz), não se pôde ter sem se mover a riso, virando o rosto pera outro cabo, e, passado isto, tornou a virar pera eles, dizendo-lhes que se fossem muito embora pera suas casas, mas que outrora ⁽¹⁷⁷⁾ não fizessem mais aquilo. Foram-se, então, com suas provisões de el-rei pera se não falar no caso; e por isso dizem agora os do Faial que são da terra onde dizem: «Bichos mala fora de nossa terra».

Antre as pessoas que vieram àquelas ilhas naquele princípio foi um homem principal, fidalgo naquelas partes e rico, também morador na cidade de Bruges, onde o capitão Jos Dutra naquele tempo morava, com que tinha grande comunicação e amizade, o qual havia nome Guilherme da Silveira na língua portuguesa, que em linguagem framenga quer dizer Wuyllen Van Der Agem ou Vuvellen Van Der Agam, ao qual demoveu pera vir povoar as duas ilhas, fazendo-lhe favoráveis partidos e aventagens (sic) de dadas de terras e de tudo o que ele quisesse, e, porque Guilherme da Silveira era homem muito católico e temente a Deus, deu

palavra ao capitão Jos Dutra de vir viver às ditas ilhas, e a principal coisa que o moveu foi porque naquele tempo havia grandes guerras em Frandes, cristãos com cristãos, onde se matava muita gente, e como lhe pareciam mal aquelas dissensões e por lhe pedirem, como homem poderoso e neto de conde, que era, ajuda pera a guerra que ele tinha por injusta, por não intervir nela, deu a palavra que disse ao capitão Jos Dutra, com a qual se veio a residir em sua capitania com sua mulher e família, ficando Guilherme da Silveira na cidade de Bruges fazendo-se prestes.

Dali a um ano, pouco mais ou menos, depois de partido o capitão, se preparou Guilherme Silveira pera cumprir a palavra que ao capitão tinha dada, desbaratando e vendendo tudo o que na cidade de Bruges tinha, e, como era homem muito rico, mandou deitar pregão que todos aqueles que quisessem vir pera a ilha do Faial se fizessem prestes e ele lhe daria embarcação e todo o mais necessário, à sua própria custa, pera mulheres e filhos e criados, sem gastarem coisa alguma do seu, deles, até chegar a ela.

Com este pregão e largo partido que fazia, ajuntou muita cópia de gente de todos os ofícios, ferreiros, pedreiros, tecelões, alfaiates, sapateiros e outros doutros ofícios mecânicos, e homens trabalhadores, nos quais entraram pasteleiros, quero dizer, homens que sabiam fazer pastel, garaná-lo (sic) e beneficiá-lo, como agora se beneficia nestas ilhas, que naquele tempo nelas se não fazia. E este Guilherme da Silveira foi o primeiro homem que fez pastel nestas ilhas e o semeou, porque trouxe, quando veio, a semente de Frandes, donde se fazia, e ainda agora se faz; e, antre outros homens que sabiam o negócio do pastel, que com ele vieram, foram um que havia nome Pero Pasteleiro, e seu irmão, e outro homem casado, framengo, chamado Govarte ⁽¹⁷⁸⁾ Luís, ao qual Govarte Luís Guilherme da Silveira teve em sua casa certos anos, com sua mulher e filhos, porque lhe semeavam e beneficiavam o pastel.

Este Govarte Luís teve na ilha do Faial muitos filhos e filhas, e daí a anos, como se veio a semear pastel por estouras ilhas, e nesta de São Miguel, e por ser coisa rica e de muito proveito, lançou el-rei de Portugal mão disso pera que se viesse a fazer quantidade dele, pera o que se consertou daí a alguns anos com os moradores desta ilha de São Miguel, onde se fazia mais, e das outras ilhas dos Açores, que lhe daria a semente necessária pera semear e casas de engenhos, moentes e correntes pera o moerem e o beneficiarem, com condição que lhe haviam de pagar os lavradores, que o fizessem, dízimo e vintena, sc., de cada dez um, e, depois, de cada vinte um em bolos, que vem a ser a catorze e meio por cento. Os moradores foram contentes e pagaram sempre estes direitos, como até hoje pagam, mas el-rei não cumpriu o que com eles assentou, senão nos primeiros princípios e anos, de que os lavradores foram causa por se resfriarem de o moer nos engenhos de el-rei; porque, com a muita azafima (sic) que havia e poucos engenhos de el-rei e mau aviamento, se lhe perdia o pastel, pelo que queria antes cada um fazer engenho próprio, em que moesse o seu, o qual foro de moer se ficou até agora; e, quanto à semente, tão pouco a dá el-rei, de modo que tudo ficou às costas dos lavradores e el-rei recebe todos os seus direitos por enchêo. Como pouco tempo há que um Bastião Coelho, morador que foi nestas ilhas, informando a el-rei, fez que se não tomassem, como dantes, dos lavradores e mercadores direitos em pastel, senão que lhos hão-de pagar os que o carregam a dinheiro, e indo Bartolomeu Nogueira por provedor da ilha de São Miguel, trouxe provisões de el-rei que se pagasse somente o dízimo da saída do pastel a dinheiro.

Por ser Govarte Luís tão entendido nos negócios do pastel, como tenho dito, vivendo ele na ilha do Faial, o mandou el-rei vir a esta de São Miguel com cargo de visitar todos pastéis que nela se faziam, e por sobrerrola dos lealdadores, com o qual cargo e ofício de lealdador-mor viveu depois nesta ilha muitos anos, até que aqui faleceu.

Antre os filhos que teve Govarte Luís, foi um, chamado Bastião Luís, o qual, sendo moço, se foi pera Lisboa, onde serviu a um homem honrado que el-rei mandou por seu feitor a Frandes, e depois de estar lá alguns anos, acabando o tempo de sua feitoria, veio a Lisboa dar sua conta, como é costume, em que o alcançou el-rei em dívida de muita soma de dinheiro, de modo que não tinha com que lhe pagar tanta quantidade e andava mui agastado, dizendo que ele não gastara a fazenda de el-rei, nem lha tomara, e que sempre fizera seu ofício inteiramente, com muita verdade, e não sabia aquele erro onde estava. Andando assi agastado, sem ter remédio, nem se saber determinar, ia à casa dos contos, onde dava sua conta, e com ele Bastião Luís, seu criado, que, como era moço esperto e de bom juízo, vendo as contas que os contadores tomavam a seu amo, disse que não iam certas e, se ele quisesse deixar-lhas fazer com os contadores, esperava em Deus de o livrar, que nada ficasse devendo;

porfiando o amo com ele como podia fazer aquilo, pois ele mesmo e outros lhe não podiam dar cabo, como o poderia ele dar, sendo moço? Todavia lhe deixou fazer as contas, com as quais se houve tão bem Bastião Luís e teve tanta habilidade, que as veio acabar sem seu amo ficar devendo coisa alguma a el-rei, com que o amo ficou muito honrado e galardoado com mercês que Sua Alteza lhe fez. E, por el-rei ver a habilidade de Bastião Luís, lhe deu uma feitoria pera a cidade de Goa, onde o serviu muitos anos, na Índia, e, depois que veio ao reino dar suas contas, foram tais e tão boas, que o tornou el-rei a mandar à Índia com cargo de contador-mor, onde esteve muito tempo, até que lá faleceu mui honrado e rico, deixando sua fazenda a parentes seus, a que também em vida fazia bem, por não ser casado.

Tornando a Guilherme da Silveira, que outros chamam Cosmacra, ele se fez prestes, como tenho dito, com sua mulher e toda sua família pera se vir à ilha do Faial, e fretou duas naus framengas, que carregou de sua fazenda e da gente que com ele quis vir, com mulheres e filhos ⁽¹⁷⁹⁾, por assi o ter assentado com o capitão Jos Dutra em Lisboa quando se dele despediu, e, seguindo sua viagem, foi ter à ilha da Madeira, que, então, também era ilha nova, como estas dos Açores, onde, saindo em terra mui próspero e acompanhado, informados os moradores de quem ele era, lhe fizeram muita honra e gasalhado, mandando-lhe à pousada que lhe deram muitos presentes e serviços, com que se deteve alguns dias até se fazer prestes para seguir a viagem começada do Faial. E, vendo os moradores da ilha da Madeira que ele se queria ir, lhe pediram e rogaram muito que se não fosse e ficasse com eles na terra, onde lhe dariam casas, em que vivesse, e pera toda a gente que trazia, e muitas terras, com outros largos partidos e abundâncias; o que lhe agradeceu Guilherme da Silveira, escusando-se de não poder aceitar nenhuma coisa das que lhe ofereciam, por ter dado sua palavra ao capitão da ilha do Faial de ir viver nela. E, assi, se partiu pera lá, levando consigo toda a gente que trouxera de Frandes nas suas naus e alguns parentes do capitão Jos Dutra, que também trazia em sua companhia.

Chegando à ilha do Faial com sua gente, o capitão o recebeu, como era rezão; aposentado na ilha, era mui acompanhado dos framengos que ele trouxera e mantinha, assi no mar e viagem, como, depois, na terra; e o mesmo faziam outros framengos que com o capitão vieram, por conhecerem quem ele era. Passados alguns dias, pediu ao capitão lhe desse certas terras, conforme ao que lhe prometera em Frandes, e, cada vez que pedia algumas, sempre lhe respondia que já aquelas terras eram dadas, no que suspeitou, e se dizia, que o capitão não desejava dele estar na terra, porquanto o acompanhava mais a gente e faziam mais conta dele.

Vendo Guilherme da Silveira o pouco benefício e graça que recebia do capitão Jos Dutra, determinou de se ir da ilha do Faial com sua casa e família, como, de feito, foi, passando-se pera a ilha Terceira, onde viveu alguns anos, na parte onde chamam as Quatro Ribeiras, da banda do sul, e ali fazia sua habitação e lavoura de pão e pastel, de que carregava navios pera Frandes, e aonde fez uma viagem; e da tornada veio ter a Lisboa, onde estando uma Dona Maria de Vilhana (sic), que era senhora da ilha do Corvo, tendo notícia dele, lhe disse que fosse pera a sua ilha do Corvo e lá lhe faria largos partidos e daria quantas terras quisesse, onde seria como capitão, e o fazia senhor dela, somente com lhe pagar seus direitos; e tanto o persuadiu, que, vendo Guilherme da Silveira os muitos cumprimentos, rogos e abundâncias que lhe fazia, aceitou o partido, cuidando ser de muito proveito e honra. E, tanto que veio à ilha Terceira, se passou logo à do Corvo e, antes de partir, estando nas Quatro Ribeiras, lhe saltou fogo em suas casas e queimou muita parte de sua fazenda, onde se lhe queimaram seus papéis e liberdades que trazia de sua pessoa e abonação, sem lhe poder valer, que foi a maior perda que ele mais sentiu.

Chegando à ilha do Corvo com próspero tempo, residuiu nela sete ou oito anos e, como aquela terra é estéril e muito tormentosa e combatida de ventos quotidianamente, e não ia lá navio nem barca ⁽¹⁸⁰⁾ senão algum de ano em ano por maravilha, padecia ele e sua família muito trabalho, pela falta de muitas coisas de que tinha necessidade pera sua vida e suas lavouras e substentação de sua gente, o que não podendo sofrer, se veio em um navio, que mandou buscar às outras ilhas, com isso que pôde trazer, e desembarcou na ilha de São Jorge, onde se aposentou na parte dela que chamam o Topo, que é da banda do nordeste.

E ali houve muitas terras, em que semeava seu trigo e pastel, e tantas criações de gado, que quase todo aquele Topo era seu, onde viveu muitos anos com sua mulher, que se chamava Margaída (sic) Sabujo, por nome framengo, e, depois que casou em Frandes com ele, tomou o apelido do nome do marido, chamando-se Margaída da Silveira, por ser assi o costume de Frandes, e ali viveu muito honradamente, com tão grande abundância, que, como

tenho dito, dizem que pagava de dízimo ⁽¹⁸¹⁾ cada ano, só da seara que fazia, cinquenta e, às vezes, sessenta moios de trigo. E teve muitos filhos e filhas, que casaram depois honradamente e são dos principais e da principal geração que há nas ilhas de São Jorge, Faial e Terceira, por onde se espalharam, vivendo sempre Guilherme da Silveira cristianissimamente e mui católico e homem de muito bem fazer, sendo sua casa como estalagem pera quantos iam e vinham àquela terra, até que foi Deus servido de o levar pera si, e, conhecendo a hora da morte antes que falecesse muitos dias, a disse a um seu filho, chamado Francisco da Silveira, que, despedindo-se dele, indo pera o Algarve e pedindo-lhe sua bênção, respondeu que Deus o encaminhasse e a sua bênção, porque, quando tornasse, o não acharia vivo; e dizendo-lhe o filho que esperava em Deus de o ver ainda muito tempo com vida, lhe tornou a dizer que, se ele tornasse da ilha Terceira ao Topo, o acharia vivo, e não da tornada do Algarve, porque ele não podia passar vivo do Natal que vinha. E assi foi que faleceu dia de São Tomé, quatro dias antes da mesma festa, andando-se primeiro espedindo de seus filhos por suas casas e recebendo primeiro todos os sacramentos, acompanhado de muitos e mui honrados filhos e filhas e netos, e no dia de seu falecimento mandou dizer uma missa em sua casa e, quando quiseram alevantar a Deus, disse aos filhos que o encostassem em umas almofadas, e ali o adorou, e, acabando o padre de consumir o Santíssimo Sacramento, deu ele a alma no mesmo momento ao mesmo Senhor que a criou.

Houve Guilherme da Silveira de sua mulher Margaída da Silveira três filhos, Francisco Silveira, João Silveira e Jorge Silveira, e cinco filhas, Maria Silveira, Margaída da Silveira, mãe de Bárbara da Silveira, mulher de António de Brum, e Ana Silveira, e Caterina Silveira, as quais foram casadas com homens muito principais e honrados e tiveram filhos e filhas, de que há muita geração em todas estas ilhas dos Açores.

Como tenho dito, Bárbara da Silveira, filha de Margaída da Silveira, casou com António de Brum, filho de Guilherme de Brum, framengo, vizinho da ilha da Madeira, do qual António de Brum, natural da mesma ilha da Madeira, teve filhos e filhas; uma, chamada Margaída da Silveira, está casada em Lisboa com o doutor Manuel da Fonseca, que foi corregedor nestas ilhas ⁽¹⁸²⁾ e agora é desembargador da Casa da Suplicação e juiz dos feitos de el-rei e de sua fazenda. O primeiro filho, chamado Manuel de Brum da Silveira, foi licenciado em Cânones e daião da Sé de Angra.

O segundo, Gaspar de Brum da Silveira, ainda solteiro, que negocea nestas ilhas a fazenda de seu pai.

O terceiro, Baltazar de Brum da Silveira, que está na cidade de Sevilha com grande casa e trato de pastel e de outras mercadorias, que seu pai e seus irmãos lhe mandam destas ilhas e ele de lá responde com o retorno delas, também é solteiro. E tem lá a mais rica e curiosa quinta que há naquelas partes ⁽¹⁸³⁾.

O quarto filho, chamado António de Bruim da Silveira, é vizinho da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de São Miguel, e casado com Maria de Frias, filha do licenciado Bartolomeu de Frias, também vizinho da mesma cidade. Todos são homens muito nobres e poderosos e de grandes espíritos.

Antônio de Brum da Silveira, pai dos sobreditos, é homem muito antigo e honrado, bom cristão, de boa vida e virtuoso; também é morador na cidade da Ponta Delgada e é dos mais ricos homens destas ilhas dos Açores. Dizem que vale sua fazenda mais de duzentos mil cruzados.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO SÉTIMO

DA DESCRIÇÃO DA ILHA DO FAIAL

A ilha do Faial, que tomou o nome do que nela havia, que, de terra a terra, está sete léguas da ilha de São Jorge pera a parte do sul, é quase redonda; e, ainda que sua mor compridão, da ponta de Espalamaca até o Capelo, quase leste a oeste, seja de cinco léguas, indo, de leste a oeste, da Ribeirinha até o mesmo Capelo, terá de comprido as mesmas cinco léguas, e de largo três do norte ao sul e, por algumas partes, duas. Sua compridão é, de leste a oeste, da ponta da Ribeirinha, freiguesia da Praia do Almoxarife, que está ao leste, até outra ponta já dita, que se chama o Capelo, que está antre a Praia do Norte e Castelo Branco, a oeste.

Da ponta da Ribeirinha a légina e meia, indo pela banda do sul (¹⁸⁴) (ficando no meio uma freiguesia de Nossa Senhora da Ajuda, no lugar (¹⁸⁵) da Ribeira de Pero Miguel, de setenta e três fogos e almas de confissão duzentas e sessenta e oito, das quais são de comunhão cento e oitenta e uma, cujo vigairo é António Dutra, com um tesoureiro), está a Praia do Almoxarife, que é freiguesia da advocação de Nossa Senhora da Graça e tem trinta e cinco fogos e almas de confissão cento e dezoito, das quais são de comunhão oitenta e cinco (é vigairo agora Belchior Fernandes e tem um tesoureiro (¹⁸⁶), em que há um areal, onde algumas vezes podem desembarcar barcos com gente. Tem um forte (¹⁸⁷), em que estava e pode estar artilharia, muito bom, que mandou fazer Gomes Pacheco de Lima no tempo das alterações, sendo provedor das fortificações, como adiante direi. Tem um poço da melhor água que há em toda a ilha, de que bebem os freigueses, cujo bocal mandou consertar o desembargador Fernão de Pina Marecos, quando veio com desembargo a estas ilhas; e outro poço está, da mesma água, no quintal do vigairo.

Junto a esta freiguesia faz a terra uma ponta ao mar, alta, a que os framengos puseram nome ponta de Espalamaca que, em sua língua, quer dizer ponta da agulha ou alfinete; nela está um jardim de laranjeiras e horta que fez Joz da Terra, framengo, sogro de António de Brum da Silveira, dos primeiros que vieram à ilha.

Desta Praia, subindo por uma ladeira acima, espaço quase de meia légua pera o ponente, está a vila principal da ilha, que se chama vila Dorta (sic), porque não há quintal nenhum que a não tenha, e todas as casas dentro ou fora têm poços de água com que as regam, e muitas delas têm dois poços; à entrada, está uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, que agora é freiguesia, pegada com uma ribeira que vem de riba das serras, com que algumas vezes se alaga, quando traz grande enchente; pera o qual tempo tem uma ponte de pedra, por onde passam pera a vila. Tem alguns moinhos que moem com a enchente e ao longo dela estão prantadas laranjeiras. Vai ter ao mar, junto do qual faz uma alagoa em um areal; à porta da igreja está arvorada uma cruz de pau, coberta de chapas de ferro, e o pé de degraus de pedra, que se mandou fazer a um homem, por penitência que lhe deu a justiça eclesiástica. Tem esta freiguesia da Conceição a igreja de três naves, postas sobre cinco colunas de cada banda, sobre as quais está assentada a madeira do tecto, com uma capela ao lado direito. Há nela cento e oito fogos e almas de confissão trezentas e quarenta, das quais são de comunhão duzentas e sessenta e oito, e é agora vigairo António Roiz e tem um tesoureiro (¹⁸⁸).

Entrando pela vila ao longo do mar, está um pedaço dela que se chama Vila Velha, porque naquele lugar se começou primeiro a povoar; e agora está muito desbaratada, por causa do mar e areias que a derrubam.

Tem esta vila em um alto a igreja principal, da advocação do Salvador, mui fresca, de três naves, com seis colunas por cada banda e duas capelas por cada lado. Há nesta freiguesia trezentos e vinte e um fogos e almas de confissão mil e cento e trinta e uma, das quais são de comunhão setecentas e quarenta e uma. É nela vigairo Domingos Fernandes Fagundes, com cinco beneficiados, um cura e um tesoureiro, e tem ordenado pera um pregador (¹⁸⁹).

Junto da igreja grande está um mosteiro de freiras da ordem de Santa Clara, da advocação de São Gonçalo, onde residem vinte e cinco religiosas, antre professoras e noviças, que fundou, e cujo padroeiro foi, Diogo Roiz, o Cavaleiro, filho de Paulo Roiz Alemão; o qual Diogo Roiz foi fronteiro em Arzila, onde casou e teve dois filhos clérigos, e meteu ali as filhas freiras. No meio da vila está a Casa da Misericórdia, com seu hospital, e mais de vinte moios de renda. E logo uma ermida, que se chama Nossa Senhora da Beata, pegada com as casas do capitão, e outra de São Tiago. Mais adiante, pela rua, dois tiros de besta está um mosteiro de São Francisco, o qual dizem que foi situado três vezes, a primeira na Praia do Almoxarife, a segunda em Porto Pim, em um monte que tem uma cova, chamada Cova do Frade, a terceira onde ele agora está... *(roto)*, a que pode sustentar doze religiosos de missa, e ordinariamente residem nele sete ou oito. Abaixo, ao longo do mar, onde sai a porta do mosteiro para ele, pescam os religiosos com seus caniços, e antigamente estava ali uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, que o mar levou, a qual tinha uma escada para o areal, por onde entrava a ela a gente da vila; abaixo da qual ermida, ao longo do mar, iam carros carregados com trigo, e agora é costa brava e, quando o mar anda furioso, entra na horta dos religiosos com o vento sueste e lés-sueste. Desta ermida, que o mar desfez, levou também a imagem de Nossa Senhora, que andou sobre as ondas muitos dias sem a poderem achar, e depois se achou em um sarrado, pegado com Nossa Senhora da 'concepção, maltratada e quebrada, a qual renovaram, mas ainda se enxerga o mal tratamento da tormenta. Está em uma capela, que depois se fez no mosteiro de São Francisco, da própria advocação da Piedade.

Há nesta vila de Horta ⁽¹⁹⁰⁾ muita gente nobre: os da geração de Jos Dutra, capitão, e de Guilherme da Silveira, e de Jos da Terra e dos Albernazes, que são africanos, os Pereiras, Brandões, Fialhos, Melos, Escovares, Evangelhos, Carvalhos e Peixotos, Xarmentos (sic), que procedem de Ponte de Lima. Para diante, logo além do mosteiro de São Francisco, vai correndo um areal muito grande, quase de quarto de légua, que chamam o Porto Novo, onde carregam navios de trigo e de todo o que mais há na terra.

Adiante, para o ocidente, está um porto chamado de Santa Cruz, por ter uma ermida desta advocação, e, para a banda do mar, que é rocha talhada, um pico queimado, onde estava uma cruz arvorada. Defronte deste porto de Santa Cruz está um ilhéu pequeno um tiro de besta no mar, apartado de terra, onde, no verão, se criam alguns garajaus e pombas. Além deste monte, está outro areal pequeno, em que podem desembarcar barcos, no qual se começa o monte de Porto Pim, onde sameiam (sic) trigo, abobras e melões, e há dele descida ao mar por algumas partes, e da banda do pico está uma rocha que se chama a Baía do Demo e, dando volta, faz uma enseada, onde vão por terra e por mar apanhar muitas cracas e outros mariscos.

Dando volta para o Porto Pim, à banda de oeste, se faz uma grande enseada, que se chama Porto Pim, onde antigamente foi ter uma nau da Índia, que se descarregou e carregou, por ser bom porto, o melhor que há nas ilhas, senão com o tempo sudoeste, que o lava todo, porque, então, é muito perigoso e se perdem muitas naus e navios, se estão dentro, só com este vento; mas com todos os mais estão seguros nele, e este é o porto principal da vila de Horta, que está junto dela, da banda de leste, e à entrada tem uma pedra, junto da Furna dos Enxareus, que é perigosa; e, mais para dentro, uma furna, onde vão barcos pescar de noite e tomam alguns peixes escolares e outro muito pescado. Em cima deste monte de Porto Pim estão três cruzeiras, aonde vão fazer oração às sextas-feiras, e perto das cruzeiras... *(roto)* ⁽¹⁹¹⁾ pequena fonte, de que os que ali vão bebem; defronte... *(roto)* ermida de Santa Cruz está um pico, no qual dizem que foi primeiro situada a vila dos primeiros povoadores que entraram na ilha. Neste Porto Pim se começou a fazer um cais, que não houve efeito, onde ainda está muita pedra, agora outra que daí saiu para São Francisco e outras obras; e agora está todo cercado de muro e fechado com uma porta o dito Porto Pim, que se cercou no tempo das alterações, sendo provedor das fortificações da dita ilha Gomes Pacheco de Lima, que a fez cercar. De Santa Cruz para dentro da terra dois tiros de besta está uma ermida de Santa Bárbara, de muita romagem.

Para diante, indo a oeste ao longo do mar, perto de Porto Pim, em costa rasa, se faz uma ponta de terra pequena, que se chama ponta Furada, pela qual passa o mar de uma banda a outra, e adiante um quarto de meia légua está uma freguesia, que se chama a Feiteira, da advocação do Espírito Santo; tem a igreja três naves, com cinco colunas, sobre as quais está a armação de madeira e tecto e duas capelas aos lados direito e esquerdo. Há nela noventa fogos e almas de confissão trezentas e vinte e duas, das quais são de comunhão duzentas e cinquenta; é vigairo Pero Camelo de Sampaio e tem um tesoureiro ⁽¹⁹²⁾. E, por ser antiga a

confraria desta igreja e rica, há bandos sobre ela neste povo; mas a que tem do Santo Sacramento é a mais rica da ilha. E adiante, perto de um quarto de légua, está uma ermida de São Pedro, de muita romagem, e tem um baluarte no portinho dela, donde varam barcos, que mandou fazer o provedor Gomes Pacheco de Lima no tempo das alterações.

Mais adiante, perto de uma légua, está outra freiguesia de Santa Caterina de Castelo Branco, de três naves sobre cinco colunas, onde há cento e vinte fogos e almas de confissão trezentas e cinquenta, das quais são de comunhão duzentas e sessenta e oito; é nela vigairo Valentim Fernandes e tem um tesoureiro ⁽¹⁹³⁾. E da vila até aqui é terra rasa.

Adiante desta freiguesia pouco espaço, pera a banda do sudoeste, ao longo do mar, está uma ponta dele com um pico alto, que se chama Castelo Branco, porque o fez ali a natureza de pedra, de altura de dois castelos, dos mais altos que há em Espanha, e todo quadrado; em cima tem quantidade de dois ou três moios de terra que se pode cavar e semear, que dá muito trigo, centeio e cevada, junça e abobras, sem ter mais que uma serventia, na quadra da banda da terra, muito estreita, e, da banda do mar, batem as ondas nele, o qual se vê de duas e três léguas, principalmente dos que se puserem ao longo do mar ou da costa, por razão de sua grande altura. E ali se faz um porto, onde vão ter algumas caravelas e desembarcar barcos, e, havendo vinhos, como estão algumas vinhas principiadas, se podem carregar nele; mas a causa de não haver vinhas na ilha. sendo a terra muito boa pera isso, é de não se darem os moradores a prantá-las e essas que principiavam destruíam alguns coelhos e gados e furtavam. Chama-se este porto desta freiguesia Câmara de Lobos, do qual a um tiro de arcabuz sai uma ponta rasa ao mar que se chama de Santa Caterina.

Mais adiante, de Castelo Branco pera o noroeste, entra uma baía grande de calhau e rocha talhada, que não tem serventia, e correndo a costa pera o nor-noroeste do mesmo Castelo Branco, até perto de uma légua, está uma baía, que se chama a Ribeira do Cabo, que é seca, sem correr senão de enchente, onde varam alguns batéis; e dali adiante, pera o norte, obra de um tiro de bombarda, bota umas pontas ao mar rasas, onde está o pesqueiro do Tilme ⁽¹⁹⁴⁾; e mais avante, légua e meia pera o norte, estão outras pontas rasas, que se chamam o pesqueiro Longo; e daí a um tiro de arcabuz estão dois ilhéus ao mar, pequenos e altos, afastados de terra um tiro de besta, que se chamam os Alvos Annos (sic), e também o Capelo, chamado assi por no cume, em cima, sempre trazer névoa, ao pé do qual está uma fermosa fonte, que é o cabo da compridão da ilha da parte do ponente, porque daqui já faz volta a terra pela banda do norte; cujos moradores são freigueses de um lugar que adiante está, chamado Praia do Norte, do qual, pera o norte e quarta do nordeste quantidade de légua e meia, pela costa, toda de rocha talhada, está uma baía grande, de quarto de légua de comprido de areia, com uma fonte de água na entrada dela, que corre ao mar, onde algumas vezes no verão varam barcos, que se chama a Praia do Norte, f.reiguesia da invocação da Trindade, de quarenta e dois fogos ⁽¹⁹⁵⁾ na Praia e na Fajã, e cento e quarenta e nove almas de confissão, das quais são de comunhão cento e quinze, e é nela vigairo Fernão de Contreiras e tem tesoureiro ⁽¹⁹⁶⁾.

Da Praia do Norte, a pouco menos de duas léguas da costa, de alta rocha com um cotovelo ao mar, está uma freiguesia de Santa Bárbara ⁽¹⁹⁷⁾, que se chama dos Cedros, mais principal lugar da ilha, tirando a vila de Horta, que está situada na terra tão longe da rocha como um quarto de légua, onde há muita gente nobre. Tem fontes de água, de que bebem; e uma ponta ao mar defronte da freiguesia que se chama o Guindaste, onde carregam coisas de mão, mas não vão carros abaixo, senão até a borda da rocha, e dali as levam às costas. É a igreja de três naves sobre cinco colunas, com uma capela ao lado esquerdo. Há neste lugar dos Cedros cento e cinquenta e seis fogos e almas de confissão seiscentas e vinte e nove, das quais são de comunhão quatrocentas e sessenta e uma. É vigairo ao presente Gaspar Gato Toste e tem um beneficiado coadjutor ⁽¹⁹⁸⁾.

Correndo a costa pera diante, vai fazendo uma baía de meia légua, na ponta da qual está um pesqueiro, chamado de Bastião Nunes, aonde descem, por passos perigosos, por rocha mui alta; e na mesma altura corre até chegar à ponta da Ribeirinha, que é a outra ponta da ilha, da banda do oriente, onde estão dois ilhéus no mar, que se chamam ilhéus da Ribeirinha, perto da terra; e logo a ribeira de enchente, chamada a Ribeirinha, que vai fazendo uma baía, pequena até a freiguesia da Praia, onde está um pesqueiro na ponta que se chama de João Dias; e no meio desta baía. que terá uma légua e meia, está outro pesqueiro, chamado Barba Feita, e, defronte da freiguesia da Praia, um porto de areia antre uns penedos, de largura de um tiro de pedra, chamado o porto das Canas; e, além um tiro de besta, uma ribeira de

enchente, que se chama a ribeira da Praia do Almoxarife, que é de areia, e grande baía, toda limpa, onde varam batéis algumas vezes; e dali pera diante está uma ponta grossa, que sai ao mar mais que toda a terra, chamada ponta de Espalamaque (como já tenho dito), em que se começa a compridão da ilha da parte do oriente.

Pelo meio da ilha, saindo de vila de Horta, indo pera a ribeira dos Framengos, está uma ermida nova de Santo Amaro, com uns casais, onde se chama o Farrobo, e adiante, pera o ocidente, está uma freiguesia chamada a Ribeira dos Framengos, da invocação de Nossa Senhora da Luz, de sessenta e sete fogos ⁽¹⁹⁹⁾ e almas de confissão duzentas e trinta e seis, das quais são de comunhão cento e oitenta e uma, cujo vigairo é Pero Homem Carneiro, e tem um tesoureiro, com igreja de três naves sobre cinco colunas ⁽²⁰⁰⁾, grande e bem feita, que antigamente situaram os framengos, onde há muitas frutas e algumas fontes; e por esta ribeira abaixo do Farrobo, que está junto dela, pera mais perto da vila de Horta, se faz um salto mui alto, onde dizem que antigamente caiu um frade, ou uma visão sua aparecia.

Esta ilha no meio é muito alta na serra e mato, e quase no meio da ilha, da vila de Horta uma légua e meia pera a parte do noroeste, tem uma caldeira feita pela natureza, ou em algum incêndio que por ali arrebentou, como a torno, que terá uma légua em redondo e meia de altura, à qual não descem senão por um carreiro estreito, a pique, pera baixo, em forma de alguidar, cujo terreiro e pé dentro se reparte em três partes, uma, de mato e bosques muito deleitosos, outra, de erva muito mimosa e prado ameno e muito chão; outro terço no fundo tem uma alagoa de água de largura de um quarto de légua, ao longo da qual estão sete montes ou outeiros pequenos, cheios todos de arvoredos, onde andam muitos pássaros, canários, melros e toutinegras e outros muitos de outras espécies, que fazem grande harmonia; e gado vacum, ovelhum e cabrum, de diversos donos de toda a ilha, todo mesturado (sic), que se ajunta no tempo da trosquia em um curral, onde cada um ferra e assina o seu do seu sinal.

Colhe-se nesta ilha muito trigo e pastel, por a maior parte dela ser lavradia. Tem pouco vinho, por não haver senão mui poucas vinhas, de novo prantadas. Em toda ela não há ribeira alguma corrente, excepto a ribeira dos Framengos, mas bebem de fontes e poços que tem; mais da ametade dela está cheia de mato e arvoredos baixo. São as árvores cedros, zimbro, folhado, louro, sanguinho, tamujo e românia, que dá umas uvas pretas como murtinhos, que chamam uvas de serra, que muitas pessoas comem por terem o gosto agro e aprazível. Tem muitas atafonas, em que moem o pão, e no inverno usam de moinhos que moem com água de chuva. Há nela muitas galinhas grandes e muita caça, sc., coelhos, codornizes, pombos torcazes, pombas e méloas. Tem muita junça e pouca fruta, não por culpa da terra, mas por a não prantarem nela.

A vila tem seu pregador com ordenado de ⁽²⁰¹⁾ vinte mil réis em dinheiro e dois moios de trigo, que paga el-rei, e seu vigairo e cura, com cinco beneficiados, e outros lugares também estão providos de ministros.

Há em toda a ilha muita gente nobre, de diversos e honrosos apelidos. Tem bom molherigo; e as mais das mulheres têm em suas casas oratórios, por serem muito devotas e virtuosas.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO OITAVO

DOS CAPITÃES DA ILHA DO FAIAL E DA GENTE ILUSTRE QUE HÁ NELA

Depois da ilha do Faial ser descoberta, el-rei ou os infantes que a mandaram descobrir (como tenho dito) fizeram mercê da capitania dela e da ilha do Pico a um fidalgo framengo chamado Jos Dutra, que muitas vezes vinha a Lisboa, e por ser fidalgo casou com uma criada da infanta, chamada Breatis de Macedo, e, porque esta capitania lhe foi dada com condição que havia de povoar a terra, rogou a outro framengo, também fidalgo e rico, chamado Guilherme Vandaraga da Silveira, se quisesse vir com gente morar ao Faial, onde lhe daria parte da ilha. Aceitou o partido o Guilherme da Silveira e trouxe de Frandes três navios ⁽²⁰²⁾ carregados de framengos, antre os quais vieram muitos parentes do capitão, que chegaram a povoá-la, sendo ela descoberta primeiro três ou quatro anos, segundo dizem.

O primeiro capitão do Faial, por nome Jos Dutra, teve de sua mulher muitas filhas que casou com homens fidalgos do reino de Portugal, e uma delas com um estrangeiro, alemão, que diziam ser grande fidalgo, astrólogo e matemático, e dizem alguns que era nigromântico, chamado Martim de Boémia, do qual el-rei de Portugal fazia grande conta, tendo-o em muita estima por sua nobreza e saber. Sendo assi casado, com informações e instrução que el-rei dele tinha, mandou certos homens (segundo dizem) descobrir as Antilhas, dando regimento por onde ele os encaminhava e, porque as coisas do mar não sucedem muitas vezes como os navegantes querem e cuidam, enfadando-se da viagem, fizeram volta caminho do reino, e, por não quererem ir avante, não chegaram à terra que buscavam. Dizem que Martim de Boémia adivinhou no reino, onde estava, o dia que os navios arribaram e que por curto erraram as Antilhas. Outras muitas coisas dizem que dizia e adivinhava, as quais os antigos da ilha do Faial, onde ele residia, acharam depois ser assi. Teve de sua mulher, filha de Jos Dutra, capitão do Faial, dois filhos, um dos quais se chamava Martim de Boémia, como seu pai, por falecimento do qual foi ao reino de Boémia, pátria sua, a se ver com seus parentes, os quais lhe fizeram grande honra, donde veio muito próspero, com muitos vestidos, peças e cadeias de ouro, e, depois de vindo, dizem que tornou pera Alemanha.

Houve também o capitão Jos Dutra de sua mulher um filho, chamado Jos Dutra, que lhe sucedeu na capitania e foi casado com uma mulher fidalga, chamada Isabel Corte-Real, filha de Vasqueanes Corte-Real e irmã de Manuel Corte-Real, capitão de Angra, e, vivendo muitos anos na capitania, faleceu muito velho. Ficou-lhe um filho, por nome Manuel Dutra Corte-Real, muito gentil homem, e uma filha, chamada Francisca Corte-Real, muito fermosa, a qual se casou a furto em vida do capitão seu pai, sendo já velho, com um Heitor Roiz, mercador, do qual concebeu e, com nojo de seu pai e parentes a não quererem ver, morreu de parto, ela e a criança.

Teve também o segundo capitão Jos Dutra um filho natural, chamado Jos de Macedo; mas o legítimo, Manuel Dutra Corte-Real, que por falecimento de seu pai ficou terceiro capitão, se casou a furto na mesma ilha do Faial com Maria Vicente, filha de um lavrador honrado, chamado Joane Anas das Grotas, e de sua mulher Caterina Vicente, estando assi casado por espaço de tempo dantes que seu pai falecesse, e depois não serviu a capitania, por andar homiziado por certos casos de que se dizia querelar seu pai dele. Neste meio tempo houve de sua mulher, Maria Vicente, três filhos e quatro filhas. O primeiro Gaspar Dutra Corte-Real, o segundo Jerónimo Dutra Corte-Real, o terceiro Salvador Dutra Corte-Real; as filhas, Dona Caterina, Dona Bárbora, Dona Antónia e Dona Isabel de Abarca, que faleceu, afora outros. E, pera confirmar a capitania, se foi ao reino, onde el-rei lha não quis confirmar sem primeiro o fazer casar coin Dona Angela, dama da rainha, por lhe dizerem que ele tinha uma filha dela e não ter por legítima mulher a Maria Vicente.

Recebendo Manuel Dutra Corte-Real, com medo de el-rei, estando doente em Lisboa, a Dona Angela, daí a poucos dias faleceu ele ⁽²⁰³⁾, de cuja morte e casamento sendo sabedora Maria Vicente, se foi ao reino, onde andou muito tempo em demanda com el-rei sobre a capitania pera o filho mais velho, que se dizia Gaspar Dutra Corte-Real; e também demandava o morgado, dizendo que lhe pertencia por sua mãe ser a primeira mulher de seu pai, e, antes de haver sentença, faleceu e sua mãe depois, por sentença, ficou julgada por mulher do capitão Manuel Dutra Corte-Real e excluída Dona Angela, mulher lidalga, irmã da mulher de Bernardo Corte-Real, de Portugal, de que o capitão não houve filho algum, e, sendo julgada por não ser sua mulher, se meteu religiosa em um mosteiro.

Gaspar Dutra Corte-Real, estando no reino com sua mãe tratando a demanda, casou com uma sua parenta e morreu sem ter filho barão que pudesse herdar a capitania; porque ficou com uma filha, que não herdava, conforme às leis deste reino, e faleceu também sua mulher. A demanda que fez Gaspar Dutra foi depois da morte de seu pai, e por falecimento do mesmo Gaspar Dutra se opôs ao morgado seu irmão Hierónimo Dutra Corte-Real, por não ficar de Gaspar Dutra filho macho herdeiro, como está dito, e saiu a sentença contra ele, dizendo que pois de Gaspar Dutra não ficara filho macho que não podia suceder nela irmão.

Tendo el-rei Dom João terceiro entendido que Gaspar Dutra Corte-Real ⁽²⁰⁴⁾ não era legítimo filho de Manuel Dutra Corte-Real, incorporou a capitania na Coroa e fez dela mercê a Dom Álvaro de Castro com a mesma dúvida, o qual, depois de a possuir quatro ou cinco anos, a largou a el-rei, por trazerem demanda sobre ela os filhos de Manuel Dutra Corte Real; e el-rei Dom Sebastião fez mercê dela a Dom Francisco Mascarenhas por serviços que fez na Índia, mas Hierónimo Dutra Corte-Real, depois de ter sentença contra si, pediu revista do feito e foi-lhe concedida, e a cabo de vinte e dois anos, que dizem durar a demanda, no de mil e quinhentos e oitenta e dois, reinando el-rei Filipe, nosso senhor ⁽²⁰⁵⁾, com o alvará da revista se ajuntaram onze letrados desembargadores e, tendo cinco de uma parte contra ele e cinco por ele (segundo dizem), ficava um, Manuel Francisco do Tronco, doutor em leis, grande e consumado letrado, o qual deu sua voz por o dito Hierónimo Dutra Corte-Real, dizendo ter justiça por seu irmão Gaspar Dutra nunca haver o morgado, nem haver sido capitão e somente fazer demanda, e quando saiu a sentença já era falecido, e nunca tomou posse da capitania; e, assi, deram a sentença por Hierónimo Dutra Corte-Real e ficou com a capitania das duas ilhas, Faial e Pico, que é toda uma, que agora tem e já tomou posse dela, e se arrecada a redízima por ele, que está no reino, onde casou.

Outros dizem que, depois de Manuel Dutra, capitão do Faial, ser morto, el-rei meteu a capitania nos bens da Coroa, por dizer não ser casado e lhe não ficarem filhos legítimos de Maria Vicente, da qual capitania fez mercê a Dom Álvaro de Crasto, o qual estando de posse dela e usando, como capitão e senhor da dita ilha e Pico, veio a Lisboa Gaspar Corte-Real, filho do dito Manuel Dutra e Maria Vicente, a requerir (sic) sua justiça sobre ela. Andando nisso, se viu com o dito Dom Álvaro e lhe disse que olhasse que era ele moço e que aquilo fora de seu pai e avós, que lhe pedia o não impedisse, pois el-rei lhe podia dar outras coisas muito maiores e melhores; o que vendo Dom Álvaro, como era misericordioso e bom fidalgo, movido da rezão do moço, se foi a el-rei e lhe contou o caso, dizendo que não queria a tal capitania, que a havia por renunciada nas mãos de Sua Alteza, como, de feito, renunciou, e ficou na Coroa por muito tempo, e em todo ele a dita Maria Vicente pretendeu provar ser sua mulher e sempre trouxe demanda sobre isso, e, estando assi nestes termos, morreu Gaspar Corte-Real, que a pedia, como filho mais velho, e dele não ficou mais que só uma filha, pelo que Hierónimo Dutra, seu segundo irmão, pediu o admitisse à demanda e a seguiu sempre com el-rei, que estava em posse dela.

E neste meio tempo que corria a demanda veio da Índia Dom Francisco Mascarenhas, do cerco de Chaul, ao qual el-rei em pago de seus serviços lhe fez mercê da dita capitania do Faial e Pico, por já a este tempo ser dada sentença contra o dito Hierónimo Dutra e pela lei mental, que, então, andava sobre revista; e feita mercê dela ao dito Dom Francisco, estando de posse dela e possuindo-a como capitão e governador, sucedeu el-rei Dom Filipe, nosso senhor, nestes reinos, o qual o mandou por viso-rei à Índia, que foi o primeiro que ele lá mandou, e ao tempo da ida lhe fez mercê de o fazer conde de Vila de Horta, da ilha do Faial, de que ele, então, era capitão, e, sendo na Índia, correndo cá Hierónimo Dutra com a demanda sobre revista, ou por haver sentença contra el-rei, ou por el-rei lhe fazer mercê, ficou capitão dela e do Pico, como hoje é, e o Dom Francisco ficou só com o título de conde de Vila de

Horta, como hoje tem, e no tempo que Hierónimo Dutra houve sentença por si, ou mercê, se casou em Lisboa, donde está casado com uma filha de Fuão Figueira.

Outros dizem que outro seu irmão, de Hierónimo Dutra Corte-Real, chamado Salvador Dutra Corte-Real, mais moço, faleceu no mar há muitos anos, indo em um navio de Pero Cardoso que da ilha Terceira partiu pera o reino, estudando em Coimbra teologia.

Há na ilha do Faial ilustres gerações, como são os Dutras, framengos de nação, que descendem do primeiro capitão Jos Dutra, e este houve a Manuel Dutra, terceiro (sic) capitão, e dele descende Hierónimo Dutra Corte-Real, que hoje é quarto capitão da dita ilha, e outros ilustres varões; e deles descende Estácio Dutra Machado, homem de tanto primor e de tão boa conversação, que não há pessoa que vá àquela ilha que se não perca por ele, muito cortês, liberal e muito gracioso, e casado com Pauloa (sic) da Silveira, neta de Guilherme da Silveira, de que tem duas filhas e seis filhos.

Há mais nela os Silveiras, também framengos, que descendem de Guilherme da Silveira, que veio a povoar a mesma ilha com duas ou três naus de gente, à sua custa, com oficiais de muitos ofícios, e, vindo pera ela, arribou à ilha da Madeira, que havia pouco era descoberta, onde não quis ficar a rogos do capitão, que lhe dava quanto ele quisesse nela, escusando-se por ter dado sua palavra a Jos Dutra, capitão do Faial, de a ir povoar, de que lhe tinha prometido ametade, ainda que, depois de ver a terra povoada, lhe não cumpriu a palavra, pelo que o Guilherme da Silveira foi a Portugal fazer queixume à infanta, mulher do infante Dom Fernando, e ela lhe deu a ilha do Corvo, a qual foi povoar e, passados cinco anos que nela esteve, por lhe faltar o comércio, a deixou semeada, passando-se pera a Terceira, e daí pera o Topo, de São Jorge, onde dizem alguns que faleceu; outros dizem que do Topo se passou ao Faial, como tenho contado, do qual ficaram netos, Manuel da Silveira, que foi descobrir a ilha Nova, e seu irmão, Jos Dutra da Silveira, que aí vivem e são homens tão tementes a Deus, que por nenhum modo dirão uma mentira, nem contra o que entenderem, e posto que seja contra seus parentes, e nesta conta os têm todos os que os conhecem, que, inda que sejam seus amigos, se louvam neles com esta confiança, e os mais descendentes que ditos tenho.

Há também no Faial Pereiras; uns descendem de Galiza, como Sebastião Pereira Xarmento (sic) e Gonçalo Pereira Xarmento, que mataram no Faial na entrada da ilha no tempo das alterações. Estes descendiam de Dona Maria Xarmenta, a senhoria de Vigo, e o conde da Feira os tratava por parentes.

Houve outros: um foi Tomé Pereira, clérigo, já defunto, por quem o Guilherme (sic) disse que o dessem a boas companhias, que tal seria com elas, e sua irmã, Isabel Pereira, ainda viva, que são filhos de Tristão Pereira e netos de Diogo Pereira, o Velho, primo coirmão de João Roiz Pereira, senhor de Basto e Vizela, e muito parentes de Dom Fernando, duque de Bragança, e do conde de Marialva, e do da Feira, o qual Diogo Pereira, o Velho, tomou aos mouros em África a João Roiz de Vasconcelos, senhor da casa de Figueiró, que o levavam cativo, e depois o mandou el-rei Dom João, o segundo, com Dona Ana, mãe do mestre de Santiago, pera o vila de Figueiró, em sua companhia, onde viveu. E esta Isabel Pereira, que é mulher de Manuel da Silveira, já dito, é irmã de Diogo Pereira, o da Índia, sogro de Dom Pedro de Crasto, irmão de Dom Fernando de Crasto, conde de Basto, e do arcebispo de Lisboa, que ora é, Dom Miguel, o qual Diogo Pereira teve outra filha, casada com, Manuel de Saldanha, irmão de Aires de Saldanha, que vive de Santo Amaro pera Belém, e de João de Saldanha Gato, de Santarém.

Este Diogo Pereira era irmão do grão Guilherme Pereira, o qual Guilherme Pereira foi por capitão à China duas vezes e tinha a mor casa e aparato que nunca teve português na Índia, de viso-rei abaixo, porque trazia mais de trezentas pessoas em sua casa e, tirados alguns feitores seus, todos os mais eram seus cativos, e tinha sempre em sua casa mestre de capela com charamelas, frautas, violas de arco, e desta maneira viveu sempre. Todo o seu serviço era de prata e ouro; deixou, quando morreu, passante de duzentos mil cruzados, e morreu sem casar, por querer vir a Portugal com este fausto; e, tendo comprado uma nau e carregada por sua conta pera se vir, adoeceu e morreu em Goa, em casa de seu irmão Diogo Pereira, que tem aí sua casa.

O Diogo Pereira foi também enviado por embaixador de el-rei ao rei de Pérsia, e, dando-lhe o viso-rei o presente que el-rei mandava ao rei de Pérsia, não se contentando muito dele por ser muito grandioso de condição, disse que não era aquilo presente de um rei como o seu, nem pera levar um embaixador como ele; e acrescentou no presente de sua casa em coisas de

Portugal mais de seis mil cruzados, que el-rei depois lhe agradeceu muito. Era este Diogo Pereira muito gentil-homem, muito apazível e sobretudo muito liberal. Fazia muitos serviços e banquetes aos viso-reis e a toda a fidalguia que ia de Portugal à Índia, a uns por parentes, a outros por amigos, pelo que foi o mais conhecido homem que houve naquelas partes e tão liberal, que, mandando-lhe o irmão Guilherme Pereira duma parte donde estava sessenta mil cruzados em um cofre, que lhe guardasse até ele vir, quando veio, que foi daí a três ou quatro meses, ele os tinha todos gastados em banquetes, e o irmão, por isso, não lhe disse nada. Deste Diogo Pereira ficaram as duas filhas, já ditas, e três filhos, que andam na Índia servindo el-rei, que el-rei tomou no foro de moços-fidalgos, como seu pai e avós, e são Luís Pereira, Francisco Toscano Pereira e Guilherme Pereira.

Há também Alvernazes, Silvas e Mendonças, dos da ilha Graciosa.

Há também da ilustre geração dos Pachecos, de que tratei nesta ilha de São Miguel, Gomes Pacheco de Lima, homem de grande discrição e prudência, e de tanta nobreza e macia condição, que, sendo, no tempo da alteração das ilhas, naquela do Faial provedor-mor das fortificações e capitão-mor do mar, com uma companhia de aventureiros isenta do capitão-mor, que não entendia, nem tinha nenhuma jurisdição neles, donde se meteram quase todos os melhores da ilha, sc., os mais da Câmara e almoxarife e clérigos, por suas próprias vontades, por ele os obrigar a todos com suas boas partes, cortesia e brandura, não se acha que com estes tão grandes cargos fizesse mal a pessoa alguma, antes com sua autoridade fez muitos bens e livrou muitos da morte, sendo depois provedor-mor do campo e aposentador-mor de Dom António, quando nas ditas ilhas esteve, e tem visto muita parte de Itália, França e Espanha. É natural da Graciosa.

Este Gomes Pacheco de Lima é grande poeta; foi casado com Dona Inês da Silveira, filha legítima de Manuel da Silveira, que foi descobrir a Terra Nova, e de Isabel Pereira, sua mulher, prima coirmã de Dona Ana de Ataíde, mulher de Dom Pedro de Crasto, já dito, e de Dona Caterina, mulher de Manuel de Saldanha, de quem tem três filhos ainda de pouca idade, sc., Manuel Pacheco Pereira e Cristóvão Pereira de Lima e António Pereira da Silveira.

Houve também o astrólogo do Faial, chamado Martim de Boémia, framengo de nação, o qual dizem que disse que tempo viria que bem-aventurado seria o homem que nas ilhas tivesse cavalo de pau pera se poder ir delas, o que vimos em nosso tempo das alterações. Disse também muito antes que as Índias do novo reino fossem descobertas aos moradores da dita ilha que uma estrela grande, que ali aparecia ao sudoeste, era um planeta que dominava sobre uma província, que tudo o com que se serviam os moradores dela eram vasos de ouro e prata; e espantados disso os que o ouviam, dizendo-lhe onde havia tanto ouro e prata, lhes disse: «Não duvideis, que não passarão muitos tempos que vós não vejais com vossos olhos vir as navegações dela carregadas do que vos digo». E não tardou muito que as naus do Peru não viessem carregadas de pranchas de prata e muitos vasos, e muito ouro e pérolas, que descarregavam em terra aos carros. Disse também que ao sudoeste destas ilhas, Faial e Pico, estavam três ilhas em triângulo, e que uma delas era muito grande e era a própria que chamam da Madeira, e outra mais pequena e também muito boa, e outra mais pequena de todas estas, que dizia que tinha ouro e era areosa, e que tempo viria que, depois de descobertas, os barcos das outras iriam a elas; e dizendo-lhe o capitão do Faial que fossem a descobri-las, lhe disse que se não metesse nisso, que não seria em sua vida, nem de seus filhos, e assi foi; e isto só está por ver de quanto disse que aconteceria, que foram muitas coisas, as quais todas se viram como as disse. Dizem também que disse, indo Gaspar Gonçalves da Ribeira Seca da ilha Terceira a descobrir a ilha Nova, ao norte destas ilhas: «Agora arriba Gaspar Gonçalves da sua ilha e nunca a mais acharão, e lhe caiu um homem ao mar». E assi foi que, estando em seco, da ilha foi um homem a tomar a vela e caiu ao mar, sem o poderem tomar com as correntes, e se tornaram sem a mais achar.

CAPÍTULO TRIGÉSIMO NONO

DE UM MOTIM DE ALGUNS SOLDADOS QUE FICARAM DE GUARNIÇÃO NA ILHA DO FAIAL

Como tenho dito atrás, depois de entrada por Dom Pedro de Toledo, marquês de Vila Franca, a ilha do Faial, no ano de mil e quinhentos e oitenta e três, tornando-se pera a da Terceira, onde o de Santa Cruz estava e por cuja ordem foi, deixou na dita ilha de guarnição ao capitão Dom Antônio de Portugal, fidalgo e muito principal, neto do conde de Valença e primo coirmão do duque de Najara, e que foi pagem de el-rei Dom Filipe e seu gentil-homem, e teve os cargos que atrás tenho dito, por ir já nomeado pelo dito marquês de Santa Cruz, com uma companhia de soldados, com título de governador. O qual, estando na dita ilha debaixo da ordem do mestre do campo João de Urbina, que assistia na ilha Terceira, tratava com muita brandura a gente da terra, castigando aos soldados que molestavam os moradores e faziam outras insolências, os quais, por o capitão não ser de seu humor, nem consentir em suas desordens, começaram a murmurar dele e fazer ajuntamentos, dizendo que tratava melhor os portugueses que os soldados; e que lhes não dava o socorro que o mestre do campo dava aos soldados que estavam na ilha Terceira e que mandava lhes dessem, que era quatro alqueires e meio de trigo, cada mês, e dez réis em dinheiro, cada dia, e que o capitão tinha empregado dinheiro dos soldados em pastel e não lhes acudia com o socorro.

Procederam tanto nisto, até que um dia, entrando de guarda no castelo um cabo com sua esquadra, indo já perto, calou o tambor e todos começaram a correr sem ordem e se meteram dentro, fechando as portas; e assi a esquadra que estava de guarda, como a que a ia tirar, que eram duas, e antre ambas setenta e cinco ou oitenta soldados, se amotinaram, e, botando a João de Escovar ⁽²⁰⁶⁾, capitão da fortaleza e os cabos fora, se alçaram com o castelo, disparando uma peça pera a banda da vila, a qual, ouvida pelo capitão, alferes e sargento, acudiram a saber o que era, e indo pera o castelo, foi avisado do que passava. Tornando-se, então, assás descontente, fazia recolher à bandeira os soldados que acudiam ao tiro; e aquela noite seguinte não dormiu o capitão em casa, e os soldados da fortaleza ⁽²⁰⁷⁾ na mesma noite foram até casa do capitão, onde estava a bandeira e se lhe fazia guarda, desonrando aos que a faziam, dizendo que iam em busca da bandeira; e sempre houvera alguma escaramuça antre eles, se neste tempo o alferes não tocara arma a par do castelo, com que foi forçado recolherem-se os amotinados.

Ao outro dia, mandou o capitão lá um frade de São Francisco a saber deles o que pretendiam, ao qual disseram que eles não se amotinavam, nem pediam pagas, e que aquela força guardavam em nome de Sua Magestade, mas que pediam lhes dessem o socorro que se dava em Angra, porquanto lhe não davam mais cada mês que quatro alqueires de trigo, havendo de ser quatro e meio, e lhes haviam de satisfazer os meses atrás. Com esta resposta, tornou o capitão a mandar lá Diogo Gomes da Silveira, que servia de ouvidor do capitão, e os oficiais da Câmara, a que deram a mesma reposta. E o capitão foi contente de tudo o que eles apontaram, e, com isto assentado, se disse uma missa no castelo pelo mesmo frade e, ao alevantar da hóstia, jurou o capitão de não castigar nenhum dos amotinados pelo dito motim.

Dai a certos dias, andando o capitão rondando com outros soldados, passando pela porta de um soldado, ouviram dizer que, se os não socorressem, aí estava o castelo e que os da terra o haviam de pagar; pela qual causa o capitão uma noite se foi ao castelo, acompanhado do alferes e sargento e outros soldados, e levando um frade, mandou ao cabo que estava de guarda que trouxesse a Pero Có (sic) e outro, que eram aqueles a que ele tinha ouvido o acima dito, e, trazidos, os mandou meter cada um em sua casa, e confessados pelo frade, lhes mandou dar garrote; e ao outro dia amanheceram pendurados nas guaritas com rótulos, que diziam: «por novo motim».

Foi capitulado este capitão pela morte destes soldados e outras coisas, dizendo que lhes mandara dar garrote tendo-lhes prometido em nome de Sua Magestade não os castigar por essa causa, pelo que el-rei, como cristianíssimo e mui inteiro em guardar suas promessas, ou as que em seu nome se fazem, escreveu a João de Urbina mandasse, tirar informação disso e lha enviasse, a qual foi tirada pelo corregedor Cristóvão Soares de Albergaria e pelo capitão Salazar e enviada a el-rei; o qual mandou a ordem a João de Urbina pera fazer nisso o que lhe bem parecesse, e foram tirados do Faial todos os soldados do motim, poucos e poucos, e levados à ilha Terceira, onde há mais gente de guerra que na do Faial, tendo primeiro enviado lá outros tantos, dos mais idóneos, que ficassem em seu lugar; e, assi, levaram, ao Dom António pera a Terceira, onde o mandaram livrar, e se livrou, e ficou na ilha do Faial o capitão Diogo Soares de Salazar, que hoje lá está, muito benquisto dos da terra e soldados.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO

DO INCERTO DESCOBRIMENTO DA ILHA DO PICO E DE SUA DESCRIÇÃO PELA
COSTA EM CIRCUITO

A ilha do Pico, assi chamada por um altíssimo pico, cujo cume às vezes aparece sobre as nuves, não se sabe certeza de seu descobrimento. Uns dizem que se descobriu nove anos depois de descoberta a ilha do Faial; outros dizem menos, e várias coisas de que não faço menção, por não haver certeza em nenhuma delas, nem do descobridor qual fosse.

Está da ilha Terceira, demorando ao sudoeste, do porto de Angra ao da Calheta de Nesquim, vinte léguas, e dezassete, de terra a terra; outros dizem mais, e menos. É de figura ovada. Tem compridão de até catorze léguas, segundo alguns, e, segundo outros, da ponta do Calhau Gordo, que está a leste, dezoito, até o porto da freiguesia da Madalena, que está pera a banda de loeste, da parte do ocidente; e de largura quatro léguas, atravessando a ilha pelo meio da vila das Lagens, que está da banda do sul, passando pelo lugar onde arrebentou o fogo, no cume da serra, até a vila de São Roque, que está da banda do norte, e por outras partes mais.

Do Calhau Gordo, que é uma ponta de rocha de penedia muito grossa, que está ao oriente, caminhando pera o ponente pela banda do sul, corre a rocha baixa, fazendo uma grande baía de calhau grosso, onde em tempo de verão (por ser ali a terra rasa) se carrega muita lenha de pau branco pera queimar e alguma madeira pera carros e arados. Além da baía, indo adiante pela costa, se vai fazendo a rocha mais alta, de terra vermelha, até chegar a uma pequena calheta, chamada a Calheta de Nesquim, que é um porto pequeno, onde somente pode entrar uma caravela de até quinze ou vinte toneladas e se carregam a maior parte das coisas que há na ilha daquela banda do sul, como são gado e madeira de toda sorte, por ser porto de que todo o ano se podem servir, e dista três léguas da ponta da ilha chamada Calhau Gordo.

Da Calheta de Nesquim corre a costa de alta rocha de pedra viva, acompanhada com muito arvoredos; e, logo junto do porto de Nesquim um quarto de légua, está um morro alto de alta rocha com uma ponta ao mar, que se chama o Morro Açam (sic) ⁽²⁰⁸⁾; e, passado ele, está uma rocha mui alta, que chamam Dourada, com uma quebrada no meio a modo de grota, donde saem muitas refegas de vento, com que se perdem muitos barcos e caravelas que por ali passam, de que já os navegantes estão mui advertidos; e logo mais adiante está um porto de calhau grande, que se chama Santa Cruz, onde há uma freiguesia de Santa Bárbara, de noventa vizinhos, de apelidos Homens, Cardosos e Pereiras, homens ricos e nobres, de que é vigairo António Vieira, na qual há muita quantidade de vinhas, que darão cada ano mil e duzentas pipas de bom vinho. Sai neste porto uma grande ribeira de água doce, de que se não servem senão com baixa-mar, porque com preia-mar se cobre toda da maré e não se descobre a água doce pela terra dentro, porque cada vez é mais baixo o lugar por onde vem pera dentro da mesma terra, e com maré vazia torna a sair coada com alguma doçura, como pelas costas de cada uma destas ilhas saem muitas destas fontes.

Daqui a uma légua, pouco mais ou menos, vai correndo a rocha alta até dar em um alto pico, chamado o pico da Vigia, que está sobre a barra do porto da vila das Lagens, que é mui trabalhosa e perigosa, por ser a entrada em voltas e quebrar o mar muito fora dela, de que se não servem senão quatro meses do ano, Maio, Junho, Julho e Agosto, por ter outro porto, mais adiante um tiro de berço, que se chama o Portinho do Oleiro, com entrada tão estreita, que só cabe um batel de pescar pequeno, mas dentro é espaçoso, com uma grande alagoa de maré, pelo que na enchente, e principalmente na vazante da maré, se toma ali muito pescado de toda sorte, naquela boca, com redes e tarrafas, pelo qual porto se serve com barcos a vila das Lagens, que é a principal e maior que há na ilha do Pico, de mais de três léguas de limite, cuja igreja é de três naves, da advocação da Santíssima Trindade ⁽²⁰⁹⁾, e cabeça de toda ela que

terá cento e quarenta ⁽²¹⁰⁾ e cinco ⁽²¹¹⁾ fogos, e almas de confissão quinhentas e oitenta e seis, das quais são de comunhão quatrocentas e quarenta e duas ⁽²¹²⁾, onde foi vigairo o licenciado Gonçalo de Lemos, bom letrado e pregador, e agora é o licenciado Gaspar Fernandes, também pregador e ouvidor, com quatro beneficiados, e vive gente nobre e rica, de nobres apelidos, Madrugas, Lemos, Leais, Crementes (sic) e Gulartes, onde foi capitão de milícia um Pero Tristão Gularte. Há nesta freiguesia muitas vinhas, que vão em muito crescimento, e grandes criações de gado vacuum e ovelhum, e algumas cabras, e terras, não muitas, de lavoura de trigo e outros legumes, e muita madeira, que ali se tira do mato. E quase toda é terra fragosa de biscoito, pedraria viva, e não tem mais terra que a que se faz das folhas das árvores, a qual se gasta o primeiro ano que se cultiva, e daí fica em pedra viva se não cria mato que torne a criar terra, como faz com as folhas do mesmo mato, onde há muitas ribeiras secas ⁽²¹³⁾.

Desta vila das Lagens vai correndo a mesma costa, muito alta, espaço de outra légua e meia, até uma ponta de terra baixa, ao mar, chamada a ponta do Mouro ou de André Roiz, onde se carrega grande quantidade de madeira de toda sorte, pera todas as outras ilhas em caravelas e barcos grandes, deitando-a da rocha em baixo, no mar, donde a colhem os mareantes nos barcos ou caravelas.

Mais adiante meia légua, pouco mais ou menos, de rocha alta, está uma baía, chamada Calheta ou ⁽²¹⁴⁾ o Calhau do Galeão, por fazer ali um grande galeão, chamado Trindade, um Garcia Gonçalves Madruga, o qual deu em pagamento a el-rei Dom João, terceiro do nome, por certas dívidas que lhe devia, e mandou-o deitar ao mar o provedor Francisco de Mesquita. Há neste porto, ao redor dele, seis ou sete vizinhos. Neste lugar da Calheta do Galeão o bispo Dom Manuel de Gouveia, visitando no ano de mil e quinhentos e oitenta e oito, criou uma nova freiguesia, cuja igreja é da advocação de São Mateus, onde há cinquenta e dois fogos muito espalhados quase quatro léguas por antre matos, e almas de confissão duzentas e onze, das quais são de comunhão cento e cinquenta e três. Serve agora de vigairo João Soares, ainda não confirmado ⁽²¹⁵⁾.

Meia légua do Calhau do Galeão, de rocha mais baixa e de mato muito espesso de faias e louros, ginjas e sanguinhos e outra madeira, está uma ponta, onde se carrega muita madeira, que se chama o Calhau de Domingos Gonçalves, o Ruivo, feitor de António de Brum da Silveira, morador nesta ilha de São Miguel.

Adiante uma légua, de rocha baixa e, em partes, rasa com o mar, onde se chama a Criação Velha, está um porto pequeno e bom, onde se carrega muita madeira e gado.

Desto porto a meia légua, pouco mais ou menos, está o porto da freiguesia da Madalena, que é areal de areia branca, miúda, onde se carrega madeira de toda sorte e gado pera todas as outras ilhas, por ser bom porto e estar fronteiro da ilha do Faial. Tem esta freiguesia cento e ⁽²¹⁶⁾ oito fogos, e almas de confissão quatrocentas e vinte e oito, das quais são de comunhão duzentas e noventa e cinco ⁽²¹⁷⁾, onde foi vigairo António Lamego, natural da ilha Terceira, e agora é Garcia Homem da Costa ⁽²¹⁸⁾. E, ainda que tem poucos freigueses, terá esta freiguesia quatro ⁽²¹⁹⁾ léguas de limite (?), duas ⁽²²⁰⁾ pera a parte do norte e duas ⁽²²¹⁾ pera a outra do sul, por viverem muito longe uns dos outros, metidos pelos matos. Deles, são bons criadores de gado cabrum e vacuum, e de poucas ovelhas. Vivem por suas lavouras e são fragueiros, que cortam muita madeira de toda a sorte, que vendem pera as outras ilhas. Fazem algum pastel, e bom, e recolhem muita semente dele pera vender, mas é pouco o pastel que fazem, como o que se faz em toda a ilha é também pouco, mas muito bom, por ser todo feito em roças novas. Esta freiguesia da Madalena é o cabo da ilha do Pico, da banda do ponente.

Defronte do porto desta freiguesia da Madalena, pouco espaço ao mar, estão dois ilhéus pequenos, onde se criam garajaus, gavinhas e outras aves do mar.

Da freiguesia da Madalena faz volta a ilha pera a banda do norte, com rocha baixa e mato muito espesso, que vai dar no mar, por espaço de légua e meia até chegar a uma ponta que se diz de André Gonçalves, dos Lagidos, onde se carrega muita madeira em barcos, que se corta pela terra dentro; e, logo, mais adiante duas léguas, indo correndo a costa da rocha alta pela banda do norte pera o oriente, está uma pequena ponta ao mar, que se chama a Furna de Santo António, por estar uma ermida do Santo em cima da borda da rocha, pela boca da qual furna pode caber uma caravela de até vinte e vinte e cinco toneladas, onde se carrega madeira de toda a sorte, deitando-a da rocha em baixo, no mar, donde a recolhem os barqueiros; e este é um dos principais carregadouros que há da banda do norte, mas somente em tempo de verão, pelo perigo que há de entrarem da boca da furna pera dentro.

Mais adiante menos de meia légua, correndo a costa da rocha baixa, de calhau grosso, em que vem entestar o mato até a borda do mar, está uma pedra, que se chama o Cais do Norte, ou Cais de São Roque, por estar na freguesia da vila de São Roque, que é um cais e porto que se fez ao picão em tanta quantidade e espaço em quanta pode caber um batel por ele, de preia-mar, às mãos, mas de baixa-mar não pode entrar, por ser muito a pique e alcantilado aquele lugar da baía pequena, que está ali, onde podem estar e encorar naus, se o tempo lhes der lugar, ainda que seja maré vazia, com a qual ficam os barcos iguais e ao nível com o cais e as naus, onde se carrega então muita madeira facilmente, gado e muitas pipas de vinho, por se darem na mesma freguesia da vila de São Roque mais de setecentas dele cada um ano; e, enchendo o mar, subindo a água dele sobre o dito cais, feito ao picão, então se varam os barcos em terra, os pequenos, de pescar, às mãos, e os grandes, de quinze até vinte moios de pão, com uns aparelhos e polés, que lhe deitam de terra, com muita brevidade e em tempo de necessidade, quando há tromenta (sic), mas isto poucas vezes.

Nesta freguesia, mais adiante como meia légua deste cais, debaixo da igreja de São Roque, que está em rocha alta, está outra enseada, onde também se carrega muita madeira pera as outras ilhas, porque a maior grangearia que há naquela vila de São Roque é a madeira, e os vinhos já ditos. Foi vigairo nesta igreja Pero Vanhegas, filho de Fernão Vanhegas, castelhano de nação, e agora é Manuel Fernandes Coelho ⁽²²²⁾; tem um beneficiado e cento e noventa ⁽²²³⁾ e dois fogos, e almas de confissão seiscentas e cinquenta e seis, das quais são de comunhão quatrocentas e cinquenta e duas ⁽²²⁴⁾. É nesta vila capitão da gente de guerra Simão Ferreira, por falecimento de Fernão d'Alvres, que foi em seu tempo monarca da ilha do Pico.

Deste porto de São Roque, caminhando pera a Prainha do Norte, é tudo rocha talhada por espaço de uma légua até chegar a um grande cais de pedra viva, de biscutos ásperos, que entra da borda da rocha pelo mar dentro quantidade de um tiro de arcabuz e do meio dele de largura, que correu no tempo do terremoto, quando a terra arrebitou com o fogo na era de mil e quinhentos e setenta e dois anos, a vinte e um de Setembro, em dia de São Mateus. Na ponta deste cais, da banda do mar, estão muitas abóbodas grandes, por dentro das quais entram batéis de pescar a ver suas concavidades, que o fogo, ou água que lhe resistia, fez naquela matéria de pedra, que ia derretida, fervendo; junto da qual ponta podem estar naus grossas, por ser alcantilada, de grande altura e muito fundo, e por cima de todo o cais se cria grande multidão de garajaus e outras aves do mar, de que se acham infinidade de ovos, por não ser lugar cursado de gente.

Deste cais adiante espaço de tiro de berço, correndo pera a Prainha do Norte, está uma baía pequena de areia, ao pé de uma rocha alta, de terra vermelha, na qual varam batéis que vão fazer pescarias e salgas, por ser um lugar remoto, onde não comunica gente, e costa de muito pescado.

Daqui corre uma rocha-baixa, de espesso mato, que vai dar na água do mar, por espaço de meia légua, até chegar a uma igreja velha de Nossa Senhora da Piedade, que dantes era freguesia e se desfez e mudou mais adiante, onde morava maior cópia de freigueses, e estavam mais juntos. E desta igreja velha a menos de meia légua, de rocha baixa, acompanhada de algumas vinhas e mato, que chega até a borda de água e vai bebendo no mar, está um porto de areia pequeno, onde varam batéis e alguns caravelões, que ali vão carregar gado e madeira, vinhos e trigo, que se dá nesta freguesia de Nossa Senhora da Piedade, onde foi vigairo Pero Brandão, filho de Bastião Brandão, da ilha do Faial, e agora é Gaspar Gonçalves, e tem um beneficiado e um tesoureiro. Há nesta freguesia do lugar da Ponta noventa fogos e almas de confissão trezentas e sessenta e duas, das quais são de comunhão duzentas e cinquenta e seis ⁽²²⁵⁾. Há também nesta freguesia muito mel de abelhas e cera, e são nela capitães da gente de guerra Daniel Gomes, André Roiz e António Roiz.

Desta freguesia corre a costa de rocha alta e ao longo do mar de calhau muito grosso e roliço, tudo coberto de arvoredos que chega à borda do mar, por espaço de mais de uma légua, até chegar a uma nova ermida, que novamente se faz de Santo Amaro, onde está uma baía grande, de calhau muito grosso, cuja primeira ponta é desembarcadouro e embarcação de algumas coisas que por ali há na terra, mas não em inverno, nem no verão, senão com muito bom tempo, por ser a costa brava.

Desta baía por diante é a rocha mais alta que há em toda a ilha, chamada a Rocha do Labaçal, que vai correndo mais de uma légua até chegar a uma praia, que chamam da

Ribeirinha, de calhau não muito grosso, onde vara um batel, que há naquela freiguesia da Ribeirinha, ou Prainha ⁽²²⁶⁾, em uma grande enseada, defronte da qual enseada, menos de um tiro de besta dentro no mar está um ilhéu pequeno, ao qual com bom tempo vão muitos homens a nado e em batéis a folgar e tomar muita soma de cranguejos. A igreja do lugar desta freiguesia da Prainha ou Ribeirinha é da advocação de Nossa Senhora da Ajuda; há nela cento e dez fogos, e almas de confissão quatrocentas e sessenta e cinco, das quais são de comunhão trezentas e catorze; é vigairo Pero Brandão Freire, e tem tesoureiro ⁽²²⁷⁾.

Logo adiante um quarto de meia légua está outra baía grande, de calhau grosso, onde às vezes vão batéis e caravelas carregar de madeira e lenha pera queimar. Antre esta baía e o mato, um tiro de besta do mar está na terra um poço de água salobra, de que se serve toda esta freiguesia da Ribeirinha, por ser terra estéril no tempo do verão, e ali vão outros gados a beber, por não terem outro remédio, senão aquele. Dali vai correndo a rocha, de pedra viva toda e não muito alta, até dar na ponta de leste da mesma ilha, que se diz o Calhau Gordo, donde comecei a contar a descrição dela ⁽²²⁸⁾.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO

DA DESCRIÇÃO DA ILHA DO PICO PELO MEIO DA TERRA E DE UM INCÊNDIO QUE
NELA HOUE

Da ponta do Calhau Gordo, por dentro da terra toda coberta de mato, a meia légua, há uma freiguesia de Nossa Senhora da Graça em um lugar, que se diz a Ribeirinha, de noventa fogos, de que é vigairo Gaspar Gonçalves, muito rico de gado e criações de éguas e mulas, onde são capitães da gente de guerra -Manuel Castanho e Pero Leal, o Moço, e Bastião Carvalho, da Ribeirinha, homens nobres e abastados, que têm muitas criações de gado cabrum e vacuum; e tem muitas terras de pão e pastel. Terá esta freiguesia quatro léguas, pera a banda do sul e do norte; e chega até à Calheta de Nesquim, que é seu porto, já dito, onde vivem seis ou sete vizinhos, que bebem de um poço da freiguesia de Santa Cruz, que por outro nome se chama as Ribeiras, de que já disse por não haver na ilha do Pico outro caminho por onde se ande senão o que a corre ao redor, ao longo do mar, e outro que vai, da banda do sul, da vila das Lagens pera a vila de São Roque, que está da parte do norte, atravessando-a de uma a outra banda. Indo pelo caminho do concelho a uma légua, está a vila das Lagens, já dita, e dela há (?) caminho, de compridão de três léguas, per umas brenhas e matos de espesso e alto arvoredado, que vai ter ao pé do pic, o Grande, de que a ilha tomou o nome. E na faldra há muitas criações de gados de toda sorte, em que está uma pequena ermida de Nossa Senhora que fez um ermitão, onde viveu anos, e depois o levaram dali pera o mosteiro de São Francisco da ilha do Faial, e lá faz santa vida.

É tão grande altura deste pico, que dizem que de riba dele se vêem todas estas ilhas dos Açores, acima do qual foi o desembargador, o doutor Fernão de Pina Marecos, e no mais alto dele se subiu nos ombros de um homem, mandando aos escrivães que tomassem fé como ele ficara mais alto que o pico, e assi está tomado por autos.

Cobre-se todo este pico no inverno de pedra que chove, com que fica mais alto e todo alvo até muita parte do verão, em que o tempo quente a derrete, e, enquanto no inverno tem sobre si a pedra, padece muito detrimento esta vila das Lagens e a freiguesia da Madalena, que estão ao pé dele, e a ilha do Faial, que está sua vizinha mais chegada. Os gados de toda a sorte, comarcãos a ele, como vêm de Maio por diante, que se desfaz a pedra, se acolhem todos arriba dele, por lhe não faltar lá o pasto e água, de que a terra é necessitada; e há partes onde os gados vão beber duas e três léguas de dois em dois dias, por a terra não sofrer mais vezes; e, corno torna o mês de Setembro, os mesmos gados se acolhem logo abaixo pera as terras feitas, por não poderem lá sofrer a muita frieza que há ⁽²²⁹⁾ nela já naquele tempo, pelo que os criadores, então, fazem seus cercos e bardos ao redor dele, pera o tomarem, repartirem e assinarem, e trosquiarem o ovelhum, e em qualquer parte que uma pessoa está da ilha do Pico lhe parece que o tem junto de si e sobre sua cabeça. No cimo deste pico está uma boca aberta, de grande concavidade, em que se não acha, nem sabe fundo, por onde arrebentou em tempo antigo, de que não há notícia, antes de a ilha ser achada. Do pé da faldra dele até o cume há três léguas, por o caminho ir em muitas voltas. No pé dele, da banda do sul, está a freiguesia já dita ⁽²³⁰⁾ de São Mateus, dantes ⁽²³¹⁾ sufragânea à freiguesia da Madalena, metida antre uns matos, igreja muito antiga na dita ilha e de muita romagem, onde vão pelo seu dia em romaria muitas pessoas das outras ilhas; na qual há alguns homens nobres e ricos, e é capitão nela da gente de guerra um Amaro Pires, criador de muito gado, de toda a sorte, e tem muitas colmeias, onde há muito mel e cera.

Há por toda esta ilha em redondo muita e grossa madeira de cedro, sanguinho, ginja, pau branco, faias, louros e, sobre toda, a madeira de teixo, somente no Pico, dos teixos que estão sobre a freiguesia da vila de São Roque, da banda do norte, légua e meia da dita vila pera dentro da serra, onde se acham paus de teixo muito direitos, que parecem paus de pinho e quase servem pera mastos de caravelas pequenas, e de grossura no pé até palmo, e torno, e

palmo e meio, e daí, adelgaçando pera cima, pera a ponta, a modo de paus de pinho, e na nascença deles, da semente que deles cai, como semente de tamujo, não parecem senão pinhos. Há troncos destes que acham ainda agora debaixo da terra, de oito e dez palmos de comprido e de três palmos de largo, os quais servem pera escritórios e mesas muito ricas e fasquiaria de escritórios, por ser madeira de muito preço, pela qual razão se não corta, senão com expressa provisão do provedor da Fazenda de Sua Magestade, e do que é avaliada na Alfândega paga o que a colhe ametade ou, de duas távoas, uma pera el-rei, de seus direitos. Afora o rendimento do pastel, rende cada ano a ilha do Pico pera Sua Magestade quatrocentos e trinta e dois mil e novecentos e cinquenta e cinco réis, até o ano de mil e quinhentos e oitenta e três, e por tanto estavam arrendados os dízimos dela.

Esta ilha do Pico é carecida de águas, maiormente no tempo do verão, porque no inverno se apercebem e provêem de água de chuva em ribeiras secas, correntes que no dito tempo estão tapadas com seves de rama de arvoredos grandes, que cortam pera isso, e coutadas, pera que não entrem bestas dentro nelas, como a ribeira Seca da vila de São Roque, que tem dentro em si grandes concavidades de pedra viva, onde está água das enchentes das chuvas; fica por espaço de muito tempo, que dura e se bebe dela, e em outras partes há poços e água da maré de baixa-mar.

E não há ribeiras correntes, nem fontes, além do que está contado, senão algumas fontinhas pequenas, que nascem nos cumes das serras ásperas, onde se vai buscar alguma pouca de água, que custa muito trabalho por os caminhos serem fragosos e compridos, às vezes de três léguas, e trabalhosos; e, por esta razão, alguns no mato, e nas partes onde vivem, fazem riscos nos troncos das árvores, cortando-as à roda, como anéis inclinados de uma banda, onde lhe põem por bica uma folha de árvore e, pondo nela umas jarras, cabaças, ou tinhas, se estão enchendo, enquanto chove de dia e de noite, e principalmente fazem isto nos louros, porque acham ser melhor e mais sadia água que outra nenhuma; e há muitos homens que edificam suas moradas, em que vivem, em parte onde há louros, antre os matos, por razão de ali se poderem aperceber de água pera beberem.

O Pico tem outro pico no meio, tão grande como qualquer dos outros picos grandes que há na Terra, e em outras terras, e tem tão grande altura o cume dele e é tão vizinho aos ventos, que por ele os adivinham mui facilmente os mareantes e moradores daquelas ilhas ao redor, porque, quando está todo coberto de névoa, é certo sinal de virem tempos mareiros, como é sul, leste, sudoeste, e, quando está todo descoberto, adivinha vento oeste, oes-noroeste, até norte, e quando tem uma barra branca de névoa pelo meio e o mais, assi pera riba como pera baixo, está descoberto adivinha tempos lestes e nordestes, e quando se vê todo limpo e logo depois se cobre no cimo de todo de névoa e faz um capelo dela, cursando então qualquer vento, adivinha que se há-de mudar a tempo mareiro, como é sul, sueste e sudoeste. Assi que ele serve aos vizinhos de agulha de marear ou de grimpia certa e variável, que se põem no cume dos telhados, que com os tempos lhes mostra os ventos que hão-de vir e cursar adiante, porque é tão alto, que na mesma altura parece aos que estão nas outras ilhas ao nível do mar no mais baixo da terra, como aos que estão no mais alto monte da serra, e, ainda vendo-o do mais alto, mais alto parece.

No Pico, da parte da freiguesia da Madalena, por onde o canal, antre ele e o Faial, é mais estreito, que será como de uma légua de largo, porque na dita freiguesia não há botes, quando alguns querem passar ao Faial, fazem de noite tantos fogos, ou de dia tantos fumos, quantos passageiros há pera passar, e, às vezes, não há mais que um passageiro que tem necessidade de ir ao Faial e faz, não um fogo, mas quatro e cinco, pera que vendo os barqueiros do Faial aqueles fogos ou fumos, vão logo em seus batéis buscar aquela gente, e de cada passageiro em bom tempo levam um vintém e em tempo tempestuoso trinta ou quarenta réis, ou mais, e o que fez cinco, seis fogos, sendo só, paga tantos vinténs como quantos fogos fez, ou segundo se avêm ao preço da passagem com os arrais dos batéis.

No pico pequeno, que o pico grande tem sobre si em seu mais alto cume, está um lagedo muito grande, como uma casa, a qual é furada pelo meio, em cuja concavidade recolhe quantidade de água que encherá uma pipa, de que bebe a gente que no estio sobe acima, porque enquanto dura, e se derrete a neve, que nela está recolhida no inverno, sempre correm regos de água por ele abaixo; e na faldra deste pico está outra alagoa grande, pera a banda do leste, tão comprida como um tiro de espingarda, e da mesma largura, que se chama a alagoa de Rodrigalvres, e a redor dela estão muitas casas de pastores que guardam gado vacaril e de toda a sorte. E daí, correndo duas léguas pera leste, no cume mais alto da terra está outra

grande alagoa de água, que tem dentro em si dois ilhéus de terra, mato e serras, a que não podem ir senão a nado. Será da compridão de um tiro de arcabuz, e não tão larga, na qual também vão beber os gados todo o ano de muito longe, principalmente no verão, porque nunca se seca, por estar antre matos, e ser a outra terra carecida de águas no tal tempo.

O Rodrigalvres, de que a outra alagoa se nomeia, foi homem principal e mais rico da banda do norte na vila de São Roque e tinha por costume agasalhar em sua casa quantos por ela passavam e todos os bispos, corregedores e pessoas principais e de toda a sorte e continuamente tinha uma mesa redonda, ao uso do tempo antigo, posta no meio da casa, que nunca se levantava, e na cozinha também uma caldeira grande de cobre, com sua cadeia de ferro na chaminé (sic), sempre com carne cozida pera os que por ali fossem e muitos quartos de carne dependurados, pera que mandassem assar a qualquer hóspede de qual quisesse. Este teve muitas criações de gado de toda a sorte e sempre viveu muito rico e abastado naquela vila de São Roque, e deixou por seu falecimento muita fazenda, que se repartiu por muitos filhos e filhas que teve.

Houve também na mesma ilha, da banda do sul, na vila das Lagens, freiguesia do Espírito Santo, um André Roiz, o mais rico de toda a ilha, de que procedeu a geração dos Madrugas, que ali agora são os monarcas. Este André Roiz vivia com muito mais aparato que todos e se carteava com Pedreanes do Canto, que era o principal da ilha Terceira, e com Jos Dutra, capitão do Faial, cada um dos quais, em cada uma das ilhas em que vivia, fazia o que queria.

Há nesta ilha também um André Gonçalves dos Lagidos, feitor de Dona Violante, da ilha Terceira, que deu um ano de dízimo passante de oitenta carneiros e cabritos, e dá cada um ano de dízimo cento e vinte, cento e trinta pedras de lãs. Também há um Belchior Homem, que recolhe cada (sic) novidade de suas vinhas cento até cento e vinte pipas de vinho e faz esta vindima dentro em quinze dias, enchendo primeiro as pipas que lhe parece que pode dar de dízimos.

É toda a terra desta ilha mui áspera e muita parte dela coberta de biscouto, sem ribeira nenhuma que corra, somente três fontes mui pequenas, duas da parte do norte e uma da banda do sul, pela qual causa a gente não bebe senão água da chuva e das árvores, que, quando chove, apanham em cabaças, e também de outra salobra, que das covas, que na areia fazem ao longo do mar, tiram.

Come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra; seu principal mantimento é abobras, das quais semeiam muitas, e há homem que recolhe dez, doze mil delas. Usam também de dentabrum, raiz de erva que se parece com feitão, a qual cozida com água salgada comem, e assada também fazem dela pão, cortando-a miúda, e, depois de bem torrada no forno, a moem em atafonas, e, peneirando aquele pó, o amassam e faz, segundo dizem, pão doce. À falta de pão comem também talos de funcho e nabos, que dá a terra muitos, e deles tamanhos como jarras de arroba e de meia arroba, e muitos figos e muito pescado.

A terra é mui forte, porque não se lavra e está folgada antre pedras, à sombra, e, como terra nova, cria muita erva e muita e boa fruta de espinho, e tudo é muito viçoso. Tem muito arvoredor: Cedro, pau branco, louro, faia, tamujo, urzes tão grandes como árvores, sanguinhos, zimbro e folhado, e da banda do norte, como tenho dito, junto da vila de São Roque, se acham teixos, e todas estas árvores têm a raiz à frol da terra, pela qual causa com os ventos caem muitas. A fruta de espinho é melhor de todas as ilhas. Tem muitos e bons pêssegos, marmelos, maçãs e figos de toda sorte. Em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas. Tem muito e bom mel, e cera, muito gado, vacas, ovelhas, cabras e porcos, os quais esfolam, e do couro deles fazem sapatos, que não são senão um pedaço de pele que cobre o pé, o qual cozem ou atam com umas correias do mesmo couro, e trazem os cabelos pera dentro ou pera fora, como lhes mais contenta.

Como tenho dito, na era de mil e quinhentos e sessenta e dois, a vinte e dois de Setembro, dia de São Mateus, uma légua da vila de São Roque, caminhando pera a Prainha do Norte, em cima, no cume da serra, quase da banda do sul, como espaço de três léguas da faldra do pico, ficando, ele pera a banda de loeste, tremendo primeiro a terra em um terço de hora dezasseis vezes, com contínuos e horrendos abalos e tão grandes estrondos, como de grossas peças de artilharia, em um lameiro arrebitou o fogo, fazendo cinco bocas muito grandes, sendo uma delas a principal e maior, de que manou uma grande ribeira de polme, que correu pera a banda do norte por espaço de légua e meia até cair pela rocha abaixo e fazer um grande cais abaixo da rocha, onde se espraçou aquele polme e se tornou pedra viva, em que se não pode pôr pé

descalço, nem se cria nenhum género de erva, nem mato, até hoje, senão em alguma parte onde se não acabou de cobrir daquele polme; cobrindo muitas terras de homens ricos, que com isso ficaram pobres, por perderem ali suas herdades e fazendas, com que agora nem eles, nem seus filhos, têm que comer. E com o grande fogo que ali se acendeu, se alumiavam ali todas aquelas ilhas ao redor, e a esta de São Miguel chegou sua claridade e parecia a noite dia, e, com temor de se cobrir toda a ilha do Pico daquelas ribeiras de fogo, fugindo dela, muitos dos moradores se embarcavam pera as outras ilhas com a mais pressa e diligência que cada um podia, com que quase ficou, então, despovoada, principalmente dos coimarcãos e vizinhos daquela banda do norte, onde aconteceu a maior força daquele sucesso.

E o fogo, que arrebentou na ilha de São Jorge na era de oitenta, a dois dias por andar de Maio, foi defronte do mesmo fogo do Pico, pelo que parece, por estar perto uma ilha da outra e não ser o canal antre ambas mais que de três léguas de largura, que se comunicava o vieiro de enxofre ou salitre que gerou este fogo de uma a outra e brotou em diversos tempos, acendendo-se primeiro na ilha do Pico e depois na de São Jorge, e, pelos biscoutos que, com o fogo que por muitas vezes tem arrebentado até agora, antes de ser povoada até esta vez que foi vista dos moradores, correram pela terra e cobriram grande parte dela, ficou com aquela pedra mais quente, pera criar muito arvoredado e vinhas e muita fruta de espinho de laranjeiras, cidras e limeiras, e limões franceses e de sumo, a melhor que há em todas as ilhas, principalmente na banda do sul, na freguesia de Santa Cruz das Ribeiras, onde também há homens muito nobres e ricos e abastados, de apelido dos Homens e Cardosos, antre os quais há alguns que recolhem cada ano cento e cento e vinte e cento e trinta pipas de bom vinho e muita quantidade de mel de abelhas e cera, que com a mesma quentura dos biscoutos corridos se criam.

Assi que, como tenho dito, há nesta ilha do Pico duas vilas, sc., a vila das Lagens, da parte do sul, que é a cabeça, e a vila de São Roque, da parte do norte, que são duas vilas e duas freguesias. Uma freguesia em cada vila, somente, e por toda a ilha outras cinco freguesias, sc., a de São Mateus e a da Madalena, que não tem mais de um só vigairo, que diz um domingo, ou dia santo, missa em uma delas e outro em outra, alternadamente, e a freguesia da Ribeirinha na ponta do Calhau Gordo, defronte de Nossa Senhora da Graça, e outra no lugar de Santa Cruz das Ribeiras, da advocação de Santa Bárbara, e outra no lugar da Prainha do Norte, do orago de Nossa Senhora da Piedade.

O capitão do Faial é também desta ilha do Pico, com a mesma jurisdição em elas ambas.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO

DOS PRIMEIROS CAPITÃES QUE (SEGUNDO DIZEM) DESCOBRIRAM A ILHA GRACIOSA E DE SEUS FILHOS E DESCENDENTES E ALGUNS ILUSTRES E ANTIGOS POVOADORES

Dizem alguns que, depois que as ilhas Terceira, São Jorge, Faial e o Pico foram descobertas, dali a alguns anos, tendo notícia Pero Correia, fidalgo nos livros de el-rei e dos Correias do reino, que a ilha Graciosa aparecia, pediu licença a el-rei pera a ir descobrir, e, havida a licença e mercê da capitania dela, veio ter à ilha Terceira em um navio em que a ia buscar, e dali se partiu a descobri-la, e, achando-a, fez logo dizer missa nela, chamando-lhe todos ilha Graciosa, porque o é na vista que tem, verde e quase chã, e pouco montuosa, e tal apareceu aos que este nome lhe puseram, pela ver tão bem assombrada e quase rasa, sem montes altos e grandes e vulcão, nem carranca, como têm outras ilhas; e de lá mandou logo à ilha Terceira buscar gado que deitou na terra.

Feito isto, se tornou caminho de Lisboa buscar sua mulher e filhos e gente pera a povoarem. E que neste meio tempo estando ele no reino, veio um Vasco Gil Sodrê de África, natural de Montemor-o-Velho, com sua mulher, Breatis Gonçalves de Bectaforte, natural do castelo de Bectaforte de Inglaterra, com dois filhos, um por nome Diogo Vaz Sodrê e outro Fernão Vaz Sodrê, e algumas filhas e doze criados, e, chegando à ilha Terceira, detreminou passar-se à Graciosa, pelo que fretou um navio em que foi com sua gente ter a ela e, desembarcando em um grande areal e não sabendo pera onde fosse com a mulher e filhos, por a terra estar toda coberta de espesso arvoredado, achou um carreiro que o gado tinha feito, e, caminhando por ele pela terra dentro, foi ter a uma furna, que se chama a Furna do Castelo, feita como uma casa de pedra, ao modo de abóbada muito freiosa, onde se meteu e agasalhou com sua gente; e, estando ali por espaço de dois meses, como então havia guerras antre Portugal e Castela, foram alguns castelhanos em um navio àquela ilha e, saindo no areai, seguindo o mesmo caminho e vereda pela terra dentro, foram ter à boca daquela furna, e, querendo entrar nela, Vasco Gil e os seus lhe tolheram a entrada, à boca da mesma furna, que era como uma porta pequena; e, pelejando ali algum espaço, botou a mulher e filhas fora por outra boca, que a furna por detrás tinha, e saiu com os filhos e criados a pelejar com os castelhanos, onde mataram quatro ou cinco. Os espanhóis, como eram muitos e traziam boas armas e os da terra as não tinham, lhe mataram dois criados e tomaram o mesmo Vasco Gil Sodrê e o levaram consigo, sem nunca mais aparecer, nem tornar à ilha, nem novas dele. E que sabendo el-rei no reino como Vasco Gil era levado preso dos castelhanos, mandou a Pero Correia da Cunha, fidalgo de sua casa, que fosse pera a ilha Graciosa, com a capitania dela, pelos muitos serviços que ele lhe tinha feitos em África; o qual logo se partiu com sua mulher, Dona Iseu Palestrela de Mendonça, filha do capitão do Porto Santo, e a foi povoar.

Outros com mais verdade dizem que não levaram os castelhanos a Vasco Gil Sodrê, porque viveu muitos anos na mesma ilha, onde depois faleceu. E também mais verdadeiramente afirmam que na ilha Graciosa, no princípio de sua povoação, houve dois capitães; um deles se chamava Fuão Barreto, fidalgo natural do Algarve, dos Barretos dali. Este veio logo a povoar a sua ametade e ficou da banda do sul, onde agora é a vila da Praia, e, estando ali com sua mulher e gente no tempo em que havia guerras antre Portugal e Castela, veio a ter certas diferenças com um frade, seu capelão, que ali tinha consigo; antre as quais dizem que esbofeteou e espancou o frade, e o injuriou e afrontou gravemente. Vendo-se o frade assi afrontado, apartou-se dele pelo mato dentro meia légua, pouco mais ou menos, pera onde agora se chamam as Eiras de Diogo de Melo, e, estando ali, ao longo do mar, sobre uma rocha, viu certas naus castelhanas, que, então, tinham guerra com Portugal, que vinham costeando a ilha; e, como as viu tão perto e tanto a seu propósito, que as podia chamar a seu salvo, sem ser visto, por ser tudo mato e estar longe, capeou-lhe com um pano que chegassem

ali; mandando eles um barco a terra e saltando o frade nele, lhes contou como estava afrontado e o que era feito, que lhes pedia o vingassem e o levassem dali, o que eles fizeram. Mandando desembarcar mais gente, sem nunca serem vistos do capitão, nem de outra pessoa, por causa do mato que era muito e mui alto, e, desembarcando, quiseram logo os castelhanos ir direitos a casa do capitão a buscá-lo. Disse-lhes o frade que não o haviam de achar em casa e fossem com ele, que os levaria onde o achassem, que era o lugar em que ele costumava sempre estar, com seus criados e gente, folgando, o que fizeram, indo onde o frade os levou; e ali o acharam e tomaram e prenderam, e a gente que com ele estava; somente um page do capitão fugiu e foi dar recado à capitoa do que passava, a qual, ouvindo as tristes novas, se acolheu com suas mulheres e criados, que consigo tinha, pera a Caldeira, recolhendo-se no castelete dela, que a natureza ali obrou, onde escapou e toda a gente que com ela foi, e os castelhanos se tornaram a embarcar e se foram, levando consigo o dito capitão preso; o pera onde ou que se dele fez nunca se mais soube.

Passados já alguns dias que a capitoa estava fugida e ali acolhida, por não ter recado do capitão, nem saber dele, aventurou-se a mandar descobrir, por alguns dos que consigo tinha, que era feito dele e o que passava. Vindo os que ela mandou a isso, acharam como era levado por indústria do frade e tudo o que havia passado, como atrás tenho dito; e com este recado se tornaram à capitoa, assás tristes e descontentes, e lhe deram a nova, que ela recebeu com grande dor e grandes palavras de boa cristã, dizendo que por seus pecados viera fazer seu marido mal ao ungido de Cristo, pera que o mesmo Cristo (que não deixa mal sem castigo, nem bem sem galardão) o castigasse; e se veio pera o lugar onde vivia, e dali a tempo escreveu a Vasco Gil, cuja irmã ela era, que se viesse pera ela, pera a acompanhar, o que ele fez, e foi dos primeiros que ali vieram.

Neste tempo, o outro capitão, que chamavam Pero Correia da Cunha, filho de Gonçalo Correia, senhor de Farelões (sic), que nunca havia vindo à dita ilha, estava na ilha do Porto Santo, governando aquela capitania por um seu sobrinho; e, estando lá, ou lho escreveram da dita ilha Graciosa, ou o soube por outra via, veio a saber do que acontecera ao outro capitão, Fuão Barreto, e como a sua capitania, do Barreto, estava deserta por não ter filho e que el-rei a não tinha ainda provido. Foi-se, então, à corte e pediu a el-rei que, visto como aquela ilha era tão pequena, mais que todas as mais, e como as outras não tinham mais que, cada uma, seu capitão, e algumas delas eram de um só, que houvesse respeito a isto, pois se não poderiam reger bem dois capitães em ilha tão pequena, sem dúvidas e diferenças, e a ele ser fidalgo de sua casa, pelo que lhe fizesse mercê da outra ametade e ajuntasse toda a uma capitania, o que el-rei lhe concedeu; e com isto se veio o dito capitão Pero Correia pera a dita ilha, com sua mulher Dona Iseu Palestrela de Mendanha (sic), filha do capitão do Porto Santo, e com alguma gente a povoá-la, e fez seu aposento da outra banda, no lugar em que agora está a vila principal, que se chama a vila de Santa Cruz, e fez as suas casas onde se chama o Pico ou Outeiro das Mentiras, e houve de sua mulher, Dona Iseu Palestrela, um filho, por nome Duarte Correia, que depois lhe sucedeu na capitania, e três filhas, Dona Filipa, Dona Branca, ou Dona Briolanja, e Dona Maria.

As três filhas dizem alguns que levou seu pai à corte pera damas da rainha e estiveram lá dois anos; e, tornando o pai, Dona Branca, ou Dona Briolanja, e Dona Maria não quiseram ficar lá e se vieram com ele pera a dita ilha. Dona Filipa não quis vir e era tão presuntuosa, que não queria que no Paço lhe chamassem Dona Filipa, senão Filipa da Cunha; e casou depois lá com um irmão de João Roiz de Sá, do Porto, de que não houve filhos.

Dona Branca, ou, como outros dizem, Dona Briolanja, filha do capitão Pero Correia, depois de estar na terra por espaço de dois ou três anos, se casou a furto com Diogo Vaz Sodré, filho de Vasco Gil Sodré, sem o capitão ser sabedor deste casamento, determinando de a casar com um fidalgo de Portugal. Mandou Dona Branca aviso a Diogo Vaz, o qual se foi logo dentro a casa do capitão e, achando-o assentado pera jantar, lhe disse que era casado com ela e, como desejava que tudo se fizesse pacificamente, a não quisesse mandar pedir por outrem e por isso ia em pessoa, que folgaria que sua mercê fosse disso contente, pois já estava feito. Respondeu-lhe o capitão que, se ele quisesse a sua negra Briolanja, de boa vontade lhe daria, se ela o quisesse. Respondeu-lhe Diogo Vaz que tomava aquelas palavras dele como de pai, porque, se isso não fora, logo ali acabaram a demanda; e, passando outras palavras, com que Diogo Vaz, cheio de cólera, queria arrancar da espada, olhou pera Dona Branca, que em um estrado estava assentada, e, vendo que as lágrimas lhe corriam pelo rosto abaixo, com dor dela se deteve e se desceu pela escada pera fora; e, por se suspeitar que ele ia de noite e

falava com ela, seu irmão Duarte Correia, com muitos homens de casa do capitão, o andavam espiando pera o matarem, o que sabendo Diogo Vaz, também andava acompanhado com seu irmão Fernão Vaz Sodré e alguns criados, até que se vieram a encontrar uns com outros e, tendo grande briga, em que se feriram muitos de parte a parte, foi de modo que houve muitas querelas; e tudo sobre dizer o capitão que Diogo Vaz não era tão fidalgo como ele. Determinaram, então, os dois irmãos Diogo Vaz e Fernão Vaz de irem buscar ao reino o brasão de seu pai, e, estando aviados, Dona Branca que neste tempo se sentiu pejada, mandou dizer a seu marido que a tirasse uma noite de casa e a levasse consigo, ou a deixasse em alguma outra; e, por que ela não fizesse algum desatino, lhe mandou dizer Diogo Vaz que ele não se queria ir, mas mandava seu irmão. Como teve tempo e o barco prestes pera partir, a justiça se pôs, muito acompanhada de gente, no porto da Barra pera os prenderem, por causa das querelas que deles tinham dado. Diogo Vaz, como era muito valente homem, cavalcando em um cavalo, armado com uma lança nas mãos, se foi ao porto, onde pelejou esforçadamente com toda a justiça e mais contrários, e, recuando com o cavalo até chegar à borda do mar, com um negro que consigo levava, chegando ali, à barca, saltou de cima do cavalo nela e se foi pera a caravela, que andava à vela, esperando por ele. E, chegando a Portugal, achou em Montemor-o-Velho o brasão de seu pai e o tirou com outros estromentos, em que muitas pessoas juraram que sua avó, mãe de seu pai, fora casada em Inglaterra com um conde de um lugar ou vila, que se chamava o Castelo de Bectaforte, e o nome dela era Dona Brisoda (sic) Sodré de Bectaforte; donde trouxe provado como era grande fidalgo, e, tornando-se pera a ilha Graciosa com o brasão que apresentou, lhe perdoou o capitão, e casou com a dita Dona Branca, ou Briolanja e, casados, viveram muitos anos e houveram muitos filhos, e deles procede grande geração de nobre gente.

Depois que Diogo Vaz Sodré foi recebido com sua mulher, vivendo o dito Pero Correia na sua ilha, quando veio, já Vasco Gil estava nela com sua irmã, a capitã, mulher do Barreto, e viviam da banda da Praia, que depois foi vila, como é. E um filho do capitão Pero Correia, chamado Duarte Correia, ia muitas vezes àquela parte folgar. Vasco Gil, como pessoa principal, o agasalhava em sua casa como a filho morgado do capitão. Nestas idas se veio a namorar Duarte Correia, mancebo, de uma sua filha, chamada Mécia Vaz Sodré; e, depois de a haver, se afastava de sua casa. Vendo isto, seus irmãos, dela, filhos do dito Vasco Gil, determinaram tomá-lo com ela e fazê-lo casar, o que fizeram, e tanto procuraram isto, que, estando uma noite Duarte Correia ceando, entrou Fernão Vaz Sodré pela porta e com uma espada lhe jogou um golpe pera ali o matar, e a mãe de Duarte Correia, que tinha defronte de si a candeia acesa, que o cegava, com o que não via, vendo-o disfraçado, sem o conhecer, cuidando que trazia algum recado, não dizia nada ao filho, mas como o viu arrancar, gritando, lhe disse: «Filho, guarda-te». Ele não viu mais que a sombra sobre si e fugiu com o corpo pera uma parte e, quanto se arredou, tanto o errou o golpe e deu na cadeira, que fendeu até baixo, e em lhe dando, assoprou a candeia e foi-se, cuidando que lhe dera. O capitão velho, Pero Correia, que estava em cama muito enfermo, logo pôs por obra pera o prenderem, porque algumas vezes lhe fazia Fernão Vaz muitas daquelas afrontas e ali tornou a querelar dele como entrara em sua casa pera matar o seu filho. Fernão Vaz se desnaturou da terra, vindo-se pera esta ilha de São Miguel, onde foi escrivão da Câmara na vila da Ribeira Grande e genro de Rui Garcia, homem honrado e fidalgo. E dizem que o capitão Pero Correia mandou seu filho Duarte Correia pera a corte.

Dali a pouco tempo faleceu o capitão Pero Correia, e, depois, tratou Diogo Vaz demanda com Duarte Correia, seu filho, que lhe sucedeu na capitania, o qual, como se viu capitão, não queria casar com Mécia Vaz, que dantes tinha recebida, e, litigando por ela seu irmão Diogo Vaz, correndo a demanda e indo ao reino, houve o capitão sentença por si contra a Mécia Vaz, por ter casado em Portugal a Dona Filipa, sua irmã, com o irmão de João Roiz de Sá, que dizem nisto o favoreceu.

Também dizem alguns que, falecendo este segundo capitão, Duarte Correia, deixou e declarou em seu testamento a dita Mécia Vaz por sua mulher, e, como Dona Filipa soube que o irmão era morto, houve os papéis à mão e nunca os quis dar, por entender ser a capitania de Mécia Vaz, pois não havia filho algum de Duarte Correia que a herdasse e ele a deixava por mulher. Concertou-se, então, com Diogo Vaz, seu cunhado, dizendo-lhe como tinha os papéis na mão e a capitania era de sua irmã, Mécia Vaz, que lhe não havia de fazer bem algum, pelo que fizesse ele com ela aceitasse vinte moios de terra por concerto e deixasse a capitania a ela, Dona Filipa, porque, se lhe ficasse (pois não tinha filho nenhum e era mais velha que sua irmã, mulher do dito Diogo Vaz), por sua morte lhe deixaria e em sua vida lhe faria sempre

muito bem. Contentando isto a Diogo Vaz, fez com a irmã Mécia Vaz que tomasse os vinte moios de terra, que ela aceitou, por ser mulher que queria casar, pera seu casamento, e, Dona Filipa, como teve o concerto feito, vendeu a capitania ao marichal Dom Fernando Coutinho.

E por esta causa de Dona Filipa dizem que perdeu Mécia Vaz a capitania e seus herdeiros, mas não sei com quanta verdade se diz isto, pelo que direi adiante.

O primeiro capitão Pero Correia foi casado com Iseu Palestrela, filha de Bertolameu Palestrelo, primeiro capitão do Porto Santo, e de Breatis Furtada de Mendonça, sua primeira mulher, como já tenho dito no capítulo décimo do segundo livro, que trata da ilha da Madeira. E porque o dito capitão Bertolameu Palestrelo casou segunda vez com Isabel Moniz, de que houve um filho, chamado, como seu pai Bertolameu Palestrelo, que sucedia na casa, sendo este de pouca idade, faleceu seu pai e, enfadando-se sua mãe de morar no Porto Santo, houve um alvará de el-rei, com que, sendo seu filho minino, vendeu a capitania a Pero Correia, capitão da Graciosa, que lhe caía em lugar de genro, por ser casado com Iseu Palestrela, filha de seu marido; e vendeu-lha, assi como o marido a possuía, por preço de trezentos mil réis em dinheiro de contado e trinta mil de juro. Governou Pero Correia alguns anos a ilha, até que, sendo Bertolameu Palestrelo de idade que foi ao reino e daí a África servir a el-rei, vindo uma vez de Larache, arribando à ilha da Madeira, pousou no lugar do Caniço com seu cunhado Manuel Roiz de Vasconcelos, por cujo conselho, dando-lhe também pera isso ajuda, se pôs em preito com Pero Correia, que comprado tinha a ilha, e por demanda (visto como era menor e el-rei em preiúzo e seu, sem sua outorga, dera licença pera se vender a capitania foi havida e julgada a venda por nula e que se descontasse pelas rendas o que se dera por ela, donde ficou o dito Bertolameu Palestrelo investido e metido de posse da dita capitania do Porto Santo e excluído Pero Correia.

Teve Vasco Gil Sodrê, antigo povoador da ilha Graciosa, de sua mulher, Breatis Gonçalves de Bectaforte, os filhos seguintes: O primeiro, Diogo Vaz, que casou com a filha do capitão, e Fernão Vaz Sodrê, e filhas, Mécia Vaz, que casou com Roque de Melo, e Leonor Vaz e Inês Vaz, que todas foram casadas na terra com homens muito nobres e na ilha Graciosa viveram sempre apartados em a vila da Praia, e deles descendeu tão grande geração, que de todos estes irmãos se povooou esta vila, que será agora de duzentos e cinquenta vizinhos, cinquenta dos quais somente serão de outra geração, pela qual rezão dizem que todos os da Graciosa são fidalgos.

As armas do capitão Pero Correia e seus descendentes são: Em um escudo, uma águia com uma correia na boca e um jarro de água às mãos, e uma toalha, e, dentro no jarro, uma frol de cebola cecém ⁽²³²⁾.

Outros dizem outras coisas dos capitães da ilha Graciosa e das progénies ilustres que há nela, como a dos Correias e outras, como agora direi.

Este primeiro capitão da Graciosa, Pero Correia da Cunha, era filho de Gonçalo Correia, senhor de Farelões, e houve um filho que se chamou Duarte Correia, que também foi capitão, o qual casou com Dona Lianor de Melo, filha de Dona Breatis de Melo, que era filha de Álvaro Martins de Melo, irmão de Dom Pedro Martins de Melo, conde de Atalaia. Esta Dona Breatis teve três irmãos, sc., Roque de Melo, Diogo de Melo e Jorge de Melo, que morreu degolado na dita ilha por matar sua mulher. O Roque de Melo por tempos veio a lançar na ilha Graciosa, por onde se perdeu, e lhe levou el-rei o que tinha. Vendo-se pobre, tomou duas filhas e um filho, que tinha, e se foi com eles pera Lisboa, onde achou o marquês de Ferreira, que o recebeu com muita honra por parente e o levou consigo pera suas terras e lhe deu em que vivesse, até que morreu, e as filhas lhe meteu freiras e o filho deu a el-rei, e o mandou pera a índia, onde lhe chamavam Francisco de Melo, o Barbarrão de alcunha, e lá morreu. Ficaram na Graciosa, destes, Afonso Correia de Meio, já defunto, e dele ficaram os filhos que hoje há, que são Nuno Correia de Melo e Manuel Correia de Melo, que foi a Roma buscar dispensarão pera casar com Dona Inês Pacheca de Lima, sua tia, filha de Gomes Pacheco de Lima, o que foi por capitão-mor às ilhas de Buão, como fica dito. Esta Dona Inês Pacheca, além de ser muito rica, foi uma das mulheres que houve nas ilhas de grande autoridade e muita discrição, e, como mãe de toda aquela ilha, mui conhecida e nomeada, por ser muito liberal; e não ia pessoa nenhuma nobre, como bispos, corregedores, provedores, pregadores, religiosos, que de sua casa não fossem visitados e servidos com muitos presentes e mimos; e jámais se sabe que quisesse naquela ilha fazer coisa que não fizesse, porque, como tinha com estas partes e autoridade todos obrigados, ninguém lhe perdia a vergonha em nada. Ficaram por sua morte alguns filhos,

sc., Gomes Pacheco de Lima, do Faial, de que já fica dito, e Afonso Correia de Melo, que na dita ilha Graciosa tem a mesma estrela de sua mãe em se lhe ter todo o respeito e acabar tudo, por ser muito brando, cortês e liberal pera todos; é ainda mancebo solteiro; e Cristóvão de Melo, que foi com el-rei Dom Sebastião e esteve cativo dez anos, sete em ferros e três sem eles, donde fugiu, sendo três vezes preso no caminho e de todas, com o favor de Deus, por sua discrição e aviso se soube livrar dos mouros. É mancebo de grandes espíritos, muito esforçado, e na guerra de África o mostrou muito honradamente, onde teve duas arcabuzadas, uma delas no pescoço, de que ainda traz o pelouro.

Teve também a Pero Correia de Melo, mais moço, filhado nos livros de el-rei no foro de seus avós Afonso Correia e Jorge Correia, capitão da ilha Graciosa; os mais seus irmãos não têm ainda foro, porque o não pediram. A este Pero Correia fez dar a el-rei seu irmão, Gomes Pacheco de Lima, estando degradado em Lisboa por caso das alterações das ilhas, indo o dito Pero Correia de Melo ter com ele, fugido de cá (*ou de lá?*) a seu pai, Manuel Correia de Melo ⁽²³³⁾ e, querendo o dito seu irmão mandá-lo pera a Índia, estando pera isso, ele não quis ir, e o tornou outra vez a mandar pera a dita ilha. Depois, vindo o marquês de Santa Cruz às ilhas, com a armada que trouxe contra o Draque (sic), ele se foi pera Lisboa, dizendo que, ia pera ir à Índia, e, estando embarcado, se descobriu a jornada de Inglaterra, por onde não quis ir pera a Índia, dizendo que não era ele homem que havia de pelejar com cabras, donde ia toda a frol de Espatília nesta jornada, e se embarcou nela com Gaspar de Sousa, sobrinho de Cristóvão de Moura, e o fez nela tão honradamente, que o dito capitão lhe deu a bandeira daquele terço e ficou com ela na Corunha, com a gente, enquanto o capitão foi à corte, sendo a primeira jornada em que se achou.

Ficou também na Graciosa de Afonso Correia de Melo outro filho, chamado Paulo Correia de Melo. Este Afonso Correia teve uma irmã que casou com Gonçalo Ferreira, cujo filho é Estêvão Ferreira de Melo, de Angra, que serve agora o cargo de seu genro, Pero de Crasto, que é de provedor das armadas de Sua Magestade na ilha Terceira.

Este Jorge Correia, terceiro capitão, pai de Afonso Correia, teve três irmãs, damas da rainha, e uma delas, que se chamou Dona Filipa da Cunha, casou com um irmão de João Roiz de Sá, do Porto, e morreram ambos sem haver filhos.

A capitania desta ilha se veio a perder desta gente por o terceiro capitão, Jorge Correia, ir a Lisboa à corte, e, estando lá pousado em casa do marichal, por ser seu parente, tendo consigo um filho mais velho, a que sucedia a capitania poi sua morte, que chamavam Tristão da Cunha, lhe fugiu pera Alentejo, sem o dito capitão poder saber mais novas dele, e lá se foi assoldadar com um lavrador, onde esteve por seu cabreiro até ser mancebo, que se veio a namorar de uma filha de seu amo e se casou com ela a furto, de que o amo era muito enojado, até que ele veio a descobrir quem era. Neste tempo que o dito Tristão da Cunha fugiu, veio seu pai daí a pouco a falecer. Tinha outro filho, que chamavam Afonso Correia de Melo, na ilha Graciosa, moço, pai destes Correias aqui nomeados, sc., Nuno Correia de Melo, Manuel Correia de Melo e Paulo Correia de Melo, o qual Afonso Correia por ser moço e também por não saber de certo nada do dito seu irmão mais velho, Tristão da Cunha, a quem pertencia a dita capitania, por haver pouco que era fugido, não procurou ⁽²³⁴⁾ pedi-la. O Tristão da Cunha, como estava em Alentejo, também moço e não sabia parte da morte do pai, não acudiu também a isso, por onde, passado o tempo de um ano e dia que as leis deste reino dão pera se poderem opor os que pretendem ter direito nas tais coisas e, se não, que fiquem à coroa, não vindo no dito tempo, ficou a dita capitania deserta pera el-rei poder fazer dela como sua. Sabendo isto, o marichal se foi a el-rei e lhe pediu que, pois aquela capitania fora de um seu parente que lhe falecera em casa, lhe fizesse mercê dela, como lha fez. E, de então pera cá, foram os marichais capitães dela, como o foi Dom Fernando Coutinho, casado com Dona Lianor de Menezes, que viveu pouco depois de casado, por cuja morte ficou a um seu filho, chamado também Dom Fernando Coutinho, que é castrametador, assentador dos arraiais de Sua Magestade, que agora é capitão e governador da dita ilha Graciosa e é ainda solteiro. Sua mãe, Dona Lianor de Menezes, marichaleza, era filha de Francisco Correia e irmão de Manuel Correia, senhor de Belas, e de António Correia, já falecido.

Há também outra geração de Furtados e Mendonça, que procedem dos Mendonças verdadeiros, por serem netos de Mundos Furtado de Mendonça, que veio da ilha da Madeira, filho de Fernão Furtado de Mendonça, de Castela, e estes são parentes dos Correias e Melos, pela parte dos Mendonças, e Dona Catarina de Mendonça, sua tia, era neta de uma irmã da

mãe do Mestre de Santiago, Dona Ana de Mendonça, e da primeira baronesa de Alvito, e da mulher de Dom Pedro (sic) Colon (²³⁵), que descobriu as Índias de Castela.

Há Vasconcelos e Palestrelos, que procedem de Dona Iseu Palestrela de Vasconcelos, filha do capitão do Porto Santo, que foi casado com uma irmã da primeira baronesa de Alvito, e foi a primeira capitão da Graciosa, de que descendem os Correias, já ditos.

Ilá a geração dos Espíndolas (sic), que procedem de Pero de Espíndola, filho de António de Espíndola, genoês, que é uma das quatro casas de Génova. Destes há hoje Fabrício de Espíndola, Leão de Espíndola, e Reinaldos (sic) de Espíndola.

Há Dornelas e Câmaras, dos da Praia de Angra, filhos e netos de Álvaro Dornelas.

Há a geração dos Quadros, que procedem dos de Santarém, de Gonçalo de Quadros e Manuel de Quadros, que hoje é bispo da Guarda e foi inquisidor em Lisboa; e estes são também dos Ferreiras e Sousas, de Portugal, gente ilustre e conhecida, e muito parentes de Gonçalo Ferreira porteiro-mor.

Há os Limas, que procedem dos Pachecos e Limas, já referidos, a quem Dom Diogo Lopes de Lima, semelher (sic) de el-rei Dom Sebastião, e Jorge de Lima e Francisco Barreto de Lima, que ora é veador, filho de Jorge de Lima, quando a estas ilhas vinham de armada, os visitavam por parentes e, como estes, os trataram sempre e comiam e estavam em suas casas, sc., de Manuel Pacheco de Lima, contador, e de seu tio, Manuel Pacheco de Lima, o que foi por embaixador a Congo.

Há também a geração dos Silvas, que procedem de Nuno da Silva que era primo coirmão do conde de Portalegre.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO TERCEIRO

DA DESCRIÇÃO DA ILHA GRACIOSA PELA COSTA MARÍTIMA EM CIRCUITO,
COMEÇANDO DOS ILHÉUS DOS HOMIZIADOS, QUE ESTÃO A ORIENTE, PELA BANDA
DO SUL, ATÉ PELA DO NORTE TORNAR A ELES

A ilha Graciosa, que está sete léguas da de São Jorge, chamada assi, por ser mais bem assombrada que as ilhas Terceira, São Jorge, Faial e Pico, que foram primeiro achadas, é quase de figura ovada e tem de comprido légua e meia e quase ⁽²³⁶⁾ uma de largo. Está arrumada em sua compridão de leste a oeste, começando dos ilhéus dos Homiziados, que estão a leste, e acabando na furna de João Moreno, ou no porto que se chama de Afonso do Porto, que estão a oeste.

Os ilhéus dos Homiziados são chamados assi por causa do que neles sucedeu no ano de mil e quinhentos e quarenta e um, sendo aquela terra povoada de gente nobre e honrada. Havia nela muitos mancebos, filhos de homens principais, dos quais se ajuntaram sete um dia pera irem ali folgar, e se foram, sem na companhia ir com eles homens de mar, julgando não ser necessário, por estarem muito perto de terra; e não havendo no ilhéu porto onde pudessem varar o batel que levavam, senão uma poça em que entram e saem com a maré cheia, sucedeu que, andando eles folgando com muita caça que tinham tomado e muito pescado e marisco de lapas, cracas e caranguejos, que guisaram e comeram, se descuidaram tanto, que, quando se quiseram tornar, não puderam, por ser já noite e o mar lhe não dar lugar e o batel não nadar com a maré, que era vazia, pelo que, tornando a fazer de comer do pescado que tinham pera levar, comeram e deitaram-se a dormir no ilhéu aquela noite; e ao outro dia pela manhã ventava tanto, que o mar lhe não dava lugar a saírem da poça, por ser muito perigo.

Vendo de terra que eles estiveram lá e ao outro dia não tornaram, detreminaram cinco mancebos, seus primos e amigos, de os irem buscar, e, chegando lá, começaram a rir e zombar deles, chamando-lhe homiziados, burricos e carneirada, que não valiam nem prestavam pera nada, pois que havia dois dias que ali estavam sem saírem, e que já na terra traziam dó por eles, chamando-os que embarcassem, porque os haviam de levar a terra por lastro. Os do ilhéu lhe responderam: «Nós estamos muito bem e não nos falta que comer, tornai-vos que o mar não anda pera brincar com ele e a costa é muito brava; amenhã, se Nosso Senhor der lugar, nos iremos no nosso batel». Os do outro lhe disseram: «Vinde-vos logo embarcar; não aguardeis que saltemos em terra, porque, se saltamos, havemos vos de trazer todos amarrados com uma corda em um feixe».

Zombando deles os do ilhéu, como eram mancebos, cometeram a se quererem embarcar em o batel e deixar o seu, que estava na poça, e, querendo-se embarcar, viram o mar revoltado e a costa brava, com a água que é ali tão feia e negra, que mete medo à gente, pelo que lhe disseram: «Tornai-vos, irmãos, que nós não nos queremos ir, pois não anda o mar de geito pera isso; por amor de Deus, que vos vades». Eles não quiseram senão cometer o ilhéu, dizendo que embarcassem, que vergonha seria ficarem ali, de modo que chegaram pera tomarem um, o qual meteu o pé dentro no batel e o tornou a tirar.

Era já uma hora de noite e fazia tão grande escuro, que mão se viam uns aos outros. Veio, então, uma onda e pôs o barco sobre uma baixa, e, como escarnou, ficando em vão na ponta baixa, virou-se sobre os mancebos, que ficaram todos debaixo; e dali à poça onde estava o outro batel era um tiro de pedra e rocha, que por nenhum caso podiam lá passar de noite com o escuro que fazia, pera lhe valer com ele. Na companhia dos que ficaram debaixo do batel ia um António Vaz Sodré, o qual por grande milagre escapou, que, andando nadando, um mar o meteu em uma furna onde nunca tinha entrado homem. Ia também um mancebo, chamado Bartolomeu do Cocho, filho de um João do Cocho, muito fidalgo e rico de cem moios de renda, o qual andando de noite no mar, nadando pera se salvar, gritava pelos outros, dizendo: «Botai-

me um remo, que me afogo». Responderam-lhe: «Já o foram buscar e não tardará». Dali a pouco espaço tornou a chamar por um seu primo e disse-lhe: «Primo, vem já o remo»? Ele lhe respondeu: «Primo, já o são a buscar, não tardará nada». Neste tempo todos os da terra estavam juntos, sem se ver uns a outros com o grande escuro que fazia. Tornou o mancebo Bartolomeu do Cocho a dizer: «Ah! primo da minha alma, não sei como tarda tanto esse remo, porque, se o tivera cá, fora me já pera terra e tivera lugar pera me despedir, porque me afogo e me leva o fato ao fundo». Ele lhe respondeu pera o esforçar: «Primo, já vem; são com ele, e não é já aqui por razão do grande escuro que faz». Então, disse três vezes: «Madre de Deus, valei-me!»! E ouviram-no afogar, como propriamente uma jarra quando se enche de água, e nunca mais o ouviram. Estiveram-se assi os outros quedos no ilhéu até pela manhã, em que amanheceu o mar muito manso, sem bulir bafo de vento.

A gente daquela vila da Praia, donde eles eram naturais, foram todos por terra ao longo da costa até subir em um pico alto que está como sobre o ilhéu, que se chama a Restinga, por sua altura; e ali amanheceram as mãos dos ditos mancebos, que neste tempo estavam no ilhéu, que eram doze, os quais, como viram a gente, se começaram aviar pera irem pera terra, e, embarcando-se no batel, foram remando pera o porto da vila da Praia, légua e meia do ilhéu, e puseram no caminho seis horas, por causa dos desgostos que levavam pela morte dos nobres mancebos, que ficavam mortos, sem nenhum aparecer morto nem vivo, senão António Vaz Sodré, que o mar meteu na furna. Por esta razão se chama este ilhéu dos Homiziados, onde há pombas, garajaus, gaivotas, alaudas, que são uns pássaros que dão muito azeite, estapagados, maçariços, toutinegras, calca-mares, pássaros que não andam de dia, senão de noite.

Um destes ilhéus terá de terra, que se poderá lavar, limpa, sem pedra alguma, duzentas braças em comprido e outras tantas de largo, e não tem mais que a dita poça onde possam varar barcos; todo o mais, da banda do norte, é rocha tão talhada, que nem um gato a trepara por ela, e, da banda do leste, é calhau bravo, e o outro, que com este está do norte ao sul um tiro de besta, é um ilhéu mui alto, que nunca pôs pé nele mais que um homem, por causa da muita altura, no qual nunca houve, nem haverá, erva, por ser de pedra viva; e de terra estarão um tiro de berço, mas antre eles e a terra é o mar tão fundo, alcantilado, escuro e temeroso, que à gente que por ali passa põem horror e temor. Passam também por ele naus e navios de toda a sorte sem perigo.

Defronte destes ilhéus ao nível com o mar está uma furna, onde vem sair uma ribeira de água quente, a qual dizem proceder da caldeira da furna, chamada do Enxofre, que será meia légua pela terra dentro, e corre de leste a oeste por baixo da terra. Sai esta água quente ao pé de uma rocha muito alta, chamada a Restinga, por sua grande altura.

Desta furna, que está a leste, a um tiro de bombarda pera a parte do sul, correndo pela costa, está um porto chamado Carapacho, que não serve de mais que de batéis de pescar, que, por ser de pedra, não entram nele senão com maré cheia, e fora, no mar, tem um limpo, onde poderão ancorar quarenta velas. Tem este porto uma fortaleza com três peças de artilharia, que bastam pera tolher o encoradouro aos imigos, que, pera entrarem, por si se defende, por ser tudo pedra brava; e assi tem os caminhos cortados, sem mais serventia que per onde vai uma pessoa buscar ao mar qualquer coisa.

Um tiro de besta deste porto está outro ilhéu pequeno, de pedra, chamado das Gaivotas, por não ter outros pássaros, derredor do qual é tudo limpo de areia branca, onde nunca corre navio perigo; antes é couto dos navios afortunados, porque, quando o vento rijo lhe defende as entradas dos outros portos, por serem desobrigados e rasa a terra com o mar, sucede muitas vezes alevantarem-se dos portos e irem ali surgir, por ser limpo e muito abrigado com o noroeste, que naquela ilha, em todas as demais partes, faz muito dano.

Dali, correndo pera a parte do sudoeste, é a terra baixa e vai fazendo, ao longo do mar uma légua de comprido, uma barroca de dez braças de alto, nas partes mais baixas, que é a defesa da terra, porque, se ela não fosse, quando o vento sudoeste é rijo, entraria o mar nas terras lavradas. E por cima desta barroca vai feita uma trincheira e cava tão alta, que não aparece um homem per toda a costa, até chegar aonde se chama o Enxodreiro, que é um lugar onde pode desembarcar gente, pelo qual respeito, em tempo de verão, sempre há nele vigias da terra. É lugar de pedra e não porto onde possam varar barcos, e tem o mar fundo, por razão da costa ser ali tão mansa, sendo nas outras partes conjuntas muito brava, que, por ruim que o

mar ande, ali sempre dá lugar. Têm feito nele um forte sem artilharia, pera somente homens de vigia estarem de noite vigiando.

Deste lugar a outro, que se chama o Porto de João Dias, haverá meia légua, tudo de costa mais brava que há em toda a ilha, ainda que rasa com o mar, porque por nenhum modo pode chegar barco a terra com baixios, e a mesma terra em si é tudo biscutos bravos, mas na de João Dias há um porto pequeno, onde não cabe mais que um batel; é pedra viva e não entram ali senão com mar morto, sem poderem entrar nem chegar a ele com o vento sul, sudoeste, oés-sudoeste, mas com os mais ventos é muito abrigado, ainda que levem as casas, por rezão de uma rocha muito alta que tem, e até ali vai sendo a costa baixa, mas muito brava; e por não haver naquela parte vizinhança, senão dali a um tiro de espingarda, muitas vezes se põem nela gente de guarda que vigie. Está neste porto de João Dias uma baixa muito grande e suja, onde não ancoram navios, mas é de muito pescado em tempo de inverno, quando faz nela abrigo, com o vento por cima da terra.

Daqui a um tiro de besta, correndo pera a parte de loeste, está uma rocha de grande altura e compridão de uma légua, e no meio dela uma fonte de muito fresca água, onde a vão buscar homens e mulheres, moços e mininos que moram por ali derredor, e os que vivem longe e o não costumam não irão, nem vão lá, nem sem vasilha, pelo descostume do agro caminho, no meio do qual esmoreceu um homem, que nunca lá tinha ido e caiu em baixo, no ano de mil e quinhentos e oitenta e um, e no de oitenta e dois outro, ambos naturais da mesma terra, pelo que costumam levá-los lá pequenos pera perderem o medo; e estes depois vão correndo, e os grandes, que o não costumam, vão de rojões pela terra. Nesta rocha há muito mato de urzes, em que se criam muitas cabras, e há uma erva que se chama urzela, a qual apanham pera dar tinta azul, mas é muito trabalhosa e perigosa de apanhar e tirar dali fora.

No cabo desta rocha, de altura de cem braças, que se chama a Serra Branca, pelo ser e a parecer de muito longe, está à parte de oeste(?) uma ponta, que chamam a ponta Negra, onde corre em baixo, no calhau, uma ribeira de água muito boa, que sai da rocha ao nível do mar, mas não bebem dela por rezão de estar longe do povoado e da altura da rocha, porque não podem descer senão os que vão mariscar e muitas vezes não se pode trazer de baixo mais que o que vem em uma mão. Sobre esta rocha está um campo grande, de até trinta moios de terra de pasto, onde andam cavalos e éguas, e gado vacuum pera criar, e bezerrinhos e cordeiros.

Daqui a espaço de uma légua, correndo a costa direita a loeste, está uma ponta, onde faz um porto, que se chama de Afonso do Porto, em que não saem senão batéis de pescar, e, quando é tempo de verão, em que se temem dos imigos, cortam o caminho e não fica porto, nem vai ninguém abaixo; e será de vinte braças de alto, que do de João Dias até ali tudo é rocha mui alta.

Correndo pela costa adiante dali a uma légua, voltando já a terra pera a parte do noroeste, está uma furna, chamada de João Moreno, porque vai por debaixo do chão meia légua sair na sua terra, a qual, quando venta noroeste ou vento oeste, faz tão grandes estrondos, que parecem de bombardas, o que causa o vento que entra por ela e a boca que tem pequena.

Do porto de Afonso do Porto até esta furna tudo é costa tão brava, que não tem onde chegou um batel, e é a costa tão rasa com o mar, que, quando venta rijo, leva todas as searas e entra o mar pela terra; e daqui até vila de Santa Cruz é tudo costa tão bava, que nem há onde possa chegar barco, nem tem nenhuma entrada.

Desta furna pera a parte do noroeste, correndo pela costa espaço de uma légua, está o pico do Ruivo, e escavado, por o mar que bate nele lhe não deixar tomar erva, e com o vento leste e sul e sudoeste, que fazem ali abrigo, por serem por cima da terra. (sic) Ao pé dele se toma muito pescado e marisco pela costa e, como tenho dito, correndo daqui por diante espaço de meia légua, é costa muito brava e a terra rasa com o mar, e tudo são baixos que com preiamar estão cobertos e com baixa-mar ficam aparecendo.

Deste pico a meia légua está situada em um campo muito chão a vila principal de Santa Cruz, de cuja advocação é a igreja de três naves, postas sobre colunas e seis arcos, com três capelas de cada banda; é vigairo Brás Dias Rodovalho, teólogo e pregador, com ordenado; tem quatro beneficiados, um cura e um tesoureiro, porque há nela quinhentos e quarenta e nove fogos e mil e novecentos e trinta cinco almas de confissão, das quais são de comunhão mil e quatrocentas e sessenta e quatro ⁽²³⁷⁾. Tem no meio dela um paúl de água, de que gastam e

bebe o gado, sem o qual paúl não houvera gado na vila, pela pouca água que tem; e junto do paúl está um recio muito formoso, de trezentas braças de comprido e cento de largo, sem nele haver uma pedra, como um ovo, onde correm os cavalos e se fazem muitos folgares. Tem esta vila seis igrejas: a principal, de Santa Cruz, a Misericórdia, Santo André, São Pedro, o Corpo Santo, que está a uma parte sobre um porto, que se chama a Calheta, que é de pedra, sem areia, onde saem e se varam muitos batéis de pescar e não entram nele barcos grandes.

Em outro cabo da vila, correndo pela costa pera a parte do norte e nordeste, está uma igreja de São Sebastião, em um porto principal, onde saem todas as embarcações e navios de toda a sorte que àquela terra vão. Em tempo de verão carregam nele trinta moios de pão, cuja baía está do nordeste a loés-sudoeste, pela terra dentro, e logo na entrada da barra, pera a parte de terra, está uma ermida de Santa Caterina, onde faz muitos milagres nos mareantes, e agora está um forte de artilharia; e da parte do mar, ao noroeste, está uma pesqueira, ou curral fechado no mar, cuja porta se abria pera cima, quando amanhecia, e, estando aberta, lhe punham dentro umas mangas de engodo que os peixes grandes e pequenos ⁽²³⁸⁾ vinham a comer, e, quando queriam, fechavam a porta e, vazando a maré, os tomavam em seco, carregando carros deles. Chama-se esta pesqueira de Gonçalo Roiz, homem rico e abastado. Ao tempo que os navios hão-de entrar neste porto, há-de ser com maré cheia, por um carreiro, enfiados por certos padrões que na terra estão, e, se não vão direitos, dão em baixo e abrem muitas vezes.

Nesta mesma vila está um pico muito alto sobre o qual estão duas ermidas de muita romagem, uma de Nossa Senhora da Ajuda e outra de São João, onde se fazem muitos milagres. É repartido este pico em dois altos e em cada um tem sua igreja. A de Nossa Senhora tem uma grande cisterna, de que bebem os mariantes no verão, por não terem outra água, e urna casa pera os romeiros que ali vão.

Deste porto a uma légua tudo é rocha talhada, sem ter por onde possa passar uma pessoa, até uma enseada muito suja, onde não pode chegar um barco, senão a tiro de besta, com baixo. Está esta alagoa em um lugar, muito raso com o mar, onde moram até vinte vizinhos, que ali fazem suas searas em boas terras de pão, já termo da vila da Praia, que está dela menos de meia légua, prantado de boas vinhas, de muito proveito, do mar à serra; e pela costa é rochedo muito alto e bravo, defensável per si, sem porto nem enseada, até chegar à vila da Praia, como está dito.

Passadai esta meia légua, está a vila da Praia, edificada ao redor de um areal de areia branca, e muitas casas sobre areia, onde se faz uma grande enseada, porto de toda a navegação, defronte da qual baía e praia, da terra um tiro de bombarda, está um ilhéu muito formoso, que terá quarenta alqueires de terra, quase redondo, de muito marisco, fácil de andar e de bom porto, onde entram sem perigo. Este ilhéu da parte da terra é raso com o mar e da banda do norte é mui alto; é rocha brava, em que criam em covas estapagados, toutinegras, calca-mares, garajaus, maçaricos e outras muitas aves, e pela costa tem muitas lapas, cracas, cranguejos, búzios e outro marisco. Antre este ilhéu e a terra estão uns baixos, que o mar descobre com a vazante da maré, por causa dos quais não entram por ali navios. Há nesta vila da Praia ⁽²³⁹⁾ sós três igrejas, a principal de São Mateus, de três naves postas sobre arcos e na fronteira de cada nave sua capela, e aos lados uns archioes (sic) com dois altares a modo de capelas; é vigairo nela Gaspar Vello ⁽²⁴⁰⁾. Peralta, tem um beneficiado, um cura e um tesoureiro. Há nesta freiguesia cento e oito fos (sic) e mil e duzentas e seis almas de confissão, das quais são de comunhão oitocentas e sessenta e uma ⁽²⁴¹⁾; outra igreja tem da casa da Misericórdia, e outra de Nossa Senhora. No areal está uma fortaleza mui forte, que o cerca todo, de quatrocentas braças de compridão e vinte palmos de alto e dez de largo, e a cada cinquenta braças tem um cubelo, em que estão duas peças de artilharia, com as quais defendem o areal; e na altura dos vinte palmos tomaram cinco pera andaímo, e de outros cinco fizeram uma cortina, com que se defendem os que andam pelo andaímo, sem ter mais que uma porta por onde se servem, a qual é mui forte e espaçosa e tranca-se com duas madres mui grossas, pela qual varam as caravelas que no porto estão, quando venta rijo, com lhes tirarem os mastos; e tornando a fechar a porta, as têm ali fechadas quanto tempo querem, quando importa.

Correndo por esta costa avante, toda de rocha talhada, até uma légua, está uma enseada que se chama a Engrada, no princípio da qual tem uma fonte, chamada da Rocha, com um torno de água de grossura de um braço, que sempre corre em um tanque, de que bebem os moradores dali e da vila da Praia, por não terem outra mais perto, e lavam roupa e bebe o gado

de toda aquela vila e seus termos, da parte do norte. Nesta Engrada não ancoram navios, por ser tão sujo encoradouro, que não serve de mais que de varar batéis de pescar, e saem por um carreiro pela rocha arriba, que um moço com pedras defenderá a todo mundo.

Deste lugar a meia légua é tudo rocha mui alta, sem caminho; somente ao cabo de meia légua, à parte do leste, está um porto pequeno, de areia, que se chama dos Homiziados, que não serve mais que de batéis de pescar, e não tem saída, senão um carreiro mui estreito de rocha muito alta e talhada.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO QUARTO

DA DESCRIÇÃO DA ILHA GRACIOSA PELO MEIO DA TERRA E DE ALGUMAS COISAS
QUE HÁ NELA

Começando a descrição desta ilha Graciosa pelo meio da terra, da parte de leste, junto com os ilhéus dos Homiziados está o primeiro pico de que tratei, chamado a Caldeira, por razão de uma grande concavidade que tem por dentro; dizem que vai ao nível do mar, e no meio tem esta Caldeira uma alagoa de largura de um tiro de arcabuz, de que bebem as alimárias e os gados. Está também uma furna, chamada do Castelo, onde dizem que viveu o primeiro homem que morou na terra, e dentro, na mesma Caldeira, está uma furna chamada do Enxofre. No mais fundo lugar, que tem duas bocas, por uma lhe entra o Sol em pino de meio dia até horas de véspera, e outra é mais pequena. Terá três braças na maior largura e na menor uma e meia; e, pera irem abaixo, amarram uma corda fora da boca em uma pedra, que está pera isso metida na terra, junto da qual estão umas letras esculpidas na pedra viva, onde não chega homem nenhum, que dizem Jesu; e amarrada a corda, com as mãos apegadas nela, se vão deixando, de bruços, ir abaixo, por uma lagem, a pôr os pés em uma verga de pedra, como poio, que atravessa de uma parte a outra, e dali se largam dependurados pela corda, com as mãos nela e os pés direitos abaixo, até pousar em uma pedra do tamanho do fundo de uma pipa, que é outro poio, e dela caminham pela terra por um caminho, que tem à mão...⁽²⁴²⁾.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO SEXTO (²⁴³)

FLORES

..... , baixo, ao longo do mar, a lugares um tiro de pedra, e em outras partes menos, e batendo em outros o mar na rocha, até comprimento de meia légua, manando por ela muitas fontes de frescas águas, acompanhadas até o mar com agriões e rabaças e aipo. Dali por diante está a terra rasa, espaço de um tiro de barreira de arcabuz, com o mar, onde vai beber uma ribeira de muita água, chamada dos Moinhos, por estarem nela dois que moem pera toda esta freiguesia; e, logo, indo pela costa adiante, outra vez com alta rocha, comprimento de um quarto de légua, está ao pé da rocha uma fajã de Lopo Vaz, por ser sua, de até vinte alqueires de terra, que dá trigo e pastel, antre a qual e o mar se estende muita penedia, e tem por cima a mesma rocha um caminho em voltas, por onde descem bois abaixo. Daí pera diante, comprimento de um tiro de bombarda, é alta rocha, em que apanham muita urzela; e logo está uma ribeira chamada da Silveira, por haver muitas nela, e corre pouca água todo ano; e além, espaço de um tiro de berço, corre a rocha na mesma altura, até fazer uma ponta pequena ao mar, que se chama da Caveira, além da qual, junto com ela, estão dois ilhéus pequenos e altos, afastados de terra um tiro de pedra, em cima dos quais há brasseo (sic), onde às vezes, no verão vão alguns homens pescar salemas, sargos, pargos e palombetas. Bate o mar na alta rocha, dali a um tiro de arcabuz, onde sai uma ribeira de muita água, chamada da Cruz, por terra baixa, a qual enche muitas vezes tanto, que tolhe a passagem, na qual, no descobrimento da ilha, viveu o framengo Guilherme de Vandaraga, que em nossa língua quer dizer da Silveira, e ali fez uns edifícios e casas bem lavradas, pera morar, em uma furna, onde ainda estão, e como não achou a terra a seu gosto se passou a São Jorge, e daí pera o Faial (como já está dito).

Corre pera diante, espaço de um tiro de bombarda, a rocha talhada de pedra, povoada de algum mato baixo, e no cabo está ao longo do mar a fajã de António Carneiro, cuja foi de princípio, de dois moios de terra, que dá pão e pastel, e tem muitas fontes de água e muito mato de urzes, cedros, pau branco e faias, que não há na ilha em outra parte senão ali; e já se deram nesta fajã canas de açúcar, mas, por não acharem proveito nelas, as deixaram.

Dali por diante um quarto de légua corre também a rocha talhada, e calhau por baixo, até chegar à vila de Santa Cruz, que está fronteira ao sueste, freiguesia de Nossa Senhora da Conceção, de até cento e vinte fogos, onde há três ermidas, de Santa Caterina, São Sebastião e São Pedro. Vivem ali homens fidalgos, Pimenteis, Carneiros, Frágoas, Lordelos e Costas. É vila muito chã e bem arruada, mas as casas são todas de palha, junto da qual está um pico muito alto, que foi de um Álvaro Roiz, cirurgião (sic), e agora é de Gaspar Roiz, seu filho, e não houve nem há outros mestres na terra; lavra-se este pico e dá lentilhas vermelhas, que nunca criam carneiro por mais tempo que as guardem. Tem a vila um chafariz de água muito boa dentro em si, de que bebem, e fora da vila, espaço de um tiro de arcabuz, uma ribeira, chamada do Pomar, em que lavam roupa. Ao longo do mar tem muitos baixos altos sobre a água, e dois poços, em que, de preamar, entram navios e caravelas de cento e cento e cinquenta moios de pão, recolhendo-se um navio em uma poça e outro na outra, e no que fica da banda da terra entram e saem com prancha; e dali um tiro de arcabuz está outro porto e barra de largura de um tiro de malhão, em que não entram de preamar senão caravelas de até cinquenta, sessenta moios de pão, que podem varar pela terra dentro quanto quiserem. Nesta ilha fez um Anrique Domores, da cidade de Angra, um navio de vinte moios de pão, que botou ao mar por fora deste porto, por cima de muitos calhaus e penedos, com grande trabalho, e nunca se fez outro na terra.

Correndo a costa por diante, tudo são baixos tão altos, fora do mar, que no verão criam garajaus neles, e têm alguns barcéus, afastados de terra dois tiros de barreira de arcabuz, e

por antre eles há poças grandes e pequenas, em que se cria muito peixe e lapas, búzios, caranguejos e muitos camarões, que tomam pera comer, e ali fazem grandes pescarias de salemas. No cabo destes baixos faz o mar uma baía pera dentro da terra, quase de comprimento de dois tiros de besta do meio pera dentro, pela banda do sul de alta rocha, e da do norte, de um baixo de pedra, que vai de terra pera o mar um tiro de besta, e na mesma entrada e no cabo um tiro de barreira; é pedra mole, que se pode bem quebrar e fazer ali um rico porto.

Da ponta desta baía faz o mar uma volta pera a terra fronteira ao norte, comprimento de um tiro de arcabuz, toda de baixo, e no meio está um ilhéu de meio alqueire de terra, a que vão de baixa-mar a segar pera os bois muito barcéu que em cima tem, e pela banda da terra é alta rocha, no cabo da qual sai ao mar uma ribeira de todo ano, chamada de São Pedro, por estar ali sua ermida, onde no verão vão lavar roupa, a qual é de pouca água, que vem de muito perto e de muitas fontes que nela se juntam, acompanhadas de agriões, aipo e rabaças. Aqui faz a terra uma ponta ao mar, que se chama de São Pedro, de alta rocha, e, virando pera a terra, tem uma calheta de calhau miúdo, onde há grandes lapas, que vão apanhar, descendo per uma corda abaixo, e chama-se a baía de São Pedro.

Daqui, espaço de um tiro de bombarda, corre a rocha muito alta e lançante ao mar, e por baixo, a lugares, calhau grosso, onde vão per uma descida de rocha apanhar lapas e tomar muitos cranguejos. Correm da mesma rocha muitas fontes de boa água até o mar, acompanhadas de agriões, rabaças e aipo, e criam nela muitas cabras. No cabo desta fajã, que foi de um André Alvres, sai ao mar uma ribeira, chamada dos Moinhos, por estarem nela dois, em que vão moer os moradores da vila de Santa Cruz e seus termos. Diante, um tiro de bombarda, de alta rocha e calhau grosso, sai outra ribeira, chamada Funda, pelo ela ser, de muita quantidade de água, que vem de muito longe.

Além, corre a rocha muito alta e lançante ao mar, vestida de arvoredos de cedros, louros e pau branco, e povoada de muitas cabras bravas do capitão, ao cimo da qual (que é terra de pão) vivem três ou quatro vizinhos, freigueses de Santa Cruz; chamam ali os Cedros, por haver muitos deles. Fronteiro da rocha, há muitos ilhéus no mar, afastados de terra um tiro de besta, e mais e menos, onde vão da vila de Santa Cruz pescar em batéis e matam salemas, sargos, pargos, enxovas, garoupas e palombetas e tomam algum marisco; em um dos quais, de grandura de meio alqueire de terra, nasce uma fonte de água doce; e outro é furado e por baixo passa um batel de uma parte pera a outra; na entrada, da banda do sul, é mais largo e alto, onde já se meteu uma caravela com medo dos franceses. Tem estes ilhéus em cima alguns zimbros e muito braceo (sic) e cubres, e criam neles estapagados e boeiros por não haver ali ratos, havendo na ilha muitos. Há também nesta rocha muitas águas e ervas boas, que se criam ao longo dela.

Adiante um tiro de besta vai também a rocha talhada e direita, donde cai no mar uma fonte de água, de que se enchem as vasilhas de dentro dos batéis, e pera o mar dois tiros de arcabuz é tudo baixos, cobertos de água, de que não aparecem senão algumas pontas, de baixa-mar, que, de contínuo, anda ali muito bravo.

No cabo desta rocha, um tiro de besta, está uma terra areada e lançante ao mar, de muito alto e basto arvoredos; no cimo da qual está uma alta rocha, a modo de empena de uma igreja, que, por ter esta feição, se chama a Empena, pelo pé da qual atravessa um caminho de pé, que chamam Atalho, porque o caminho largo vai por cima, de Santa Cruz pera a Ponta Delgada, mas o atalho é perigoso, por caírem às vezes muitas pedras da Empena, pelo que passam por ele de corrida, e por baixo, ao longo do mar, é penedia grande, onde há muito marisco. Criam-se aqui muitas cabras e nascem algumas fontes.

Pera além, meia légua, é a rocha menos alta; a lugares bate o mar nela e em outros tem penedia por baixo, e saem algumas fontes e uma ribeira de pouca água, de todo o ano, que vem de cima do mato. Aqui está uma ponta delgada, ao mar, e o porto chamado da Ponte Delgada, freiguesia de trinta vizinhos, em uma calheta de calhau miúdo, fronteiro ao norte, antre uma ponta delgada, que fica atrás, donde tomou o nome, e outra ponta ao nordeste, chamada Ponta Ruiva, onde varam batéis e os atam com cordas, por ser pouca a fuga do calhau, que logo bate o mar na rocha, pela qual acima, em voltas, vai o caminho, que desce a este porto, e carregam o que se carrega e descarrega e, quando vai alguma coisa de peso, com cordas e à mão atiram de cima até a terra de pão, onde a tomam os carros, que todos são por ferrar. Logo faz a terra uma ponta ao mar, que nasce de junto deste porto, comprimento de

um tiro de besta da rocha, e no cabo dela tem um baixo, que bota ao mar outro tanto, debaixo do qual está quase todo, e este é o cabo da ilha da parte do nordeste, chamado, como atrás, Ponta Ruiva.

Pera o qual nordeste, virando esta ponta de alta rocha, de penedia e alguns pesqueiros por baixo, passado espaço de um tiro de bombardas, está um ilhéu, chamado de Maria Vaz, no mar, de grandura de um alqueire de terra, em que criam pássaros, como nos outros atrás ditos, onde há encoradouros de navios, defronte do qual vai beber no mar uma grande ribeira, chamada dos Moinhos, por ter um só que abasta à freguesia de São Pedro, que está nesta ponta, e tem anexa uma ermida de Sant'Ana, que primeiro foi paróquia. Há nela homens nobres, Pimentais, Homens, Costas, Fernandes, Vazes, Gomes e Vieiras; e é da jurisdição de Santa Cruz. Fronteiro deste encoradouro, é terra tão alta, que se chama o Vento, por ali haver sempre grandes ventos que levam a terra, quando a acham lavrada.

Dali a meia légua de rocha, de pedra viva e por baixo penedia, estão dois ilhéus, de grandura de alqueire de terra cada um, afastados da rocha um tiro de bombardas, que podem passar por antre eles e a terra navios e naus grandes, onde têm bom encoradouro. Criam-se neles muitos pássaros de toda sorte e muito marisco, e algum mato; chamam-se os ilhéus de Maria Vaz.

Daqui, a um tiro de bombardas, vai fazendo a rocha uma enseada, onde moram sete ou oito vizinhos, que lavram pão e pastel e têm um moinho em uma ribeira, que sai ao mar, chamada do Moinho. Dali a um quarto de légua está uma fajã, chamada Grande, que dá pão e pastel, em terra rasa, com algumas engradas onde entram caravelas de até cinquenta moios de pão a tomar o pastel que nela se faz, onde também há marisco e pescado de toda a sorte, e no cabo dela está um areal, de meia légua de comprido, em que sempre anda o mar muito bravo; e dali por diante, a outra meia légua, é tudo rocha talhada, onde se apanha muita urzela, e de muita penedia por baixo, em que se cria infinidade de marisco e grandes cranguejos, e desta mesma maneira corre a rocha um tiro de bombardas até uma ponta, que sai ao mar um tiro de arcabuz, com um baixo de pedra, que tem lapas e búzios; e, logo adiante desta ponta, se faz uma baía, onde com ventos levantes ancoram navios de toda sorte e também naus da Índia. No meio deste ancoradouro cai da rocha no mar, a pique, uma grande ribeira.

Adiante um quarto de légua estão dois ilhéus no mar, afastados da terra um tiro de besta, que têm pouco mato em cima, onde criam diversas aves, e antre eles e a terra há encoradouros de navios, e ao nível com o mar corre uma ribeira, onde abicam as barcas dos navios e dentro enchem as pipas de água, sem as tirar fora. Chama-se esta parte os Lagedos. É terra lançante e a rocha pouco alta, que dá pão e pastel. Foi de um João Soares, dos Mosteiros, desta ilha de São Miguel, o qual, morando nestes Lagedos, por sua mão fez, calafetou e breou um batel, sem saber nada destes ofícios, em que ia com sua mulher e filhos ouvir missa à vila das Lagens. Diziam dele que, quando tornava para sua casa, dizia à filha mais velha que pusesse o batel em e ela o tomava à cabeça e o punha onde queria, por ser muito pequeno e mal feito, mas servia-lhe, pelo caminho por terra ser trabalhoso, e muitas vezes este João Soares ia só às Lagens no barquinho e, às vezes, pescar nele.

Por diante um tiro de berço corre alta rocha dependia, até chegar a uma fajã, chamada de Lopo Vaz, de três moios de terra e rasa com o mar, ao longo do qual, antre grossa penedia há lapas e cranguejos, e pela banda da terra tem uma rocha de penedia, de altura de um tiro de besta, pela qual a través fez Lopo Vaz um caminho, por onde vão bois abaixo, que lhe custou e custa ainda muito, porque, quebrando a rocha muitas vezes, lho quebra, e logo lho torna a fazer, por ser a fajã de muito proveito de pastel e trigo, que nela amadurece primeiro que em nenhuma parte da ilha, e ter muitas fontes de água.

Desta fajã, espaço de meia légua, é tudo alta rocha, no cabo da qual está a vila das Lagens, onde comecei a descrição da ilha, que está fronteira do sudoeste, e defronte desta vila, junto da costa, pegado com o porto, está um baixo de um tiro de arcabuz de comprido e outro tanto de largo, onde há muitas lapas, búzios, cranguejos e camarões, e morre algum peixe de cama.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO SÉTIMO

DE ALGUMAS COISAS QUE HÁ PELA TERRA DENTRO EM TODA A ILHA DAS FLORES,
E COMO FOI SAQUEADA DE COSSAIROS INGRESES

Esta ilha das Flores é muito fragosa, de muito grandes e altas rochas e grotas, e muita penedia. De leste, correndo pela banda do norte até o sudoeste, todas as terras lavradas são íngremes e sempre sobem. Tem muita pedra, sem número, que, pera ficar lavrada, atrás de um arado andam três, quatro enxadas, a cavar ao longo das pedras grandes, afora infinda pedra miúda, que nunca se poderá alimpar, porque, se botam fora uma camada, o arado logo alevanta outra tanta. A mais parte da ilha tem menos pedra, mas também é dependurada. Foram terras, muito férteis e grossas, mas já agora são mui fracas e levadas dos ventos, e não lhe aparece mais que a pedra. O mais que respondem é a seis, sete moios por moio, dando logo no princípio vinte moios por moio. Tem muitos ratos, que fazem grande dano nas searas. Deu muito pastel, mas agora muito pouco. Dá tudo quanto lhe semeiam, mas é tão ventosa, que nada aguarda em pé, donde a madeira, que tem muita, não aproveita, havendo paus de nove, dez palmos de testa, que são todos cheios de nós, ventos (sic) e tortos por causa do muito vento. Da casca que tiram dos cedros verdes, de compridão de quatro ou cinco varas, tirando-lhe o seco da banda de fora e ficando no verde de dentro, se servem, como de vimes, pera cobrir casas, por haver poucos, e, torcendo-os, fazem cordas, que lhe servem como as de esparto, com que prendem os bois e travam carros.

Quanto ao frio e quentura é muito sadia e temperada, como as outras ilhas dos Açores. Tem muitos coelhos, pombas e pombos torcazes, e os pássaros que há nas mais ilhas; gado vacuum pouco, por causa das ruínas e perigosas criações, por ser tudo mato sarrado e espesso, que não pode andar por antre ele, e cai muito em as grotas; cabras poucas; ovelhas muitas, pelo que os naturais não vestem outra coisa senão pano da terra muito bom, que fazem das suas próprias. Não anda carro pela ilha, por causa das altas rochas e grotas que tem, nem besta, senão muito pouca terra, nem podem de um lugar pera outro ir a cavalo, nem se criam cavalos na terra, porque não servem de nada; e, assim, ao presente, em toda a ilha há um só cavalo velho.

Morre nesta terra muito pescado de batel de toda sorte, como são sargos, cavalas, palombetas, chicharros, garoupas, pargos, gorazes, enchovas, enxarêus, tainhas, bicudas, chernes, meros e escolares, crongos, cações, abróteas e rocazes, todo muito barato. E vão lá ⁽²⁴⁴⁾ cada ano batéis e caravelas, a fazer pescaria pera a ilha Terceira, e algumas vezes entram por algumas poças sardinhas e outro peixe miúdo, de que na terra não se faz conta. E todo é peixe muito gordo e sadio.

Dão as vacas muito leite, de que todos, em geral, são grandes amigos. Os couros das cabras são muito bons. Há muitas ovelhas mansas e outras bravas, as quais vão tomar certos homens, de companhia, afastados um do outro como um tiro de pedra, berrando como ovelhas, por se não apartarem mais espaço, levando um deles um cão preso detrás de si, com a qual ordem vão buscando o mato, e, como algum vê ovelhas, berra muitos berros a miúdo, com que os outros entendem que vê gado, e aquele está quedo até que se ajuntam todos; então, lhe soltam o cão, que a filha; e, ainda que elas corram ladeira acima, eles correm pera baixo, porque elas logo viram, e toma cada homem duas, três e quatro, e às vezes mais, amarrando um pé de cada uma com atilhos, que levam consigo, de cascas de cedros, que lá chamam coras, e, deixando-as ficar, correm após o mais gado até o perder de vista, ou não haver mais. E, depois, pelo rasto do mesmo gado, tornam a buscar as que deixam amarradas, e, se são paridas, os filhos ficam perto das mães, pelo que os tomam sem nenhum trabalho, assinando-os do sinal da mãe e trosquiando a mãe e filho, se é tempo pera isso; e, se a ovelha não é sua, dizem-no a seu dono, dando-lhe a lâ dela, guardando todos esta amizade e fidelidade uns com outros; e levam pera comer os carneiros que querem e alguma ovelha já velha. Em algumas

partes têm feito mangas de bardo, onde as careiam, se as acham perto dali, e tomam com menos trabalho.

A comedia dos gados é musgo em toda a parte que há mato, e em outras que o não há, que chamam escavados, há muito e comprido braceo (sic), que come o gado de toda a sorte, e rama de azevinho, pau branco, sanguinho, tamujo e muitos queirós, que é mato baixo, e folhados. Há também em algumas partes muitas tabaibas (sic), como trevisco, que comem bem as cabras, até lhe roerem a casca, que deitam muito leite de si, com que trazem as cabras as barbas apegadas, do qual leite fazem visgo nas ilhas de Canária.

Tem esta ilha, como tenho dito, pelo sertão dentro muitas ribeiras, que vão beber no mar pela costa, e muitos picos pela terra. O pico da Casinha, onde esteve uma, e do Couro, onde se achou uma rês morta e não lhe aproveitou seu dono mais que o couro; o pico da Quebrada, e dos Escavados, o dos Peminteis, por estar nas suas terras de matos, e outros muitos. É terra quebrada por estes picos, a que chamam quebradas, em que há muito braceo. O mato é de pau branco, louros, tamujos, sanguinhos e cedros, com muitas fendas por dentro, a que chamam os oficiais ventos, porque os ventos as fizeram, e quase todas as árvores estão alastradas pelo chão e ao longo dele crescem. Há muitos azevinhos, a que cortam a rama pera os gados, principalmente pera o vacuum, que faz tanto por ela, que, onde a ouve cortar com machados, logo vem a correr pera a comer. E deste ardil usam os moradores pera visitar e ajuntar seus gados com pouco trabalho.

Ao sudoeste, direito da vila das Lagens, no meio da serra, está uma grande alagoa de água doce, cercada de rocha talhada, a que não pode descer besta alguma; não tem saída, nem cresce, nem mingua, estando uma légua do mar, pera o qual dizem os antigos que tem algum sumidouro, porque entram nela muitas e grandes ribeiras, sem nunca crescer, fazendo ondas, como o mar.

Tudo pela terra dentro vai sendo picos e grotas, e, logo, está um lameiro, que se chama o Brejo, que tem paus atravessados, em que os homens põem os pés, quando por ali caminham, e cortam um pau que levam por bordão, tanta quantidade do qual, quanta entra naquela lama, se torna muito negro, assi por dentro como por fora, e não somente os paus, mas também as canas ou bordões çrueos (sic) ou calções, que metem neste lameiro; fica tão preto e tão fixo, que nunca perde a cor, sem se poder mais destingir.

Nesta ilha, na freiguesia das Lagens, que está na ponta atrás dita, até a outra, atravessa um caminho, por onde se servem todos os moradores de uma freiguesia pera a outra, somente de pé; é muito fragoso pera bestas, ainda que há poucas na terra. Todos caminham descalços, porque são tantas as águas de fontes e ribeiras, que, de contínuo, os caminhos têm lama, e também por o calçado ser pouco, por falta de oficiais, ainda que o couro é muito, pelo que da ilha Terceira o vão todos os anos sapateiros a lavrar nela, donde o trazem também pera sua terra, onde melhor se gasta.

Vai-lhe também da Terceira vinho, mel, azeite, adubos, louça de toda a sorte e todas as mais coisas necessárias, tirando sal, de que se provêem das naus que por ali vão à pescaria dos bacalhaus, a troco de refrescos, que lhe levam de terra, ou comprado por seu dinheiro, porque doutra parte não têm provimento nenhum, nem outra navegação; somente, de poucos anos antes de agora ⁽²⁴⁵⁾, passavam lá ingresses buscar pastel e levavam algumas roupas. Da Terceira não vão lá passagens, senão de Março por diante, até Setembro, e ainda muito poucas; e no mais tempo nenhuma, por a ilha ser em si muito ventosa.

Os homens nela são pouco serviçais e sempre rompem os vestidos pelos lados e cotovelos, primeiro que por outra parte, porque, por serem muito abastados, logo se encostam onde quer que se acham e, deitados de lado, sobre as ervas praticam. São muito conversáveis, bem postos, cortesies, bem ensinados e muito agasalhadores dos estrangeiros em suas casas.

As mulheres trabalham mais que os homens, porque, além de fazerem os serviços em suas casas, ajudam a seus maridos de fora, assi nas lavouras, como nas aceifas. São bem postas e muito gasalhosas e virtuosas. Também há em toda a ilha muitos cubres, que no fim do verão, quando estão secos, apanham, de que fazem cinza pera lavar a roupa e curar seu pano de linho, que na terra fazem.

No mato desta ilha há uma casta de silvas, a que chamam bravas, que dão muitas amoras do tamanho de ovos de pombas e maiores. A gente as vai apanhar em cestos, por ser fruta

muito estimada, doce e gostosa; e não atempam tanto como as das silvas mansas, que há nas outras ilhas.

Dá esta terra betatas, junça, abobras, de tudo pouca quantidade, legumes e toda hortalice que as outras ilhas dão.

As terras desta ilha das Flores dão pão que abasta a seus moradores, e são tão fracas em si, que não frutificam mais que dois anos, e outros dois ficam em relva, em que se enchem logo de cubres, que são nela infinitos e muito fortes. É erva verde, de altura de quatro ou cinco palmos, que na compridão, verdura e folhas parece com as conteiras, mas tem a flor amarela. Parece-me que por haver ali muitos cubres, que dão estas flores cada haste uma só, do mês de Maio até todo Setembro, neste mesmo tempo a deviam achar os primeiros descobridores, e, vendo-a tão florida, lhe puseram o nome que tem de ilha das Flores.

A vinte e cinco dias do mês de Junho da era de mil e quinhentos e oitenta e sete chegaram ao porto da vila das Lagens cinco navios ingleses, armados com muita gente de guerra e bandeiras vermelhas pelas quadras, e nos mastos outras de cruz, como que vinham de paz e de guerra; e, subitamente, apareceram ao longe, parecendo aos moradores da terra que era gente da armada portuguesa. Chegando ao porto, mandaram um barco a terra com um português, que, de sua parte, disse-lhe dessem mantimentos, carne, vinho, e água, ao que respondeu o ouvidor e capitão da companhia que tomassem água e depois lhe dariam o mais que lhe fosse necessário. Conhecendo os imigos sua fraqueza, lhe mandaram dizer que lhe mandassem um homem e eles mandariam outro em reféns, o que lhe concederam; e não bastou dar-lhe o ouvidor Diogo Pemintel um homem por outro, mas também deu um batel com dois homens da terra, fazendo-os embarcar contra sua vontade. E assi tomaram os cossaios a terra, trazendo os homens consigo, fazendo-lhes mostrar as pessoas ricas, fazendas e gados; e desta maneira destruíram quanto acharam, queimando os templos todos e assolando as casas, sem ficar nem uma só. A gente que pôde fugir se acolheu ao mato, em que andou alguns dias, agasalhando-se à sombra das árvores e em algumas pobres cafuas e ao longo das paredes, padecendo fome e frio; porque, com a pressa da fugida, não puderam levar consigo mantimento e quase perderam quanto tinham. Somente salvaram os sacerdotes alguns ornamentos e imagens das igrejas. Queimaram os imigos o retábulo da igreja Matriz e derribaram esta e as mais, estando oito dias de posse da vila, em que descobriram e roubaram quantas coisas os moradores, com a pressa da fugida, deixaram escondidas. O mesmo dano fizeram estes imigos, depois, na vila da Santa Cruz e no lugar da Ponta Delgada, da dita ilha das Flores, onde se salvaram mais coisas, no espaço de tempo que estavam os cossaios na vila das Lagens.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO OITAVO

DA DESCRIÇÃO DO ILHÉU, CHAMADO CORVO, E DE ALGUMAS COISAS QUE HÁ NELE

Fronteiro desta ilha das Flores ao nor-noroeste, três léguas de terra a terra, está o ilhéu do Corvo, chamado assi ⁽²⁴⁶⁾ por se ver algum nele, quando primeiramente foi achado, em quarenta graus, leste a oeste com as Berlengas, cuja compridão corre de nordeste a sudoeste.

É pouco mais comprido que largo e terá menos de duas léguas em redondo. É terra muito alta, e no mais alto dela tem uma profunda caldeira, dentro da qual haverá dois moios de terra, de espessíssimo mato, donde tiram muita madeira de cedro. Dentro, nesta caldeira, está uma grande alagoa de água doce, onde estão sete ilhéus pequenos, arrumados aos ventos, de maneira que estão sete ilhas dos Açores apartadas daquelas duas das Flores e do Corvo, arremedando e assemelhando cada uma sua (sic), ao rumo a que particularmente está arrumada; e nestes ilhéus criam em covas, debaixo do chão, boeiros, furulhos (sic), angelitos, cagarras e pardelas, como na ilha das Flores; e há também estapagados, que criam nas rochas, e méloas, que criam nas árvores, de que a gente se mantém muita parte do ano e tira graxa pera se alumiarem e fazerem os panos de que se vestem. Nesta aiagoa anda de continuo um pau grande de duas pernas, em que se põem três e quatro homens, a que serve de barco, em que vão remando com as mãos a estes ilhéus tomar as aves que nele se criam pera comerem, e, à tornada, deixando o pau onde acertam sair, quando depois o vão buscar, o acham sempre em um lugar certo; pelo que parece que tem aquela alagoa ali sumidouro, que o chama sempre pera aquela parte; e, gastado ou apodrecido este pau, cortam outro que lhe serve de barco. Esta alagoa nunca cresce, posto que correm pera ela seis ou sete fontes de água.

Criam-se neste ilhéu muitos gados, vacuum, ovelhum e cabrum, porcos e éguas, que deitam bons cavalos, alguns dos quais levam pera o reino. Tem, como tenho dito, muitos pássaros de toda sorte, de que se tira muito proveito, assi da carne, que comem, como do azeite que dão, de que enchem pipas, quartos e jarras, e também aproveitam a pena. Não há nele coelho, nem rato, nem bicho mau, senão somente gatos. Dá muito trigo, pastel, favas, lentilhas, chicharos, mostarda e muitas betatas. No meio da terra está uma fonte de água muito boa, que levaram de longe, atravessando uma serra, ao lugar, de que bebem, e onde lavam. Os moradores vivem em casas palhaças, que serão até vinte vizinhos, rendeiros e negros do senhorio. Tem uma igreja de Nossa Senhora do Rosairo, de telha, e, defronte do lugar, está o porto da banda do sul, que se chama o porto das Casas, que é de calhau.

Do porto pera o norte é tudo costa rasa e de muitas engradas, em que podem facilmente embarcar e desembarcar, pelo que está cercada aquela parte de parede de cinco ou seis palmos de alto, a modo de muralha pera defesa dos imigos, de que às vezes são combatidos, por comprimento de uma légua, até uma ponta que bota ao mar, chamada o Pesqueiro Alto, em que está uma entrada a modo de barra, de compridão de um tiro de arcabuz, onde entram de preamar caravelas de quinze até vinte moios de pão. É dentro areia e calhau, e tem muitas poças, em que entra muito peixe, que tomam por engradas ou caneiros, que tem; no qual porto estão uma meia esfera e dois berços, que o guardam, e, quando é necessário, os passam por terra, nas mesmas carretas em que estão, ao porto das Casas, atrás dito, pera sua defesa.

Adiante deste Pesqueiro um tiro de arcabuz, vai rocha talhada, e, logo, está um ilhéu muito alto, um tiro de pedra de terra, chamado Pão de Açúcre, por ter a mesma feição, e é todo pedra, e não pousam nele senão pássaros.

Adiante um quarto de légua, corre a rocha muito alta, e por baixo, ao longo do mar, calhau grosso, e, mais além, no cabo desta rocha, estão uns baixos que botam ao mar um tiro de

besta; ao logo deles, em terra, mana por baixo da rocha uma fonte, onde os navios fazem aguada.

Defronte destes baixos (como dizem os da terra), em cima, no meio desta rocha, estava um poio com uma imagem de vulto de pedra apontando pera o noroeste, onde dizem alguns que dali aparece a ilha que chamam da Garça direito a este vento, a qual também se vê no verão da ilha Terceira, da banda do norte dela, algumas vezes ao mesmo rumo do noroeste. E deste vulto dizem os da terra outras coisas, muitas sem fundamento, como no princípio tenho contado, mas o mais certo é, segundo já disse, o que diz o docto e curioso cronista Damião de Goes deste ilhéu, que os mareantes chamam ilha do Marco, porque com ela (por ter uma serra alta) se demarcam, quando vêm demandar qualquer das outras, e que no cume desta serra, da parte do noroeste, ou no poio desta rocha (como dizem os da terra), se achou a estátua de pedra, posta sobre uma lagem, que era em cima de um cavalo em osso um homem vestido com um bedém, sem barrete, com uma mão na coma do cavalo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo index, com que apontava contra o ponente; e, porque já desta imagem disse as opiniões diversas que havia e o que poderia apontar com o que dela se fez (sic), não direi mais ao presente, senão que é antigualha mui notável.

Andando por diante à roda, já voltando pera a banda do sul, estão muitas baías de calhau, por comprimento de meia légua desta fonte, e tudo rocha alta, uma das quais se chama baía do Maranhão, por vir ali ter, haverá mais de quarenta anos, um galeão muito grande do mesmo Maranhão, muito falto de mantimentos e água, com gente doente, que deu com ele à costa, onde se perdeu quanto nele vinha; cuja artelharia aparece hoje, em dia de baixa-mar, uma braça debaixo do mesmo mar, e se contam dela perto de quarenta peças. Vinham nele muitos fidalgos de Portugal e por capitão-mor um João de Sousa. Era, então, rendeiro deste ilhéu João Roiz Serpa, homem fidalgo, que agasalhou toda esta gente até os embarcar pera a ilha das Flores.

Deste Maranhão até o porto das Casas será menos de meia légua de comprido, tudo de rocha mui alta e por baixo calhau. E aqui, onde começou, se acaba a redondeza do ilhéu pela costa marítima.

É este ilhéu (como disse) de um senhor que está em Portugal, que o é também da ilha das Flores, e o arrenda a um homem ou dois por até trezentos e cinquenta mil réis com estas condições. Dá de empréstimo a estes rendeiros certos moios de trigo pera comer e samear, os quais, quando acabam seu tempo e se vão, deixam outros tantos pera os que vierem. E há certos escravos, e mulatos casados com escravas ⁽²⁴⁷⁾, um dos quais é vaqueiro, sem fazer outro serviço senão olhar gado, e de sua mão dá ao rendeiro ou rendeiros a boiada que há mister pera lavrar toda a seara que fizerem de toda sorte, e pera todo serviço; cansando-lhe uns, dá-lhe outros, e gado pera debulhar, quanto lhe for necessário; e o rendeiro é obrigado a lhe dar de comer, a ele e aos mais escravos e escravas, e ao outro escravo, que é como meirinho da serra e da terra e tem cuidado de não deixar ir tomar os pássaros ao mato em tempo que eles estão em criação, por os não desingarem e não perderem o proveito que lhes dão da carne pera comer, da pena pera as camas e da graxa que dão pera se alumiaarem, e fazem os panos da terra, que ali fazem muitos, de que se vestem todos, e vai parte pera a ilha das Flores e dali pera a Terceira, que são de muita dura, brancos, míscaros e pretos, ainda que não são finos. Tem também este meirinho cuidado, quando vão os batéis da ilha das Flores ao ilhéu, de os ir buscar muito bem e ver que não vão ratos neles, pois os não há no ilhéu, como há tantos na ilha das Flores, que, com fome tiram as lapas das pedras, e, pondo algumas abobras a assar, se se descuida quem as põem (sic) ou dorme, ali lhas vão os ratos a comer diante dele, pelo que é necessário ter um pau na mão pera os enxotar e desviar, porque não tem vida com eles. Tem também o meirinho cuidado de vedar (como tenho dito) a caça dos pássaros fora de tempo e guardar o pão, e servir o rendeiro no tempo que lhe fica desocupado, ao qual serviço estão obrigados os outros escravos, assi homens como mulheres e mininos, e à noite se vão agasalhar, cada um com sua mulher e filhos, em suas casas de palha, assi como na ilha das Flores, que tem cada um a sua com certa terra, em que fazem seu linhal, faval, betatal e lentilhal, de que tudo dá a terra bom e em abundância, e o rendeiro dá de comer e de vestir a todos, não tendo do gado vacuum mais que o serviço e o leite, não ⁽²⁴⁸⁾ em todo o ano, senão em certos dias, junto da festa do Espírito Santo, que fazem estes escravos, em que é costume dar-se-lhe todo o leite.

Há neste ilhéu muita madeira de cedro, pau branco, louros, tamujos e azevinhos, antre o qual mato se criam muitos pássaros, afora os que vêm do mar, que são a maior fartura da

gente, como são angelitos, tão grandes como tentilhões, que andam no mar e criam na terra, de cada cento dos quais se tira uma canada de azeite que parece de oliveira, com que adubam o comer, e se alumeiam e engraxam a lâ para fazer pano. A carne, que depois deles feitos fica, tirado o azeite, é como torresmo. Fazem matança neles em três meses, Julho, Agosto e Setembro, tomando-os nas covas, nas rochas, nos campos e debaixo das ervas, principalmente do panasco.

Tem outra maneira de pássaros, que se chamam boeiros, tão grandes como pombas, que também comem no mar e criam na terra, cuja matança se faz em Outubro, Novembro e Dezembro, e deles tiram azeite e comem a carne, cozidos e adubados com mostardas, couves e nabos e saramagos, achando-os mais gostosos que galinhas, as quais tomam também nas covas, na rocha e no campo.

Outros, que chamam estapagados, maiores que pombas e tão grandes como gralhas, matam no mês de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril, dos quais também tiram azeite, que deitam pela boca, e os comem também, e tomam da mesma maneira. E de todos há tanta multidão, que cobrem a terra, onde, se os não houvesse por mantimento, não dariam tanta renda, como dão, pelo ilhéu, nem poderiam aguardar nele, e não somente se mantêm com eles, mas também mandam muita quantidade nos batéis pera a ilha das Flores, sua vizinha.

Há também muitas méloas, as quais tomam com um laço, desta maneira. Atando um gato debaixo de uns cedros, baixos como zimbros, de que há muitos, e por baixo deles tudo é limpo, e, pousando as méloas sobre os cedros baixos, têm tanto tento no gato, que vem estar debaixo, que não sentem os laços que por cima os negros lhe põem no pescoço, na ponta de uns paus compridos, com que as tomam, e, meias mortas, as deitam debaixo dos cedros, e, pousando logo outras com o sentido de ver o gato e adejar as que estão em baixo, as tomam com o mesmo laço, sem elas o sentirem, além de se deixarem assi tomar por não serem costumadas a ver gente.

Acha-se também neste ilhéu muita urzela. Não há nele batéis, senão na ilha das Flores, dos quais, quando os moradores têm necessidade, tantos quantos querem, tantos fogos fazem em uma ponta e logo lhe acodem da ilha. Dizem que é anexa a igreja à freiguesia da Ponta Delgada da ilha das Flores, que será de trinta vizinhos, cujo vigairo os vai confessar cada Quaresma, algumas das quais, e muito tempo adiante, ficarão por confessar não podendo ir lá o vigairo, por cansa da tromenta, e pelo mesmo caso estão as criaturas pagãs sete, oito meses até a vinda do sacerdote que as baptiza; o qual também às vezes não pode tornar tão cedo, por causa dos tempos rijos e dos ruins portos, assi do ilhéu, como da ilha das Flores, em que não podem entrar nem sair senão com mar manso.

Morrem neste ilhéu, perto de terra, muitos escolares e pescado de toda sorte, e da ilha Terceira vão lá caravelas fazer pescaria.

Da banda do nordeste se sameia todo o ilhéu, e, se escapa dos ventos, é terra mui grossa e dá quanto lhe sameiam, mas da outra banda é tudo mato espesso. Tem dois portos, onde desembarcam; um se chama porto da Casa (sic), que está a les-nordeste, e outro, chamado Pesqueiro Alto, que está a oes-noroeste; todo o mais são rochas mui altas.

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO NONO

DE ALGUMAS ILHAS, QUE, POR PROVÁVEIS CONJECTURAS ⁽²⁴⁹⁾, SE SUSPEITA
ESTAREM POR DESCOBRIR NESTE GRANDE MAR OCEANO OCIDENTAL, PERTO DAS
ILHAS DOS AÇORES

A cinco dias do mês de Agosto da era de mil e quinhentos e oitenta e um, na banda do norte desta ilha de São Miguel, do lugar dos Fenais da Maia foi visto no mar um grande vulto duas léguas de terra, que demorava do dito lugar ao norte e do da Maia ao nordeste; ventava, então, o vento nordeste, franco e não muito rijo. As pessoas que o viram não sabiam detreminar coisa certa que fosse, porque uns diziam ser barco sem gente, outros que era navio, que com alguma grande tormenta virara a quilha pera cima e vinha assi com o mar correndo pera onde o vento o trazia, e em uma das pontas do vulto parecia virem duas pessoas em pé, o que fazia mais indeterminada a coisa. E nesta maneira veio correndo todo o restante do dia, que seria mais de meio, e toda a noite até o outro dia, que foram seis de Agosto, e à uma hora, ou duas, depois do meio dia, foi visto do lugar da Maia por um homem, honrado lavrador, chamado Gaspar Pereira, da sua eira, onde andava, e, parecendo-lhe ser barco sem gente, via em uma das pontas dois vultos como de pessoas, e o vulto não procedia senão com a corrente, pelo que, chamando algumas pessoas pera o ajudarem, lançaram um barco ao mar e foram direitos a ele, que com o vento já tinha passado por diante do lugar, sem darem fé dele, e demorava ao noroeste, perto de terra, pouco mais de meia légua. Chegando o barco a ele, achou-o ser um pau de pinho, muito grande e feroso, que mostrava haver muitos dias andar no mar, por vir coberto de preceve (sic), e o que de longe pareciam homens eram duas raízes do mesmo pau, o qual claramente parecia que com grande tormenta fora arrancado de alguma rocha de longo do mar, sobre o qual logo caíra, porque, pelo grandor que tinha, compridão e grossura, não era pau que as ribeiras pudessem trazer. Chegando o barco a ele, saltou um homem em cima e viu tanto peixe de chernes e outros, que não tinham conto e, por não terem fiska, não tomaram muitos, mas com um pedaço de bicheiro, que se achou no barco, tomou dois chernes pequenos. Lançados cabos ao pau, o começaram de atoar pera o porto do lugar da Maia, aonde com muito trabalho (por ser o vento, como já disse, nordeste) o trouxeram até o rolo de água, onde o deixaram estar alguns dias, até que o mesmo mar o lançou fora, e, com juntas de bois o quiseram tirar a rasto, mas não foi possível, porque com seis juntas e, depois, oito, não o puderam mover donde estava, e ali, com a maré vazia (porque, cheia, chegava a água a ele), o cortaram em cinco rolos, cada um de catorze planos ⁽²⁵⁰⁾, e inteiro passava de trinta côvados fragueiros e mostrava, conforme a grossidão da ponta, que tinha quebrada, que, da queda que dera, quebrara mais de dez ou doze côvados, porque tinha na cabeça da ponta mais de três palmos de testa e no pé perto de seis, mas vinha, pela banda do mar, com o preceve muito furado e tão danificado, que, pondo os paus em quadra pera se serrarem de madeira caixal e solhado, ficaram os rolos na medida que direi, sc., a compridão de todos era de catorze planos, afora a grossura, que se gastou no atoar deles; tinham tábuas de quatro, cinco palmos de largo e outras daí pera baixo. Presume-se que viria este pau de pinho da ilha das Maidas, que dizem estar ao norte desta de São Miguel oitenta léguas, pouco mais ou menos, onde há muitos pinhos. Outras coisas semelhantes vêm ter a estas ilhas dos Açores, que parecem de outras ilhas, suas vizinhas, que ainda estão por descobrir, como são algumas, que às vezes aparecem, e outras, que agora direi como estão arrumadas em algumas boas cartas de marear.

Partindo do porto da cidade de Ponta Delgada, desta ilha de São Miguel, indo correndo ao sudoeste se vem frechar e dar de meio a meio em uma terra nova, que se chama a ilha do Bom Jesu, a qual ilha corre de leste a oeste, uma terra direita de dezoito léguas de comprido; da qual, deitando uma linha recta pera leste, vai dar na costa de África em uma terra, que chamam o Cabo de Cantim. Demora esta ilha nova de São Miguel ao sudoeste cento e vinte e duas léguas e meia. Quem estiver nesta ilha de Bom Jesu e deitar uma linha a leste irá dar na

ilha do Porto Santo, junto da ilha da Madeira, e passarão à vista da mesma ilha da Madeira, se quiserem ir ao Porto Santo, e desta ilha nova do Bom Jesu até o Porto Santo, por balravento da ilha da Madeira, há distância de duzentas e quarenta e cinco léguas; a qual ilha está em trinta e três graus de altura da linha equinocial pera o norte.

Esta ilha do Bom Jesu, porque se crê que aparece desta ilha de São Miguel e da de Santa Maria, a foram buscar já muitos, sem a poder achar, ainda que acham alguns sinais de terra, e, ainda que dizem estar desta ilha de São Miguel cento e vinte e duas léguas e meia e não se pode ver tão longe, mostram ser possível que se veja por debaixo da água do mar, como a moeda que se põem (sic) dentro, em algum vaso de água, se vê do lugar donde sem água não se via e de mais longe. Outros dizem que não será esta a ilha que se vê desta ilha de São Miguel e da de Santa Maria, mas será outra, que está mais perto, de que nós não temos notícia alguma, e de... ⁽²⁵¹⁾ ilha do Bom Jesu, quem a achar demora-lhe a ilha das Flores e o ilhéu do Corvo pera o norte, que é subir (?) dos trinta e três graus, em que a mesma ilha de Bom Jesu está pera a banda do norte, até trinta e nove graus e meio, que são de distância cento e cinco léguas. E, achando-se nesta ilha, tendo tomado terra, se quiserem ir ao nordeste, irão dar na ilha de São Miguel, donde partiram, e, fazendo-lhe tempo largo que possam ir às ilhas Terceiras, navegarão pelo nor-nordeste e irão dar de frecha ou no Pico ou no Faial, segundo gilaventear o navio, com tal aviso que quem partir desta ilha do Bom Jesu pera leste irá sempre com vigia, porque em distância de setenta e seis léguas está uma ilha que chamam Santo António, na qual poderão dar com o descaimento da derrota e gilaventear do navio, pera que nela se não perca... ⁽²⁵²⁾ por algum descuido.

Esta ilha de Santo António demora ao sul desta ilha de São Miguel, da ponta do noroeste, convém a saber, dos Mosteiros, seis graus, que são cento e cinquenta léguas.

E, havendo partido desta ilha do Bom Jesu, depois de a haverem achado, indo pera leste sua derrota, irão achando esta sobredita de Santo António, levarão boa vigia consigo, por que não dêem a través na ilha de Santa Cruz, que está por descobrir, que dizem ser a ilha da Madeira incógnita, a qual cai do porto da Ponta Delgada, desta ilha de São Miguel, correndo pelo rumo da agulha que se chama nororoeste (sic) ao su-sueste, e, segundo a situação e graduação dela na carta que eu vi, demora do porto da Pontra Delgada, de São Miguel, oitenta e sete léguas em a correndo ao mesmo su-sueste; e possível será quem partir da ilha de Santa Maria pera qualquer das ilhas de ca... ria ⁽²⁵³⁾ a ir dar na ilha de Santa Cruz, que está por descobrir, se os ventos (?), sc., nordeste e nor-nordeste, forem fortes, com o gilaventear do navio.

E, como dito é, partindo da ilha de Santa Maria ao su-sueste, possível será irem dar na mesma ilha de Santa Cruz, porque da ilha de Santa Maria, como dito é, à ilha de Santa Cruz, pelo rumo de su-sueste, há sessenta léguas e meia, e, passando por esta altura da ilha de Santa Cruz, de trinta e três graus da banda do norte, e não a tomando, correrão sempre a leste pera se tomar a ilha da Madeira (cujo nome dizem ser das Pedras) e não se perderem, e tomarão o porto de Garachico pela banda do norte, ou o porto do Funchal pela banda do sul, como melhor quiserem ⁽²⁵⁴⁾.

Esta ilha de Santa Cruz, que dizem ser a ilha nova da Madeira, que não é achada, está na altura da mesma ilha da Madeira antiga e povoada, que está em altura de trinta e dois graus, mas, porque esta ilha nova da Madeira, chamada Santa Cruz, tem muita terra, se a forem buscar por distância de norte e sul, tem de comprimento de terra quarenta e duas léguas, e, da ilha da Madeira ⁽²⁵⁵⁾, quem a quiser ir buscar há-de atentar que tem de caminho, indo sempre a loeste, setenta léguas, e isto por linha direita, que vai dar na ilha de Santa Cruz, que demora a leste e quarta do sueste.

E quem houver de ir buscar esta ilha do Bom Jesu, partindo desta ilha de São Miguel, ou de qualquer das ilhas dos Açores, há-de navegar, em saindo, do norte pera o sul até se pôr em altura de trinta e três graus precisos, e daí virará pera a banda do ponente, a loeste, em busca dela, pelo mesmo paralelo; e atentarão que aquele dia e hora que partirem (sic) virada a proa pera loeste, que cartearão muito bem, e verão onde lhe fica São Miguel, pera que não vão dar com os focinhos na terra; e, como tiverem andado pera a banda de loeste oitenta léguas pera noventa, andem até cento, e não achando (porque, por ventura, lhe haverá descaído o navio), tornando a tomar a altura precisa dos trinta e três graus, tornarão com a proa pera leste e lavrarão o mar de leste a oeste, ou do norte ao sul, em distância de vinte léguas, em um bordo e outro, até que a achem.

Da banda do sul tem esta ilha uma grande baía e, diante da boca, dois ilhéus, que haverá de um ao outro três léguas, e da banda do norte tem outra enseada pequena, e da banda de leste tem outra baía, e de loeste outra.

A verdade destas ilhas estarem assi situadas e postas nas alturas sobreditas me coube saber do doctíssimo e grande pregador, o licenciado Manuel de Andrade, capelão de el-rei, nosso senhor, e seu provisor e vigairo geral, que foi nas ilhas do Cabo Verde e todo estado de Guiné, e confirmou com seu dito a obra, por um quartel (sic) que eu vi em sua mão, mui antigo, que foi feito por um cosmógrafo de el-rei Dom João terceiro, que chamavam o Freire, pai de Luís Freire, cosmógrafo, seu filho, que eles descreveram a rogo daquele grande cosmógrafo e matemático Damião de Goes, cronista-mor de el-rei Dom João, terceiro do nome.

E soube isto ser assi nesta ilha de São Miguel, aonde veio de arribada o dito licenciado Manuel de Andrade, por cuja informação isto contei e escrevi, no tocante ao sítio da ilha do Bom Jesu e da de Santo António e da de Santa Cruz, com sua graduação, como dito é. E o que me mais fez persuadir ser isto assi é que ele mesmo me afirmou que, vindo do Cabo Verde no ano de mil e quinhentos e setenta e nove, em vinte dias de Março, na altura de trinta e dois e trinta e três graus, pela graduação ⁽²⁵⁶⁾ de todas estas ilhas que estão nomeadas eles correram tanta tromenta.

NOTAS

- ⁽¹⁾ Faltam seis folhas, quatro no Livro IV e duas no VI.
- ⁽²⁾ Os assuntos versados nas Saudades da Terra distribuem-se pela forma seguinte: Livro I: Arquipélago das Canárias; Livro II: Arquipélago da Madeira; Livro III: Ilha de Santa Maria; Livro IV: Ilha de São Miguel; Livro V: História dos Dois Amigos; Livro VI: Grupos Central e Ocidental dos Açores.
- ⁽³⁾ Vid. Livro III das «Saudades da Terra», ed. de 1922, pág. CXXXI e «Correio dos Açores» de 5 e 6 de Agosto de 1950.
- ⁽⁴⁾ Vid. Briquet, «Les Filigranes», vol. II, pág. 259.
- ⁽⁵⁾ Vid. «Biblioteca Açoriana», pág. 130.
- ⁽⁶⁾ «Saudades da Terra», Livro III, ed. de 1922, pág. CXXVI.
- ⁽⁷⁾ Idem, pág. CXXXIV.
- ⁽⁸⁾ Vid. também Documentos n.os 25 - 27 no Livro III das «Saudades da Terra », ed. de 1922, pág. CI - CIII.
- ⁽⁹⁾ Vid. «História Insulana», Livro IX, cap. I, § I.º.
- ⁽¹⁰⁾ «Saudades da Terra», Livro III, ed. de 1922, pág. CXLII.
- ⁽¹¹⁾ Vid. «Notícia biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso», apud «Saudades da Terra», Livro III, ed. de 1922, pág. XXXVI.
- ⁽¹²⁾ Vid. História Insulana, do Padre António Cordeiro, Livro IX, cap.º IX, § 48.
- ⁽¹³⁾ Este apógrafo, que consta de dois volumes com capa de pergaminho, não é citado por João de Simas na sua «Notícia bibliográfica». No entanto, a ele se refere no discurso que pronunciou no Governo Civil, por ocasião da entrega do códice à Junta Geral de Ponta Delgada, como uma das duas cópias das «Saudades da Terra» de que teve conhecimento depois de editado aquele seu trabalho. Junto da epígrafe do cap.º XLIX vem uma nota que traz a data de 1648 ou 1678 (o 4 confunde-se com o 7). Juntamente com a da Ajuda e a do Morgado João d'Arruda, esta da Casa Cadaval deve ser uma das mais importantes cópias de paradeiro conhecido. No frontispício do I.º volume está escrito: «Descobrimento das Ilhas».
- ⁽¹⁴⁾ Vid. Livro III das «Saudades da Terra», ed. de 1922, pág. CXXX e seguintes.
- ⁽¹⁵⁾ Vid. «História Insulana», Livro II, cap.º II, § 22.
- ⁽¹⁶⁾ Esta observação não se aplica ao Livro VI, cujo original, como já foi dito, não é do punho de Frutuoso. Nos Livros que ele próprio escreveu, muitas vezes a palavra «Senhor», antecedendo o nome do Prior do Crato, aparece riscada, sinal de que se pensou em publicar a obra durante a dominação filipina.
- ⁽¹⁷⁾ Vid. «O Prior do Crato», do Padre José de Castro, pág. 288 e 289.
- ⁽¹⁸⁾ Vid. «Saudades da Terra», Livro II, ed. de 1925, pág. 144.
- ⁽¹⁹⁾ Vid. «Saudades da Terra», Livro II, ed. de 1873, pág. 305.
- ⁽²⁰⁾ Catarina de Médicis, rainha de França.
- ⁽²¹⁾ Vid. «Saudades da Terra», Livro IV, ed. de 1931, vol. III, pág. 63.
- ⁽²²⁾ Só há pouco nos chegou às mãos a «Crónica del Rei D. António», de Pedro de Frias, outro valioso depoimento, contemporâneo de Frutuoso, que foi publicado em 1955 pelo conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Sr. Dr. Mário Alberto Nunes Costa, e onde, entrevistados por um fervoroso partidário daquele monarca, pormenorizadamente se relatam os acontecimentos ocorridos nos Açores. Lamentamos não nos ter sido possível fazer o cotejo entre os dois autores.
- ⁽²³⁾ Vid. «História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal», tomo II, vol. II, pág. 398 e 404, e também «O Reinado do Cardeal D. Henrique», de Queirós Veloso, pág. 118 e seguintes.
- ⁽²⁴⁾ Vid. obras citadas, da primeira, o tomo II, vol. II, pág. 409 e da última pág. 318.
- ⁽²⁵⁾ A propósito das hostilidades, sem declaração de guerra, entre a Inglaterra de Isabel e a Espanha de Filipe II, de que os ataques de corsários ingleses aos Açores foram um dos muitos episódios, vid. «Notas» de Carlos de Mesquita em «Arquivo dos Açores», vol. XIII, pág. 332.
- ⁽²⁶⁾ Vid. «História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal», tomo II, vol. II, pág. 436.
- ⁽²⁷⁾ Vid. obra citada, tomo II, vol. II, pág. 437.
- ⁽²⁸⁾ Vid. obra citada, tomo II, vol. II, pág. 436.
- ⁽²⁹⁾ Vid. obra citada, tomo II, vol. II, pág. 437.
- ⁽³⁰⁾ O Irmão Baltazar Gonçalves fez parte do grupo de jesuítas que em 1583 acompanhou a expedição do Marquês de Santa Cruz aos Açores.
- Numa carta de Filipe II para o Bispo de Angra, D. Pedro de Castilho, escrita em Tomar com data de 5 de Maio de 1581, publicada pelo Dr. Manuel Baptista de Lima, o soberano fala em ouvir um padre da Companhia que o prelado lhe recomendara. (Vid. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», n.º 6, pág. 215).
- ⁽³¹⁾ Vid. a documentação citada por Francisco Rodrigues na «História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal», tom II, vol. II, ao narrar os padecimentos dos jesuítas na Terceira.

- (³²) Entre as cláusulas que os Países Baixos impuseram como condição do seu auxílio ao rei D. António, figurava a de ele dar «como penhor todas as suas possessões, domínios e, especialmente, as Ilhas dos Açores». Vid. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», n.º 17, pág. 199.
- (³³) É o mesmo que fez as viagens a Lisboa, mencionadas na pág. XXIII. Sobre este jesuíta e a missão que o levou a capital, vid. a obra citada do Padre Francisco Rodrigues, tomo II, vol. II, pág. 433.
- (³⁴) Vid. «Saudades da Terra», Livro III, ed. de 1923, pág. XXVI. Que, desde cedo, Frutuoso se interessou pela instalação de um Colégio de jesuítas na ilha de S. Miguel, prova-o a escritura lavrada em Ponta Delgada a 26 de Novembro de 1568, pela qual João Lopes Henriques doou aos padres da Companhia de Jesus doze moios de trigo de foro para se fazer Colégio nesta cidade. Nesse documento figura já o cronista entre os indivíduos que o doador indica para o encargo de cobrar os ditos moios em cada ano e empregar os respectivos rendimentos, enquanto não chegarem os religiosos. (Torre do Tombo, Cartório dos jesuítas, maço 35, documento citado por Francisco Rodrigues na «História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal», tomo II, vol. II, cap.º II, em que vem pormenorizada informação sobre a fundação dos Colégios das Ilhas Adjacentes).
- (³⁵) O biógrafo de Frutuoso, Rodrigo Rodrigues, também acredita que ele tencionava dar ao prelo a sua obra. (Vid. Saudades da Terra, Livro III, ed. de 1922, pág. XLIX).
- (³⁶) Vid. «O Reinado do Cardeal D. Henrique», de Queirós Veloso, pág. 131 e «O Prior do Crato», do Padre José de Castro, pág. 178.
- (³⁷) Vid. «O Prior do Crato», do Padre José de Castro, pág. 233 seguintes.
- (³⁸) Vid. «O Interregno dos Governadores do Reino e o breve reinado de D. António», de Queirós Veloso, pág. XXX.
- (³⁹) Vid. «Saudades da Terra», Livro III, ed. de 1922, pág. XLIX.
- (⁴⁰) Todo este livro está escrito com letra que não é a do autor e algum tanto se assemelha à de quem escreveu os capítulos referentes a Tristão Vaz da Veiga no Livro II; contudo, Frutuoso corrigiu-o e após-lhe numerosos acrescentamentos, tanto nas entrelinhas como nas margens, o que se deduz do confronto entre a letra usada para tais emendas e interpolações e a dos termos do registo paroquial da Matriz da Ribeira Grande, lavrados pela sua própria mão.
- (⁴¹) O mesmo que ralé e significava casta, antigamente.
- (⁴²) O mesmo que Flandres.
- (⁴³) O mesmo que Flor.
- (⁴⁴) No original, o título deste capítulo está rasurado na palavra «cidade», que, vê-se bem, foi emendada e se segue a uma outra palavra que, por estar muito riscada, é hoje ilegível.
- (⁴⁵) No original, a numeração deste capítulo (por algarismo) está intercalada, sinal evidente de que o copista ao escrever o respectivo título se despercebeu de a mencionar; o algarismo parece ser do punho do autor.
- (⁴⁶) A palavra «fonte» está escrita por Frutuoso a substituir «cisterna», que foi riscada.
- (⁴⁷) Há neste passo várias emendas e acrescentamentos que me parecem feitas por quem escreveu este livro. Assim, «um chantre», «três» (antes de curas) e «oito» (antes de «moços do coro») e «um sineiro». A primitiva redacção era: «seis capelães, e agora dizem que são doze, dois curas», etc. «e quatro moços do coro, com seu porteiro da maça, ornada,» etc.
- (⁴⁸) No original está escrito «Nossa Senhora da Conceição, ou da Guia», mas alguém, que deve ser a mesma pessoa que escreveu a nota marginal que vai a seguir com o n.º 3 (a tinta assim o indica), riscou as palavras «Conceição» e «ou».
- (⁴⁹) À margem, junto a este passo, uma letra antiga, muito diferente da do texto e da das emendas, escreveu: «tem sempre de 50 religiosos para cima».
- (⁵⁰) Deve ser Saavedras.
- (⁵¹) O mesmo que genovês.
- (⁵²) «Agora vigairo geral neste bispado» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (⁵³) O mesmo que ássara, que é uma espécie de moscatel?
- (⁵⁴) Deve ser bolo-arménio.
- (⁵⁵) O mesmo que mescla, tecido feito com fios de vários tons.
- (⁵⁶) Deve ser «d'Arce», como escrevem os linhagistas.
- (⁵⁷) O mesmo que tutor.
- (⁵⁸) Segue-se no original um período em três linhas que foi inutilizado pelo próprio copista, de tal forma que é muito difícil a sua leitura integral.
- (⁵⁹) No original, «da mesma vila» está riscado e à margem encontra-se uma nota, com letra diferente das do copista e do autor, mas igualmente antiga, que diz o seguinte: «da ilha da Madeira, filha de Pedro Álvares da Câmara, irmão do capitão do Funchal».
- (⁶⁰) À margem, pela mesma letra, a que se refere a nota antecedente, está escrito «D. Bernarda».
- (⁶¹) Uma nota marginal, pela mesma letra já referida, diz: «não teve boa informação o autor».
- (⁶²) Deve ser Achém, sultanato situado na parte noroeste da ilha de Samatra, cujo rei em 1567 (?) pôs cerco à fortaleza de Malaca, de que era capitão D. Leonis Pereira, filho do conde da Feira.
- (⁶³) O mesmo que Ceuta.
- (⁶⁴) Na margem, com letra que se não identifica, alguém escreveu: «mintira clara» (sic). Manuel Monteiro Velho Arruda na «Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores», pág. 87, diz que deve haver aqui lacuna ou erro de cópia e sugere que o autor tivesse escrito «acabando de tomar Ceuta aos mouros». Como este Livro VI, no original, não está escrito pela mão de Frutuoso, mas apenas revisto, pode muito bem ter-se dado semelhante lapso, pois não é de admitir que o autor cometesse tão grave erro de cronologia.
- (⁶⁵) No original todo este parágrafo, escrito à margem, foi acrescentado pela mão do autor na letra muito miúda com que fez emendas e acrescentamentos em toda a obra.
- (⁶⁶) «Ou Jarreteira» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (⁶⁷) Frutuoso, a seguir a «El-rei Filipe», acrescentou com a sua própria letra «nosso senhor».

- ⁽⁶⁸⁾ O mesmo que «considerando».
- ⁽⁶⁹⁾ Antiga forma de «isto».
- ⁽⁷⁰⁾ A data certa deve ser 1474, que é a que consta da carta de doação da capitania de Angra a Cristóvão de Moura, de 27 de Junho de 1582. (Vid. «Arquivo dos Açores», vol. IV, pág. 159 e «Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores», pág. 173). Daqui se conclui que o Padre António Cordeiro ao reproduzir a data de 1464 na História Insulana não fez mais do que repetir um erro, que já Frutuoso cometera, certamente resultante de má leitura do documento feita por ele próprio, ou por quem lhe transmitiu a respectiva cópia.
- O mesmo aconteceu com a carta de doação da capitania da Terceira a Jácome de Bruges (a pág. 26 deste Livro), que traz a data de 1450 e se presume ser de 1460, o que tem servido de pretexto para alguns investigadores considerarem-na apócrifa, (Vid. a este propósito a argumentação de M. M. Velho Arruda em «Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores», pág. CXLVIII).
- ⁽⁷¹⁾ O mesmo que séculos.
- ⁽⁷²⁾ No original, foi primeiramente escrito neste passo: «antes que Sua Magestade entrasse com os dela em Portugal», etc., «com os dela» foi riscado pelo copista.
- ⁽⁷³⁾ António Ferreira de Serpa na cópia da Biblioteca do Palácio da Ajuda leu «Setina».
- ⁽⁷⁴⁾ O mesmo que Ossuna.
- ⁽⁷⁵⁾ No fim deste capítulo, Frutuoso com a sua letra muito miúda acrescentou duas linhas e meia que foram riscadas e hoje são ilegíveis.
- ⁽⁷⁶⁾ O mesmo que chanceler.
- ⁽⁷⁷⁾ É Francisco de Mariz, que também foi provedor das obras de fortificação da mesma ilha (Vid. Arquivo dos Açores, vol. IX, pág. 169).
- ⁽⁷⁸⁾ No original o copista escreveu primeiramente «Gambia», que depois alterou para Gandia.
- ⁽⁷⁹⁾ Luís Gonçalves de Figueiroa está por letra de Frutuoso, porque o copista havia deixado em branco o lugar para o nome.
- No original, o verso da folha 521, que é a que contém o fim deste capítulo, ficou em branco; no entanto, com letras grandes, alguém (talvez o copista) escreveu nele «Guaspar Frutuozo».
- ⁽⁸⁰⁾ No original «Dom Prior» está por letra do autor nas entrelinhas, e à palavra «ordem» seguia-se a frase «e o primeiro que pude saber ser», que foi riscada.
- ⁽⁸¹⁾ A frase «ou não sei se Dom frei Pero Vaz» está também por letra do autor, mas à margem.
- ⁽⁸²⁾ Estava escrito «o primeiro bispo», mas «primeiro» foi riscado e substituído nas entrelinhas «por segundo».
- ⁽⁸³⁾ Primeiramente, foi escrito «e depois veio a esta ilha de São Miguel», frase que foi substituída por «e nesta de São Miguel».
- ⁽⁸⁴⁾ No original, há aqui outras correcções, feitas unicamente com o intuito de melhorar a forma.
- ⁽⁸⁵⁾ Este capítulo ficou incompleto, como se depreende da leitura do texto acima escrito e de uma página e quase meia do manuscrito original que o autor (ou o copista) deixou em branco.
- ⁽⁸⁶⁾ O morgado João d'Arruda leu primeiramente Sacho, mas depois emendou para Cacho; contudo, na primeira vez que Frutuoso cita este frade está escrito com toda a clareza «Çacho» (sic).
- ⁽⁸⁷⁾ Os três parágrafos que se seguem até ao fim do capítulo estão escritos por letra diferente da empregada neste livro e com tinta também diferente, que se acha muito apagada; a letra não é a do autor.
- ⁽⁸⁸⁾ A palavra primeiramente escrita foi «irmão», a qual, depois de emendada, lê-se «irmitão», o que não faz sentido, pois que, de facto, o cardeal Francisco Gonzaga foi irmão do Duque de Mântua.
- ⁽⁸⁹⁾ «Que tenho dito» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- ⁽⁹⁰⁾ É esta a forma portuguesa do nome deste corsário e por Frutuoso geralmente empregada. Segundo o padre Manuel G. da Costa, S. J., a forma exacta parece ser «Sores». (Vid. «Inácio de Azevedo», por Manuel G. da Costa, S. J., pág. 456, nota n.º 1).
- ⁽⁹¹⁾ A esta célebre página do martirológio da Companhia de Jesus se referem pormenorizadamente, entre outros, o Dr. Serafim Leite na sua «História da Companhia de Jesus no Brasil», vol. II, pág. 236, e o autor citado na nota antecedente.
- ⁽⁹²⁾ A seguir a Santo Antão vêm no texto quatro ou cinco palavras riscadas, hoje ilegíveis.
- ⁽⁹³⁾ Talvez «obter».
- ⁽⁹⁴⁾ Primeiramente e pela letra do copista, finalizava o capítulo com o seguinte, que foi riscado: «todos de grande virtude. Este é o estado em que hoje de presente está o Colégio».
- ⁽⁹⁵⁾ Os três últimos parágrafos deste capítulo foram acrescentados pelo punho de Frutuoso, na sua letra muito miúda, com que em toda a obra fez emendas e acrescentamentos.
- ⁽⁹⁶⁾ «Cinco» foi escrito pelo copista no lugar de outra palavra que foi rasurada e se não lê.
- ⁽⁹⁷⁾ O mesmo que monção.
- ⁽⁹⁸⁾ Primeiramente foi escrito «duas grandes léguas», mas depois a palavra «grandes» foi riscado.
- ⁽⁹⁹⁾ O mesmo que flagrante.
- ⁽¹⁰⁰⁾ Uma nota marginal, com letra muito diferente e tinta mais recente, diz: «Ambrósio de Ávila, da vila da Praia natural».
- ⁽¹⁰¹⁾ Estava primeiramente escrito: «na qual que foi mui notável»; depois alguém ou o próprio autor riscou «que foi mui notável» provavelmente, por envolver qualquer ideia de simpatia pela causa de D. António.
- ⁽¹⁰²⁾ «D. Violante do Canto da Silva» estava precedido de «Senhora», que foi riscado.
- ⁽¹⁰³⁾ «Lhe» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- ⁽¹⁰⁴⁾ A seguir a «mandava fazer» estava escrito «A Nosso Senhor», que foi riscado.
- ⁽¹⁰⁵⁾ Primeiramente estava escrito «duas léguas e meia», mas a palavra «meia» foi depois riscada.
- ⁽¹⁰⁶⁾ Castro (por metátese).
- ⁽¹⁰⁷⁾ Por algarismos no original.

- (108) «D. Violante do Canto» estava precedido de «senhora», palavra que foi riscada.
- (109) A seguir a «bateria» estava escrito «das galés, capitânia e as demais», que foi riscado e substituído nas entrelinhas por «delas».
- (110) A seguir a «peças de campo» estava uma palavra que foi rasurada e hoje se não lê.
- (111) Este capítulo, pela linguagem bastante confusa e sua má redacção, não deve ter sido escrito por Frutuoso.
- (112) À margem, alguém com letra diferente da do copista escreveu «caregadores» (sic), palavra que, aliás, já estava no texto escrita pela mão do copista.
- (113) O copista escreveu «querendo», mas Frutuoso emendou para «rendendo», escrevendo nas entrelinhas a sílaba «den».
- (114) «Da era de mil e quinhentos e oitenta e três anos» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- (115) «Cavaleiro» foi escrito por Frutuoso e substituiu uma palavra que foi rasurada e não se lê.
- (116) «De Vila Franca» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (117) «Como haviam» está nas entrelinhas por letra do autor, substituindo uma palavra que está rasurada, riscada e se não lê.
- (118) «Ilha» está substituindo «terra», palavra que foi riscada e está escrita pela letra do autor.
- (119) Primeiramente estava escrito «que há» e o autor acrescentou a «há» a sílaba «via» nas entrelinhas.
- (120) Primeiramente estava escrito «que havia no porto» e riscou «havia» e o autor substituiu nas entrelinhas por «estavam».
- (121) Vid. Arquivo dos Açores, vol. IV, pág. 255 e 318, em que estão publicados extractos da relação do licenciado Mosqueira de Figueiroa sobre a conquista das ilhas Terceira e Faial em 1583, que apresentam notável semelhança com a narrativa de Frutuoso, d'onde parece concluir-se que os dois autores utilizaram uma mesma fonte.
- (122) Está escrito por extenso, mas à margem, talvez pela mão de Frutuoso, está 1583 por algarismos.
- (123) No texto, a seguir a «D. Filipe», o copista escreveu «Nosso Senhor», palavras que foram riscadas.
- (124) «E assi o mandou fazer» está nas entrelinhas pela letra de Frutuoso, assim como o pronome «que» antes de «como cristianíssimo». «Do dito», antes de Melchior Afonso, foi também acrescentado, por Frutuoso, naturalmente para consertar a frase.
- (125) Na relação, atrás citada, do Licenciado Mosqueira de Figueiroa e publicada no volume IV do Arquivo dos Açores, a pág. 325 este Domingos Uguel é chamado Domingos Uzel.
A este capítulo igualmente se aplica a observação que fizemos a pág. 80 sobre a grande semelhança que se nota entre a referida relação e a narrativa de Frutuoso.
- (126) «E dizia que lhe comera os fígados» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (127) Ou Chichoro?
- (128) À margem, está escrito por letra muito diferente «dois capítulos».
- (129) A indicação da era foi posta à margem por algarismos, com letra e tinta diferentes das do copista.
- (130) A seguir a «D. Lopo de Figueiroa» estava escrita a frase que foi riscada: «mestre de campo, ao qual marquês, como por Sua Magestade lhe fosse mandado que tomando a ilha Terceira levasse a D. Violante a Castela».
- (131) Há aqui mais uma frase que está riscada, apenas pela necessidade de tornar o texto mais conciso e com melhor forma, e evitar repetições desnecessárias.
- (132) «Seguir» foi escrito por Frutuoso por cima de «embarcar», palavra que fora escrita pelo copista e depois riscada.
- (133) «Ia», pelo punho de Frutuoso substitui «ela embarcou-se», que o copista havia escrito e foi depois riscado.
- (134) «De muito enjoadas» está pelo punho de Frutuoso a substituir «com o enjoamento», que o copista havia escrito e foi riscado.
- (135) Neste período há várias palavras riscadas para melhoria da forma, mas sem qualquer substituição ou emenda da mão de Frutuoso.
- (136) «A levava» está escrito à margem pelo punho de Frutuoso.
- (137) «Outra» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (138) Primeiramente estava escrito «Vilavicência», pelo copista, e Frutuoso emendou para «Vilhavicência».
- (139) Neste período há duas palavras riscadas para corrigir a frase sem qualquer emenda por letra do autor.
- (140) «Primeiro» está à margem por letra de Frutuoso.
- (141) Tudo o que consta deste período desde «e depois inquisidor, até «desembargo da Casa do Porto» está nas entrelinhas e na margem, por letra de Frutuoso (exemplo de um dos muitos acrescentamentos feitos pelo autor quando reviu esta obra, procurando actualizar a situação das pessoas que menciona).
- (142) Primeiramente estava escrito «onde se despediram»; «onde» foi riscado e substituído pelo autor por «e ali».
- (143) Neste período, Frutuoso acrescentou nas entrelinhas «por ordem» e «seu» a substituir frases que foram riscadas, unicamente com o fim de melhorar a forma. «Foi diante» também escrito pelo autor, mas na margem.
- (144) «Veador da fazenda» está à margem por letra do autor.
- (145) Neste título, Frutuoso acrescentou com a sua letra «e suas adjacentes».
- (146) «De si» foi escrito pelo copista por cima de uma palavra rasurada, que hoje se não lê.
- (147) «E de suas adjacentes» foi escrito nas entrelinhas pelo punho do autor, tendo sido riscado «João de Urbina» que o copista escrevera.
- (148) «E às outras ao redor» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (149) Há aqui engano, porque João Vaz Corte Real é quem foi o primeiro capitão de Angra.
- (150) Desde «graus» até «trinta e nove» está escrito à margem por Frutuoso.
- (151) O copista esqueceu-se de pôr a numeração; Frutuoso nas entrelinhas escreveu 33.
- (152) Primeiramente e pela mão do copista fora escrito: «de quatrocentos e vinte fogos, chamada vila do Topo», o que foi riscado e substituído pela letra do autor, nas entrelinhas e à margem, pela frase que começa em «chamada do Topo» e vai até «duzentas e cinquenta e quatro».

- (153) Igualmente, Frutuoso acrescentou com a sua mão, nas entrelinhas e à margem desde «de naves» (no primeiro período) até «antre matos» (no terceiro período).
- (154) Frutuoso escreveu nas entrelinhas e à margem tudo o que vai desde «três naves» até «cento e noventa e oito».
- (155) «Alguns légua e meia da igreja» também está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (156) Todo o período é da letra do autor, que o escreveu na linha com que finalizara o período anterior.
- (157) Todo este período tem aditamentos da letra de Frutuoso.
- (158) Este último período foi todo acrescentado pelo autor com a sua letra miudinha.
- (159) Desde «de sessenta e seis fogos» até ao fim do parágrafo foi tudo escrito por Frutuoso nas entrelinhas e à margem, pelo que riscou «até oitenta vizinhos pouco mais ou menos», que o copista escrevera.
- (160) O copista neste período escreveu «é ermitoa» e mais adiante «sempre ali viveu e vive», mas o autor emendou «é» para «era» e riscou «e vive».
- (161) Por cima de «da Luz» alguém, que não o autor, escreveu «dos Remédios ou Piedade».
- (162) Neste parágrafo, Frutuoso acrescentou tudo o que vai desde «e dois fogos» até «tesoureiro», escrevendo nas entrelinhas e na margem.
- (163) O copista escrevera «até sessenta visinhos», mas foram riscadas as duas primeiras palavras.
- (164) «E o lugar também se chama Rosales» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (165) Desde «E agora vigairo» até «cento e vinte e oito» está à margem por letra do autor.
- (166) Desde o período que começa em «mas, novamente» até ao fim do parágrafo tudo é um acrescentamento da mão de Frutuoso nas entrelinhas e na margem.
- (167) António Ferreira de Serpa na cópia da Biblioteca da Ajuda leu «Fajã do Centro» (Vid. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Série 49.^a, n.os, 3-4, 1931).
- (168) «Vieira» foi acrescentado nas entrelinhas pelo punho do autor.
- (169) «Depois» por letra do autor está a substituir «e ao presente é», que foi riscado; também foi acrescentado pelo autor nas entrelinhas «e agora Simão Fernandes».
- (170) Primeiramente o copista havia escrito «caiu», mas depois esta palavra foi riscada e Frutuoso escreveu «quebrou», para não haver repetição.
- (171) No original não existe o capítulo n.º 35; porém não houve interrupção do texto, visto que o capítulo segue-se imediatamente ao 34.º no fim da pág. 564, verso.
- (172) Os linhagistas dizem geralmente Jos d'Utra e assim deve ser como tradução que é de Jobst ou Jobs vau Huerter; no entanto, Frutuoso emprega sempre a grafia «Dutra».
- (173) Frutuoso refere-se aqui ao infante D. Fernando, duque de Viseu, sobrinho e herdeiro do infante D. Henrique e alto donatário das ilhas dos Açores, e a sua mulher, a infanta D. Beatriz.
- (174) «Não era possível ele» está nas entrelinhas pela letra do autor, a substituir «ele não podia», que foi riscado.
- (175) É Beatriz e não Isabel, como adiante se afirma.
- (176) Aliás, Fernão de Macedo, como o autor o nomeia no Livro IV.
- (177) Outra hora?
- (178) No original a grafia é sempre «Gouarte» (sic).
- (179) A seguir a «filhos» estava escrito «como já disse» que foi riscado.
- (180) António Ferreira de Serpa na cópia da Biblioteca da Ajuda leu «barco».
- (181) «De dízimo» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (182) A seguir a «nesta ilha» estava escrito pelo copista «e depois da Corte» que foi riscado.
- (183) Este último período foi acrescentado por Frutuoso.
- (184) «Indo pela banda do sul» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (185) Desde «no lugar da ribeira de Pero Miguel» até «tesoureiro», tudo está nas entrelinhas e à margem por letra do autor, a substituir «indo pela banda do sul», que está riscado.
- (186) Primeiramente dizia «130 fogos, pouco mais ou menos», mas isto foi riscado e substituído pela letra de Frutuoso «com trinta e cinco fogos» e tudo o que se segue até «tesoureiro».
- (187) A palavra «forte» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso a reparar um esquecimento do copista.
- (188) Os últimos dois períodos foram acrescentados pelo autor na sua letra muito miúda no espaço que vai de um período ao outro.
- (189) Desde «com seis colunas», no período que antecede os dois últimos, até «pera um pregador» está escrito por Frutuoso nas entrelinhas e à margem.
- (190) A grafia usada sempre por Frutuoso é «Dorta».
- (191) O manuscrito está aqui roto; porém depreende-se, pelo que resta da palavra, que esta era «cruzes».
- (192) Desde «tem a igreja três naves», no período antecedente, até «um tesoureiro», tudo está nas entrelinhas e à margem por letra de Frutuoso.
- (193) Desde «de três naves» até «tesoureiro» está nas entrelinhas e à margem por letra de Frutuoso.
- (194) António Ferreira de Serpa na transcrição que fez da cópia da Biblioteca da Ajuda escreveu a seguir, entre parêntesis, «Firme».
- (Vid., «O Instituto», vol. 65, n.º 12, pág. 606).
- (195) «E dois fogos» está nas entrelinhas pela letra de Frutuoso.
- (196) Desde «e cento e quarenta e nove» até «tesoureiro» está nas entrelinhas e à margem pela letra do autor.
- (197) O copista havia escrito a seguir a «Santa Bárbara» «de mais de cento e quarenta fogos», mas o autor riscou a frase para a colocar no fim do período, devidamente corrigida.
- (198) Os últimos três períodos deste parágrafo foram escritos pelo autor nas entrelinhas e à margem.
- (199) «De sessenta e sete fogos» está nas entrelinhas e à margem por letra do autor.
- (200) «Sobre cinco colunas» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (201) «Ordenado de» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- (202) À margem uma letra, que não é a de Frutuoso, nem a do copista, escreveu «dois, fica dito atrás».

- (203) «Ele» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- (204) Desde «Corte Real» (a seguir a Gaspar Dutra) até ao prefixo «en» de «encorporou» está por letra de Frutuoso nas entrelinhas.
- (205) «Nosso senhor» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- (206) A grafia no original é «Descovar».
- (207) «Da fortaleza» está nas entrelinhas pela letra de Frutuoso.
- (208) António Ferreira de Serpa na transcrição que fez da cópia da Biblioteca da Ajuda escreveu «Morro Cão». (Vid. «O Instituto», vol. 66.^o, pág. 44).
- (209) Desde «de mais de três léguas» até «Santíssima Trindade» foi acrescentado pelo autor nas entrelinhas e na margem.
- (210) Primeiramente estava escrito pelo copista «setenta», mas depois foi emendado para «quarenta».
- (211) «E cinco» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (212) Desde «E almas de confissão» até «quarenta e duas» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (213) Todo este período está nas entrelinhas e à margem por mão do autor.
- (214) «Calheta ou» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- (215) Os últimos períodos foram acrescentados nas entrelinhas e à margem pelo autor.
- (216) «Cento e» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (217) Desde «e almas de confissão» até «duzentas e noventa e cinco» está nas entrelinhas e à margem, pela letra do autor.
- (218) «E agora é Garcia Homem da Costa» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (219) Primeiramente estava escrito «seis», que foi riscado e substituído nas entrelinhas por «quatro», com letra do autor.
- (220) «Duas» está escrito por Frutuoso, para emendar «três», que é o que estava escrito pelo copista.
- (221) Idem.
- (222) «E agora é Manuel Fernandes Coelho» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (223) Estava escrito primeiramente «vinte», que Frutuoso emendou para «noventa» e acrescentou «e dois».
- (224) Desde «e almas de confissão» até ao fim do período foi acrescentado à margem pela letra do autor.
- (225) Desde «e agora é Gaspar Gonçalves» (no período antecedente) até ao fim do parágrafo tudo está à margem por letra de Frutuoso.
- (226) «Ou Prainha» está à margem por letra do autor.
- (227) Todo o período foi acrescentado por Frutuoso nas entrelinhas e à margem.
- (228) Este capítulo, na transcrição que António Ferreira de Serpa fez da cópia da Biblioteca da Ajuda em «O Instituto», aparece muito viciado com acrescentamentos e expressões que não constam do original.
- (229) «Há» está nas entrelinhas pela letra de Frutuoso.
- (230) «Já dita», idem.
- (231) «Dantes», idem.
- (232) O mesmo que açucena.
- (233) Desde «ter com ele» até «Manuel Correia de Melo» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso.
- (234) «Procurou» está nas entrelinhas por letra de Frutuoso a substituir «acudiu a», que foi riscado.
- (235) Se o autor se quere referir a Cristóvão Colombo, há aqui engano, porque este casou com uma filha de Bartolomeu Perestrelo, capitão do Porto Santo.
- (236) Esta expressão está nas entrelinhas por letra do autor.
- (237) A seguir a «a vila principal de Santa Cruz de», estava escrito «quatrocentos vizinhos», o que foi riscado e substituído nas entrelinhas e à margem por letra do autor pelo que se segue até ao fim do período e a palavra «Tem» do começo do período seguinte.
- (238) «Grandes e pequenos» está nas entrelinhas por letra do autor.
- (239) A seguir a «vila da Praia» o copista escreveu «duzentos e cinquenta vizinhos», expressão que depois foi riscada.
- (240) Deve ser Veloso.
- (241) A seguir a «S. Mateus», o autor escreveu à margem tudo quanto se segue até «sessenta e uma», o que dificilmente hoje se lê, por ter sido aparado, mas foi possível reconstituir o texto com o auxílio da cópia da Biblioteca da Ajuda.
- (242) No original este capítulo está mutilado, porque a seguir à folha 585, em cujo verso termina o texto desta página, figura a folha 588, já em pleno cap.^o 46.^o. A esta interrupção se referiu o Padre António Cordeiro na sua História Insulana, Livro VII, cap.^o VI, n.^o 31.
- Faltam, pois, no manuscrito a maior parte do capítulo 44.^o, todo o capítulo 45.^o, que deveria tratar do descobrimento da ilha das Flores, e o começo do capítulo 46.^o, em que o autor faz a descrição desta ilha. Nas cópias existentes na Biblioteca da Ajuda e na Casa Cadaval, que são possivelmente dos fins do século XVI ou começos do XVII, nota-se a mesma falha.
- (243) Esta numeração não existe no manuscrito original, porque lhe falta o começo do capítulo, como já se disse. No alto da página está escrito, por letra que não se identifica, a expressão «faltam aqui fol. 586 e 587».
- Para indicar que o texto corresponde a um novo capítulo, alguém escreveu no cimo da folha a palavra «Flores», que aqui se transcreve a servir de título.
- (244) A palavra «lá» está nas entrelinhas pela letra de Frutuoso.
- (245) «Antes de agora» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (246) «Chamado assi» está nas entrelinhas pela letra do autor.
- (247) Estava escrito primeiramente «casados com mulatas escravas», mas a palavra «mulatas» foi riscada.
- (248) «Não» está nas entrelinhas pela letra do autor.

(²⁴⁹) Primeiramente estava escrito «algumas conjecturas», o que foi riscado e substituído pela mão do autor por «prováveis conjecturas».

(²⁵⁰) A seguir a «palmas» estava escrito «de testa», que foi riscado.

(²⁵¹) Ilegível por se ter rompido o papel.

(²⁵²) Idem.

(²⁵³) Idem.

(²⁵⁴) A última linha da página do manuscrito, onde figura o começo deste período, está muito estragada e por conseguinte ilegível, mas foi possível reconstituir o texto com o auxílio do apógrafo da Casa Cadaval.

(²⁵⁵) A seguir a «ilha da Madeira» estava escrito «a loeste», que foi riscado.

(²⁵⁶) Aqui termina o manuscrito de Frutuoso, onde a parte final da página está tão deteriorada, que não é possível a sua leitura; no entanto, a cópia da Casa Cadaval permitiu reconstituir os seus dizeres. Mas fica-se com a suspeita de que o texto original não acabaria ali; devia continuar numa folha que certamente se perdeu em época anterior àquela cópia, que é da primeira metade do século XVII.

Tanto o apógrafo da Biblioteca da Ajuda como o do morgado João d'Arruda não contêm este último capítulo, do que resulta a impossibilidade de sabermos como Frutuoso rematou a sua obra, visto que não consta existir outra cópia que traga o Livro VI das Saudades da Terra.